

MARCELO  
PASCHOALIN



A ÚLTIMA  
DAMA DO FOGO

Letra Impressa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Marcelo Paschoalin

# **A última Dama do Fogo**

Edição Digital

2013

*Diagramação*  
[letraimprensa.com.br](http://letraimprensa.com.br)

*Capa*

Carol Mylius – [carolmylius.com](http://carolmylius.com)

*Revisão*

Georgette Silen

Copyright (C) 2013 Marcelo Paschoalin

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito do autor.

Criado no Brasil

## ***Índice***

[Prefácio – A jornada da heroína](#)

### [Tomo I](#)

[Prelúdio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

### [Tomo II](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 26](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

## **Prefácio – A jornada da heroína**

Nos anos de 1996 e 1997 do século XX, participei da escola de dramaturgos e escritores patrocinada pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo em São José dos Campos, interior de São Paulo, um projeto pioneiro que tinha por um de seus objetivos formar escritores e dramaturgos para suprir a carência de profissionais que havia na região. Lembro-me de que o grupo começou com cerca de cinquenta alunos e terminou com onze. É, a jornada foi árdua, e somente aqueles que atenderam seu chamamento conseguiram seguir até o final.

Nesse curso, tive a grande oportunidade de conhecer pessoalmente, e tornar-me amiga depois, do dramaturgo *Luiz Alberto de Abreu*, conhecido no meio teatral por seus excelentes trabalhos, ganhadores dos prêmios Molière e APCA — Associação Paulista dos Críticos de Arte, como *Livro de Jó*, *Sacra Folia* e *Bella Ciao*, entre outros. Do grande público, cuja influência da televisão é maciça, Luiz Alberto de Abreu é reconhecido por ser um dos coautores da série *Hoje é Dia de Maria*, exibida pela Rede Globo de Televisão em 2005. A primeira parte contou com oito episódios e a segunda, uma continuação das aventuras de Maria, cinco episódios, um sucesso de público e crítica.

No curso de Dramaturgia coordenado por Abreu, fui apresentada pela primeira vez à chamada *Jornada do Herói*. Mestre em elaborar enredos que percorrem essa jornada, Abreu nos fez conhecer e entender as diversas etapas que permeiam o caminho seguido pelos protagonistas, e antagonistas, de muitas histórias conhecidas por nós e outras totalmente novas. Foi com brilho nos olhos e muita emoção que passei a entender os significados do *chamamento*, da *negação* e da *busca* em filmes como *Star Wars*, que eu admirava, e também ao ser apresentada a obras como *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, *Le Morte d'Arthur*, de Malory, e *Crônicas Saxônicas* de

Bernard Cornwell, leituras obrigatórias na fase de preparação dos alunos para entender mitos e arquétipos de construção de personagens e trajetórias de narrativa. Foi nesse período também que me deparei com as obras de Joseph Campbell, em especial *O Poder do Mito*, seguindo depois para *O Herói de Mil Faces* e *As Máscaras de Deus*.

Abreu nos fez vislumbrar o mecanismo que envolve a trajetória a ser percorrida por todo personagem rumo ao que ele chamava de *condição de sábio*, o quanto o *chamamento* — o momento em que o jovem, que nada sabe sobre si ou sobre seu destino, recebe uma importante missão — assusta e provoca negação, a princípio, para que depois seja absorvido em sua essência e gere a sequência de fatos e aventuras que o elevarão à condição de protagonista. Vemos isso em Luke Skywalker em *Star Wars*, Frodo Bolseiro em *O Senhor dos Anéis* e nos contos do rei Arthur espalhados pela literatura. Mas Abreu também nos mostrava o quanto a negação a tal fato pode resultar em desastrosas condições. Vide Darth Vader em *Star Wars*, ou mesmo Sméagol em *O Senhor dos Anéis*, criaturas que sucumbiram em sua jornada, perdendo seus princípios e resumindo-se em papéis que nada mais são do que simulacros de um falso poder e ausência de sabedoria. Vader ainda teve seu momento de redenção ao final da saga de George Lucas, ao contrário do ex-hobbit que se destruiu junto ao seu objeto de desejo. Os arquétipos são apresentados juntamente com as escolhas que devem fazer, cabendo ao personagem recusar ou aceitar seu chamado. Ele é forte, difícil de ser ignorado, e modifica por completo sua vida e as das pessoas que o acompanharem.

Joseph Campbell, em seu *O Poder do Mito*, diz que as sociedades modernas perderam seus arquétipos — modelos de comportamento que auxiliam na evolução pessoal — ao negarem mitos e rituais de passagem, fundamentais para que a criança se torne homem, para que os papéis sejam definidos e a vida crie um sentido mítico em sua existência.

Ele alertava sobre as diversas ocorrências registradas nas grandes cidades, violência a abuso de comportamentos condizentes como fruto da ausência de modelos a serem seguidos, de jornadas não concluídas, ou nem ao menos iniciadas, e o quanto o ser humano estava se afastando dos modelos arquetípicos que constroem uma psique individual, que depois se refletiria no coletivo. Campbell lamentava a distância que o homem moderno impôs aos seus mitos, pois somos seres míticos em essência, buscamos modelos em que nos apoiar e jornadas a serem cumpridas que nos tragam um sentido maior, nos tirem da escuridão do não-saber para a claridade do Ser.

Durante esse curso, tive o prazer de tomar contato com a obra de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, primeira de muitas obras da autora que viriam parar em minhas mãos. E ao observar a trajetória da personagem Morgana, concluí que o caminho do herói também se aplica à heroína. O *chamamento*, a *negação* e a *busca* estão lá, elevando a jovem filha das terras celtas para a condição de Sábia entre seu povo, não sem muito sacrifício, sofrimentos, dores e alegrias, algumas vezes efêmeras, na maioria permanentes. É preciso que aqui fique um aviso: a trajetória do herói e da heroína não é um caminho de rosas, tampouco belo ou desejado. É, antes de tudo, uma missão, e como tal deve ser encarada e aceita, ou negada. As consequências da escolha do protagonista de tal missão se refletirão nele, de qualquer forma, seja qual for.

Minha surpresa ao receber o original dessa edição de *A Última Dama do Fogo*, de Marcelo Paschoalin — um autor de que muitos ainda ouvirão falar — foi poder ler, após tanto tempo, um livro que realmente trabalhou em minúcias com a trajetória da heroína, sua jornada rumo ao saber e ao conhecimento. Paschoalin não é um escritor novato, autor de oito livros, alguns publicados em inglês, e também autor de RPGs. Isso, com certeza, foi determinante no momento de elaboração da *Dama* — uma forma carinhosa ao qual me

refiro ao livro —, pois é impossível deixar de perceber os degraus impostos à sua protagonista, a jovem Deora, em sua jornada pelo conhecimento e ascensão.

Deora começa como todas as heroínas — ela não sabe quem é. E na ignorância sobre si e sua vida — estágio em que todos os protagonistas sempre se encontram — ela recebe sua missão. E a partir desse instante, ao aceitar o chamamento para sua morte e renascimento, não há mais volta. Mesmo quando Deora reluta em determinado momento, duvidando de seu real papel — outro fato inerente ao desempenho exigidos das heroínas — a missão se impõe, a fé a alcança de forma inabalável, renovando suas forças e fazendo-a cumprir seu destino. Um papel realmente grandioso.

Paralelo à trajetória de Deora temos também a de Ivoreen, outra personagem que merece destaque. Ivy, como é carinhosamente chamada por Deora, inicia no caminho da heroína, mas qual seu destino? Qual rumo decide tomar? Atalhos não são admitidos na trajetória da heroína, pois não conduzem ao saber — apenas criam a ilusão que se desfaz ao menor toque. Ivy é tão fundamental à trama quando Deora, ambas extremos muito bem descritos pelo autor.

Há outros personagens igualmente deslumbrantes, como a sábia Mirhaanna, uma mulher forte que já cumpriu sua jornada da heroína, e que agora auxilia Deora a encontrar a sua, mesmo que isso seja através de atitudes e palavras muitas vezes de estranha compreensão. E há também a maravilhosa construção de cenários de Vlyn, onde ocorre a ação da narrativa, e os mistérios instigadores que cercam o Grande Continente, deixando a imaginação do leitor em polvorosa.

Marcelo Paschoalin soube, como poucos, escrever uma narrativa pontuada por frases que nos fazem refletir e muito sobre nossa própria jornada. Fala de fé, redenção, busca, sacrifícios, fidelidade e magia, muita magia.

Como o próprio autor afirma: *O caminho iniciático é trilhado por todos nós.*

Eu, sinceramente, espero que o leitor encontre o seu nas páginas desse livro.

Tenham uma boa leitura e que as bênçãos de Berilla os acompanhem.

*Georgette Silen*  
autora da série *Lázarus*

# **Tomo I**

## **Prelúdio**

—Mantenham o curso!

Os brados do capitão mal podiam ser ouvidos, pois a fúria da tempestade, orquestrando uma melodia de ventos, relâmpagos e granizo, não cessava. Todos a bordo sabiam que o galeão havia se transformado em um brinquedo nas mãos de um displicente infante, mas nenhum membro da tripulação ousava sequer pensar em se entregar à força das ondas. A tempestade não duraria muito, pensavam, pois já lutavam há mais de uma hora contra sua fúria. Mas pela mente do contramestre as lembranças de um porto seguro se dissipavam cada vez mais.

Sob o convés, na cabine reservada aos passageiros, duas pessoas se abraçavam, sem saber o que o destino havia lhes reservado. O mais velho, com cabelos brancos como o granizo que batia contra o navio e olhos azuis como o mar revolto, estava trajando uma túnica púrpura, com um capuz cobrindo sua cabeça.

—Sabe que esta é minha última jornada e que não nutro esperanças por um bom final, — tentava, apesar dos trovões, acalmar a jovem a ele abraçada. — mas sei o que a aguarda. Tenho certeza de que honrará a oportunidade que o destino lhe dá para que sua vida seja plena em virtude.

As lágrimas da jovem, que não aparentava possuir mais do que vinte anos, corriam profusamente por sua face, manchando o vestido escarlate que estava usando. Seus cabelos castanhos estavam revoltos, sinal de que acordara às pressas quando a tempestade se anunciou, e sua pele alva e macia era apenas um arauto de sua beleza singular, que poderia ser resumida na pureza de seus olhos de esmeralda.

—Eu não desejo isso, Zagar! — ela soluçava. — Meu lugar é aqui! Não pode o destino ser tão cruel a ponto de me separar daquele que cuidou de mim e tudo me ensinou...

Zagar a abraçou mais carinhosamente, deixando que suas palavras brotassem como sussurros nos ouvidos da jovem:

—Sim... Mas isso se deve a seu pai, que me fez aceitar o papel de ser seu tutor quando sua mãe voltou aos braços do Eterno. Quisera eu ter sido abençoado com uma esposa... E filhos...

Os soluços cessaram, mas o pranto continuava e a jovem se agarrava cada vez mais à túnica de Zagar.

—Mas o que farei quando chegar a Vlyn, se conseguir vencer a tempestade? E se a maldição da morte sempre viva ainda persistir?

—Não, não há nada que possa fazê-la temer. Uma nova magia está nascendo na ilha de Vlyn e de lá poderá seguir para o Grande Continente, se assim os deuses desejarem. — passou o dedo pela face alva da jovem, secando uma das lágrimas. — Sabe que pode usar essa magia! Aprenda e utilize bem seus conhecimentos.

—Mas...

—E quando chegar o momento, talvez seus atos tenham sido os precursores daqueles que irão trazer a Era Dourada novamente.

Engolindo o choro, abraçou-o ainda mais forte, mas o balanço do navio logo os lançou ao chão. Foi então que, levantando-se com dificuldade, ela viu que a água começava a passar por baixo da porta de sua cabine...

E, de súbito, a porta foi escancarada. Contendo um grito, porém, percebeu que não era uma massa d'água que entrava, mas sim o capitão do navio, totalmente encharcado. Escorando-se num dos móveis presos ao chão da cabine, ele puxou pelas mãos a jovem.

—Não há muito tempo! — estendeu a outra mão para Zagar, sua voz demandando urgência. — O casco foi comprometido quando nos chocamos com algo... Tenho um escaler já preparado, mas não podemos perder tempo!

A jovem olhou com desespero para Zagar:

—Meus pertences, minhas...

—Não há tempo! – bradou o capitão. — Precisamos subir agora!

E novamente foram lançados ao chão pela força das ondas. Desvencilhando-se de quem a segurava, a jovem conseguiu alcançar uma gaveta, de onde rapidamente retirou uma gargantilha de esmeraldas e a colocou no pescoço. Pondo-se em pé novamente, o capitão falou com zombaria:

—Meus homens estão lutando por suas vidas e tu apenas te preocupas com riquezas...

—Jamais repitas isso, capitão, — Zagar o interrompeu, colocando o indicador direito diante dos olhos dele — ou serão tuas últimas palavras. Não posso impedi-la de levar consigo o único elo físico que Deora tem com sua mãe. Mostra o caminho.

A jovem Deora segurou nas mãos de Zagar e, em meio aos trancos e balanços do galeão, conseguiram atingir o convés. Lá, contudo, a situação se mostrava infinitamente pior do que se podia imaginar: alguns tentavam, a todo o custo, reparar a vela do mastro principal, que aparentava não poder suportar por muito mais tempo o vigor dos ventos, outros corriam com baldes jogando a água para fora.

Enquanto passavam pelos homens que lutavam por suas vidas, o capitão se deixava tomar pela angústia. Tudo o que temia estava tomando força, mas pouco podia fazer para salvar sua tripulação. Restava-lhe, somente, permitir que os dois que conduzia pudessem escapar.

—Nau pronta, capitão. — o contramestre acenou de longe, sem muita reverência, segurando as amarras do escaler.

Sem palavra, o capitão conferiu se as provisões estavam na pequena nau, já estendendo a mão para Deora, que prontamente se colocou no centro. Zagar, no entanto, não se moveu.

—Meu senhor, não posso permitir que fiques conosco. — a sinceridade estava nos olhos do capitão. — O galeão não é mais seguro.

Mas, como se a tempestade respeitasse a voz de Zagar, silenciou por um momento:

—Há sete anos, capitão, — disse, ainda segurando nas mãos de Deora. — foi em teu navio que deixamos o Grande Continente, sendo um dos primeiros a seguir o caminho do Êxodo. Sabes muito bem que a magia é o que dá força ao nosso povo, e sabes também que não podíamos lá permanecer. Enorme foi tua bondade ao permitir que Deora conosco embarcasse, mesmo nela não fluindo o sangue de nossas mães, e isso não pode ser esquecido. É por isso que, quando decidi retornar, sendo o primeiro a acreditar que o Êxodo teria um fim breve, escolhi a ti como aquele a nos guiar. Deora seguirá para Vlyn, com as bênçãos da amada deusa Andora, regente de toda a natureza, e irá buscar a nova magia que pode fazer com que, um dia, todos retornemos. Eu, no entanto, contigo permanecerei, pois não posso te deixar sem que o remorso por ti e por teus homens me consuma pelo resto dos dias.

—Zagar, não!

Os gritos de Deora, em franco desespero quando Zagar soltou sua mão, foram abafados por um trovão ensurdecedor, prenúncio de uma nova investida da tempestade. Com um aceno, o capitão deu permissão ao contramestre para que as amarras fossem soltas e o escaler se afastou rapidamente. Os brados de Deora não mais puderam ser ouvidos e, pouco depois, as altas ondas impediram que Zagar fosse capaz de observar a jovem que esteve sob seus cuidados por tantos anos.

A pequena embarcação não havia sido concebida para sobreviver em meios tempestuosos, mas precisava, ao menos desta vez, ser capaz de atravessar o temporal e atingir águas mais calmas. Porém, a fúria das ondas parecia não ter fim e Deora, finalmente deixando que sua razão

falasse mais alto, amarrou-se ao escaler para que, se fosse jogada ao mar, pudesse alcançá-lo sem muitos problemas. Com um remo nas mãos, em vão tentava manobrar a pequena nau, que havia se tornado nada além de uma marionete sob controle das ondas. Por ser noite, somente o clarão dos relâmpagos podiam guiá-la, o que não a impediu de lutar. Todavia, suas forças estavam se esvaindo, e Deora percebeu o quão difícil era remar contra todas as correntezas de Andora.

Então, sem aviso, as ondas se acalmaram apesar dos ventos rugirem como nunca antes haviam feito. Deora suspirou, aliviada, e deixou que o escaler seguisse por uma leve corrente marinha por alguns instantes. Mas, quando os raios novamente iluminaram os céus, o pavor tomou conta da jovem que, murmurando todas as preces que conhecia, largou o remo e se segurou ainda mais fortemente à pequena embarcação...

A razão de seu pavor não era infundada, pois aquela calmaria era apenas o anúncio da formação da maior das ondas, tão alta quanto um dragão, tão extensa quanto as asas de um pássaro roca. E, com um rugido mais poderoso que todos os trovões juntos, a onda quebrou, tragando o escaler e Deora para as profundezas do mar.

## Capítulo 1

As gaivotas já singravam os céus em uma constante revoada quando Brion retornou de sua pescaria, um tanto insatisfeito com a pequena quantidade de peixes que havia em sua rede. Sabia, no entanto, que era mais do que ele e sua esposa precisariam nos próximos três dias, fazendo-o se recriminar por desejar dos mares mais do que seria justo para si. Remando pelas águas que banhavam a praia de Mitarna, vazia como de costume àquela hora, o pescador sorriu, admirando a rotina de seus dias. Porém, desta vez, havia algo mais, suficiente para fazer com que Brion se sobressaltasse.

—Ora, ora... — uma pequena embarcação balançando ao ritmo das ondas, parcialmente presa na areia da praia, era o que chamava sua atenção. — Quem em sã consciência deixa um barquinho mal ancorado assim?

Desembarcando rapidamente, o pescador se aproximou da nau, enquanto notava o nome entalhado na proa, escrito com símbolos estranhos, talvez grafado em um idioma desconhecido. Contudo, ao admirar a estrutura de madeira, percebeu entalhes em toda a extensão da quilha, como se o barco tivesse sido feito por um artesão e não um carpinteiro. Mas sua estupefação chegou ao ápice quando, ao ouvir um gemido, percebeu que uma pessoa estava deitada de bruços, amarrada por um dos braços à pequena embarcação.

—Por Val'ys! — murmurou Brion. — Roupas vermelhas! As ondas trouxeram uma donzela da nobreza até aqui!

Como se houvesse percebido a presença do pescador, a jovem tentou se mover, tossindo. Só então viu o interior da pequena nau quase todo tomado por água do mar, concluindo que a jovem, vítima das fortes tempestades dos últimos dias, tivesse tentado escapar... Mas não haveria de ter vindo sozinha, pensava enquanto desatava o nó que a prendia, pois não seria possível que tivessem deixado uma

nobre singrar os mares desacompanhada. Apoiando o corpo da jovem no seu, ajudou-a a se sentar na areia, pacientemente aguardando até que ela expelisse toda a água de seus pulmões.

—Sei como é ruim engolir tanta água salgada, — havia esperado até que ela se recompusesse, falando em tom calmo, olhando para os céus. — é por isso que navego somente quando as marés estão tranquilas. Eu deveria saber que os mares iriam trazer algo diferente hoje, pois há muito não vejo as gaivotas tão cedo aqui em Mitarna... Mas, antes que me esqueça, meu nome é Brion...

A jovem, ainda com os olhos fixos na areia, disse, como se sussurrasse:

—Eu sou... Deora.

Ainda por alguns instantes o pescador aguardou, como se esperasse o enfadonho discurso de um nobre, dizendo seu nome, linhagem e terras que possuía, mas a jovem permaneceu em silêncio.

—Mas de onde vens, Deora, e onde estão aqueles que contigo vieram? — ele a fitava, seus olhos tomados por dúvidas sinceras. — Se fostes vítima de um naufrágio, o que não é algo comum nas águas de Vlyn, temos condições de tentar localizar teu navio... Ainda assim, a última forte tempestade ocorreu três dias atrás. Quem cuidou de ti durante todo esse tempo?

Mas Deora não disse palavra alguma. Seus pensamentos estavam vazios — por mais que tentasse se recordar de algo, o que passava por sua mente eram apenas lembranças inertes, fragmentos de memória, escassas peças do quebra-cabeças que era sua vida.

—Eu... — apoiou a cabeça nas mãos, numa tentativa surda de se prender a algum elemento que pudesse esclarecer-lhe algo sobre o que estava fazendo ali e de onde viera. — Eu não lembro... De nada.

O sorriso deixou os lábios de Brion quando o pescador tentou imaginar que eventos poderiam ter ocorrido

recentemente na vida da jovem para que esquecesse tudo, a não ser seu nome. Mas, acreditando ser passageiro, o pescador se ergueu lentamente e, com o sol às suas costas, vislumbrou o ornamento de pedras verdes no pescoço de Deora.

— Parece-me mesmo que tu pertences à nobreza, jovem. — voltou-se para a direção do vento, esperando dele as respostas para as perguntas. — Mas há coisas que riqueza alguma pode nos dar.

Deora o fitou por alguns instantes, vendo seus cabelos grisalhos brilhando ao sol. As feições do pescador denotavam a simplicidade daqueles que vivem uma existência pacífica, suas rugas, profundas, revelando as noites de sono perdidas à espera de alimento. Entretanto, mais do que isso, eram os olhos de Brion, tintos de um azul profundo, que inspiravam confiança, pois Deora acreditava que já havia fitado olhos como esses em algum lugar, há algum tempo. E foi essa confiança que a fez questionar, aceitando as respostas de Brion como totalmente verdadeiras:

— Onde é aqui? Esta praia...? Essa Mitarna?...

— Não te contarei apenas sobre Mitarna, mas também sobre Vlyn. — o pescador sorriu, abrindo os braços, sentindo-se como um narrador de um conto antigo. — Esta ilha é chamada de Vlyn, e é lar daqueles que ousaram deixar o Grande Continente quando navegaram para o sul. Minha vila, Mitarna, não é mais que uma pequena comunidade pesqueira, que sobrevive com as bênçãos dos deuses que nos dão o suficiente quando jogamos nossas redes ao mar. E, do nosso ancoradouro, passam as naus que carregam ametistas com destino ao Grande Continente e as especiarias, gado e aço que recebemos em troca. Contudo, é a vila de Jollern, a cerca de seis horas daqui, que extrai as ametistas, pois foram eles que abriram a mina na parte sudeste da ilha... — olhou novamente para os céus, vendo a posição do sol no firmamento. — Mas

aguarda um pouco. Vou até minha casa pegar algum bom alimento para ti, mas retornarei em breve.

Deora ouvia a tudo com atenção, como se procurasse buscar um lampejo de memória através das palavras de Brion, mas sua tentativa resultou infrutífera. Ainda assim, ela sorria.

—É uma bela ilha, com certeza, Brion. Eu esperarei por ti e... Obrigada. Obrigada por tudo o que fazes por mim.

O pescador pensou que jamais ouviria uma nobre agradecer por algo e deixou que o brilho nos seus olhos revelasse isso. Com uma marcha rápida, prontamente seguiu na direção de uma trilha que levava à pequena comunidade pesqueira.

Sentindo-se recuperada, Deora se pôs em pé e olhou para seu reflexo na água acumulada na pequena embarcação que a havia trazido até Vlyn — seus cabelos estavam em desalinho e seu vestido puído em alguns pontos, até mesmo deixando à mostra seu ombro esquerdo. Mas era no adorno de esmeralda que trazia em seu pescoço, brilhando como se dele pulsasse vida, que seus olhos se fixaram.

Tocando sua gargantilha, por um instante, vislumbrou um clarão em meio à escuridão de sua memória — uma única cena, mas suficiente para que a jovem se sentisse não mais tão só: era o momento em que alguém colocava no pescoço de uma recém-nascida aquela joia. Deora, de alguma maneira, soube que era a garota, mas ainda não se recordava de mais nada...

*—Certas lembranças devem ser deixadas para trás, criança.*

A voz parecia ter vindo de todos os lugares, despertando Deora de seu sonho acordado. Voltando os olhos pela extensão da praia, não encontrou ninguém. Era, com certeza, uma voz feminina e suave, mas a jovem duvidava que houvesse sido fruto do pequeno lampejo de memória que tivera. Mas ao ver Brion, já retornando com uma

pequena cesta de vime, acenando para ela, a jovem ousou pensar que sua imaginação estava pregando-lhe peças.

—É bom ver que já te levantaste. — o pescador deixou a cesta na areia e se sentou. — Karina, minha esposa, ficou feliz em saber que teríamos uma nobre hóspede em nossa casa hoje... É claro, se aceitares nosso convite.

A jovem deixou todas as preocupações de lado ao sentir o aroma de pão doce com frutas e leite quente mesmo antes da cesta ser aberta. A fome, algo que Deora enfrentara nos últimos dias, agora se mostrava com todo o vigor, e o pescador notou isso em sua face.

—Não mais fiques em pé, Deora. A comida deve ser saboreada junto à areia e às ondas. O pão acabou de sair do forno e o leite foi tirado há pouco. — riu ao ver que ela ainda não se mexera. — Vamos, o que aguardas? Um convite formal?

A jovem se contagiou com o riso de Brion e, sentando-se ao seu lado, compartilhou da mesma alegria. Juntos, dividiram o pão e tomaram da mesma jarra de leite. Nobre ou não, pensava o pescador, Deora era uma pessoa de excepcional simplicidade.

Quando o sol estava alto, os dois juntaram as coisas e seguiram em direção à casa do pescador. Pelo caminho, Brion mostrava tudo o que havia, chamando cada planta e cada animal por seu nome particular, revelando saber mais do que apenas contar histórias. E, não muito depois, avistaram uma construção de alvenaria, humilde em sua aparência, singela em seus detalhes, um pouco afastada da vila, pois somente ao longe outros rolos de fumaça subiam aos ares...

Um fogo estava aceso em um amontoado organizado de pedras, tal qual um fogão improvisado, e sobre ele peixes assavam. Ao lado, uma jovem os recebia sorrindo.

Karina, esposa de Brion, tinha os cabelos, da mesma tonalidade de seus olhos castanhos, em tranças, brilhando sob o sol, enaltecendo a beleza de sua frente. Suas roupas,

um misto de vestido e avental, estavam um pouco impregnadas com aroma de especiarias, mas Deora parecia mais impressionada com os quinze ou dezesseis anos que aparentava possuir.

—Meu marido! — tinha uma voz juvenil. — Começava a me preocupar contigo, pois mesmo trazendo tão nobre visita não te costumamos demorar. Minha senhora, — ela fez uma reverência. — és nossa hóspede e sou tua serva durante tua estada. Algo que possa fazer para te servir neste instante?

Deora olhou para Brion com olhos indagadores, mas o pescador apenas sorriu, sem nada dizer. Um pouco encabulada, aproximou-se de Karina, erguendo-a.

—Devo ser eu tua serva, minha anfitriã, pois a ti e ao teu marido devo toda a retribuição por vossos cuidados. Dessa forma, somos iguais, e nenhuma de nós tem algo a dever. Somos Deora e Karina, e não servas uma da outra.

O sorriso de Brion cresceu enquanto as duas se abraçavam como se velhas amigas fossem. E, enquanto conversavam, o pescador cuidou de terminar a preparação do almoço para que os três pudessem comer com as bênçãos dos deuses.

Após almoçarem, descansaram sob a sombra de uma figueira que Brion se orgulhava de ter plantado. Riram. Conversaram sobre muitas coisas. Deixaram que a noite caísse antes de retornarem aos seus afazeres — Brion cuidando de seu barco, Karina de seu jantar. Sozinha, brindada pela mais prateada das luas, Deora deixou que o sereno e a calma fossem suas únicas companhias.

*—Esta noite venho buscá-la, criança.*

E novamente Deora olhou ao redor, não vendo ninguém. Era a mesma voz que ouvira na praia, ecoando como se viesse de todos os lugares. Lentamente, caminhou em direção à casa, ainda voltando o olhar para se certificar de que ninguém mais estava lá.

—Disseste algo? — perguntou para a senhora da casa. — Acho que ouvi uma voz me chamar...

—Não, — Karina se virou por um momento, ainda mexendo uma panela. — e também nada ouvi, embora estivesse absorta em minha culinária... — provou um pouco com uma colher menor de madeira, sorrindo em aprovação. — Teremos sopa de legumes. Queres experimentar?

Deora balançou a cabeça em negativa e se sentou junto ao pilão que guardava um dos cantos do cômodo, ainda pensando na voz que ouvira. Não muito depois, Brion retornou, sua face tomada pela expressão de quem fez bem o seu trabalho. Após o pescador pegar uma cumbuca, ávido pela comida de Karina, as duas também puderam comer, desta vez sem conversarem muito devido ao cansaço.

Depois da frugal refeição noturna, a dona da casa preparou uma cama de palha improvisada para Deora, não tardando até que todos estivessem deitados. Ainda observando o curso da lua pelo céu, através da janela do cômodo onde estava repousada, a jovem naufraga se deixou dominar pelo sono.

E seu sonho fluiu com vagar, mesclando memórias perdidas com fantasias desordenadas, em um caótico ir e vir de imagens e sons sem sentido e sem direção. Mas, emergindo desse turbilhão difuso, um brilho tomou lugar, ofuscando e inebriando, até que Deora viu uma velha toda vestida de branco no centro de uma encruzilhada, com quatro objetos aos seus pés. Um a um, flutuando e girando em torno da anciã, eles se transformavam: uma espada, um cálice, uma moeda de prata e um manto. A luz, então, começou a ofuscar a visão novamente, impedindo que qualquer outra coisa fosse vista e, quando não mais a jovem pôde suportar o brilho, ela acordou.

A lua não estava mais no céu, embora a noite ainda imperasse, como se não houvesse lugar para o nascimento de um novo dia. Levantando-se silenciosamente, a jovem viu seus anfitriões alheios a tudo, com exceção do deleite

de seus sonhos, dormindo abraçados com seus corpos encaixados um no outro, enquanto caminhava em direção a uma bacia de cobre onde havia água para lavar o rosto e as mãos. Após cuidar um pouco de seus cabelos castanhos, Deora saiu da casa para sentir a brisa da madrugada. Tentava, sob a bênção da noite, descobrir algum significado para seu estranho sonho, mas a imagem da anciã que a fitava longamente não saía de sua mente.

—*Se quer as respostas, criança, siga para o sul.*

Era a terceira vez que a voz se fazia ouvir. Deora, porém, estava disposta a pôr um fim nesse jogo de mistérios, deixando tudo para trás, sem ao menos avisar seus anfitriões. Caminhando por uma trilha que seguia para a direção sul, evitando a vila de Mitarna, deixava que a ousadia tomasse o lugar do receio, a confiança dissipasse a dúvida e, com essas armas em seu coração, atravessava a distância que a separava de seu destino.

Quando o sol despontou no horizonte, a jovem avistou uma figura envolta em trajes rubros que tremulavam ao vento como a chama crepita na fogueira. Encoberta pelo manto, a uma mulher deixava somente suas mãos e sua face à mostra, embora uma mecha de cabelo ruivo escapasse por baixo do capuz.

Ao se aproximar da encruzilhada, Deora sentiu que havia passado por algum tipo de teste, pois a mulher sorriu em aprovação. Antes que a jovem principiasse a falar, a mulher ergueu seu braço direito, com a mão espalmada à mostra. Contudo, não foi o gesto que calara Deora, mas a imagem de uma chama, marcada a ferros em sua mão, tão nítida que parecia ter sido feita recentemente.

—Sua curiosidade a impele adiante com vigor, criança. Agradeço por ter vindo até aqui.

Era a mesma voz que por três vezes havia falado à jovem. Porém, dessa vez, não ecoava, partindo apenas daquela figura misteriosa que parecia esconder segredos para os quais não estava preparada... Ainda. A boca de Deora

novamente se abriu para falar algo, mas a mulher a interrompeu com o olhar, retornando em seguida o braço para sua posição natural:

—Sei que há muitas perguntas, criança. Mas, por hora, basta saber que meu nome é Mirhaanna. Sente-se pronta para caminhar?

Deora tinha a nítida impressão de que a mulher já a conhecia ou, ao menos, estava destinada a encontrá-la. Haveria de segui-la, mas até onde? E por quê?

—Antes preciso avisar Brion e Karina. Eles foram tão bons ao cuidar de mim que não posso partir sem, ao menos, lhes dizer algo. Chamar-me-ão de ingrata...

—Está morta, criança. — a voz de Mirhaanna se tornara áspera como o fogo que consome a madeira verde. — Ou, em breve, estará.

Deora estacou, pálida, e olhou ao redor, como se esperasse que dezenas de assassinos surgissem do nada. Instintivamente buscou algo no cinto, mas nada havia para usar como proteção se fosse atacada...

Mirhaanna novamente sorriu e começou a andar, como se a preocupação da jovem não a afligisse. No entanto, ao perceber que Deora continuava imóvel, voltou-se e disse:

—É por isso que não a chamarão de ingrata, criança. Mas, por causa de meu atraso em vir aqui, tenho de fazer com que o pescador e sua mulher pensem que está morta, ou melhor, que nunca tenha existido.

—Quer dizer que vinha ao meu encontro? — a jovem se aproximou de Mirhaanna. — Sabia que eu chegaria a Vlyn? Como?...

Sem se voltar, a mulher respondeu:

—Tudo ao seu tempo, criança. Quanto mais nos demormos, mais longe estarão as suas respostas.

Apressando o passo para se manter ao lado de Mirhaanna, Deora arriscou uma última pergunta:

—Mas para onde vamos?

Mirhaanna suspirou longamente. Teriam os sinais sido mal interpretados?

—Piros. — murmurou, olhando adiante.

Caminharam até o sol ficar por sobre elas, imponente na abóbada celestial, imperando como há eras fazia, sem intervir nos afazeres dos mortais e dos deuses. Percebendo que a jovem não mais suportaria caminhar, tanto pelo calor como também pelo cansaço, Mirhaanna indicou a sombra de um abeto e, de sob o manto, retirou um odre cheio de água cristalina, o qual ofereceu a Deora. A jovem agradeceu com um sorriso e, depois de saciada, retornou o recipiente a Mirhaanna. Porém, uma pergunta ainda teimava em ecoar na mente da jovem:

—Mirhaanna... Sobre minha morte... Eu não vou morrer, correto?

—Claro que vai, criança... — a aspereza da voz de Mirhaanna assustou Deora. — Todos vamos, um dia. Mas alguns morrem e renascem sem que se deem conta.

—Não consigo compreender. Morte e renascimento?

Mirhaanna, então, assumiu uma postura de quem olha para o vazio, recordando-se de algo. Estaria Deora pronta?

—Conhece a verdadeira história de Vlyn, criança?

—Sei sobre a formação de Mitarna e Jollern... Sei que a ilha ainda é pouco explorada e escassamente povoada...

—Não, não... — Mirhaanna balançou a cabeça. — Não é isso, criança. — mirou nos olhos da jovem. — Precisa saber a verdadeira história.

Deora assentiu, em silêncio. Aqueles olhos demandavam obediência.

—A ilha de Vlyn é um altar. Porém, o que existia de sagrado aqui era a morte sempre viva, uma bênção e uma maldição sem par. Mas deixemos que a história siga seu fluxo correto e partamos do início de tudo...

Mirhaanna ergueu-se e Deora, sem compreender, levantou-se também. Retomavam a marcha em direção ao sul.

—Não há como lhe contar tudo, criança. O que tenho a dizer é descrito em dezenas de tomos místicos, míticos e lendários, e é por isso que minha história pode parecer truncada ao resumir todos esses conhecimentos em uma simples narrativa... No início dos tempos, Luz e Treva dividiam o Todo e, da sua união, nasceu o Eterno, o maior dentre todos os deuses. Sozinho, pois Luz e Treva retornaram ao Todo como sol e lua, o Eterno concebeu a criação dos quatro primeiros deuses: Hiljam, Berilla, Nivus e Dalya. Abençoando seus filhos, respectivamente, com os dons da luz e sabedoria, magia e essência, amor e paz, treva e cura, o Eterno voltou ao Todo, onde se transformou nas estrelas. Mas os quatro primeiros deuses também se uniram para gerar seus filhos: Nivus e Berilla deram forma a Andora, a natureza, e Val'ys, o artífice; Hiljam e Dalya conceberam Lapher, senhor da justiça, e Gwyanna, senhora da vida e morte. Está compreendendo?

Todas as imagens passavam pela mente de Deora, como se estivesse apenas se recordando de algo há muito reservado nos recônditos de suas memórias. A jovem assentiu.

—A obra mais divina da criação dos deuses se iniciou com um ato de autossacrifício de Andora, a deusa da natureza, que fez de seu seio esquerdo nosso mundo... Mas todos os deuses tomaram parte na criação e, em verdade, somente quando o mundo estava quase todo pronto é que a deusa viu o resultado de seu ato. E foi da sua mais pura lágrima de alegria que toda a vida nasceu. O exato lugar onde a lágrima divina caiu é hoje o centro do Grande Continente...

—É um pouco confuso...

Mirhaanna riu com a interrupção da jovem, percebendo que, muito lentamente, Deora compreenderia o verdadeiro significado de tudo. Em seu íntimo, Mirhaanna sabia que estava fazendo a coisa certa ao levar Deora para Piros.

—Isso, criança, é um dos grandes mistérios que se oculta em Piros. Em suma, tudo é criação dos deuses... E por isso,

tudo, sem exceção, é divino.

Havia um brilho no olhar de Deora, mas permaneceu em silêncio.

—Mas não deixemos que a história perca seu rumo. Apesar de ter contribuído ativamente para a formação do mundo, Gwyanna, a deusa do ciclo eterno da vida e morte, estava insatisfeita. Ela via, em todos os lugares, a vida ser reverenciada, enquanto à morte era relegada a existência secundária. Em um lapso de insanidade, Gwyanna concebeu a ilha de Vlyn.

—Insanidade? — interrompeu novamente Deora.

—Se me deixar terminar, criança, entenderá... Das mãos do artífice Val'ys a ilha foi formada, mas Gwyanna pessoalmente concedeu a essência mística do local, tornando a ilha um altar para a morte... Em contraposição ao Grande Continente, que era seu altar para a vida. Em Vlyn, aqueles que morressem retornariam uma vez mais.

Um arrepio percorreu a espinha de Deora ao saber que estava em um lugar que, apesar de ter sido concebido por uma deusa, era amaldiçoado. Mas a jovem nada disse e continuou a ouvir a narrativa.

—Gwyanna atraiu diversas criaturas para Vlyn e, utilizando-se do poder de sua essência mística, ceifou suas vidas com um único ato. Com as mortes maculando o solo de Vlyn, a maldição da morte sempre viva foi alimentada e as criaturas retornaram como mortos-vivos. Em sua insana alegria, Gwyanna impeliu suas criaturas adiante e fez com que atacassem o Grande Continente.

Deora imaginou um exército de criaturas fantasmagóricas e disformes atravessando os mares, destruindo naus e assaltando cidades, não podendo ser por nada atingidas. E tais pensamentos nublaram sua mente por alguns instantes, pois não se recordava de como havia alcançado as praias de Mitarna em um pequeno barco.

—Mas a pior dentre todas as criaturas eram os Dragões de Ossos. Criadas a partir da morte de dragões tão altos

quanto torres, três dessas criaturas trouxeram o verdadeiro caos e a mais pura destruição ao Grande Continente. Somente as cinzas restariam se não fosse a intervenção do Fênix.

Mirhaanna ainda olhava para o vazio, seus olhos brilhando a cada palavra dita.

—O grande pássaro de chamas, testemunha da criação da obra divina, guardião da essência flamejante... Era o pássaro de Berilla, a deusa da magia, dado a ela por Nivus, seu consorte, deus do amor e paz. O Fênix sabia que o momento de deixar o mundo de Andora havia chegado e que batalhar contra os três Dragões de Ossos era seu ato final.

Em silêncio, Deora viu uma lágrima rolar pela face de Mirhaanna. O que haveria de tão importante naquela história?

—Em uma batalha sem par, o Fênix se sacrificou, explodindo em chamas, destruindo-os, enquanto se exauria em suas próprias labaredas. — um sorriso, então, deu lugar à lágrima de Mirhaanna. — E das chamas nasceu um jovem Fênix, que guardaria o mundo de Andora por muito tempo. No entanto, o ato do pássaro flamejante não somente destruiu os Dragões de Ossos como também purificou toda a ilha de Vlyn. Com a morte e a vida, extinção e nascimento do Fênix, fim e começo, a ilha de Vlyn não precisava mais ser um altar para a morte sempre viva e a maldição deixou de existir.

—O ciclo da morte e vida voltou a ter força sem que a ilha precisasse ser seu canalizador... — interveio Deora.

—É exatamente isso, criança. — sorriu Mirhaanna. — Mas ainda há mais um ato que deve ser narrado.

A jovem assentiu e pacientemente aguardou enquanto a outra tomava mais um gole da cristalina água de seu odre.

—Tudo o que lhe disse até o momento pertence à esfera das lendas. Apesar de acreditar com toda a força de meu coração em cada uma daquelas palavras, nada posso

provar. Mas o que agora vou lhe dizer realmente ocorreu e não há motivo para dúvidas: há exatos oitenta e oito anos, Berilla, a deusa da magia, morreu.

A jovem estremeceu ao ouvir isso, embora em seu coração sentisse que as lágrimas um dia derramadas pela morte da deusa já haviam secado.

—Berilla ousou desafiar os outros deuses, vindo ao Grande Continente sem sua permissão, para atravessar o labirinto sob as Montanhas Maradi junto de mortais. Ela foi advertida de que, se desejasse continuar, os deuses retirariam sua essência divina e ela seria apenas mais uma mortal... Mas se desistisse de sua empreitada, manteria os poderes que faziam dela uma deusa.

—Berilla disse que continuaria... — murmurou Deora.

—Há mais características mortais em um deus do que eles ousam especular, criança. Mas, ao afrontar os deuses, teve de si retirada a condição divina, partindo junto aos mortais como uma igual. O labirinto, porém, apresentava-se como um grande desafio até mesmo para uma deusa e, por diversas vezes, pensaram em retornar. Com Berilla sempre à frente, foram emboscados. A deusa da magia foi atingida com um ferimento mortal e sua dor fez com que um impulso de sobrevivência viesse à tona... Instintivamente ela drenou toda a essência mística existente e, naquele momento, a magia, como era conhecida até então, acabou.

Aquelas palavras atingiram Deora como um fulminante raio. Naquele instante, sentiu uma dor em seu coração, suficiente para que vislumbrasse um bebê, ainda no colo, envolto em panos de linho em tons de terra, chorando muito, como se houvesse sido atingido por algo infinitamente poderoso...

—A deusa da magia foi levada por seus companheiros e, enfim, alcançaram o lendário Castelo da Luz, local onde todas as máculas mortais teriam fim. Mas — suspirou Mirhaanna — Berilla era uma deusa... Nada salvaria sua vida.

Deora olhou para o ocaso, tentando compreender que forças teriam influenciado a decisão de uma deusa para que deixasse para trás o manto da divindade, tornando-se uma com os mortais, mas não chegou à resposta alguma.

—Existia magia... Ninguém tentou curar seus ferimentos magicamente?

A mulher olhou para a jovem com um olhar de ligeira desaprovação.

—Acredito que seus pensamentos ocupam tanto de seu tempo, criança, que não permitiram que ouvisse o que disse há pouco... Há muito a aprender, mas não será uma mente dispersa que compreenderá tudo o que há para ser ensinado. Eu disse que Berilla drenou toda a essência mística de Andora... Não havia como magia alguma ser realizada naquelas circunstâncias... Não a magia que conheciam.

Murmurando um pedido de desculpas, Deora voltou a se concentrar. Havia tanto para saber, mas tão pouco tempo...

—A indagação faz parte do crescimento, criança, mas deve aprender a controlar o impulso de chegar sozinha aos lugares onde somente com a ajuda de alguém alcançará... — ela balançou a cabeça. — Nada foi capaz de salvar a vida de Berilla. Ela ainda tomou em suas mãos o fio de sua vida por muito tempo, mas houve um dia em que o fardo se tornou pesado demais... E, como lhe disse, há oitenta e oito anos a deusa da magia morreu...

A jovem novamente percebeu os olhos dela se encherem de lágrimas, mas a mulher conteve sua emoção, fazendo com que secassem antes que Deora pudesse dizer algo.

—A morte de toda a magia — continuou Mirhaanna. — foi um evento muito mais desastroso do que qualquer ser, mortal ou divino, poderia supor. O fim da magia, porém, não foi o que mais nos atingiu... Foi...

A mulher ficou calada. Deora esperou por alguns instantes, mas percebeu que nada mais seria dito.

—O que houve, Mirhaanna? — a jovem rompeu o silêncio.  
— Qual foi a pior consequência do fim de toda a magia?

A mulher parou de andar por um momento e olhou para Deora, com a face da mais pura tristeza, coroada por um rio de lágrimas que teimava em descer sem cessar.

—A morte de quase todos os seres místicos e fantásticos de Andora.

Subitamente, imagens desconexas passaram diante dos olhos de Deora, rodopiando e girando tão rapidamente que uma vertigem repentina acometeu a jovem. Um pouco fora de si, ela começou a balbuciar:

—Gritos... Sangue... Eles caíam por todos os lados... Uns poucos emitiam gritos tão terríveis que podiam gelar os ossos... Mulheres viam seus filhos morrerem em seus braços... Crianças se agarravam aos corpos inertes de seus pais... Lágrimas... Choro... Morte... Morte ao meu redor...

Num átimo, Mirhaanna secou as lágrimas e pôs as mãos por sobre os ombros de Deora, sacudindo-a para que voltasse a si. Por algum tempo disse o nome da jovem, em vão, até que Deora, com a face em agonia, olhou para Mirhaanna e fez uma simples pergunta:

—Por quê?

A mulher a abraçou como uma mãe abraça a filha desamparada, esperando que a serenidade voltasse a reinar. Após algum tempo, sob os últimos raios do sol que se punha, Mirhaanna voltou a falar:

—Vejo que foi muito afetada por essa história, criança. É como se sentisse a dor dos elfos de Amtal quando Berilla deixou este mundo...

—Elfos de Amtal?

Mirhaanna voltou a caminhar para o sul e instigou Deora a fazer o mesmo, enquanto respondia a pergunta da jovem, já podendo observar o nascimento da primeira estrela noturna:

—Está vendo aquela estrela amarelada, criança? Nós a chamamos de estrela de âmbar... Surgiu quando Berilla

morreu, como um sinal de que sempre estaria a velar por nós, mesmo junto ao Eterno... Mas não vou me esquivar de lhe esclarecer sobre a tragédia de Amtal ou o que houve com os elfos.

—O que são esses elfos?

—É estranho que não se recorde nem mesmo dos elfos, criança... O povo élfico foi um dos primeiros a compreender a existência dos deuses e a ter consciência de si como criaturas que podiam pensar e moldar o mundo ao seu redor. Sua longevidade os fazia viver por séculos e não era raro que manifestassem grande aptidão para a magia em sua mais pura forma, mas isso foi na Era Dourada.

—Era Dourada?

—É como chamamos o tempo em que viviam entre nós, humanos. Mas todos partiram no Grande Êxodo.

—Como eram esses elfos? — Deora parecia cada vez mais interessada.

—Eram mais esbeltos, embora um pouco mais baixos, e alguns tinham uma compleição robusta, todos ostentando orelhas levemente pontudas. Porém, estamos nos desviando do curso correto do tempo. Deixe-me falar sobre Amtal. Era uma cidade onde os elfos e outros povos fantásticos viviam em harmonia e seu crescimento se refletia nas cidades vizinhas... Até Berilla morrer e a essência mística ser drenada... Em uma única noite, toda a população de Amtal pereceu. Hoje, a cidade em ruínas é um lugar maldito e somente poucos se atrevem a entrar pelos portões guardados por mortos-vivos.

—Mas onde...?

—Longe daqui, criança. — interrompeu Mirhaanna. — A Necrópole de Amtal fica no Grande Continente. Não se preocupe com isso.

Deora assentiu com um movimento de cabeça, um pouco aliviada.

—Os elfos, então, perceberam que a morte da magia não havia atingido somente seu povo, mas também todos os

povos místicos e fantásticos. Sabendo disso, o conselho de anciãos de Ęradan, a primeira cidade élfica, foi convocado e, após discutir por sete luas, finalmente chegou a um consenso: era necessário que deixassem o Grande Continente e que um novo local fosse encontrado para que pudessem viver como antes. A palavra dos anciãos correu e alcançou a todos, retornando com a anuência dos grandes líderes de cada povo. Foi assim que, há sete anos, o Ęxodo dos Filhos de Andora ocorreu.

Deora escutava como se aquilo houvesse sido parte de sua vida. No entanto, nada parecia se encaixar corretamente, como se diversos elos da corrente estivessem perdidos nas encruzilhadas do tempo. Contudo, a jovem não ousava mais especular sem que a história toda lhe fosse contada, para que nenhum outro elo se perdesse.

—Há sete anos, — continuou Mirhaanna. — galeões élficos partiram de Porto Serênia, em Siarit, no Grande Continente, rumo ao inexplorado e desconhecido sul, onde buscaram terras novas para se viver. Não somente elfos embarcaram como também muitos outros seres, deixando para trás apenas os humanos ou aqueles que poderiam prejudicar a jornada.

—Prejudicar?

—Sim. Criaturas malignas foram abandonadas à própria sorte para que sobrevivessem num mundo sem magia. E são, hoje, a grande mácula do Grande Continente, inimigos mortais dos humanos.

—Mas as criaturas foram deixadas para morrer!

—Isso não deveria fazer com que se voltassem contra nós, como se nos culpassem das mortes de seus povos, quando a verdadeira causa era a morte da magia. Ainda assim, não me interrompa, pois falta muito pouco para concluir essa história.

—Tudo bem. — disse a jovem, olhos agora na lua cheia que iluminava a face de Mirhaanna.

—A magia morreu... Os galeões partiram... A Era Dourada teve fim... Mas os humanos não desistiram facilmente e a prova disso foi a busca por uma nova magia, iniciada por aqueles que conheciam o paradeiro de alguns itens que continham a essência dos deuses. Um desses grupos de feiticeiros veio para Vlyn e encontrou o que buscava.

A mulher seguiu o olhar de Deora, sorrindo ao ver as centenas de estrelas que já povoavam os céus naquele instante, a marca do Eterno, testemunha silenciosa de tudo o que ocorria. A jornada logo teria fim, sabia, pois o caminho que percorriam já era, há muito, seu conhecido.

—Com os saberes adquiridos, os feiticeiros passaram a erguer um lugar para que pudessem desenvolver suas habilidades sem que seus estudos fossem perturbados pelos mortais que não dispunham do dom místico verdadeiro. Não tardou até que uma verdadeira confraria fosse formada, seus membros passando a serem reconhecidos por mantos de cor rubra.

Ao som daquelas palavras, o traje de Mirhaanna pareceu se tornar como a chama da fogueira que cresce quando alimentada. Mas não foi apenas isso, pois o próprio manto começou a emitir uma suave luz bruxuleante que iluminou a face da mulher de forma sombria.

—Eles formaram a Ordem Vermelha, a maior confraria de feiticeiros que já existiu. O local que construíram foi uma torre onde todos os seus segredos foram guardados. E essa torre se chama...

Ao virar a última curva da trilha, Deora avistou uma construção majestosa, formada de tijolos vermelhos como rubis, quase brilhando entre duas piras que, como sentinelas atentas a tudo, guardavam o caminho principal. A construção escarlate possuía quatro andares, mas se impunha como a maior obra do mundo, graças a sua majestade silenciosa e beleza incomparável. Era, supunha a jovem, a torre de que Mirhaanna havia falado, e sem dúvida seu destino final. Com uma admiração contida e uma voz

solene, Deora completou a última frase do discurso de Mirhaanna:

—...Piros.

A mulher sorriu, satisfeita. Enfim, havia trazido a jovem para lá e a primeira parte da tarefa estava cumprida. Após se aproximarem das duas piras acesas, Mirhaanna deu três passos em direção à torre, mantendo-se tão distante das chamas quanto Deora. O vento começou a soprar mais forte.

—É chegado o momento de tua morte. — Mirhaanna passou a um tom mais formal, embora não aparentasse demonstrar emoção.

Deora sobressaltou-se, mas nada disse. No entanto, seus pensamentos começaram a buscar algo indefinido, como se fosse sua única oportunidade de sobrevivência.

—Estás preparada para morrer?

Olhando ao seu redor, Deora percebeu que muitas outras figuras se aproximavam, ainda envoltas pela penumbra, e soube, naquele instante, que não haveria fuga. Voltando seus olhos para as duas piras e para Mirhaanna, que aguardava sua resposta, Deora se lembrou de seu sonho e ousou trilhar um caminho diferente:

—Estou em uma encruzilhada, Mirhaanna. Norte é o meu ponto, sul o seu... As chamas guardam o leste e o oeste. O que me aguarda?

Um murmúrio de espanto foi ouvido por um instante, emitido por aqueles que cercavam a jovem. Porém, assim como a voz de Deora havia dado origem ao murmúrio, a de Mirhaanna o extinguiu.

—O que há nesta encruzilhada?

Os olhos de Deora viam a si mesma, duas piras e Mirhaanna. Mas os olhos de sua alma, aqueles que vivenciaram o sonho, enxergavam apenas os quatro objetos que antes se encontravam aos pés da figura onírica misteriosa.

—Uma espada, um cálice, uma moeda de prata, um manto.

Um novo murmúrio se fez ouvir, mas se encerrou antes que Mirhaanna pudesse continuar a questionar Deora:

—O que buscas?

—Conhecimento.

—E o que farás quando alcançá-lo?

—Dele farei uso, para que outros possam ser, por ele, iluminados.

E, pela última vez, as vozes se levantaram como se sussurrassem entre si. Contudo, todo o som, inclusive o farfalhar das folhas e o caminhar do vento, teve seu fim quando Mirhaanna se aproximou de Deora com três passos largos.

—Antes de prosseguirmos, é preciso que prometas jamais revelar os segredos que existem em Piros. Assim o fazes?

—Sim, Mirhaanna.

—Que assim seja, então. A ti cabe escolher como deverás morrer. Qual o teu desejo?

Deora mordeu o lábio inferior, olhando no fundo dos olhos de Mirhaanna como se suplicasse surdamente por ajuda. Naquele instante, recordou-se de todos os ensinamentos que lhe haviam sido passados durante a jornada que juntas trilharam. De repente, havia uma saída.

—Desejo morrer como o Fênix.

—Tua morte será um sacrifício em prol de quem?

A jovem observou as duas piras que incessantemente crepitavam sob a luz do luar e volveu os olhos para a magnífica torre. A resposta estava diante dela:

—Meu sacrifício é por Piros.

Mirhaanna pareceu sorrir por um instante, mas Deora não sabia se era de aprovação ou ironia. A mulher, então, ergueu a voz mais uma vez:

—Tuas sete respostas foram satisfatórias... Amarrem-na!

Dois seres que se moviam na escuridão da noite rapidamente agiram, atando as mãos de Deora e vendando-

lhe os olhos. Com apenas a audição para guiá-la, a jovem temeu por sua vida, mas tranquilizou-se ao ouvir a voz de Mirhaanna uma vez mais:

—O ar que te envolve possui o poder de te dar o primeiro sopro de vida, assim como o de impedir que respires. Se respeitares o ar, dá um passo adiante.

O vento rodopiou ao redor de Deora, envolvendo-a, quase fazendo com que perdesse o equilíbrio. Ainda assim, a jovem venceu o medo da dúvida e deu o primeiro passo. O vento cessou.

—A água tem o poder de curar quando usada com sabedoria, mas pode matar quando é corrompida. Se respeitares a água, bebe do cálice envenenado e dá um passo adiante.

Aos seus lábios foi trazido um cálice cheio de um líquido de odor acre. Deora podia sentir o aroma de dezenas de venenos misturados, mas seu temor não foi capaz de vencê-la, pois sabia que o Fênix devia se sacrificar para poder renascer. A jovem sorveu todo o conteúdo do cálice e, quando este foi retirado de seus lábios, mesmo tonta com todos os venenos que agora corriam junto de seu sangue, deu o segundo passo. A tontura findou.

—A terra em que pisas guarda o poder de te sustentar, assim como o de fazer com que caias nos mais profundos abismos. Se respeitares a terra, dá um passo adiante.

Deora pôde perceber um ligeiro tremor sob seus pés, rachando o solo e criando valas e crateras. Seus pés se moldavam justamente ao pequeno pedaço de solo ainda intacto e sentia que tudo o mais era vazio. Mas não mais temia e deu seu terceiro passo. Experimentou a terra intacta sob seus pés.

—O fogo que arde pode aquecer a noite fria e incendiar o abrigo derradeiro. Se respeitares o fogo, dá um passo adiante.

Porém, antes que pudesse executar a ordem, Deora sentiu o calor imensurável de uma chama diante de si, na

altura dos olhos. Estava próximo o suficiente para que o cheiro de seu cabelo queimando a alertasse com todos os instintos de fuga e pavor. Mas a jovem confiava em Mirhaanna e sabia, intimamente, que nada lhe aconteceria. Vencendo o temor de ser cegada pelo fogo, deu seu quarto passo. A chama foi tirada de sua frente naquele instante.

A venda e as amarras foram retiradas e Deora se viu diante dos portões da torre de Piros. Mirhaanna sorria com os braços abertos e muitas pessoas se postavam em duas filas cerimoniais, que seguiam das piras até as colunas dos portões. Erguendo a mão onde se via a chama marcada a ferros, Mirhaanna disse:

—Os portões de Piros estão abertos a ti, Deora, nossa irmã na chama. Vem comigo, por favor.

## Capítulo 2

O som de seus passos apressados ecoou pelo corredor que levava aos alojamentos dos mestres, cessando apenas quando estacou diante da porta de carvalho maciço. Sua respiração ofegante não era fruto da corrida desabalada, mas de seu nervosismo, ainda incontido ao ajeitar a capa rubra, símbolo dos acólitos da Ordem Vermelha. Antes que fizesse qualquer movimento, a porta se abriu.

—Pode entrar, minha irmã. Eu a aguardava.

—Mestra, eu...

—Sente-se, Deora. — interrompeu a outra. — Precisamos conversar.

A jovem tomou seu lugar em uma cadeira de madeira escura e passou a observar o quarto. Era provavelmente a quinta vez que estivera ali nos últimos três anos, embora parecesse que nunca antes contemplara as estantes repletas de livros sobre magia e alquimia, ou mesmo a imagem da deusa Andora sobre a mesa de centro. Então sua atenção se voltou para a mestra que, após fechar a porta, sentou-se em uma poltrona confortável diante dela, com as costas para a janela. O manto vermelho, a face serena, o sorriso de quem sabe das preocupações e anseios dos mais jovens... Tudo era o mesmo em Mirhaanna, a mulher que aprendera a respeitar com todas as forças de seu coração.

—Quando li sua mensagem percebi que era algo urgente.

— a acólita tentava decifrar o olhar misterioso com que a mestra a observava.

Mirhaanna, por sua vez, considerava sua aluna como um estrategista considera uma batalha. A ela, Deora sempre pareceu ser uma criança com sede de saber, mas naquele instante, vestida com os trajes ritualísticos que lhe cabiam, sua aluna refletia a imagem do que um dia ela mesma fora.

—Tem estudado muito, Deora? Há algum tempo que não acompanho seu desenvolvimento.

A aluna queria crer que talvez Mirhaanna apenas desejasse conversar, mas abandonou de lado esse pensamento ao se lembrar da urgência com que sua mestra a convocara. Aquilo a deixava um pouco desconfortável.

—Tenho progredido da mesma forma que a chama consome a vela: meus passos são lentos, mas todo o caminho é observado e estudado.

Em silêncio, Mirhaanna questionava se a resposta de Deora, enigmática como sua pergunta havia sido, era resultado de seus estudos ou reflexo de suas aspirações. Ela havia aprendido, mas quanto?

—Já faz três anos desde que sua morte e renascimento forjaram sua nova vida, minha irmã. Às vezes, me pergunto se realmente sabe o que houve.

A lembrança dos questionamentos diante dos portões de Piros voltou à mente de Deora, que nitidamente se lembrava de cada pergunta formulada e resposta dita. Recordou-se também dos primeiros dias de aprendizado, quando lhe foi ensinado como reconhecer um irmão na chama por palavras e gestos. Mas o fato que mais marcara sua vida em Piros foi o momento em que Mirhaanna lhe ensinou sua primeira magia.

—Fui iniciada, mestra, — Deora deixou que as recordações vagassem por sua mente. — e a iniciação é a morte para a vida pregressa, assim como é o nascimento para uma nova vida.

Mirhaanna balançou a cabeça afirmativamente, ainda contemplando sua aluna.

—E, uma vez iniciada nos conhecimentos da Ordem Vermelha, foi acolhida em Piros?

—Mestra, sabe de tudo isso. Por que faz...?

—Por que estou perguntando coisas que já sei? — interrompeu Mirhaanna. — Porque a aluna jamais pode esquecer certas coisas. Jamais!

—Sim, Piros tornou-se minha morada quando recebi o primeiro grau da Ordem Vermelha. — Deora se rendeu aos

questionamentos, por mais intrigada que estivesse. — Tornei-me uma acólita e meu trabalho consiste em auxiliar os demais enquanto aprendo com eles.

Após assentir com um gesto de cabeça, Mirhaanna continuou:

—O que é magia?

A lembrança das muitas horas passadas debruçada sobre os livros que guardavam os mistérios ocultos novamente emergiu com toda a sua vivacidade na mente da acólita.

—Magia é a manifestação da consciência individual sobre um fato real, moldando-o de acordo com sua vontade.

—Quais são os limites da magia?

—O alcance visual do conjurador é o limite espacial. O limite temporal equivale à concentração que, quando não mais mantida, faz a magia cessar. E o principal limite, potencial, é a plausibilidade da magia perante todos os observadores conscientes.

Foi então que Mirhaanna riu, e seu riso preencheu todo o aposento.

—Mestra, o que está havendo? — a jovem abriu os braços, perplexa.

—Suas respostas, minha irmã, — o riso deu lugar a um terno sorriso. — realmente indicam seu fervor pelos estudos e a tornam apta a galgar degraus mais altos. Pairava uma dúvida, mas ela se dissipou quando sua voz se fez ouvir.

—Ainda não estou entendendo. Isso era tão urgente?

—De certa forma, sim. — Mirhaanna voltou a mostrar seu semblante sereno e calmo. — Há uma pessoa que deseja fazer tantas ou mais perguntas, pois pretende enviá-la em uma missão especial.

—Uma missão?

—Não posso dizer os detalhes, mas é certo que todo o conhecimento adquirido entre estas paredes — fez um largo gesto com os braços, indicando que falava da torre como um todo. — será necessário para que seja bem-sucedida.

Antes que eu a leve, preciso lançar uma última pergunta: aceita essa missão?

Os olhos de Deora piscaram por duas vezes, não escondendo a alegria que sentia em, pela primeira vez desde que fora iniciada, seguir rumo ao desconhecido, dependendo somente de si e de tudo o que havia aprendido.

—Com toda a certeza, mestra.

Em silêncio, Mirhaanna levantou-se e se dirigiu para a porta, abrindo-a devagar. A jovem, porém, ainda estava absorta pelas ideias de aventura e descoberta.

—Não é sentada que irá a lugar algum, minha irmã na chama. — ela ainda mantinha a porta aberta. — O Grande Mestre a aguarda.

De um salto, Deora levantou-se e uma vez mais ajeitou o vestido escarlate e a capa rubra. Seu coração estava aos pulos.

—O Grande Mestre?! Mas, por que não me disse...?

—Porque eu sabia que ficaria assustada com a ideia de estar perante o membro mais graduado da Ordem Vermelha. Mesmo assim, não é com receio ou temor que deve se aproximar, mas com o respeito de quem sabe que ele galgou todos os degraus por seu próprio merecimento. — principiou a andar. — Vamos.

Caminharam, lado a lado, pelos corredores que levavam à escada em espiral ligada com o andar superior. Deora mexia as mãos sem cessar.

—Somente conversei com o Grande Mestre quando fui acolhida. Depois, apenas o vi nas cerimônias mais importantes, mas não tive oportunidade de falar com ele.

—Oportunidade? — indagou Mirhaanna, parando no topo da escada em espiral. — E o que esperava dizer?

—Desejava saber como ele realmente é, mestra. O que anseia? O que espera da Ordem Vermelha? É nisso o que penso quando minha mente se volta para o Grande Mestre.

Sobre as duas irmãs na chama uma luz arroxeadada incidia, originada dos raios de sol que atravessavam um vitral, cujas cores representavam o momento em que Val'ys, o deus artífice, moldava o mundo em formação. Mirhaanna sorriu.

—Reconhece esse momento, minha irmã? É quando a forja de Val'ys foi utilizada para dar forma a este mundo. O que desejava Val'ys? Apenas construir as fundações daquilo que seria, em verdade, criado pelos outros deuses e por todas as criaturas que aqui vivessem. — olhou para sua aluna. — É o mesmo que o Grande Mestre deseja, criança... Hanvor quer somente preparar o caminho para que cada um de nós possa edificar o templo de sabedoria e boas ações, cujas estruturas estão em nossa mais íntima essência. Mas precisamos nos apressar, porque ele nos aguarda.

No entanto, antes que dessem um único passo, Deora se adiantou e se postou à sua frente, com uma expressão de mais pura felicidade.

—Sabe há quanto tempo não me chama de criança, Mirhaanna?

A mestra, por sua vez, retrucou no mesmo tom de alegria:

—Sabe há quanto tempo não me chama de Mirhaanna?

E, depois de um rápido abraço fraterno, partiram em um ritmo mais apressado em direção ao Salão da Sabedoria, estacando finalmente diante do portal de madeira avermelhada decorado com os símbolos místicos da Ordem Vermelha. Mirhaanna colocou-se diante de uma pia de cobre, na qual lavou suas mãos por três vezes, enquanto Deora tomava seu lugar ao lado de um pequeno gongo, segurando a baqueta com a mão esquerda. Quando Mirhaanna estava pronta, Deora souou o instrumento por três vezes, seguido de uma última badalada, informando que uma mestra estava cruzando os portais do Salão da Sabedoria, seguida por uma acólita.

As paredes, que mediam exatamente oito metros de comprimento, formavam um octógono perfeito, e de cada seção média saía o vértice de uma estrela de oito pontas, incrustada no piso de mármore rubro. Tronos feitos da mesma madeira do portal jaziam junto às pontas do octograma, cada qual trabalhado de maneira única, com motivos que lembravam os deuses de Andora. Mas apenas sete tronos abrilhantavam o Salão da Sabedoria, pois o oitavo, que seria o de Berilla, no oeste, dava lugar ao portal pelo qual Deora e Mirhaanna estavam passando.

Mestra e aluna caminharam com passos que pareciam seguir o ritmo de uma inaudível canção até o centro do Salão da Sabedoria, onde uma chama vermelha como sangue ardia sem nada queimar, iluminando todo o local com uma suave luz rubra. Diante delas, na parede oriental, estava o trono de Hiljam, ocupado por Hanvor, um homem calvo e ligeiramente obeso, trajando o manto escarlate dos mestres e carregando o medalhão de Grande Mestre da Ordem Vermelha. Mas, mesmo antes de se postarem diante dele, ergueu-se com a humildade de um peregrino e as abraçou, beijando suas fronteiras da mesma forma que dois acólitos se cumprimentavam quando há muito não se viam.

—Tuas ordens, Grande Mestre, com sucesso foram cumpr...

—Não há necessidade de formalidades, Mirhaanna. — interrompeu, com um largo sorriso. — Posso ver que nossa acólita está aqui. E a mim parece que sua compleição em nada mudou desde que Piros se tornou seu lar.

Deora surpreendeu-se com seus modos, parecendo não se importar com mesuras a ele dirigidas, mesmo sendo o Grande Mestre da Ordem Vermelha. Ela esperava que sua recepção seguisse o mesmo ritual de apresentação comum a esse tipo de encontro, mas Hanvor conduzia as coisas de modo distinto...

—Acredito que estejas te perguntando o que está havendo, não é, Deora? Tua mente deve estar revolta com

os pensamentos de falta de hierarquia, ausência de formalidade... Precisas aprender que, em verdade, todos os irmãos de nossa Ordem são acólitos, sem outro objetivo a não ser servir e auxiliar seus pares. E de que vale isso — tomou o medalhão de Grande Mestre em suas mãos. — se não há irmãos com quem dividirmos nossas alegrias e fardos? Compreendes agora?

—Sim, Grande Mestre. — assentiu, surpreendendo-se cada vez mais.

—No entanto, — voltou-se para Mirhaanna, colocando sua mão esquerda sobre o ombro direito dela. — conheço-te bem. Não foi em silêncio que vieste com Deora até o Salão da Sabedoria. O que ela já sabe?

—Ela pode te dizer o que conversamos... — Mirhaanna pôs sua mão esquerda sobre o ombro direito da acólita, olhando para ela. — Deora?

Como se sentisse que os gestos de sua mestra e do Grande Mestre devessem ser repetidos, a jovem colocou sua mão esquerda sobre o ombro direito de Hanvor. Porém, antes que pudesse dizer algo, uma estranha energia começou a ser sentida, partindo do centro do triângulo equilátero formado pelos braços dos três irmãos na chama. Era uma energia capaz de preenchê-los com a plenitude da fraternidade da Ordem Vermelha, trazendo o calor da chama que ardia no centro do Salão da Sabedoria para dentro dos corações dos três. E, sob a força mística que os completava, Hanvor e Mirhaanna trocaram olhares imperceptíveis, cheios de admiração, surpresa e respeito.

—Sei que uma missão me é destinada e que meus conhecimentos serão testados durante seu desenrolar.

Permaneceram ainda envoltos pela aura de essência por algum tempo, em silêncio, até que, plenos de poder místico, romperam a ligação física, retirando os braços dos ombros de seus irmãos, fazendo com que tudo o que fora tacitamente invocado se dispersasse.

—O que desejamos, Deora, — Hanvor mantinha a voz baixa. — é recuperar um item que foi perdido. Para tanto irás ao Grande Continente, cruzarás o rio Medial e aportarás perto de Amtal. Nas ruínas próximas à cidade maldita, encontrarás o Elmo de Ametista, feito pelas mãos divinas de Val'ys, o artífice, e somente então retornarás. Tua missão não terá fim até que todos esses objetivos sejam alcançados.

—Mas, — questionou a acólita — o que é esse Elmo de Ametista? Por que é tão importante assim, Grande Mestre?

—Antes de respondermos teus questionamentos, — replicou a mestra — precisamos saber se ainda aceitas a missão.

Hanvor e Mirhaanna, duas testemunhas solenes, em silêncio aguardaram.

—Pela chama que arde no centro do Salão da Sabedoria, prometo que trarei o Elmo de Ametista e o entregarei para o Grande Mestre.

Em uníssono, Hanvor e Mirhaanna disseram:

—Que seja assim, então.

Naquele momento, a chama central do Salão da Sabedoria bruxuleou como Deora jamais havia visto, mas foi por apenas um único instante. Como se entendesse o significado da importância de sua promessa, a acólita permaneceu calada. O Grande Mestre, contudo, não deixou que o silêncio imperasse:

—Deora, antes que partas, é preciso que eu saiba... Que magias conheces?

Mirhaanna se apressou em falar algo, mas um gesto de Hanvor a interrompeu.

—Voltei-me para a cura, Grande Mestre. — respondeu Deora. — Sei como invocar a essência mística para estancar o sangue, fechar ferimentos e até mesmo debelar doenças.

—E a chama? — questionou Hanvor, intrigado.

Deora balançou a cabeça, lentamente, como se não compreendesse. O Grande Mestre virou-se para Mirhaanna,

olhos acusadores.

—Como poderias permitir que um irmão, sob teus cuidados, se submetesse a uma missão dessas sem conhecer o caminho da chama? És ou não mestra?

Mirhaanna olhou nos olhos de Hanvor, não em desafio, mas demonstrando a sinceridade daquilo que começava a dizer:

—Eu não podia, Grande Mestre, mesmo sabendo que sem conhecer o caminho da chama Deora teria poucas chances de retornar. Ela é apenas uma acólita!

—Um dia, antes de te tornares mestra, também foste acólita, Mirhaanna... Por Hiljam, um título é tão importante assim?

—E o ritual, Hanvor? — Mirhaanna trilhava um caminho perigoso ao chamar o Grande Mestre pelo nome, algo que Deora sabia que não deveria ser feito. — Um irmão não pode receber tal conhecimento se não passar pela cerimônia adequada... Sabes que esse ritual não pode ser executado diante de uma acólita.

—Que o fogo nos consuma, mestra, se todos os rituais juntos forem mais importantes que a vida de um de nossos irmãos na chama! Não importa se Deora é acólita, precursora ou mestra, Mirhaanna! Se ela não conhecer o caminho da chama estará fadada a perecer.

—A culpa não é de Mirhaanna. — interrompeu a jovem.

Os dois a olharam, um tanto quanto incrédulos, e cessaram a discussão.

—Mas, Deora, o que dizes? Eu... — o braço erguido de Hanvor, exibindo a palma marcada a ferros com a chama, silenciou a mestra.

A acólita notou a palma marcada a ferros com a chama, assim como a da mestra.

—Mirhaanna sabia que sem tal conhecimento eu fatalmente não atingiria os objetivos da missão, Grande Mestre, e tentou me ensinar o caminho da chama, trazendo até mim pergaminhos que continham os rituais para que

pudesse dominar tal poder. Mas me neguei, pois sabia que ainda não havia chegado a hora de conhecê-los, e... Principalmente porque, se ela me ensinasse, estaria quebrando juramentos que, com certeza, fez ao receber aqueles rituais. Se há uma culpa, deve recair sobre mim.

Hanvor se manteve em silêncio por alguns instantes, olhando para o vazio. Parecia imerso em dezenas de indagações inauditas e, por mais de uma vez, franziu o cenho, como se prestes a dizer algo ou a tomar certa ação. Então, por fim, olhou para Mirhaanna, retomando o ar de autoridade que o título de Grande Mestre emanava.

—A acólita Deora partirá ainda hoje, mas não sem antes conhecer do caminho da chama. O Salão da Sabedoria terá suas portas fechadas para que tu, mestra, possas ensiná-la, e somente serão descerradas ao ocaso.

E o Grande Mestre, então, passou pelas duas, despedindo-se com o mesmo cumprimento de antes, mas sem nada dizer. Ao passar pelos portais, eles se fecharam com o ruído de milhares de trancas. As duas, acólita e mestra, estavam sozinhas.

—Por quê?

Deora olhou para sua mestra, sem responder, como se aguardasse outra pergunta, o que não tardou a ocorrer:

—Por que mentiu para o Grande Mestre, Deora?

—Porque ele desejava repreendê-la de uma forma ou de outra. — sorriu. — Por um lado, por não me ter ensinado o caminho da chama... Porém, se o tivesse feito, ele a repreenderia por ter dado conhecimento a quem não podia recebê-lo. Mas, por dizer que a responsabilidade da escolha cabia a mim, ficou sem ação alguma. — ela parou por um instante. — Há algum tipo de rivalidade?

A mestra balançou a cabeça negativamente por alguns instantes. Um pequeno brilho se fez em seus olhos quando respondeu:

—Não há uma rivalidade, mas, sim, um saudável ciúme.

—Ciúme?

—Sim. — disse a mestra. — Porque fui eu que a iniciei na Ordem Vermelha, Deora. Hanvor desejava ter sido a pessoa que a acolheria.

A jovem mais uma vez olhou para a mestra com a indagação em seus olhos.

—Eu sou apenas uma acólita... E nem possuo tantos conhecimentos assim. Agora é o momento de questionar o porquê disso.

Mirhaanna já se sentava ao lado da chama que ardia no centro do Salão da Sabedoria, convidando Deora a tomar seu lugar diante dela, com o fogo sendo o terceiro vértice do então formado triângulo equilátero.

—Quando disse a ele que a iniciaria nos segredos e conhecimentos, Hanvor e eu jogávamos uma partida de xadrez. Não foi por acaso que, quando disse seu nome, era um peão que estava em minha mão, prestes a avançar.

—Sim, entendo que eu seja apenas um peão nesse jogo. Sou uma peça de menor valor...

A mestra levou seu dedo aos lábios, calando Deora por um instante, da forma como um irmão chamava a atenção de outro durante os rituais. Percebendo que a jovem agora compreendia que seus ensinamentos já haviam começado, Mirhaanna continuou:

—Peões podem ser promovidos. Ou acha que o fato de eu ter elevado o peão para rainha, e com essa peça vencido o jogo, não significa nada?

Deora, então, compreendeu o significado de suas longas horas de estudo, percebendo que eram fases em que o peão abria caminho adiante, rumo à oitava fileira, onde poderia ser elevado. A mestra, fechando os olhos, instigou a acólita a fazer o mesmo. Sua voz não era mais que um sussurro quando começou a falar:

—Quando nos livramos de um de nossos sentidos, os outros se tornam mais apurados. O que aprenderá, acólita, somente será realmente compreendido se deixar de lado a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato... Pois será sua

essência o receptáculo desse conhecimento, e não seu corpo. Compreende?

Os lábios de Deora se moveram, mas nenhum som foi emitido, porque ela já se encontrava no estado de semiconsciência da verdadeira meditação. Sabia que Mirhaanna também nada estava dizendo com seu corpo físico e que, naquele momento, um elo maior as unia.

—O poder da verdadeira chama, o poder que arde em Piros, também existe em cada um de nós que ousamos romper as barreiras que nos impedem de prosseguir rumo ao desconhecido. O caminho da chama, acólita, nada mais é do que aquele trilhado quando carregamos a tocha que traz o fogo verdadeiro e consumimos o mundo material ao romper a barreira físico-espiritual. O caminho da chama é um caminho de conhecimento, mas também é de destruição.

Com cada palavra, Deora imergia em seu subconsciente, vagando em direção às profundezas de sua alma. Sua essência fazia o trajeto do caminho da chama e, carregando uma tocha mística em direção à pira que ardia dentro de si, a jovem se surpreendeu ao ver que aquilo que buscava era tão imponente quanto à torre de Piros.

—Ateie fogo à tocha que carrega e siga o caminho reverso, retornando ao plano físico. Rompa uma vez mais a barreira, só que tenha em mãos a tocha mística que arde com a chama mais pura de conhecimento e poder. Quando atravessar tal limite, e somente então, abra os olhos e direcione a chama em suas mãos para o alvo de sua magia... Terá somente um ou dois instantes para poder fazer isso após cruzar a fronteira físico-espiritual, pois a chama se dissipará. Está preparada, acólita?

A jovem não chegou a responder a pergunta, pois enquanto Mirhaanna falava sua essência já agia conforme ensinado, ateando fogo à tocha mística, carregando-a em uma corrida em direção ao portal que separava sua alma de seu corpo. Quando Mirhaanna abriu os olhos, aguardando

uma resposta, viu que Deora agia como se dominasse a magia, suas mãos espalmadas para o fogo que ardia no centro do Salão da Sabedoria. Os olhos da jovem se abriram num átimo e, então, a pura essência flamejante percorreu todo o seu corpo, disparando uma esfera de chamas na direção do fogo central, iluminando ainda mais todo o lugar.

—Não sabia que havia estudado antes o caminho da chama, Deora... — a mestra percebeu que a jovem havia exigido muito de si, pois suava como se o fogo ainda ardesse com toda a força dentro dela. — Por que não me contou?

A jovem não respondeu de imediato, recuperando lentamente as forças enquanto a transpiração diminuía pouco a pouco.

—Eu... — procurou se equilibrar, ainda sentada. — Eu não havia estudado nada. Apenas segui o caminho que pedia para percorrer.

Mirhaanna levantou-se, estendendo a mão para a jovem, dizendo:

—Nunca vi tamanho poder em uma acólita. O caminho da chama normalmente só é compreendido por precursores, mas mesmo assim não detêm tanto poder místico como o que desmonstrou...

—Não creio que realmente tenha entendido todo o significado do caminho da chama. — tentou se erguer. — Pude seguir o caminho que leva a minha pira primordial, mas não sei se poderei repetir o feito. Agir não é o mesmo que saber como agir.

—Talvez precise de algo para focar sua mente e ordenar os passos que há de seguir, Deora.

—Um objeto?

—Algo assim. — respondeu Mirhaanna. — Continuaremos os estudos até que o dia se finde, mas, ao partir, leve sua espada. Quando chegar o momento certo, saiba usá-la no caminho da chama...

E no Salão da Sabedoria permaneceram as duas, até que o sol deixasse de ser visto no horizonte, dedicando-se aos estudos. Quando a mestra estava certa de que somente a experiência de vida poderia aprimorar o talento descoberto na jovem, elas se dirigiram ao salão comunal para jantar.

—Tudo já está preparado. — disse Mirhaanna, quando retornaram aos aposentos da acólita. — Sua mochila de viagem tem aquilo que julgamos necessário, mas estará levando também alguns baronatos de ouro, suficientes para umas duas noites em uma estalagem. Contudo, recomendo: guarde as moedas para que pague ao capitão do navio que a levará ao Grande Continente, pois acredito que não é seu desejo trabalhar como marinheira para custear seu transporte sobre as ondas.

Enquanto Mirhaanna falava, Deora conferia o conteúdo de sua mochila. Satisfeita, novamente atou o nó do cordel de couro e a levou às costas.

—Sim, Mirhaanna, tudo está aqui. Acredito que eu possa partir agora.

—Tem certeza? — a mestra olhava para a parede norte do quarto, um singelo sorriso em sua face.

A jovem volveu os olhos para acompanhar o pensamento de Mirhaanna, contemplando a parede por não mais que um instante.

—Sim, a espada! Quase a deixo aqui... — e caminhou até lá, donde a retirou, guardando-a junto à cintura em uma simples bainha de couro.

—Agora sei que está preparada, criança. — a mestra abraçou a jovem. — Tenha cuidado lá fora.

—Eu não a desapontarei. — Deora retribuiu o sincero abraço, sentindo o calor de sua amada mestra percorrer seu corpo. — Esteja certa de que retornarei com o Elmo de Ametista... E, por falar nisso, o Grande Mestre não respondeu quando o questionei sobre a importância de tal item ou mesmo da missão...

—Só poderá retornar se tiver o Elmo de Ametista em mãos, criança. Os portões de Piros permanecerão fechados até que sua missão se cumpra... Mesmo que leve dias, anos, ou nunca termine...

—Eu voltarei. Juro pela chama que arde no centro do Salão da Sabedoria.

Mas o silêncio era tudo o que lhes restava naquele momento e nele se deixaram envolver, até mesmo livrando-se do doce abraço fraterno em que estavam. Entendiam a magnitude da tarefa imposta a Deora e também sabiam que não poderiam se demorar mais. Sem palavra alguma, a jovem apagou as chamas dos castiçais que iluminavam seu quarto e principiaram a descer as escadas.

Nos portões de Piros, onde a jornada de Deora pelo Elmo de Ametista se iniciaria, Hanvor as aguardava, trajando o manto cerimonial e carregando o medalhão de Grande Mestre da Ordem Vermelha. Ele aguardou até que as duas se despedissem como verdadeiras irmãs na chama o faziam e, pronto a dizer adeus a Deora, entregou-lhe uma tocha para iluminar o caminho.

—Que tenhas a sabedoria que te faças recordar de onde vieste, a força para seguir adiante e a prudência para saberes quando fores longe demais. Vai, acólita, com as bênçãos da Ordem Vermelha.

Enquanto Hanvor retornava para seus afazeres, Deora partia, sozinha, já sentindo saudades da torre que havia se tornado seu lar. Mas, naquela noite, não havia lua alguma, e nem mesmo as estrelas ousavam se mostrar. Assim, ninguém pôde observar que, nos olhos de Mirhaanna e de sua aluna, lágrimas furtivas rolavam, pois o elo que as unia jamais seria dissipado. Sentiam isso a cada passo que as separava, sem que uma pudesse intervir no destino da outra. Quando a luz da tocha de Deora desapareceu em meio à escuridão, Mirhaanna enxugou suas lágrimas e cerrou os portões de Piros, que jamais seriam abertos a sua

aluna novamente, a não ser que trouxesse consigo o Elmo de Ametista.

Mas Deora não se incomodava com as lágrimas que lhe emolduravam a face, deixando ao vento noturno o trabalho de secá-las. Novamente se sentia como na noite em que fora acolhida pela Ordem Vermelha, dando passos em direção ao desconhecido, confiando apenas no destino que os deuses lhe reservaram.

Isso lhe deu forças para caminhar um pouco mais, ao ponto de, somente ao chegar a uma curva da trilha que levava a Mitarna, montar sua pequena barraca e acender uma fogueira nessa primeira noite de jornada, com certeza a mais difícil.

Tentando se concentrar em pequenos estudos, seus olhos acompanharam o crepitar da chama que ardia em meio às ervas que havia colocado com a madeira. A fumaça perfumada atingiu seus sentidos e se sentiu mais calma, relaxando o corpo e a mente, apenas observando o trêmulo fogo em seu vagar, sem conseguir dele se evadir...

Quando os primeiros raios de sol tocaram seu rosto, ela acordou. A fogueira há muito havia se extinguido e a primeira noite de jornada se tornava apenas uma fugaz recordação. A jovem pegou suas coisas e, não se dando ao trabalho de sequer olhar na direção de Piros, ao longe em suas lembranças, voltou a caminhar.

Era o mesmo caminho que havia trilhado para atingir a torre ao lado de Mirhaanna, mas a direção era oposta. As árvores pareciam diferentes, as pedras se mostravam distintas, porém, algo dentro da jovem lhe dizia que eram as mesmas — era ela quem havia mudado. E muitas mudanças ocorreram, mais do que ousava recordar, mas em seu meditar silencioso, a cada passo dado, seu destino tornava-se mais próximo, mesmo não tendo ideia alguma de quanto tempo seria necessário para alcançá-lo.

Com o fim da tarde se aproximando, as primeiras casas de Mitarna começaram a despontar ao longe e mesmo

alguns rolos de fumaça cinza podiam ser vistos em sua marcha vertical rumo aos céus. Deora, contudo, não queria atravessar toda a vila para chegar a um ancoradouro qualquer e passou a seguir para o oeste, diretamente na direção da praia.

Ao ter a branca areia sob seus pés, a jovem foi imediatamente brindada pelo alaranjado sol poente refletindo na água e banhando sua face. Ante tal visão, pausou por um momento, contemplando o encanto natural, como se por um instante desejasse somente não ter de deixar jamais aquele lugar. Mas assim como o sol seguia seu rumo para dar espaço à escuridão, Deora continuou a caminhar, deixando para trás a lembrança da paisagem enquanto o vento fazia sua capa rubra tremular.

O crepúsculo encenava seu último ato quando a jovem acólita avistou uma embarcação suficientemente robusta, ainda que não muito grande, capaz de, em sua opinião, cruzar os mares rumo ao Grande Continente. Caminhando em direção à nau, atravessando o pequeno ancoradouro de madeira gasta que guinchava ao suportar seus passos, a jovem chamou a atenção do vigia:

—Quem se aproxima?

Deora ajeitou a capa rubra e olhou para cima, procurando vislumbrar a fisionomia de quem a interpelava, mas a última réstia de luz do sol teimava se projetar em sua face, ofuscando-a momentaneamente. Ainda assim, mesmo com uma das mãos bloqueando os raios avermelhados, o máximo que pôde perceber foi uma imberbe figura envolta em um gibão de peles que parecia proteger adequadamente dos ventos.

—Procuro transporte para o Grande Continente. — disse ela. — Posso falar com teu capitão?

Com um aceno, o vigia badalou um pequeno sino por duas vezes enquanto fazia um sinal para Deora, pedindo que aguardasse. Mas mesmo essa espera foi pouca, pois

logo surgiu um homem que a convidou a bordo, indicando a prancha.

Tinha cerca de quarenta anos de idade, ou assim diziam seus grisalhos fios de cabelo, e trajava uma camisa de algodão cru coberta por uma loriga de couro e calças largas. Sem muita reverência, ele esticou a mão e a ajudou a cruzar a madeira bamba que servia de ponte entre o ancoradouro e seu navio.

—Perdoa meus modos, jovem, mas sou um homem acostumado ao balançar das ondas, portanto irei direto ao assunto. Uma mulher numa nau traz azar e, uma vez que tenhas embarcado, terei já infortúnios na próxima vez que eu zarpar. Isso significa que é bom ter dinheiro para pagar por tua viagem, seja lá até onde formos nós, porque não pretendo te ver deixar este convés sem que também enfrentes a mesma má sorte de minha tripulação.

Deora parou ainda na beirada do convés, equilibrando-se sem muita dificuldade, largando a mão que lhe era estendida.

—Sois um bruto, capitão, se for esse mesmo o teu posto. Antes de crer ser eu a origem de qualquer azar, acredito te faltar a coragem para seguir até onde pretendo ir.

Ante tais palavras, o vigia se inclinou para ouvir mais de perto, assim como dois marinheiros que surgiram de lugar algum. Pelo que sabiam, os infortúnios já estavam começando.

—Ora, jovem! Quem tu pensas que és para falar assim comigo?

—E quem preciso ser para responder de igual maneira? —desafiou.

O homem teve a face tomada pela ira, mas inexplicavelmente irrompeu em uma gargalhada ímpar. Com um sorriso amarelo, abriu caminho, dizendo:

—Seja bem-vinda a bordo do Constelação, jovem. Sou Jeremiah Padron, capitão desta nau. Tu és espirituosa e,

com certeza, mereces navegar conosco... Se tiveres dinheiro, é claro.

Compreendendo que suas moedas falariam mais alto de qualquer maneira, Deora retirou alguns baronatos de ouro de sua bolsa e as ofereceu.

—Acredito serem suficientes para uma viagem ao Grande Continente, atravessando o rio Medial. Isso se tiveres coragem de me deixar na região de Amtal.

—Mas... — o capitão arregalou os olhos. — É certo que a jovem, cujo nome ainda não me foi revelado, não se dirige à cidade maldita, não?

Foi a vez de Deora sorrir.

—Visitarei algumas ruínas próximas. — e ofereceu outra moeda ao capitão. — O silêncio acerca da jornada também está sendo pago, compreendes?

Com um olhar curioso, o capitão Padron aceitou a última moeda, guiando Deora para o que se tornaria seu alojamento pelos próximos dias.

—Nada será dito, jovem inominada. Tens a minha palavra. E fechou a porta.

Deora só voltou a pisar no convés dias depois, preferindo fazer suas frugais refeições a sós, abrigada dos ventos do mar. A tripulação, sob as ordens do capitão, não a interrompeu em nenhum momento, parecendo-lhes que nem ao menos estava a bordo. De fato, para surpresa do capitão, a suposta má sorte jamais ocorreu, sendo essa uma das mais tranquilas viagens marítimas feitas. Assim, foi com certo pesar que ele viu a jovem desembarcar, sem nem ao menos ter sabido o seu nome.

Deixando o Constelação para trás, Deora ainda verificou uma vez mais seus pertences antes de continuar. Todavia, não era a incerteza da jornada que a fazia parar ou mesmo a prudência em excesso, mas sim o que se erguia diante de seus olhos: como se protegesse a região da cidade maldita, a mata surgia abruptamente feito um escudo quase

intransponível. Era um aviso silencioso dos perigos lendários ali escondidos.

A acólita desembainhou a espada, julgando que assim estaria mais preparada, e adentrou a mata fechada, quase que se esgueirando ao passar por duas árvores muito próximas. Aquilo tudo era apertado, escuro, pesado, quase um mundo à parte, onde nem a luz do sol ousava entrar. E lá estava ela, sozinha, em sua primeira jornada a mando do Grande Mestre, sem Mirhaanna para guiá-la, sem ninguém para compartilhar os estudos.

Cada passo a fazia se sentir como que tragada pela escuridão da mata, na certeza de que, se olhasse para trás, não seria capaz de identificar o caminho pelo qual acabara de passar. Não muito longe, as árvores eram como carrancas que a observavam. Mas, ao se aproximar, Deora nada identificava na casca grossa e antiga, fazendo-a crer que sua imaginação estava lhe pregando peças. Ainda assim, em respeito a essas mesmas árvores, a jovem não ousava atear fogo em tocha alguma, temendo ser culpada de um imprudente incêndio.

Era certo que seus olhos estavam pouco a pouco se acostumando com a penumbra permanente, mas os sons ainda a confundiam, como se as aves da região pudessem fazer seu canto agourento ecoar, não revelando sua real localização. O pior parecia ser o vento uivante que desafiava seus sentidos, rompendo a copa das árvores sem jamais descer ao nível do solo. Deora, em seu íntimo, sentia que a própria natureza do lugar estava compartilhando do destino das ruínas próximas a Amtal, onde a morte varreu a todos em uma única noite.

Mas a mata fechada não se importava com quem a cruzasse, cumprindo apenas seu papel de zelar pelas ruínas, empregando artifícios mil para impedir que Deora prosseguisse — ou assim sentia a jovem. E tal impressão pareceu ser verdade quando o caminho seguido encontrou uma fileira de árvores cujos troncos, de tão unidos,

formavam uma parede de madeira. Instintivamente, a acólita procurou uma rota alternativa, tateando em meio à escuridão, mas não havia passagem alguma. Não havia nada.

Desespero e aflição, porém, só tomaram lugar quando, tentando retornar, não foi capaz de encontrar o caminho original — ela estava aprisionada.

De súbito, quatro esferas azuladas surgiram e se incandesceram, flutuando efemeramente na altura de seus olhos surpresos, como se guardassem os quatro pontos cardeais. Enquanto bruxuleavam, pensamentos sobre a origem mística de tais esferas inundavam a mente da jovem, que buscava racionalmente compreender o motivo da invocação. Contudo, antes que um único pensamento se formasse, brilharam ainda mais, quase a cegando, enquanto pareciam envolvê-la. Em seguida, completa escuridão.

As esferas se acenderam novamente, mas havia algo mais: como se saltassem da incandescência, letras de fogo se formaram e a circundaram. Em uma ciranda de palavras, frases começaram a ser percebidas, mas não no idioma sendar, conhecido em todo o Grande Continente, mas sim em ealunnë, língua perdida dos elfos. Deora jamais havia estudado a fundo tal idioma, tendo alguma dificuldade em compreender a mensagem das esferas azuladas.

*Se o carvalho não permitir que passeis, tampouco o fará o cedro.*

*Se a acácia permitir vossa passagem, assim o fará exatamente outra árvore.*

*Se exatas duas árvores permitirem que passeis, uma delas é a acácia.*

*A passagem, quando impedida, levar-vos-á à morte.*

Somente após traduzir a mensagem Deora percebeu que, atrás de cada esfera, o conjunto de árvores era único — carvalhos, cedros, acácias e abetos se pronunciavam, cada espécie em seu lugar reservado. Bastava, então, saber para

qual das quatro direções seguir, embora a mensagem também afirmasse que uma escolha errada seria fatal.

A acólita se pôs a ponderar, analisando o problema a sua frente, sabendo que esse não era um simples teste, pois sua vida dependeria de sua decisão. Certa de que o tempo também era um fator importante, apesar de não ser mencionado, começou a dizer para si mesma, como num sussurro:

—Não podem ser as quatro árvores, pois se for a acácia, também o será outra árvore somente. Se forem três árvores, a acácia não permitirá a passagem pelo mesmo motivo. Se forem duas árvores, uma será a acácia e a outra será o abeto...

Deora releu a mensagem com cuidado, verificando se não deixou de prestar atenção em algo e cuidando que não houvesse dúvida alguma acerca da tradução.

—É a acácia. Só pode ser a acácia...

E deu um passo na direção da esfera azulada, mas repentinamente estacou, balançando a cabeça como se estivesse acordando.

—Tem de ser o abeto! Apenas um caminho pode ser o correto, e o abeto é o único que permitirá a passagem.

Certa de que havia encontrado a resposta, Deora caminhou na direção dos abetos protegidos por uma das esferas incandescentes. Quando estava a poucos centímetros, porém, as esferas desapareceram e os abetos começaram a mover seus troncos de forma a permitir sua passagem. Segundos depois, as ruínas se fizeram visíveis.

Ruínas, contudo, era um termo vago e talvez incorreto demais para descrever a paisagem, pois nada dali estava corrompido a ponto de estar ao chão, em pedaços. Cada construção de pedra clara, ao contrário, ainda se mostrava forte, se bem que a natureza havia cobrado seu tributo, deitando um manto de hera sobre as paredes e tetos, como se a urbe erguida tivesse sido tragada pela verdejante coberta. Mas não apenas o que restava das casas estava

sob a hera sem fim, pois algo de muito mais sinistro se escondia naquele lugar próximo à cidade onde milhares pereceram numa única noite. E era isso o que impedia Deora de dar um único passo sequer na direção das ruínas amaldiçoadas.

Ainda sob os abetos, imóvel, a jovem deixava que seus olhos pousassem lentamente sobre cada uma das construções, tentando compreendê-las, estudando o porquê de terem sobrevivido ao teste dos tempos enquanto sucumbiam ante a natureza. Querendo juntar partes de um quadro puído, como se tivesse partilhado daquela vida escondida sob a hera, a acólita buscava respostas sem saber ao certo qual era a pergunta. Seus olhos, então, perceberam que o quadro estava borrado, não apenas puído, pois havia muita coisa que ela julgava fora de lugar.

De início, acreditava terem sido apenas rochas disformes cobertas por hera, mas, pouco a pouco, foi reconhecendo o que eram aquelas deformações no solo, ao mesmo tempo em que tentava controlar um pavor crescente. Sob a hera, ao chão, centenas de corpos em decomposição, ali dispostos da mesma maneira como haviam tombado quando do fim da magia como era conhecida. As ruas daquilo que um dia fora um vilarejo estavam repletas de esqueletos, tornando a ruína maldita um enorme cemitério.

Deora pensou em retornar, desistindo de encontrar o Elmo de Ametista, por um momento acreditando estar em busca de algo também amaldiçoado. Mas seu pensamento se voltou para Piros e a promessa feita ao Grande Mestre — sem o item, a torre tornar-se-ia um local proibido, sendo-lhe vedada a entrada. Só então que deixou a segurança dos abetos e adentrou as ruínas.

Pé ante pé, numa tentativa desarrazoada de não despertar aqueles que não mais estavam vivos, Deora avançou, desta vez com sua mão no punho da espada, esperando não ter de desembainhá-la. Conforme seus pés afundavam no chão verdejante, ocultando-os de seu olhar,

ela começava a ter a verdadeira noção de quanto tempo havia se passado. Para aqueles que ali pereceram, não importavam mais os anos ou as décadas, e sim toda a eternidade.

A princípio a acólita caminhou a esmo, tentando evitar os corpos ao mesmo tempo em que buscava por uma construção mais imponente. Para Deora, era evidente que um item lendário não estaria em alguma das casas agora vazias, pois a guarda de um artefato místico sempre foi feita em uma edificação de porte maior. Todavia, todas as edificações eram casas baixas... Exceto uma.

Contornando o que parecia ser um velho poço de água, a jovem avistou o fim de sua busca: sobre um pequeno platô erguia-se um prédio alto, ladeado por pilares tão grandes quanto as árvores, cuja pedra sob a hera aparentava possuir uma coloração azulada. Com um suspiro de alívio, Deora se pôs em marcha, certa de que sob aquele teto encontraria o Elmo de Ametista.

Diante do enorme portão, entreaberto talvez pelo vento, a acólita estacou. De onde estava, podia ver boa parte do interior da construção, toda feita da mesma pedra azulada de seu exterior, mas entalhada de forma a produzir imagens em toda a sua extensão, não como um mosaico, mas uma verdadeira pintura de pedra. A parede norte, que podia ser vista em sua plenitude, recebia o brilho do sol que emoldurava a figura de uma mulher de longos cabelos, trajando um comprida túnica, turíbulo numa mão, enquanto a outra cobria o seio esquerdo...

—Andora. — murmurou a jovem, reconhecendo a figura da deusa, enquanto adentrava respeitosamente no templo.

Dois passos, porém, foi o máximo que a jovem pôde dar, caindo de joelhos enquanto levava ambas as mãos em concha ao redor da cabeça, gritando de dor. Mal havia cruzado o enorme portão quando foi acometida pelo excruciante ataque silencioso, que agora a fazia se encolher, retornando à posição fetal.

Apertando os olhos, numa vã tentativa de dissipar o que quer que a tenha atingido, Deora rolou no chão totalmente indefesa. Quase sem forças, voltou seu olhar para fora do templo, finalmente percebendo que não estava sozinha.

Contrariando o razoável, uma vasta multidão estava fora do templo, uns apontando em sua direção, outros com braços abertos de maneira acolhedora — mas não eram humanos. A acólita, lutando para suportar a dor, notou as orelhas pontudas mesmo antes de reparar na compleição esguia de cada um deles: eram elfos!

O que a havia atingido, todavia, também começou a assolá-los. Em plena praça relvada caíam por todos os lados, gritando ainda mais alto que ela. Eram uivos ásperos, tão insuportáveis de se ouvir como a dor que deviam sentir, mas algo mais estava ocorrendo. A cada minuto que se passava, eles se desvaneciam, tombando inertes não como elfos, mas esqueletos... Até ninguém mais restar.

A dor da acólita havia passado e já conseguia se colocar de joelhos, erguendo-se com certa dificuldade. A agonia que tinha enfrentado, revivendo a tragédia daquele povo, porém, jamais seria esquecida. A dor, todavia, era real e Deora sabia que não estava imaginando coisas.

Controlando a respiração ofegante, a jovem atravessou o enorme portão e se viu dentro do templo. Além de Andora, outras paredes também estavam cobertas com figuras divinas, vagamente lembrando o local onde a acólita tinha conhecido a chama, agora somente uma doce lembrança. Os oito deuses estavam ali representados, mas o que despertou a atenção de Deora foi a majestosa estátua sobre o altar, representando o símbolo máximo da fé daquele lugar, na figura de uma mulher cuja fronte era emoldurada por uma tiara com uma estrela, dando-lhe um ar ainda mais imponente...

—Berilla. — disse uma voz feminina. — Regente de toda a magia, esposa de Nivus, mãe de Andora e Val'ys.

Deora se voltou imediatamente para a entrada do templo, ao mesmo tempo em que recuava um pouco na direção do altar. Não acreditava que outros ousariam entrar na cidade amaldiçoada, crendo que talvez a voz pudesse ser originada por algum tipo de magia. No entanto, quem estava diante do portão do templo parecia ser bem real.

—Quem és tu? — perguntou a acólita, procurando levar a mão ao punho da espada sem despertar suspeitas.

Sob a réstia de luz, a um passo do portão, estava uma jovem, talvez com seus dezesseis ou dezessete anos, cabelos loiros presos em forma de rabo-de-cavalo, com peças de uma armadura de couro leve sobre um vestido de linho protegendo seu corpo do frio vento que soprava; argolas de metal faziam as vezes de braceletes e tornozeleiras, um cinto de corda segurava uma pequena bolsa, mas não estava desarmada, pois as botas de couro tinham punhais presos a elas.

—Sou eu quem faz as perguntas aqui. — caminhou na direção de Deora devagar, circundando o espaço do templo.  
— Invasora!

A acólita começou a desembainhar a espada devagar, fitando a outra nos olhos.

—Este não é o teu lugar. Estas ruínas não te pertencem, e mesmo este templo nunca te acolheu. Quem és tu?

—Não ousa empunhar tal arma, pois nenhum mal te fiz, invasora!

Deora não concluiu o movimento, mesmo percebendo que a outra estava em condições de se utilizar dos punhais que portava.

—Eu sou Deora. Não me julgues uma invasora porque tenho o mesmo direito de estar aqui que qualquer outro ser, mas responde: quem és tu?

Estando já a cinco passos de distância e vendo que a acólita não aparentava perigo iminente, a outra finalmente se acalmou.

—Ivoren, de Ocidentia, esse é meu nome. Se não invades, Deora, o que fazes aqui?

—Perdoa-me, Ivoren, se não confio ainda em ti o suficiente para te revelar meu propósito.

Ivoren sorriu, e então gargalhou, jogando a cabeça para trás.

—Certo, é compreensível dado o início que tivemos. — e estendeu a mão em cumprimento. — Mas te garanto que estas ruínas não guardam tesouros, pois não és a primeira a buscar as preciosidades daqui.

—Ainda há algo aqui que não foi levado. — Deora retribuiu o cumprimento. — E sei que está neste templo.

—Sob as bênçãos de Berilla? Então esquece, pois há proteções místicas aqui. A deusa não mais está entre nós, mas sua magia com certeza está.

Foi a vez da acólita sorrir.

—Olha ao redor, Ivoren. O que vês? Se a magia ainda estivesse presente aqui, não teríamos tido contato com a maldição.

—Do que estás falando?

—Da dor, dos gritos... É certo que não podes ignorar isso.

—Realmente não sei do que falas, Deora. Mas apressemo-nos, se é um item místico o que buscas.

—Estás dizendo que é teu desejo me acompanhar? Que razões terias para tanto?

Ivoren se aproximou devagar, deixando que a brisa que entrava pelo grande portão balançasse seus cabelos, mantendo nos olhos um brilho de sinceridade.

—Vim aqui pelas riquezas, Deora. Nos últimos três dias, procurei por algo ou mesmo alguém, sem, no entanto, nada encontrar. Por algum motivo nem mesmo a saída destas ruínas malditas pude achar, pois as árvores que as circundam parecem ter bloqueado todo o acesso para o mundo exterior. Estou presa, meu cantil já está vazio e minhas provisões estão no fim... Eu teria melhor sorte contigo.

Observando a outra uma segunda vez, a acólita reconheceu a veracidade de tais palavras. Sob os brilhantes olhos azuis estavam escondidas a mácula da sede e do desalento, tendo sido esse, talvez, o motivo pelo qual havia se mostrado de início um tanto inamistosa. Deora sorriu, não por considerar engraçada a situação, mas por Ivoreen estar enfrentando algo parecido com o que ela mesma havia enfrentado: diante dela estava uma naufraga no mar do desespero.

—Vem comigo. Encontraremos o que busco e te mostrarei a saída... Se, contudo, encontrarmos outras riquezas, podes com elas ficar, pois só há uma coisa que procuro.

Ivoreen sorriu, certa de que havia encontrado alguém em quem confiar pela primeira vez em muito tempo. Para ela, Deora era uma enviada dos deuses que lhe daria a oportunidade de deixar a prisão na qual incautamente havia entrado em busca de lendárias fortunas. Com a acólita ao seu lado, possuía a certeza de que não se juntaria aos mortos daquele lugar, evitando tão terrível destino.

—Andei por todos os lugares e sei que não há riqueza alguma. O que buscas que posso não ter notado? Algum item cujo valor não é aparente ou algo intangível?

—É uma peça de armadura, Ivoreen. — ela olhava ao redor. — Há algum armorial nesta cidade?

—Se há algum, — levou a mão ao queixo como se tentasse se recordar de algo. — confunde-se com as demais construções. Mesmo os lugares que possuíam algum tipo de identificação foram saqueados. Eu bem que gostaria de ajudar... — volveu os olhos para a outra, uma dúvida pairando em seu semblante. — Por que é tão importante tal peça de armadura? Por algo mundano arriskas tua vida?

Com um olhar de compreensão, Deora contou-lhe que o Elmo de Ametista era necessário para que a acólita retornasse ao lugar que tinha como lar, mas omitiu qualquer menção sobre a Ordem Vermelha.

—Mas se dizes não haver encontrado nada, — continuou Deora. — com certeza o Elmo de Ametista está oculto em algum lugar incomum.

—Deora, como sabes que tal item ainda possui propriedades místicas? Com a morte de Berilla, o poder...

—É isso! — interrompeu a acólita, erguendo um punho fechado em satisfação. — O quanto deste templo vasculhaste?

—Não é óbvio que nada há aqui? Este lugar está vazio, exceto pela...

—...Estátua de Berilla. — continuou Deora, voltando-se para o altar onde a representação física da deusa da magia repousava com seus braços abertos. — Foi dada a bênção mística ao elmo, simbolicamente colocando-o sob a proteção da deusa! Ele tem de estar aqui...

E, como se movida por suas próprias palavras, Deora começou a tatear a esmo, procurando encontrar algum dispositivo ou alavanca que revelasse o item que tanto procurava. Era evidente que algum tipo de segredo havia, pois do contrário qualquer saqueador de tumbas teria já o item em mãos, pensava. Assim, não tardou para que tocasse a estrela que adornava a tiara da deusa, ouvindo de imediato um estalo.

—Deora, cuidado!

Com um salto, Ivoreen se lançou sobre a acólita, jogando-a de encontro ao altar enquanto gritava algo. Mas Deora não prestou atenção àquilo, cuidando apenas de tentar, em vão, amortecer o impacto no lado direito de seu corpo, sendo afligida pela quina do altar. Ao se virar, ainda com a mão no machucado recente, a acólita viu Ivoreen no chão, gemendo e tremendo de dor, com uma flecha de pedra nas costas.

—Ivoreen! — exclamou ao se aproximar dela, esquecendo-se do próprio ferimento enquanto se agachava. — O que houve?

Ela só gemia enquanto, sem forças, tentava alcançar a flecha de pedra. Lágrimas brotavam sem cessar, mas o sangue encharcando suas vestes suplantava a vã tentativa do cristalino líquido chamar a atenção. Ivoreen estava morrendo.

A acólita, no entanto, buscava compreender o que havia ocorrido e, para tanto, volveu os olhos pelo templo. Subitamente, uma imagem na parede fez todo o sentido: Nivus, portando seu arco, agora não mais retesado, mirando na direção delas. Ao tentarem romper o laço que Berilla guardava, seu marido Nivus agiu em proteção — ao menos era assim que a armadilha acionada parecia funcionar —, mas aquela havia sido a única flecha do deus do amor e paz.

Deora sabia que não poderia fazer muito sem possuir todas as ervas necessárias. Ainda assim, teria de tentar, pois Ivoreen a havia protegido da armadilha. Sabendo ser a coisa certa, a acólita ficou de joelhos, segurando com força a flecha de pedra, esperando pelo momento em que teria de agir. A respiração de Ivoreen, no entanto, estava irregular, dificultando a tarefa, e mesmo a dor que Deora estava sentindo a fazia perder a concentração.

Um instante, apenas isso era preciso.

E com um puxão firme, Deora removeu a flecha fazendo o sangue jorrar.

O grito de Ivoreen foi assustador, como se seu próprio coração houvesse sido removido do corpo. Estava pálida, coberta com o próprio sangue, incapaz de dizer ou fazer algo.

Não havia mais tempo ou opção. Mesmo que o sangue estancasse por milagre, Deora sabia que Ivoreen já perdera muito. Não havia nenhum conhecimento de herbalismo que ela poderia usar...

...Mas existia outra coisa.

Rapidamente a acólita pegou seu cantil e desembainhou a espada. O sangue ainda jorrava, mas não era mais a

preocupação fundamental, pois teria de focar sua mente ou tudo estaria perdido. Tomando a flecha de pedra numa mão e empunhando sua espada com a outra, Deora inspirou fundo com os olhos fechados.

—Que o mal causado por este item tenha seu fim...

E golpeou com força, partindo a flecha em duas.

—...Pois das lágrimas de Andora nascemos e a amada deusa nos cura...

Tomando o cantil com a mão esquerda, despejou o líquido sobre o ferimento de Ivoreen.

—...E com nossa força, podemos vencer todos os obstáculos...

Com um movimento rápido, tocou o ferimento com a lateral de sua espada.

—...Porque assim diz Deora, acólita da Ordem Vermelha!

Silêncio. Era só o que restava. Deora sabia que invocar uma magia era a única salvação de Ivoreen, mas também tinha ciência de que sua vontade poderia não ser forte o bastante. Para ela, romper a origem do mal e purificar o ferimento eram ações suficientes para dar forma à realidade de uma cura, mas seriam também para Ivoreen? Se estivesse totalmente inconsciente não haveria dúvida, mas daquele jeito ela poderia estar ouvindo e compreendendo exatamente tudo o que Deora tinha dito... E se não acreditasse na invocação, de nada valeria a magia.

O sangue ainda formava uma poça agourenta que, no entanto, não mais jorrava. Ivoreen, contudo, não respirava, mantendo seu corpo imóvel.

Uma lágrima correu pela face de Deora, mesmo acreditando ter feito tudo o que podia.

—Coff!...

Num átimo, Ivoreen tinha se contorcido e tossido. Era visível a dor, mas exceto pelo sangue, não havia mais sinal do ferimento.

—Eu... — ela tentou dizer — O quê...

Deora segurou sua mão, ternamente, como uma mãe a uma filha, interrompendo-a:

—Não digas nada. Ainda estás fraca e precisas recuperar tuas forças.

Mesmo assim, tentou se erguer, apoiando-se com dificuldade, como se a dor ainda estivesse presente a plena força.

—Deora... O que tu fizeste?... Era aquilo magia?

Olhando em seus olhos e inclinando a cabeça um pouco, a acólita deixou que um sorriso emergisse. Sabia que estava diante de alguém que podia compreender as intrincadas tramas místicas. De alguma forma, havia nela potencial.

—Ivoren...

—Ivy. — sorriu a outra ao interrompê-la. — Podes me chamar de Ivy.

Deora compartilhou do sorriso, feliz por ter a liberdade de se dirigir a ela de uma forma mais singela.

—Ivy, o que presenciaste não deve ser dito a mais ninguém. — e assumiu uma postura mais séria. — Eu sou uma iniciada na Ordem Vermelha e tenho de guardar certos rituais em segredo. Peço-te que teus lábios jamais se pronunciem novamente a esse respeito.

Já conseguindo se sentar, Ivoren olhou para si e viu todo o sangue que a cobria, parte já seco, como um festival de horrores particular. Nada precisou ser dito, pois tanto o resquício da dor como a cena diante de seus olhos lhe diziam que, sob circunstâncias normais, não teria sobrevivido. Apertando os lábios, apenas ergueu a cabeça na direção da estátua, silenciosamente contemplando a imagem da deusa Berilla, guardiã do templo e causa imediata de sua dor. Ela praguejaria, mas por um momento sentiu a pontada novamente, como se o ferimento dissesse que a acompanharia por todo o sempre.

A acólita estava imersa em pensamentos. Sua dúvida girava em torno dos segredos que jurara proteger, dever principal de um membro da Ordem Vermelha, e como isso

se relacionava com a obrigação natural de dar proteção a quem dela necessitasse. Não havia uma resposta fácil, tampouco uma única — e era essa gama de alternativas que fazia seu coração bater desconexamente, incerto como sua mente.

—Deora... Vê...

O fato de Ivoreen ter apontado ou mesmo lançado o aviso era irrelevante, pois a acólita tinha os olhos voltados para aquilo: a estátua de Berilla começava a se mover. Era ainda uma estátua, ao que tudo indicava, e não uma mera armadilha: magia era a única resposta, mesmo considerando quão pouco plausível seria a ideia de ver uma estátua animada. Ambas tinham certeza de que nada de bom poderia ocorrer, fosse pelo mau augúrio recente ou pelos vermelhos olhos brilhantes que a estátua exibia. Mas o pior ainda estava por acontecer: sem aviso, a estátua atacou.

Apesar do ferimento, Ivoreen conseguiu rolar para o lado, mantendo um dos bancos de pedra entre si e a imagem. Deora, contudo, não foi tão rápida, ficando presa num dos cantos do templo, enclausurada por Berilla.

—Cuidado!

A estátua investiu novamente, por pouco não atingindo a acólita de maneira fatal. Deora tinha sua espada empunhada, mas não sabia se a lâmina seria capaz de suportar o menor dos golpes dela. Ivoreen, por sua vez, arremessou um dos punhais que carregava, acertando o corpo pedregoso sem afetá-lo.

—Foge, Ivy!

Deora golpeou, na vã esperança de fazer com que os ataques cessassem, mas era inútil. A espada fez um som surdo ao se chocar contra a pedra, até mesmo soltando umas poucas faíscas. Embora soubesse combater, a acólita não era uma guerreira, não sendo capaz de encontrar alguma vulnerabilidade no tosco modo de lutar da estátua que, apesar de ser forte e rápida, parecia atacar sem brio.

—Eu não vou te deixar aqui!

Ivoren olhava ao redor, procurando por algo que pudesse ser utilizado, mas nada havia: os bancos de pedra estavam presos ao chão, o grande portão tinha poderosas dobradiças e os relevos das paredes não eram tão protuberantes assim. Ela podia tentar outro arremesso, mas tanto sua primeira investida como os golpes de Deora foram infrutíferos. Não havia saída, exceto a fuga, embora isso deixasse a acólita sem alternativa e sem esperança, acuada pela estátua.

—O que fazes?!

Mal conseguindo aparar os golpes, Deora viu Ivoren investir contra a estátua, saltando sobre ela, agarrando-a pelo pescoço. Não seria capaz de ferir Berilla, tampouco seria verossímil crer que a asfixia era uma maneira de causar algum efeito no corpo de pedra. Mas Ivoren não estava interessada em vencer, sendo-lhe suficiente desviar a atenção para que Deora pudesse escapar.

—Agora!

Tomada de surpresa, a estátua foi forçada a cessar os ataques, tendo de lidar com a inconveniente mortal. Talvez por instinto, a primeira reação foi tentar alcançá-la com seus membros superiores, permitindo a Deora deixar a posição desvantajosa. No entanto, como segunda alternativa, a estátua começou a se mover para trás, procurando prensar seu alvo contra as paredes.

—Pelos deuses!

A acólita tinha todo o caminho da fuga pela frente, mas não pensava nisso. Ivoren acabara de saltar, apoiando-se em uma janela, enquanto a estátua se chocava contra uma das laterais do templo. Havia um meio, Deora sabia, pois nada era indestrutível, mas relutava em aceitar a solução que se mostrava diante dela. Em um breve instante, toda a discussão entre Hanvor e Mirhaanna passou a ter sentido, principalmente quando em sua mente reviu o Grande

Mestre dizer que, sem o caminho da chama, ela não conseguiria.

—Foge, Deora!

A estátua tentou por duas vezes alcançar Ivoreen, voltando-se por fim para Deora, pronta para atacar novamente. Havia como escapar, bastando-lhe que corresse desabaladamente em meio aos bancos de pedra, alcançando o portão pouco antes da estátua contornar o espaço. Era isso o que lhe dizia Ivoreen, era isso o que lhe imploravam seus instintos de sobrevivência.

Deora, porém, ficou imóvel.

Segurando a espada na altura do peito, apontada diretamente para a estátua que vinha ao seu encontro, ela fechou os olhos. Não mais os gritos de Ivoreen foram ouvidos, não mais os passos da estátua faziam o chão tremer, não mais Deora estava no templo.

Ou, ao menos, era assim que se sentia. A acólita estava agora diante da chama que ardia no centro do Salão da Sabedoria, sentindo seu suave calor, ouvindo o perene crepitar. Estava seguindo o caminho que levava ao seu interior, buscando carregar a tocha que nela havia, portando-a com a força que seria esperado de um membro da Ordem Vermelha.

Seus olhos se abriram.

Diante dela não estava mais a chama, mas a estátua, ainda em movimento ofensivo, pronta para desferir um golpe que poucos seriam capazes de suportar. A espada de Deora, envolta pelo fogo místico, brilhou e serviu de foco para uma rajada incandescente, oriunda da chama interior que havia resgatado.

A estátua foi atingida, cessando seu ataque, enquanto tentava se proteger colocando os braços à frente. A chama, no entanto, recusava-se a ceder, e pouco a pouco a estátua passou a recuar, tendo suas forças minadas pela magia flamejante. Rachaduras começaram a surgir pelo corpo de pedra e cada uma delas parecia atrair um pouco do fogo,

que passou a consumi-la de dentro para fora. Mas Deora não conseguia manter a magia, exausta, largando sua espada e deixando que seu corpo caísse para trás.

—Deora!

O grito de Ivoreen ecoou pelo templo, embora parecesse apenas um sussurro para a acólita ao chão. A estátua de Berilla deu um passo, dois, e finalmente se partiu em inúmeros pedaços, mostrando que sob a pedra a magia ainda a afligia.

Ivoreen se aproximou para ver como sua companheira estava, apoiando sua cabeça com as mãos, enquanto chamava por seu nome. Felizmente, Deora retribuiu o olhar de preocupação com um sorriso de júbilo, pois sabia que a ameaça tivera um fim. Apoiando-se com vagar, contemplou a pilha de pedras ao chão, inertes, vendo que algo brilhava em meio aos escombros.

—Ivy... Eu estou bem, não te preocupes. — suspirou profundamente. — É a mim que cabe a dúvida acerca do futuro, não a ti.

Percebendo que já não havia mais risco, deixou que Deora se recompusesse sozinha, mas o mesmo brilho arroxeadado chamou sua atenção quando volveu o olhar para o que havia restado da estátua.

—O que será isso? — perguntou enquanto caminhava na direção para qual olhava. — Deora, esse é... O Elmo de Ametista!

Uma sensação de alívio e conquista tomou conta da acólita ao ouvir aquelas palavras. Todo o desafio, todo o sofrimento, finalmente havia terminado. A ela não importava o valor do item, mas o que tê-lo em mãos significava: retornar para Piros. Deora pegou sua espada e, ao embainhá-la, sorriu.

—Conseguimos.

Ivoreen tomou o Elmo de Ametista nas mãos, observando-o atentamente. O trabalho de dezenas de armeiros e joalheiros não poderia ser mais preciso, usando

provavelmente uma única pedra bruta que foi lapidada até tomar a forma da peça de armadura, mais resistente que o aço e mais bela que o nascer do sol. Por fim, entregou-o de modo quase solene para Deora, percebendo o quão importante era para a acólita ter atingido o fim ao qual havia se proposto, mesmo não suspeitando das razões primais que a levaram a enfrentar todos aqueles perigos. Ivoreen sorriu, compreendendo que se aventurar por lucro tirava o heroísmo de uma jornada — o que lhe importava agora era compartilhar a vitória de sua companheira.

—Agora podemos ir embora deste lugar maldito. — disse já olhando para o grande portão.

Deora, porém, estava pensativa. Diante dela estava alguém que havia presenciado rituais místicos da Ordem Vermelha, magias que jamais deveriam ter sido invocadas diante de um não-iniciado. Sabia que era seu dever proteger os ensinamentos da Ordem, mas também se considerava em dívida para com Ivoreen, o que tornava sua decisão ainda mais difícil.

Fechou os olhos e balançou a cabeça: o caminho a ser trilhado não podia ser evitado. Apenas lhe restava agir. Olhando seriamente para ela, Deora desembainhou novamente sua espada.

—Ivoreen, tu presenciastes rituais e invocações proibidos...

—Eu jamais os revelarei, eu... — falou Ivoreen, com espanto em sua face.

—...E eu tenho agora a difícil tarefa de te levar à morte.

—?!

Com a espada em punho, a acólita da Ordem Vermelha agiu.

## Capítulo 3

Deora estava no centro da sala utilizada pelos mestres da Ordem Vermelha, em silêncio, trajando as vestes cerimoniais completas, exceto pela espada que lhe havia sido tomada logo que a reunião começara. Na cadeira maior, olhando para sua esquerda, o Grande Mestre ponderava, ouvindo atentamente tudo o que era dito. Ao seu lado, Mirhaanna contemplava a cena, embora seus olhos demonstrassem que estava distante, imersa em seus pensamentos. À esquerda de Hanvor, sempre com seu ar de imponência, Alexander Craig observava, orgulhosamente trajando o manto de mestre enquanto fazia a pergunta pela qual todos esperavam:

—Por quê?

A acólita parou para observar seu interpelador. Há pouco aquele homem, cujos cabelos estavam começando a escassear, havia recebido o grau de mestre, o que indicava seu conhecimento e dedicação. Seus olhos negros brilhavam com a expectativa, mas suas mãos o traíam revelando inquietação, demonstrando que talvez não estivesse totalmente confortável com a situação. Sua pergunta, no entanto, necessitava de uma resposta e Deora não se furtaria a dá-la:

—Fiz o que julguei ser o correto. Em nenhum momento de meus estudos uma situação como essa se fez presente. Qualquer inação poderia ser tão ou mais prejudicial.

—Há certas decisões que não cabem a uma acólita.

Hanvor tinha se pronunciado, calma e placidamente como lhe era costumeiro. Os olhos de todos novamente se voltaram para Deora, que sorriu timidamente ao tomar a palavra.

—Perdão, Grande Mestre. Antes de minha jornada começar, um conhecimento que não cabia a uma mera acólita me foi dado. Isso me ensinou que o valor de um irmão na chama não poderia ser medido pelo grau ao qual

ele pertencia e também me deu a certeza, naquele momento, de que não seria julgada por ser uma acólita. Envergo a capa do meu grau com orgulho, sabes disso, e não a mancharia utilizando-a sem critério.

Mirhaanna, porém, ergueu a mão fazendo com que as atenções se voltassem para ela.

—Deora, — deixou de lado a pena e o papel utilizados na anotação dos pormenores da reunião. — sabemos sobre teu conhecimento do caminho da chama, pois eu mesma te indiquei os passos a seguir. Ter tal saber representa nossa confiança em teu potencial na Ordem Vermelha, assim como revela o quão importante é tua responsabilidade. Sabemos quem és. O que nos espanta é teres utilizado de uma prerrogativa que não pertence a uma acólita. Compreendes a situação?

Deora ergueu a cabeça, deixando que seus cabelos castanhos caíssem sobre os ombros antes de responder:

—Não compreendo o que desejais. Foi-me ensinado a agir conforme meu julgamento, mas agora quereis dizer que errei ao fazê-lo. Seria vosso desejo, então, que eu não conhecesse o caminho da chama, ou pior, que mesmo o conhecendo não me utilizasse dele? — olhou cada um dos três nos olhos, não em desafio, mas em respeito. — Sou uma acólita, apenas isso. E, mesmo assim, aceitei uma missão que precursores e mestres hesitariam em fazê-lo...

—Não conjectures! — interrompeu Hanvor, erguendo a voz. — O que dizes não tem fundamento...

—Mas é a verdade. — ousou Deora. — Que outra razão teríeis para me confiar um conhecimento que não deveria ser meu?

Dessa vez foi Craig quem ergueu a mão, calando a jovem. Rispidamente, avisou:

—Estás diante do Grande Mestre da Ordem Vermelha, acólita!

Deora abaixou sua cabeça. Sabia que havia cruzado uma tênue linha.

—Perdão. — sua voz soou mais fraca. — Não me cabe questionar.

—Pelo contrário, acólita. — Mirhaanna sorria, talvez pela primeira vez desde que aquilo começara. — O que nos dá a verdadeira sabedoria é o eterno questionamento. No entanto, há coisas que precisam ser aceitas. Coisas como o fato de teres agido de uma forma que não condiz com sua posição.

—O que fiz foi tão errado assim? Era o único meio que pude encontrar para salvaguardar os ensinamentos da Ordem.

Hanvor pareceu assumir uma postura mais contemplativa, reconhecendo que a jovem talvez começasse a perceber toda a trama que envolvia suas ações.

—As responsabilidades de uma acólita foram aceitas quando cruzaste estes portões, — fez um largo gesto com as mãos — mas estás disposta a aceitar também as consequências de teus atos?

—Eu ponderei. — respondeu. — Pensei antes de tomar a decisão e acredito que teria agido da mesma forma se fosse necessário. E isso, eu vos digo, faz-me aceitar todas as consequências.

Até mesmo Alexander Craig sorriu, inclinando um pouco a cabeça ao dizer algo ao Grande Mestre, ocultando sua boca com uma das mãos. Hanvor assentiu com a cabeça e se voltou para Mirhaanna, que permaneceu impassível, como se já soubesse o que aconteceria.

—Retorna aos teus aposentos, acólita. — disse o Grande Mestre, erguendo-se. — Não dirijas uma única palavra a qualquer irmão até que te convoquemos novamente.

Sem dizer nada, Deora solenemente deu dois passos para trás e deixou a sala, passando rapidamente pelos corredores da torre de Piros. No caminho, com sua cabeça abaixada, se perguntava se havia agido bem.

Tudo estava como havia deixado, mas sem lhe trazer qualquer conforto imediato. Tendo retornado recentemente,

nem ao menos lhe havia sido dada a oportunidade de guardar suas coisas, sendo imediatamente convocada para aquela reunião cujo desenrolar preferia esquecer. Sua espada lhe fora tomada, assim como o Elmo de Ametista, objeto de sua busca, e agora se sentia um tanto só. Teria agido tão erroneamente? Como julgar, porém, se não tinha todo o conhecimento?

—Eu sou uma acólita. — murmurou, deitada em sua cama, de bruços, com o travesseiro de plumas cobrindo a cabeça.

Novamente seus pensamentos se voltaram para Brion e Karina. Seriam eles mais complacentes? Não, não poderiam fazer qualquer juízo de valor, pois para eles ela estava morta. Sentia-se apenas um peão, prestes a ser sacrificado numa jogada arriscada.

Seria sua vida predestinada a não lhe dar o controle de seu próprio destino? Ela nem ao menos sabia quem era de verdade.

—Eu sou uma acólita.

E talvez nada além disso.

Sentou-se na beirada da cama, colocando as mãos sobre os joelhos, mantendo a cabeça inclinada e os olhos semiabertos, como fazia após acordar de um sonho ruim. Devagar, levantou-se e seguiu para a janela, de onde pôde ver o mar ao longe. Como as ondas, seus pensamentos vagaram, levando-a uma vez mais para além dos mares, fazendo com que se recordasse de sua jornada recente. Quantos mais desafios esperariam por ela?

Deora suspirou. Divagava, mas não chegava a conclusão alguma. Precisava conversar com alguém, isso ela sabia, mas não ousava desafiar a ordem do Grande Mestre, devendo apenas aguardar.

No entanto, a inação parecia intolerável. Queria fazer algo além de contar a passagem dos segundos e minutos. Precisava agir.

Talvez tudo isso fosse mais um teste. Sim, a espera tinha de ser uma forma de testá-la, avaliar seu potencial, mensurar sua paciência. Sendo um teste, tinha de aguardar, pois até então não havia faltado para com seus deveres de acólita. Ao menos, acreditava agir corretamente durante todo esse tempo na Ordem Vermelha.

Ou não? Se tivesse feito tudo o que dela era esperado, não teria sido chamada perante o Grande Mestre para explicar suas ações. Ou aquilo também era um teste, para avaliar como se comportava em situações de tensão?

Não fazia sentido, porém. Se fossem avaliá-la, qual seria o propósito? A menos que houvesse uma nova missão pela frente, ainda mais dura, mais perigosa. Mas, ainda que fosse isso, conjecturar não lhe traria as respostas.

Ergueu-se novamente, circundando seus aposentos com intuito de pegar a vela e incensos que guardava em um armário baixo. Não mais se arriscaria com divagações, preferindo se concentrar na chama que estava por acender. Logo o aroma dos incensos a inebriaria, o fogo ganharia vida e seria consumida por aquele ardor, sendo uma com a chama. Logo, não mais que um instante.

Deora, todavia, não havia sequer arrumado a pequena mesa quando ouviu baterem à porta. Ela não responderia, esperando cumprir as ordens de não falar com ninguém, prosseguindo com os arranjos para sua meditação.

A maçaneta girou e a porta se abriu devagar, mas a jovem continuava sem nada dizer, mesmo quando reconheceu o rosto de quem entrava. Mas, assim como veio, também se foi, deixando Deora novamente só. Talvez agora pudesse meditar.

Seus olhos acompanhavam o tremular da chama, dançando ao ritmo dos ventos, acompanhando a inaudita melodia. Tudo o que sabia de magia passava por sua mente, numa caravana de ideias em sequência, permitindo que recordasse os ensinamentos do passado. Ainda assim, outra lembrança veio à tona, algo mais como um

sentimento do que um pensamento e tocou de leve a gargantilha que usava. O vento soprou mais forte, extinguiu a chama, e cessou.

Deora ainda segurava o adorno quando a porta se abriu e Mirhaanna entrou, fechando-a. Apesar de usar os trajes cerimoniais, sua face estava mais amena. Braços abertos, olhar terno, parecia querer dizer algo.

—Mestra?

A jovem se entregou num abraço, seu coração transbordando de saudades.

—Olhe só... Como é difícil julgar seus atos se com eles concordo. Mas tudo tem seu motivo, assim como eu tinha uma razão ao vir aqui.

A acólita sentia falta desses momentos, nos quais o grau parecia não ter tanta relevância, tendo em sua mestra uma amiga capaz de compreendê-la. Por um momento pousou os olhos nos ruivos cabelos de Mirhaanna, que já começavam a dar lugar a escassos fios brancos, prova dos anos de estudo pelos quais Deora sabia que ainda estavam por vir. Mas logo desviou o olhar, um tanto desanimada.

—Mestra, não consigo compreender o fato de não terem considerado meu empenho. Se não confiassem em mim...

—Confiamos, criança. — interrompeu. — Tudo, porém, é muito novo. Havíamos discutido seu potencial e concordamos que seu progresso é notável, mas não esperávamos que fosse capaz de tomar tal decisão sozinha. Se houvesse nos consultado antes...

—Teriam feito o quê? Considerariam correta minha decisão e fariam o que fiz?

Mirhaanna se sentou, olhando para sua aluna com olhos sinceros. Será que Deora entenderia a situação?

—Nós podemos fazer o que fez, mas não uma acólita. Sabemos que tem o conhecimento, mas não o grau. — juntou as mãos. — Não é uma magia a ser estudada e invocada... Seu ato interferiu na vida de uma pessoa!

Deora parou para pensar, reconhecendo a verdade das palavras de Mirhaanna. Mais uma vez a mestra provava o porquê de suceder Hanvor à frente da Ordem Vermelha.

—Mas se eu não tivesse agido...

—Se não agisse... — a mestra colocou a mão sobre o ombro da aluna. — Seria provável que o mal fosse maior. Uma das razões que nos levou a discutir o incidente foi não saber se a inação seria ainda mais catastrófica.

—Então...?

Mirhaanna olhou pela janela e, percebendo quanto tempo já havia passado, ergueu-se.

—Eu preciso retornar, criança. Em breve saberemos como resolver o impasse.

Deora segurou uma das pontas do manto da mestra, retardando-a.

—Deixe que eu também vá. Agora que compreendo o problema em sua totalidade...

Mirhaanna se virou por um breve momento, soltando o manto.

—Não, ainda não compreende... Mas pode vir comigo. É provável que o Grande Mestre queira fazer mais algumas perguntas.

Seguiram na direção das escadas e, embora Deora soubesse que a sala onde há pouco se reuniram ficava no mesmo pavimento, nada disse. Em seu íntimo, sabia que o caminho ladeado pelos vitrais só teria um destino: o lugar onde a eterna chama ardia.

Um precursor guardava a entrada do Salão da Sabedoria, portando uma espada, sinal de que algum ritual envolvendo mestres estava em progresso. Mirhaanna, sem se deter, passou por ele, deixando Deora para trás, a espada erguida em sua direção.

—Apenas os mestres, acólita Deora. — explicou ele.

A jovem abriu a boca para dizer algo, mas não emitiu nenhum som, resignando-se a ver o precursor baixar a arma sem se alterar. Mesmo assim, Deora não retornou aos

seus aposentos, simplesmente se recostando na parede próxima, apesar de não se sentir à vontade com a situação, pois atrás daquelas portas seus irmãos na chama estavam discutindo acerca de seu futuro.

Tentava imaginar o que estariam dizendo, até mesmo ponderando acerca do quanto Mirhaanna poderia intervir sem deixar de ser imparcial, como seria esperado de uma mestra. Contudo, todas essas dúvidas se tornavam piores com a espera.

Seriam minutos, horas, ou mesmo instantes? Ficar ali não faria o tempo andar mais rapidamente, tampouco retornar aos seus aposentos. Pior: seria realmente um teste de paciência, o qual teria fim ao declarar que desistia? Se assim fosse, quanto tempo teria de passar para que fosse considerada bem-sucedida?

De súbito, as portas do Salão da Sabedoria foram abertas uma vez mais, permitindo que Deora vislumbrasse seu interior. De relance, a acólita reconheceu os rostos de mestres e precursores, além de indícios de que os trabalhos ritualísticos tinham cessado. Aquele que guardava a entrada deu um passo para o lado e, soando o sinal indicativo da entrada de um acólito, acenou com a cabeça para Deora.

Inspirando fundo, ela olhou para a chama que ardia dentro do lugar, retirando de lá a força para prosseguir. Como previam os rituais, deveria caminhar em direção ao fogo místico e então...

As portas se fecharam estrondosamente, fazendo com que Deora se virasse de imediato. Porém, antes que pudesse dizer algo, todos os precursores desembainharam suas espadas, apontando-as ameaçadoramente para ela. Tudo indicava que o resultado das discussões não tinha sido favorável, mas as consequências poderiam ser ainda piores do que esperava.

—Basta! — disse o Grande Mestre, sendo obedecido de imediato pelos precursores que abaixaram as armas sem embainhá-las. — Aproxima-te, Deora.

Todos estavam em pé, exceto o Grande Mestre, que ocupava o trono de Hiljam. Mirhaanna estava diante do trono de Andora, enquanto Alexander Craig permanecia resoluto à frente do trono de Val'ys — se realmente um ritual estava sendo ali praticado, com certeza era um de grande importância. A acólita também reconheceu outros mestres, cada um diante dos demais tronos, o que a fazia se sentir só em meio aos seus pares. Era algo muito solene, como se toda a Ordem Vermelha estivesse interessada no desenrolar da situação da única acólita presente.

Lentamente ela avançou, incerta de seu destino e com dúvidas acerca de como agir. Nunca uma situação similar havia ocorrido com ela — nem com qualquer outro acólito, se não estivesse enganada. Mas todos esses pensamentos se desvaneceram quando ela, erguendo o braço e fazendo o sinal costumeiro, anunciou que estava pronta.

—Sabes por qual razão estás diante de nós? — perguntou Craig, exigindo absoluto silêncio dos demais com um simples olhar.

—Um acólito não precisa conhecer as razões dos mestres, — Deora mantinha a cabeça erguida, encarando seu interlocutor — apenas deve saber executá-las.

—A razão de estares aqui, acólita, — disse Mirhaanna — é teres agido sem a orientação de um mestre em algo de grande relevância.

—Acaso um acólito não pode pensar por si mesmo? — desafiou Deora, provocando um burburinho entre os presentes.

Contudo, controlando a situação, Hanvor impôs o silêncio com um gesto. Calmamente se ergueu, com toda a majestade que o cargo de Grande Mestre trazia, mantendo uma sóbria postura diante de todos. Para Deora, a visão daquele homem representava a verdadeira força da Ordem Vermelha, como se ele fosse capaz de guiar todos os irmãos com um simples comando verbal. Porém, não podia

esquecer que era esse mesmo homem que a julgava por algo que ela sabia não ser errado.

—Ouvimos tuas razões anteriores, mas dar-te-emos uma nova oportunidade de esclarecer tuas ações, acólita. Fala por tua vida.

Deora desviou o olhar, procurando em meio aos presentes alguém que a estivesse apoiando. Mas rostos aparentemente frios era a única coisa que encontrava, até mesmo em Mirhaanna... Exceto, talvez, por seus olhos, cujo brilho era tão enigmático quanto da primeira vez em que neles havia fitado.

—Agi sem orientação por não haver maneira de contatar nenhum dos mestres onde estava, — ela hesitou por um instante — decerto porque ninguém mais era capaz de se aproximar das ruínas próximas à cidade maldita. Assim como agora, eu estava só, em meio a perigos mil, somente com minha própria razão por me guiar. Contudo, questiono se algum dos mestres presentes agiria de maneira diferente sob as mesmas circunstâncias.

—É nosso dever lembrar-te que és tu a interpelada aqui.  
— Alexander Craig parecia ligeiramente irônico.

—Assumo que isso seja uma negativa...

—És livre para decidir isso por si mesma.

—O que me torna mais livre hoje? — sorriu ela. — Tinha eu outros grilhões lá?

Craig abriu a boca e a manteve aberta por alguns instantes sem nada dizer, talvez buscando as palavras certas ou procurando controlar o impulso de falar algo sem antes ponderar. Por fim, permaneceu em silêncio, esperando que Deora acabasse por cometer algum deslize em seu discurso.

—O fogo que arde em nós não deixa de queimar porque o ordenamos, — prosseguiu a acolita. — pois não podemos fazê-lo. Se o pudéssemos, não seria uma magia? Assim, fora do alcance visual, não poderíamos nada fazer...

—Sugeres que, longe dos olhos dos mestres, um acólito pode fazer o que desejar? — interrompeu Alexander Craig uma vez mais.

—Basta! — disse Hanvor, elevando a voz. — Este não é um debate entre um mestre e uma acólita! Esta é uma cerimônia importante!

Deora ergueu as sobrancelhas, surpresa. Se não era um ritual ou um simples julgamento, então o destino lhe parecia favorável.

—Acólita Deora, — pronunciou-se Mirhaanna, sem se alterar — farias tudo de novo, da mesma maneira, se uma nova oportunidade hoje surgisse?

Respeitosamente a jovem se virou e respondeu:

—Não acredito ter errado antes. Eu agiria de forma semelhante, sem hesitar.

O Grande Mestre se levantou de imediato, sua face ainda um enigma. Esperando por um momento específico, segurou o medalhão e o trouxe para junto do peito.

—Vós ouvistes as palavras de Deora; vós testemunhastes estarem elas livres de vícios de vontade. Agora nos resta decidir se ela ainda pode envergar a capa rubra de acólita. Qual a vossa decisão?

Deora empalideceu. Subitamente tudo em que acreditava estava desmoronando, todo o seu mundo ameaçava ser dissipado. Num átimo, o fato de ter sido uma naufraga e o vazio de suas lembranças uma vez mais veio à tona. Quem era ela? Até agora, era Deora, acólita da Ordem Vermelha.

Em breve, porém, poderia não ser mais ninguém.

—Deora não mais deve ser uma acólita. — disse Alexander Craig, categoricamente.

Brados de apoio à decisão ecoaram pelo Salão da Sabedoria, tanto por parte dos precursores como também dos mestres. Um aperto no coração foi tudo o que a jovem pôde sentir antes de buscar refúgio nos olhos de Mirhaanna.

A mestra, contudo, estava com um olhar triste, aparentemente antevendo o resultado da decisão dos

membros da Ordem Vermelha.

—Sei que a acólita Deora vê em mim uma pessoa próxima, — ela se virou para Hanvor por um instante. — talvez por ter sido quem a trouxe até Piros. Meu papel aqui, todavia, é o de julgar suas ações como uma de nós... Talvez eu devesse me abster, mas cabe aos mestres mostrar que mesmo a mais difícil das decisões deve ser tomada com consciência. Assim, — juntou as mãos. — acredito que não mais cabe a Deora o grau de acólita.

A jovem começou a tremer, nervosa, sentindo-se mal, desejando deixar aquele lugar o quanto antes. Entredentes, num murmúrio, sua voz quase lhe faltou.

—Mirhaanna...

—Removi a capa rubra de Deora. — ordenou Hanvor, ignorando a súplica silenciosa da acólita.

Três precursores se adiantaram e se postaram junto à jovem, mas antes que tocassem no tecido escarlate, Deora desatou o nó que prendia a capa e deixou que o ornamento deslizesse por suas costas, caindo finalmente ao chão.

—Não será preciso, Grande Mestre. Ainda posso cumprir tuas ordens.

Ela tremia, cabisbaixa. Destituída do mais básico ornamento ritualístico, não mais evocava o ar de curiosidade e ânsia pelo saber, tão evidentes nos olhos de uma acólita. Perante a Ordem Vermelha, havia se tornado uma forasteira, e era assim que realmente se sentia.

—Deixai que o fogo consuma a capa que um dia pertenceu à acólita. — sentenciou Hanvor solenemente, para espanto da jovem.

O precursor que estava à direita de Deora segurou a capa com ambas as mãos e a suspendeu sobre a chama central, deixando o fogo atacar com voracidade.

Ela, em lágrimas, nada disse. Queria saltar adiante, tomar o que jamais deveria ter-lhe sido tirado, mostrar a todos que era digna... Mas era tarde: antes de sequer concluir seus pensamentos a capa já estava totalmente destruída.

—Por quê? — disse baixinho, quase sem mover os lábios.

—O que disseste? — questionou Hanvor, sempre atento.

—Por que fazer isso comigo? — explodiu em revolta. — Eu me dediquei! Fiz o melhor que pude! Agi como a chama, tornei-me como o Fênix! Eu renasceria de novo se fosse preciso!

O silêncio se fez. Sem exceção, todos olharam para Deora, num misto de surpresa e reverência singela. Até Mirhaanna sorriu, embora apenas por um momento.

—Não serás mais acólita, jovem Deora. — disse a mestra.

— Isso já foi decidido.

—Não serás mais acólita! — repetiram os demais em uníssono.

A frase ecoou e atingiu Deora como um golpe. Aqueles que um dia chamou de irmãos na chama a olhavam com muita seriedade, certamente aguardando por algo mais. Desamparo era a palavra que definia o sentimento da jovem.

—Prendei aquela que não mais será acolita. — comandou Mirhaanna.

Deora não reagia. Sem esforço foi amarrada e, em seguida, vendada, conforme nova ordem da mestra. Em silêncio, a jovem esperava apenas que fosse lhe dada a possibilidade de viver.

Ouvir era o que lhe restava, indefesa como nunca esteve antes. E ela os ouvia, precursores e mestres, todos ao seu redor, falando dela, discutindo seu destino como se não estivesse ali e, então, silêncio. Quando alguém pôs as mãos sobre seus ombros, retesou os músculos.

—Sinto muito, criança. — Mirhaanna soava como um sussurro. — Sei que gostaria de ser ainda uma acólita, mas não podemos permitir isso. E, como não podemos aceitar que um não-iniciado contemple o interior do Salão da Sabedoria, nada verás.

As palavras de Mirhaanna, porém, destoavam de suas maneiras, pois falava como algoz e agia como mãe. O que

restaria à jovem?

—Trazei a espada daquela que não será mais acólita. — ordenou o Grande Mestre tão logo Mirhaanna aparentemente se afastou.

Deora já pressentia o desenrolar dos eventos: foi-se a capa, agora a espada, depois seria ela. Dessa vez, porém, tentou reagir, mas as cordas eram mais resistentes do que supunha.

—A espada! — exclamou Craig. — Que ela tenha o mesmo fim da capa!

Nada mais precisava ser dito, pois o ruído único do partir de lâminas foi ouvido em seguida. Deora procurou outra vez se soltar, lutando contra o desespero que lhe afligia, mas não conseguiu.

—Removei as vestes daquela que não será mais acólita. — comandou o Grande Mestre.

—Não!

Aquilo a havia assustado mais do que qualquer outra coisa. A jovem temia dezenas de mãos sobre seu corpo, despindo-a sem pudor e revelando suas intimidades, expondo-a como uma presa abatida. Contudo, o que houve foi a sequência de precisos golpes de espada, fazendo com que suas roupas deslizassem pelo corpo até mostrarem a jovem envergonhada como um todo.

—Trazei-lhe a morte! — bradou Hanvor, numa cadência rítmica.

Nua, amarrada e indefesa, Deora esperava que espadas trespassassem seu corpo, certa de que não escaparia. Os instantes que antecediam esse golpe fatal se demoravam, arrastando-se mais e mais, sendo talvez mais dolorosos que o derradeiro desenlace... E então, água.

Água infinitamente gelada foi jogada sobre seu corpo, fazendo com que seus cabelos se arrepiassem por inteiro, sem que nada indicasse que o jorro pudesse ter fim. Deora tremia como se a neve da Cordilheira dos Picos Prateados tivesse derretido em suas costas, forçando-a a se agachar

para manter o pouco do escasso calor corporal. Com uma mão no chão e a outra erguida a esmo procurando desviar o líquido, ela começava a ceder.

Sua sentença havia sido escolhida a dedo, provando ser tão mortal e dolorosa quanto o fio de uma espada, embora extremamente lenta em execução. Sabia que só cessariam quando não mais se movesse, mas ainda muito faltava para aquilo, apesar de, por alguns momentos, a morte parecer a mais rápida saída.

Sim, ela podia aceitar a morte, pois estava preparada para atingir o descanso eterno, mas será que realmente a desejava? Há pouco dissera que estaria pronta a se sacrificar como o Fênix, então...

...Deora começou a trilhar o caminho da chama uma última vez, ateando fogo à tocha que havia dentro de si. Podia canalizar, talvez, a mesma energia flamígera que destruíra a estátua de Berilla, mas em quem dispararia a rajada de fogo? Mestre Alexander Craig? Grande Mestre Hanvor? Mestra Mirhaanna, apesar de todos os ensinamentos? Precursores? Outros mestres cujo contato era pouco? Chama central?... Seria um único disparo, mas teria de ser direcionado corretamente a ponto de garantir sua sobrevivência. E ela não tinha muito tempo.

Deora teria de abrir os olhos a qualquer momento, já focalizando o alvo de sua magia, mas sabia ter chegado a uma decisão extremamente arriscada. Se errasse, seria seu fim, pois não haveria outra oportunidade. Credo estar fazendo a coisa certa, então, Deora abriu os olhos...

...E os fechou em seguida. Ela era o alvo da própria magia, numa tentativa consciente de incandescer seu próprio corpo a ponto de dar um fim ao jorro de água gélida. O brilho das místicas chamas envolveu sua pele por um instante apenas, dando a aparência de uma aura flamejante, sumindo em seguida.

E, assim como a chama se extinguiu, também a consciência da jovem o fez, deixando seu corpo

desacordado no chão.

∴

Ela gemeu. Primeiro foi a sensação de desconforto, depois foi a percepção do leve tecido sobre sua pele, por fim o som ritmado dos cânticos. Abrindo os olhos devagar, Deora encarou dezenas de faces sorridentes voltadas para ela, ainda embaçadas devido ao despertar incomum. Estava deitada junto a chama que ardia no Salão da Sabedoria, trajando uma branca túnica de linho, leve e perfumada, e calçando botas longas de couro macio, vestes que não lhe pertenciam; a única coisa familiar que carregava consigo era a gargantilha de esmeralda, intocada ao redor de seu pescoço.

—Pronta? — Mirhaanna lhe oferecia a mão.

Deora precisou de uns dois segundos antes de aceitar a ajuda e ficar em pé. Ao seu redor, não mais havia a aparência de julgamento, embora todos permanecessem no Salão da Sabedoria como antes. Acreditando já estar recuperada fez um sinal com a cabeça, enquanto soltava a mão de Mirhaanna, e se voltou para o Grande Mestre. Em silêncio, buscava respostas.

—Meus irmãos na chama, — começou Hanvor. — diante de vós está aquela que deixou de ser uma acólita. Tenho já vossa aprovação para me dirigir apropriadamente a ela?

Mestre Alexander Craig deu um passo adiante e, erguendo a voz como se estivesse discursando para uma multidão, respondeu:

—Primeiro, Grande Mestre, é preciso que aquela que deixou de ser acólita o permita. Ela o fará?

Contudo, antes de Deora se pronunciar, Mirhaanna tomou a palavra, dirigindo-se a todos enquanto caminhava lentamente ao redor da jovem:

—Ela não sabe o que ocorreu, então não pode responder a isso. Uma instrução se faz necessária.

Três precursores se aproximaram de Deora, cada qual trazendo em suas mãos um item. Estavam sérios, mas não

conseguiam esconder certo contentamento em estarem ali. O primeiro se adiantou e ergueu na altura dos olhos uma espécie de faixa ou cinto de couro, cerimonialmente mostrando-o a todos os presentes.

Naquele mesmo instante o coração de Deora disparou, pois reconheceu prontamente o item que lhe era mostrado. As palavras, porém, fugiam-lhe à mente, deixando-a ligeiramente boquiaberta, enquanto os outros dois itens lhe eram apresentados.

O segundo, conforme previu a jovem, era um par de braceletes de cobre avermelhado que lhe conferiam a aparência de um rubi desbastado. O par de braceletes foi erguido na altura dos olhos por alguns segundos somente, recuando o precursor um passo. Deora já apertava as mãos antevendo o próximo item.

O terceiro, finalmente, ergueu o último item: a espada de Deora. Segurando-a pelo punho, ele a mantinha com a lâmina voltada para baixo, permitindo que a chama eterna do Salão da Sabedoria criasse difusas sombras projetadas em uma das paredes.

Mirhaanna fez um sinal com a mão esquerda e os três se colocaram atrás de Deora, permitindo à mestra um maior espaço para prosseguir com a explicação:

—A faixa é colocada na cabeça, tirando os cabelos da frente dos olhos ao mesmo tempo em que impede que o suor escorra pela face. É um símbolo de nossa razão, que tira nossos medos e impede que a dúvida nos alcance por meio de tortuosos caminhos.

Sem que houvesse sequer um aviso, o primeiro dos precursores colocou a faixa em Deora, pois ela já possuía capacidade para entender seu significado. Satisfeita, Mirhaanna retornou a sua posição inicial.

—Os braceletes — adiantou-se Craig. — protegem o antebraço, sendo resistentes o bastante para suportar os mais diversos golpes. Travamos um combate constante contra a ignorância e o receio daqueles que não conhecem a

magia, mas nosso dever não é o de contra-atacar. Os braceletes, portanto, são um símbolo de nossa compreensão, e nos lembram que precisamos proteger até quem deseja nos destruir.

Já esperando pela ação do segundo precursor, Deora deixou os braços ligeiramente flexionados, facilitando a colocação do aparato defensivo. Mestre Alexander Craig, então, retornou para a posição inicial, dando lugar a Hanvor.

—A espada — disse ele. — é uma arma. Contudo, sem alguém para manejá-la, é apenas um objeto decorativo. Ainda assim, quando em combate, não basta atingir o inimigo: é necessário cortá-lo. A espada não foi feita para ferir ao tocar o oponente, mas, sim, ao romper sua pele. Assim é a magia: se conhecida, mas não praticada, é um saber incomum apenas; se praticada, mas não dominada, é somente uma distração.

O terceiro dos precursores, por fim, cingiu a cintura de Deora com sua espada, completando o paramento ritualístico. Todavia, antes mesmo de prosseguirem com a cerimônia, a jovem já exultava.

—Aquela que deixou de ser acólita está pronta. — manifestou-se Mirhaanna.

—Sim, ela pode agora responder a tua questão inicial, Grande Mestre. — completou Craig.

—Deora, — Hanvor sorria. — nossa irmã na chama, estás preparada para que nos dirijamos a ti apropriadamente?

Inspirando fundo para que sua voz não lhe faltasse, a jovem respondeu:

—Sim, Grande Mestre, estou pronta.

—Deora, nossa irmã na chama, a partir de hoje não responderás mais como acólita. És agora uma precursora!

## Capítulo 4

Deora olhou para baixo outra vez, ab-sorta no movimento diante dos portões de Piros. Os últimos anos tinham sido cheios de provações, mas nenhuma tão grande quanto...

—É apenas isso?

... Ser tutora de Ivoreen.

—O que foi? — perguntou a precursora com a face mais compreensiva que tinha.

Ivoreen largou a pena sobre a mesa, nem se dando ao trabalho de limpar o pouco de tinta que havia sobrado, e respondeu:

—Teoria mística, ealunnë rúnico, esses glifos...

A precursora se levantou procurando manter o enfado oculto, aproximando-se dela. Parando ao seu lado, ternamente pousou a mão em seu ombro e se inclinou para ler o que a acólita tinha à sua frente, um tanto surpresa pela pressa em dominar as magias mais básicas.

—Ivy, — disse Deora, pondo os escritos de lado. — vem comigo. Precisamos conversar.

Levantando-se rapidamente, a acólita se pôs ao lado da precursora, acompanhando seu andar com uma celeridade capaz de evidenciar sua impaciência. No princípio, porém, Deora achou que aquilo era apenas um maneirismo, mas dia após dia Ivoreen se mostrava cheia de uma ansiedade quase insuportável.

Haviam descido as escadas e alcançado o pátio onde alguns acólitos discutiam acerca da mesma teoria mística que Ivoreen estudava. O embate verbal estava tão acalorado, denotando um grande grau de dedicação por parte de cada um nos estudos, que nem ao menos foi notada a presença da dupla que chegava.

—Se a teoria mística é *apenas isso*, por que há tanta discussão? — perguntou Deora num sussurro para não atrapalhar o debate.

—Porque eles querem criar suas próprias teorias. — respondeu Ivoreen prontamente. — Se os mestres já as estudaram no passado e chegaram a uma conclusão, seria audácia nossa pensar de forma diferente.

—Aparentemente, — Deora balançou a cabeça em desabono. — pensar por ti mesma não está em teus planos. Não te esqueças que muitas vezes um caminho não pode ser trilhado da mesma forma por duas vezes.

—Quantas vezes encontrarei um problema que já não tenha sido resolvido?

—Mas quantas vezes já saberás a resposta a um novo problema? — rebateu Deora sem pestanejar.

Ivoreen pensou por oito segundos antes de lançar o desafio:

—Quando te viste obrigada a resolver um dilema sem par?

A precursora sorriu. O brilho nos seus olhos era único, refletindo a própria luz da chama que todo iniciado carregava dentro de si. Sua ida às ruínas novamente passava diante de seus olhos, mas Deora nem ao menos precisou parar para recapitular a ordem dos eventos.

—Tua iniciação, Ivy, deu-se em circunstâncias assim. Após testemunhares parte dos segredos da Ordem Vermelha, decidi que não mais poderias seguir com sua existência sem que abraçasses a vida em Piros. Mas isso não me foi ensinado por nenhum dos mestres, tendo a responsabilidade da escolha recaído sobre meus ombros apenas.

—Mas... — disse a acólita, silenciando em seguida, deixando que seus pensamentos fluíssem.

Deora, porém, deixou que a conversa terminasse ali, despedindo-se de Ivoreen com todo o cerimonial do adeus entre duas irmãs na chama, aproveitando-se do momento de dúvida para encontrar um pouco mais de tempo para si.

—Eu não tenho as respostas.

Mirhaanna havia se aproximado sem ruído, colocando-se ao lado de Deora como há muito não o fazia. O sorriso em seus lábios era doce, revelando o quanto prezava a companhia daquela que havia trazido para a Ordem Vermelha.

—Por que ainda me surpreendo com isso, Mirhaanna? Eu não havia dito nada...

—As perguntas estão em sua face, criança. Está achando árdua a tarefa de ser tutora de Ivoreen?

A precursora não mais olhava para o vazio, fixando seu olhar na estrela de âmbar que acabara de surgir nos céus. Pensava em quanto tempo havia se passado desde que pudera conversar com sua mestra como agora — um mês, talvez dois, não mais.

—Eu lhe dei tanto trabalho?

—As circunstâncias eram outras, não?

Deora deu de ombros, sabendo o que a mestra queria dizer. Contudo, não aceitava o fato da iniciação em Piros ser tão díspare da iniciação nas ruínas ou em qualquer outro lugar.

—Ela parece insatisfeita, querendo voar antes de andar. Não compreende mesmo as mais simples magias de cura e, mesmo assim, quer ser capaz de realizar encantos impossíveis.

Mirhaanna seguiu o olhar de Deora e encontrou a estrela de âmbar, sentindo o mesmo aperto em seu coração que da primeira vez. Ainda acreditava que Ivoreen não pertencia à Ordem Vermelha, porém, como antes, não havia nada que pudesse fazer a respeito, exceto...

—Eu sempre quis mais, — continuou a jovem. — mas soube esperar. Nunca pedi o grau de precursora, embora o desejasse...

—E deseja se tornar mestra? — interrompeu Mirhaanna, deixando as divagações de lado.

Deora voltou-se para ela, deixando a estrela de âmbar em companhia dos outros astros que despontavam na abóbada

celeste. Seus olhos brilhavam com interesse.

—Sim, claro. Há outras coisas, porém, que precisam ser feitas antes. Tenho de conquistar e merecer o direito de ser chamada de mestra. Mal me tornei precursora...

—Ainda assim, agiu como uma antes de receber o grau. — novamente interrompeu Mirhaanna, olhando nos olhos da jovem. — Somente um precursor ou mestre pode iniciar alguém na Ordem Vermelha.

—Então agi como mestra, — Deora deu uma risada aveludada — não apenas como precursora.

—Agora quem deseja voar antes de correr? — completou Mirhaanna, compartilhando da mesma risada.

∴

O dia seguinte foi calmo, permeado pelas dúvidas de Ivoreen acerca da canalização da essência mística. Deora se perguntava como tais incertezas haviam sobrevivido por tanto tempo, resultando num crescimento lento da aptidão da acólita para a conjuração dos mais simples feitiços. Apesar disso, talvez com uma ponta de esperança, acreditava que ela estava próxima de aprender a estudar como uma iniciada.

—Deora, fala-me do caminho da chama. — pediu Ivoreen.

Deixando escapar certa rispidez, a precursora a interrogou:

—Onde ouviste algo sobre isso, Ivy? Andaste lendo alguns tomos cujo acesso te seria restrito outra vez?

—Não. — respondeu a outra com um sorriso amarelo. — Um grupo de precursores passou por mim e os ouvi comentando algo...

—Já não tens estudos suficientes para te preocupares?

A acólita olhou para Deora, demorando-se propositalmente num desafio silencioso.

—É assim tão poderoso quanto dizem? Se pudesse aprendê-lo, eu me dedicaria totalmente...

—Não! Nem ao menos sabes curar com precisão e agora desejas ferir? O que pretendes, acólita?

—Quero ser como tu.

Não era aquilo que esperava ouvir. Imóvel, Deora se perguntou se estava sendo muito exigente... Mas se Ivoreen se dedicasse como estava dizendo, se buscasse realmente, um dia receberia o conhecimento almejado.

—Então faça por merecer. — disse Deora. — Estuda. Um dia, então, ensinarei o que pedes.

Ivoreen aguardou um pouco sem nada dizer, olhando para sua tutora em busca de um sinal de mudança de atitude. Deora, todavia, parecia distraída, pensando em falar com os outros acerca dos segredos inadvertidamente revelados.

—Mas, Deora...

—Não, acólita. — interrompeu a precursora com um gesto firme. — Nem mais uma palavra.

Dando um fim à conversa, Deora virou-se deixando Ivoreen sozinha. Na verdade, não tinha um lugar para ir, desejando apenas ficar longe de uma discussão que provavelmente só terminaria com o desapontamento de ambas. Caminhando por Piros, a precursora chegou ao Salão da Sabedoria, sem ao menos se dar conta de que tinha andado até lá, até que viu a chama. Se a torre era um farol para iluminar o caminho dos membros da Ordem Vermelha, era aquela chama que os unia.

Deora ficou na entrada do local, pensativa. Queria ajudar, ser digna de ser chamada de tutora, sabendo que, se um dia se tornasse mestra, deveria ensinar os mais novos. Ainda assim, faltava-lhe algo, um quê de líder que ela estava certa de não possuir até então. Instintivamente, levou a mão esquerda à gargantilha de esmeralda que jamais lhe abandonara e sentiu-se melhor, embora soubesse que, no fundo, não passava de uma criança, como Mirhaanna gostava de lembrar-lhe.

Então, como se instigada por algo inefável, desceu as escadas rapidamente, dirigindo-se aos aposentos de sua querida mestra. Com um leve toque anunciando sua presença, a jovem abriu a porta.

—Devo assumir que esta não é apenas uma visita de cortesia, criança? — perguntou Mirhaanna, erguendo os olhos do livro que folheava.

—Com licença, mestra, mas há algo que gostaria de discutir. — emendou Deora num tom formal, como se estivessem as duas em uma cerimônia.

—Busca aconselhamento, precursora? — interpelou ao indicar a cadeira diante de si, embora suspeitasse dos motivos da vinda da jovem.

Sentando-se, apoiou as mãos na beirada da mesa, deixando que seus dedos sentissem os glifos entalhados há gerações. Sempre que estivera assim, a sós com sua mestra, Deora se sentia em busca de amparo, mas agora queria ser mais forte. Escondendo-se atrás das formalidades, a precursora procurava pelas palavras certas.

—Há algo que possamos fazer pela Ordem Vermelha? — perguntou, finalmente.

—O que deseja saber, criança? Estou vendo que algo a atormenta.

—Na verdade, não é uma demanda minha, mas me sinto compelida a pôr um fim nisso.

Mirhaanna olhou diretamente para Deora e deixou toda a formalidade de lado:

—Tudo bem, mas agora me diga o que foi que Ivoreen fez.

—Como...?

Balançando a cabeça, a mestra calmamente explicou:

—A demanda não é sua, e uma acólita está sob seus cuidados.

Deora sorriu com a explanação sobre o óbvio, sentindo-se mais à vontade para dizer o que queria:

—Ivy não está pronta para deixar Piros sozinha, mas não suporta a inação, querendo buscar algo mais. Acredito que, se houver algo...

—Ela não está pronta, Deora. — interrompeu a mestra. — Acabou de dizer isso.

—Mas sou sua tutora. E se eu for junto?

—Ela foi iniciada por ter presenciado suas magias. — Mirhaanna fechou o livro com cuidado. — O que a faz presumir que, em caso de perigo e necessidade de usar o caminho da chama, ela não o aprenda também?

—Quantos acólitos já dominaram as técnicas? Se a julga tão inapta, ela não o compreenderá.

—Mas se...

—Se ela o dominar, — cuidadosamente interrompeu a precursora. — poderá provar sua dedicação.

—Deora, — Mirhaanna tomou sua mão. — esta não é uma desculpa para ensiná-la o caminho da chama, é? Espero que ela ainda não saiba nada sobre ele...

—Ela sabe, mas apenas o que pôde ouvir nos corredores. Eu quero que aprenda a curar antes de ferir, Mirhaanna. Ela precisa aprender a caminhar para que então possa correr.

A mestra deixou que Deora afastasse sua mão, devagar, enquanto ponderava acerca do pedido. Era, realmente, um teste adequado para as duas, mas poderia ter resultados desastrosos caso as coisas fugissem ao controle. Mas havia algo ao norte de Ivorawk, não havia? Ou seria perigoso demais?

Deora sorriu e se levantou, olhando para a expressão inquisitiva da mestra. Sabia que, ao menos, seu pedido seria considerado.

—Vou deixá-la, Mirhaanna. Compreendo que há muito a refletir e não acho prudente esperar por uma resposta precipitada. Com sua licença...

E despediram-se da maneira usual entre duas irmãs na chama. A jovem voltou para seus próprios aposentos, tão certa de que teria seu pedido aceito que começou a arrumar suas coisas para a jornada que estaria por começar.

∴

Ivoreen abriu a porta com livros sob o braço, mais alegre do que de costume, nem se dando ao trabalho de anunciar sua entrada.

—Acho que encontrei! — exclamou, colocando os livros sobre a mesa junto à janela.

Deora se virou, intrigada com a súbita mudança de atitude.

—Encontraste algo de interesse?

—Mais do que isso! Este tomo contém tudo o que eu procuro! Vê...

Um tanto cética, a precursora olhou por cima dos ombros de Ivoreen, vasculhando as páginas calmamente.

—Deora, aqui estão todos os artefatos místicos do Grande Continente. Até o Elmo de Ametista que encontraste está aqui...

Aquilo aguçou a curiosidade da precursora, que se sentou com as costas para a janela e passou a observar o tomo mais atentamente.

—Ivy, onde...?

—O guardião dos livros permitiu que eu o retirasse para uma pesquisa mais profunda. Com o devido tempo, posso descobrir onde outros desses itens de poder estão escondidos... Pensa nas possibilidades!

A precursora ponderou acerca daquilo que lhe era trazido pela acólita, vendo sincera dedicação nessa pesquisa mística. Outros tentaram encontrar muitos dos artefatos mencionados no livro — tantos que Deora mal podia recordá-los a todos — mas nunca conseguiram nada além de rumores. Se ela queria tanto essa busca, talvez pudesse estudar com afinco pela primeira vez.

—Há algo que tenha chamado tua atenção, Ivy?

A acólita sorria como uma criança diante de um brinquedo novo, deslumbrando-se com cada página que virava.

—Tudo! Eu sabia que existiam coisas assim, mas não que eram tantas. Se um dia...

Batidas firmes à porta interromperam abruptamente a conversa entre as duas, que se voltaram no mesmo instante. Com um aceno de Deora, Ivoreen silenciosamente se ergueu e abriu a porta, revelando a figura do mesmo

precursor que, tempos atrás, guardou a entrada do Salão da Sabedoria no dia em que Deora deixou de ser acólita.

—Precursora Deora, acólita Ivoreen, sois aguardadas pelo mestre Alexander Craig. — disse, cerimoniosamente.

—Tuas palavras foram ouvidas, meu irmão na chama. — Deora já se erguia. — Avisa ao mestre que estamos a caminho.

Sem mais dizer, o precursor girou nos calcanhares e saiu, deixando as duas uma vez mais sozinhas. Ante a face de dúvida de Ivoreen, Deora falou:

—Não conjectures. Não temos como saber o que mestre Craig deseja de nós, então não nos apressemos em adivinhas. Preparada?

A acólita ajeitou a capa e fez um sinal afirmativo com a cabeça, colocando-se em seguida de lado, permitindo que Deora liderasse. A precursora, por sua vez, imaginava se tal convocação era fruto da conversa anterior com Mirhaanna, mas nada disse enquanto caminhava pelos corredores com Ivoreen em seu encalço.

Não tardou até que estivessem diante de Alexander Craig, sempre com sua postura de autoridade inabalável. Por alguns momentos ele ficou parado, observando as duas com sutis movimentos de seus olhos negros.

—Ainda não estou certo de que sois as escolhas corretas para esta tarefa. Podeis provar que possuís a determinação necessária para que sejais bem-sucedidas?

Ivoreen olhou para a precursora, aguardando pela defesa. O fato de a acólita ter aguardado e seguido a hierarquia foi um sinal para Deora de que ela poderia estar pronta, por menos que realmente acreditasse nisso. De qualquer maneira, sabia que este era um teste para Ivoreen.

—Acredito que sejas o único nesta sala com dúvidas, mestre.

Craig sorriu. A retórica de Deora era impecável, embora não fosse de sua boca que desejasse ouvir uma resposta.

—Precursora, ambos sabemos o que está em jogo aqui. Deixemos que a acólita se pronuncie.

Argumentar com um mestre era algo que Ivoreen jamais pensou que ocorreria tão cedo. Discutir com Deora era uma coisa, mas Craig era diferente. O que sabia do mestre? Tão pouco...

—Me-mestre... E-Eu...

—Fala, acólita. Antes de ser mestre, sou teu irmão na chama.

Deora olhou subitamente para aquele homem com outros olhos. Era a primeira vez em tempos que via alguma compreensão em Alexander Craig, como se por detrás de sua aura de imponência houvesse realmente uma pessoa. Um ser humano.

—Compreendo, mestre, que pouco saibas daquilo que sou capaz...

—Não me interessa o que sabes. — interrompeu ele, novamente agindo como de costume. — És a pessoa certa?

Ivoreen olhou rapidamente para Deora, mas percebeu que estava sozinha. Não sabia o que ele queria dela e isso a atormentava.

—Mestre Craig, dentre todos os acólitos em Piros chamaste a mim. Isso indica que os menos aptos...

—Julgas ser mais apta que teus pares? Como podes crer nisso?

—Perdão, mestre, ela está nervosa. — Deora tentou protegê-la.

—E é numa situação tranquila que ela espera atuar, precursora? Fora dos portões de Piros há perigos que nem imagina.

Ivoreen encarou o mestre sem pestanejar ao ouvir aquilo.

—Antes de vir para cá eu vivi nesse mundo de perigos, enfrentando muito mais do que tens encontrado na segurança destas muralhas.

Um breve silêncio pairou sobre eles, deixando-os ligeiramente desconfortáveis. Ivoreen tinha desafiado

Alexander Craig e Deora sabia que aquilo não seria impunemente tolerado.

—Ora, acólita, — sorriu ele. — pensas conhecer tanto do mundo, mas não és capaz de dominar as mais simples magias ou mesmo tua afiada língua. Ainda assim, são parte do mundo cujos desafios clamas ter enfrentado. Eu devia realmente te enviar para fora dos portões na certeza de que não serias capaz de encontrar o caminho de volta...

—E eu iria, — ousou interromper Ivoreen. — para provar que poderia...

Deora ergueu a mão antes que a acólita terminasse a frase. A impulsividade estava pondo tudo a perder...

—Acólita Ivoreen, aguarda-nos lá fora. — ordenou a precursora.

Ela ainda abriu a boca, mas Deora sentenciou:

—Agora.

Sob o olhar repressor do mestre, a acólita deixou o lugar, apenas despedindo-se com a formalidade adequada pouco antes de fechar a porta atrás de si.

Alexander Craig começou a rabiscar algo com uma pena e mostrou o resultado a Deora. A precursora assentiu.

—Acreditas mesmo que isso é adequado?

—Agora és tu quem me questiona, precursora?

—Não, mestre. — respondeu a jovem com sinceridade no olhar. — A verdade é que acredito que ela não seja ainda capaz. Se tivesse ajuda...

—Sabemos que, quando chegar o momento, ela pode muito bem agir independentemente de conselhos mil. Está decidido, Deora.

A precursora fez menção de se levantar, mas estacou a um sinal de Craig.

—Há outra coisa que quero discutir... Ouve o que tenho a dizer...

Tudo o que havia sido dito naquela sala permaneceria em segredo por algum tempo. A precursora jamais poderia ter imaginado que a intenção de Alexander Craig era aquela

desde o início, mas julgava apropriada a escolha feita. Ivoreen realmente só se libertaria da máscara mundana de busca de poder ao enfrentar obstáculos que não podiam ser vencidos por meios comuns, sendo sua jornada crucial para seu desenvolvimento. Contudo, ela não sabia ainda a extensão de tudo aquilo.

De volta aos seus aposentos, uma vez mais se ocupou com a verificação do conteúdo de sua mochila de viagem, mas tão logo iniciou a tarefa, Ivoreen irrompeu pela porta.

—Deora, amanhã eu... — começou ela, porém deteve-se ao ver a precursora ajeitando suas coisas. — Estaremos juntas nessa jornada?

—Partimos amanhã pela manhã, Ivy. — sorriu Deora. — Recomendo que tua mochila esteja pronta antes do sol raiar, pois um longo caminho nos espera.

—Fico feliz em saber que serás minha companheira nesta viagem.

—Não te esqueças da enorme responsabilidade que é deixar Piros para trás. — advertiu a precursora. — Longe dos portões, somos nós a representar a Ordem Vermelha e, assim, nossas ações são dotadas de valor maior... Se não te consideras pronta...

—De maneira nenhuma. — interrompeu Ivoreen com a jovialidade impulsiva que lhe era peculiar. — Mas ficaria mais tranquila se soubesse exatamente o que faremos e para onde vamos.

—Tudo a seu tempo, acolita. — Deora guardou o último dos objetos. — Tudo a seu tempo.

∴

Ivoreen não suportava a espera. Sem conseguir manter os olhos fechados por mais que uns instantes, rolava de um lado para outro, antecipando as aventuras de que iria tomar parte.

Por outro lado, Deora dormiu o sono dos justos, com sonhos cheios de nuvens róseas num céu de alfazema. Quando o sol despontou, envolvendo a precursora num

suave abraço, ela retribuiu o cumprimento com um longo espreguiçar, prontamente se colocando em pé.

As duas chegaram aos portões ao mesmo tempo, tendo desfrutado antes de um lauto café de despedida. Não havia todo o cerimonial de antes, ou assim parecia a Deora, talvez por já ter passado por algo semelhante antes. Ivoreen, todavia, julgava tudo novo e emocionante.

Alexander Craig foi o primeiro a se aproximar das duas, trajando todo o paramento digno de um mestre da Ordem Vermelha, numa reafirmação não tão silenciosa de seus anos de dedicação.

—Minhas irmãs na chama, sabeis que Piros conta convosco para cumprir com diligência as tarefas a vós destinadas. Não é demais lembrar-vos que, fora destes portões, tendes a difícil tarefa de zelar não apenas por vossa segurança, como também do maior segredo da Ordem Vermelha: o conhecimento aqui guardado. Que os deuses abençoem vossa jornada.

Despedindo-se como dois irmãos na chama o faziam, mestre Craig deu lugar a Mirhaanna que, entregando uma tocha acesa a cada uma, disse:

—É nosso costume permitir que todo aquele que parte carregue uma tocha. É dia, podeis ponderar, e nenhum caminho precisaria ser iluminado, mas nosso intuito não é trazer luz ao externo, mas àquilo que há dentro de vós. Estas tochas que carregais são a lembrança viva de Piros e estarão acesas mesmo quando não mais puderdes ver o alto da torre ao longe. Mas as chamas de vossas tochas apagarão, simbolicamente indicando que, se vos afastarem de vossos ensinamentos por tempo demais, vosso conhecimento místico também deixará de existir.

Houve uma pausa, permitindo que Ivoreen encarasse com mais seriedade a tarefa a qual se dispusera. Deora, porém, aproveitou esse tempo para olhar ao redor, procurando por Hanvor.

—O Grande Mestre não comparecerá, precursora. — respondeu Mirhaanna à indagação silenciosa de Deora. — Isso, todavia, não impede que eu aja em seu lugar vos lembrando de que os portões de Piros permanecerão fechados enquanto não cumprirdes vossas missões. Compreendeis?

—Sim, mestra Mirhaanna. — havia um quê de profunda admiração na resposta de Ivoreen.

—Retornaremos, mestra. — completou Deora. — Pela chama que arde no centro do Salão da Sabedoria, nós retornaremos.

Mirhaanna abraçou a acólita e se despediu como duas irmãs na chama o faziam. Ao dizer adeus a Deora, porém, demorou-se um pouco mais, o suficiente para lhe dar um último aviso:

—Temo por Ivoreen, criança. Se preza sua iniciada, zela por ela.

Os portões foram abertos e as duas caminharam em direção ao desconhecido. Precursora e acólita, lado a lado, tinham uma miríade de pensamentos diferentes, embora um desejo fosse convergente: retornar a Piros um dia. Ivoreen, todavia, buscava ainda a glória que teria ao ser bem-sucedida em sua tarefa; Deora apenas queria voltar ao único lugar que conhecia como lar.

A precursora tinha a intenção de seguir os mesmos passos de outrora, seguindo até Mitarna e, de lá, pegar um navio até o Grande Continente. Um pingo de esperança a fazia crer que o mesmo navio de antes estaria atracado esperando por ela, mas no fundo sabia que somente o acaso permitiria que isso ocorresse.

—Tudo parece tão diferente... — disse Ivoreen, quebrando o silêncio.

—Mudaste, assim teu mundo mudou. São as mesmas coisas de outrora, mas teus olhos são outros.

O mundo havia mudado também para Deora, ou talvez ainda estivesse em mutação constante. O quanto ela não

sabia, mas tinha a certeza de ser hoje uma mulher muito diferente daquela que encontrou nas areias de Mitarna o princípio de uma longa jornada.

—Por aqui. — indicou a precursora, apontando para uma trilha que se afastava da vila de Mitarna.

Ivoren inclinou a cabeça, tentando descobrir o porquê de não seguirem diretamente para a vila.

—A praia é nosso destino, Ivy. — completou Deora. — É no porto de Mitarna, não nas casas, que a jornada terá início.

A acólita assentiu, mais uma vez com a mente permeada de expectativa, seguindo a precursora de perto — de certa maneira era isso o que tinha feito desde que ingressara na Ordem Vermelha, embora de uma maneira mais impulsiva e ambiciosa.

∴

A visão do mastro principal foi o primeiro sinal de que estavam próximas. O navio quase não se movia em virtude das águas calmas, que nem de longe lembravam o agitado mar que se estendia diante delas, como se os ventos do litoral decidissem todos parar de soprar de uma vez. Deora sorriu, não pela beleza da paisagem, mas por ter reconhecido a embarcação na qual havia estado anos antes, como se os deuses desejassem impingir à vida a condição cíclica. O nome Constelação realmente lhe parecia apropriado, pensava a precursora, enquanto se perguntava se Jeremiah Padron ainda capitaneava a imponente nau com a mesma determinação de outrora.

E a resposta era afirmativa. Padron era um homem que não deixaria o comando tão cedo, muito embora soubesse que um dia devesse fazê-lo. Para surpresa de Deora, porém, o lobo-do-mar estava feliz em vê-la outra vez depois de tanto tempo, embora estivesse intrigado com sua aparentemente ansiosa companheira.

Os baronatos de ouro que a precursora carregava outra vez garantiram privacidade durante a travessia, na mesma

medida em que assegurava à tripulação que nenhuma mulher estaria no convés quando as velas fossem insufladas. Ivoreen, todavia, passou por difíceis momentos, enfrentando o balanço do mar de forma deplorável, sentindo enjoos que nunca antes a haviam acometido. A precursora aproveitou-se disso para, mais uma vez, lembrar a acólita da importância do conhecimento das técnicas de cura, tratando-a a base de ervas e garantindo uma gradual recuperação.

Depois de alguns dias o navio atracou e Ivoreen, revigorada por estar em terra firme novamente, conseguiu se reestabeler por completo. Tentava sorrir, mas Deora podia perceber que, em verdade, só o tempo a deixaria totalmente recuperada, o que talvez só ocorresse tarde demais.

Com o vento do litoral soprando calmamente, as duas caminharam pela praia de Ivorawk sob pesadas nuvens negras que pairavam ameaçadoramente. Mas isso não preocupava a precursora, que havia estudado sobre o local durante a travessia, apesar de nada ter comentado com sua companheira. Deora sabia que o condado de Ivorawk era um dos mais ricos do reino de Dunir, sendo sustentado em parte pela exploração da mina de ametistas de Vlyn. Também sabia que a família Dath regia o condado há gerações, sendo conhecida por sua justiça para com todos os que viviam sob sua proteção, embora tivesse enriquecido rapidamente com o frequente fluxo de pedras preciosas que inundaram o condado. Porém, nada que havia nos escritos poderia prepará-la para a visão diante dela.

A torre que se erguia junto à praia tinha cerca de onze metros de altura e era tão larga quanto duas casas, mas brilhava... Cada uma das pedras de sua estrutura era da mais pura ametista que se podia encontrar, tornando a torre dos Dath única e bela como se houvesse sido concebida pelos sonhos de um poeta. Os raios do sol poente em meio à negritude das nuvens emolduravam a mais linda

construção já erguida por mãos humanas, como um tributo da natureza ao trabalho daqueles que se sacrificaram por aquela torre de ametistas.

Deora e Ivoreen contemplaram a edificação sem pronunciar palavra alguma, incertas do que dizer acerca da beleza que se erguia diante de seus olhos. Ainda assim, foi a precursora quem urgiu sua companheira de jornada adiante, pois Ivorawk era apenas um ponto de parada para ambas.

Sem aviso, porém, a pesada chuva desabou de uma só vez — correram até encontrarem uma proteção junto a uma construção irregular. Ivoreen se protegia com a capa, evitando deixar que seus cabelos se molhassem, diferentemente de Deora, que apenas vasculhava ao redor com um olhar sério.

—Ficaremos aqui esta noite. — disse a precursora apontando para uma estalagem próxima. — Pela manhã discutiremos o nosso próximo passo.

Ivoreen assentiu, seguindo Deora de perto, sabendo que hoje dormiria sobre um solo que não balançava. Mas, talvez, sua maior alegria era a certeza de poder comer algo diferente de frutas e carne seca com queijo, únicas coisas que havia na embarcação, além do líquido amargo da cevada que, por um motivo ignorado, jamais encontrou em Piros.

Deora foi a primeira a entrar, seguida de perto pela acólita. Enquanto retirava o excesso de água em suas vestes, a precursora se perguntava há quanto tempo não se via rodeada por tantos tipos estranhos, desconhecidos, anônimos, sem face, sem voz, indiferentes... Olhares cinzentos e fatigados as acompanharam até o balcão, mas ninguém lá estava para atendê-las, não naquele instante.

Em meio às mesas, porém, uma jovem agia como malabarista, equilibrando dezenas de copos e jarros sobre uma bandeja de madeira oval, servindo rapidamente aqueles que por ela chamavam. A precursora observava,

intrigada com os movimentos esguios daquela jovem, que faziam com que suas mangas bufantes e sua saia rodada dançassem por entre os clientes, seguindo a irrítmica melodia dos copos e talheres. Todavia, antes que se desse conta, ela já estava novamente atrás do balcão, pronta para atendê-las.

—Boa tarde, caríssimas, e sede bem-vindas a’*O Virote de Marfim*. Há algo que eu possa fazer por vós?

O tom da fala da jovem era um tanto grave, como se escondendo mais uma dezena de anos por trás de seu rosto. Deora, no entanto, procurou agir com naturalidade, ignorando qualquer coisa que sua interlocutora pudesse, ou quisesse, esconder. Antes, porém, Ivoreen exclamou:

—Cerveja!

A precursora encarou a acólita sem nada dizer. Não havia recomendações explícitas na Ordem Vermelha sobre o consumo de bebidas alcoólicas, mas isso não significava que o aprovasse. Ante seu silêncio, aquela que as atendia serviu apenas uma caneca cheia, aguardando um pouco mais.

—Um quarto para nós, por favor. — manifestou-se Deora.  
— Algo simples, mas bem cuidado.

—O quarto fica no fim do corredor. — ela colocara uma chave grossa sobre o balcão. — É o terceiro da esquerda... Desejas comer ou beber algo antes de te recolheres, caríssima?

A acólita novamente interveio, mal terminando um longo gole:

—Uma sopa, bem quente. — e voltou-se para a precursora. — Vamos, esse lugar tem uma comida melhor que em Pi...

—Uma sopa para mim também. — interrompeu bruscamente Deora. — E também um suco de cerejas.

Escondendo a surpresa no olhar, a mulher simplesmente se virou e sumiu por uma porta. A precursora segurou a caneca de Ivoreen antes que ela tomasse outro gole.

—Os outros não precisam saber de onde viemos, ou mesmo quem somos, acólita. Aqui é um lugar de silêncio, não de palavras.

—Mas...

—O fogo crepita e estala, não revela sua essência pelo som. Aprende com ele, Ivoreen. É só isso que precisamos: aprender com ele.

Um silêncio de desconforto pairou sobre as duas. A acólita tentava se adequar às expectativas de Deora, mas não lhe parecia uma tarefa fácil: depois de tanto tempo afastada do convívio com não-iniciados o que mais almejava era poder se unir a eles como há muito não fazia. Todavia, sabia que, se quisesse que a precursora se orgulhasse dela, deveria deixar de lado qualquer pretensão mundana.

—Eu compreendo, Deora. — disse Ivoreen devagar. — Peço desculpas.

—Não te desculpes. Apenas aprende com teus erros... Mas esqueçamos isso, pois há muito a fazer amanhã pela manhã.

—O que faremos amanhã? — indagou a acólita, um tanto ansiosa por ter sido deixada no escuro por tanto tempo.

Deora, porém, esquivou-se da pergunta com uma frase que Ivoreen não gostava de ouvir:

—Agiremos como o fogo.

As sopas chegaram em seguida, assim como o doce suco que a precursora havia pedido. Degustaram em silêncio, perdidas em seus próprios pensamentos, e então se ergueram para descansar. A precursora deixou alguns condados de cobre sobre o balcão, pagando pelos alimentos consumidos.

Já deitadas, deixaram que o cansaço as conduzisse pelo mundo dos sonhos. Isso, porém, não significava que ambas descansaram tranquilamente, pois embora os sonhos de Ivoreen fossem permeados com contas de vidro multifacetadas, os de Deora a levaram por cadafalsos escuros manchados de sangue, os quais não podia evitar.

—Ivy! — exclamou a precursora, erguendo-se sobressaltada.

Ao seu lado, a acólita apenas grunhiu e se virou, ainda tomada pelo sono. Deora olhou para ela com o coração agitado, procurando ter certeza que nada de mal havia ocorrido, como se quisesse dizer para si mesma que tudo não havia passado de um sonho ruim. Mas o descanso que buscava não mais seria alcançado, sabia, e a precursora procurou pensar sobre os próximos passos a seguir.

Deora se levantou sem ruído e caminhou até a janela, ouvindo a chuva que teimava em cair. Por um momento levou a mão adiante, ousando sentir o que havia lá fora, mas hesitou ao ouvir o retumbar de um trovão, ou o rugido de uma besta, ou somente o brincar de sua imaginação. Mesmo assim não era o temor de enfrentar o desconhecido que sentia, mas, sim, o medo de expor Ivoreen a qualquer mal que surgisse.

Sorriu. Bastou refletir sobre o que havia ocorrido para compreender a essência da mensagem que seu sonho carregava: ela se importava demais com Ivoreen. Por um momento, sua mente se voltou para a conversa que teve com Mirhaanna antes de partir, quando haviam discutido que o melhor a ser feito era permitir que precursora e acólita seguissem por rumos distintos no Grande Continente.

Deora, até então, não havia aceitado isso. É claro que concordara com a mestra e acreditava nisso naquele momento, mas tudo indicava que, em seu íntimo, não queria abandonar quem tinha sob sua responsabilidade. Desde que havia trazido Ivoreen para a Ordem Vermelha, a precursora tinha supervisionado seus estudos e servido como mentora, talvez atuando com excesso de zelo até.

Outro trovão. Deora virou-se e, olhando para Ivoreen, que dormia placidamente, caminhou até onde suas coisas estavam guardadas. Sob a luz difusa que eventualmente

surgia pelas frestas da janela começou a vestir os trajes de viagem, arrumando em silêncio seus pertences, evitando produzir qualquer ruído que pudesse acordar a acólita. Ainda por algumas vezes olhou para a porta, sabendo que seus caminhos se separariam tão logo ela a atravessasse, mas não podia mais recuar.

Finalmente, tomando da pena e da tinta, a precursora deixou uma mensagem para Ivoreen, informando-a dos passos que a acólita teria de seguir, sozinha. Eram frases simples, sem emoção, como um seco adeus num dia enevoadado, mas suficientes para que Ivoreen pudesse ir em frente e triunfar. Ao menos, era o que Deora esperava.

No entanto, a quem a precursora procurava enganar? Aquelas palavras de despedida, largadas sobre a mesa, eram como um marco anunciando a separação necessária. Mas Deora não mais pensava nisso quando fechou a porta atrás de si.

∴

Ninguém ocupava as mesas que antes estavam abarrotadas, e mesmo a mulher que a havia servido na noite anterior não estava lá. Em seu lugar encontrou um menino, talvez com seus doze ou onze anos, lutando contra o sono.

—A senhora deseja alguma coisa? — perguntou, tentando interromper um bocejo. — Vou acordar minha irmã...

—Não será necessário. — disse Deora, suavemente. — Vim apenas deixar as moedas necessárias para cobrir nossos gastos e pedir um favor.

O menino ergueu-se de imediato, solícito como tinha sido ensinado.

—Em que posso ajudar a senhora?

—Minha companheira de quarto acordará preocupada comigo e desejará saber o local onde poderá me encontrar. — colocou alguns baronatos de ouro sobre o balcão. — Ela apenas precisa saber que nos encontraremos no momento adequado.

—Entendo, senhora. Algo mais?

Deora sorriu e se despediu em silêncio, caminhando em direção à porta. Antes de abri-la, porém, ouviu o rapaz lhe chamar novamente. Quando se virou, viu que ele vinha apressadamente, segurando uma gorda maçã em uma das mãos.

—A maçã, senhora! É uma cortesia a todos os hóspedes que pernoitam aqui...

—Obrigada. — disse, pegando a fruta que lhe era estendida.

—E cuidado com a chuva, senhora. Quando o tempo está assim poucos saem de suas casas. Boa jornada.

—És gentil, jovem. Estou certa de que te tornarás um grande homem. Como te chamas?

Dessa vez foi o rapaz quem sorriu, respondendo prontamente ao abrir a porta para a precursora:

—Tivus, senhora. Meu nome é Tivus.

Satisfeita, a precursora guardou a maçã e saiu, deixando o jovem Tivus para trás olhando-a em meio à pesada chuva. Havia muito a ser feito, mas, antes, era preciso deixar Ivorawk.

A passos largos e tentando desviar da água empoçada, Deora caminhou pelas ruas largas da cidade, buscando abrigo sob construções mais irregulares. A chuva e o vento deixavam seus cabelos em desalinho, mas a faixa que circundava sua testa impedia que sua visão fosse obstruída, apesar da escuridão da madrugada fazer sua parte ao deixar tudo envolto em penumbra. Quanto mais avançava, mais a lama respingava em suas botas, nada podendo fazer para evitá-la, embora, em verdade, não estivesse pensando em nada disso.

Outro raio iluminou os céus e por um instante ela pôde ver a muralha que circundava a cidade ao longe, chegando até a distinguir uma das torres de vigia. Nenhuma lamparina ou tocha estavam acesas, provavelmente devido ao vento forte e inconstante, mas a precursora sentia que

olhos argutos a espreitavam lá do alto. Sua suspeita se tornou certeza quando, ao se aproximar do grande portão, ouviu uma voz a interpelá-la do alto:

—Quem se aproxima dos portões nesta noite terrível?

Ao erguer sua cabeça, Deora mal pôde deixar os olhos abertos por causa da chuva, mas isso não a impediu de refutar:

—Guarda tuas perguntas a quem ousa entrar, vigia!

—Uma mulher? — ele se demorou um tanto a mais. — Volta para casa! Ousa desafiar os perigos que há lá fora?

A precursora cobriu os olhos com uma das mãos, embora de pouco adiantasse seu ato.

—Se tivesse dúvidas quanto a isso não ficaria de pé, na chuva, antes do sol raiar!

Segundos depois o portão foi aberto um pouco, apenas o suficiente para que Deora pudesse passar. Uma última vez o vigia foi ouvido antes do portão se fechar atrás da precursora:

—Está bem, mulher! O caminho está livre. Que os deuses cuidem daqueles que deixam Ivorawk.

A estrada diante dela, coberta por grandes pedras chatas, mal podia se destacar do campo aberto que só era visto em sua totalidade quando um furtivo raio rompia os céus. Segundo o que se lembrava, precisava seguir pela via por cerca de dez quilômetros antes de se voltar para o oeste, o que, sob a chuva forte, podia bem significar a metade de um dia inteiro. O caminho, contudo, não seria tão deserto quanto o percurso Mitarna-Piros, pois vilas menores pontilhavam a paisagem. Mas, ainda assim, Deora tinha absoluta certeza de que nenhuma alma sã cruzaria com ela em seu caminhar, possibilitando momentos de tranquilidade rara.

A chuva aumentou, diminuiu, e tornou-se apenas uma garoa leve quando a precursora deixou a estrada de pedras e entrou em uma trilha lamacenta. Marcas de rodas de dezenas de carroças podiam ser notadas por todo o

caminho, mas muitas delas já estavam desaparecendo em meio à água empoçada. Contudo, conforme seguia se perguntava quantas trilhas conhecia que não levavam a lugar algum.

Quando o sol ousou sair por detrás das negras nuvens Deora avistou a enorme estrutura de pedra que dominava a planície. Parte do telhado havia ruído, escombros substituíam uma das torres e diversas paredes tinham rachaduras. Todavia, mesmo esse estado de abandono não tirava daquele antigo mosteiro um ar de imponência que a precursora raras vezes havia sentido. Era lá que sua jornada teria fim, no entanto, algo lhe dizia que não seria tão fácil quanto aparentemente se mostrava até então. Ela parou, apoiando seu pé numa rocha, enquanto analisava a construção e aquilo que a cercava, sentindo algo de mau agouro ao volver os olhos para o chão e notar que nenhuma das marcas de carroças se aproximava mais, sendo aquele exato local um ponto de retorno constante.

A grande porta esverdeada rangeu quando Deora a moveu, deixando que o ar mofado se misturasse ao cheiro da chuva, e permitindo que a precursora adentrasse o lugar ancestral. Ainda assim, não ousou dar mais que dois passos, cautelosamente observando o que lá havia antes de prosseguir.

O salão de entrada era gigantesco, com diversas colunas nas laterais, algumas mantendo a estrutura em pé, outras tombadas pelo tempo. A luz do sol penetrava por uma abertura no alto, refletindo-se em dezenas de pequenos espelhos de bronze e se espalhando por todo o lugar, inundando o mosteiro com uma cálida luz amarela, como se inúmeras velas estivessem acesas em todo o salão de entrada.

Os passos de Deora ecoaram pelo chão de pedra enquanto desvendava o local com um olhar tão astuto quanto curioso. A poeira que levantava ao andar denotava o

abandono que as teias de aranha anunciavam no alto, sendo, talvez, as atuais guardiãs do mosteiro.

—Não!

O grito havia quebrado a quase perpétua calma do local. Era um misto de ódio e remorso, tão repentino quanto um relâmpago, tão grave quanto o rugido de um dragão. A precursora levou instintivamente a mão ao punho da espada e olhou ao seu redor, respiração contida, aguardando por algo. Porém, perigo algum se concretizou, permitindo a Deora se acalmar e continuar sua busca.

Entretanto, claro estava que a precursora tinha algum tipo de companhia em um lugar incerto do mosteiro. Onde estaria? Por mais que a dúvida permeasse sua mente, não podia se concentrar somente nisso, embora soubesse que eventualmente teria de encontrar aquele que gritara. Assim, deixando de lado tal pensamento, atravessou o salão e chegou a um corredor largo.

Duas esculturas de pedra guardavam uma alcova onde um velho livro jazia aberto. As esculturas representavam vagamente troncos de árvores, mas talvez originalmente fossem figuras diferentes, tendo sido desgastadas pelo tempo. Aqui também os pequenos espelhos iluminavam, sendo que algum hábil artesão foi capaz de fazer com que a luz incidisse diretamente sobre o livro, tão velho, que boa parte de suas páginas estava carcomida, seus escritos levemente apagados. Uma inscrição na pedra, ligeiramente acima da concavidade da alcova, anunciava simplesmente *Identificai-vos aqueles que entram* numa corruptela antiga do idioma sendar, mas nenhuma pena ou tinta se fazia presente.

A precursora folheou o livro com vagar, procurando encontrar algum nome conhecido. Mas nada havia ali para ser descoberto, dado que a última anotação datava de mais de dez anos antes, quando o local havia sido, pela última vez, habitado. Para Deora, no entanto, a instrução sobre o livro continha algo mais que formal — talvez, até mesmo,

ritualístico. Cuidadosamente, abriu sua mochila e tomou da pena e da tinta, não sem antes olhar ao redor para ter certeza de que, quem quer que tenha gritado, não estivesse se esgueirando por perto, e escreveu seu nome com sua caligrafia peculiar.

Uma badalada. Duas. Mancha de tinta. Naquele instante a precursora, que já guardava seus instrumentos de escrita, sobressaltou-se. Seu vidro de tinta virou no meio da página aberta, causando um estrago sem precedentes, arruinando quaisquer anotações que porventura ainda valessem à pena serem lidas.

Assegurando-se de que ninguém mais havia por perto, Deora limpou o vidro de tinta e terminou de guardar suas coisas, tentando imaginar quem poderia ter soado tal alarme.

—Sim... — disse para si mesma depois de alguns segundos. — É claro que foi a mesma pessoa que havia gritado anteriormente.

Sem se demorar mais diante da alcova a precursora atravessou o corredor. Não tardou até que estivesse sob a sombra de um grande obelisco de cristal, dividindo o caminho em dois, sem qualquer outra indicação do destino de cada um deles. O obelisco, porém, parecia perfeito demais para ter sido feito por mãos humanas, como se o legado místico do passado se fizesse mostrar por meio das obras deixadas por aqueles que dominavam as artes arcanas de outrora. Ainda assim, era um marco, não o fim do caminho.

Olhando para os dois novos corredores, Deora não pôde notar nada de diferente a princípio. Todavia, aquilo que os olhos mundanos não percebiam era o que permitia aos místicos uma vantagem única. E, com o olhar de uma precursora, conseguiu observar os detalhes simbólicos que se escondiam ali.

A parede lisa em ângulo reto no obelisco revelava a saída do mosteiro, pois era o mundo da razão que existia fora de

suas paredes; as acomodações dos monges ficavam à esquerda, pois a superfície ondulada da face que apontava naquela direção seguia o padrão aleatório dos sonhos; e, por fim, uma área comum seguia na direção oposta, ou assim assumiu Deora por ter a outra face um baixo relevo com a figura exata de um círculo ao redor de um quadrilátero.

Antes de prosseguir, a precursora se perguntou diversas vezes qual a razão para esconderem informações tão simples quanto aquelas, como se houvesse necessidade premente dos antigos monges protegerem tudo o que tinham sob a forma de símbolos, numa atitude que podia beirar à paranoia. Mas de nada valia conjecturar sem pôr suas ideias à prova, sendo natural que ela caminhasse em direção à área comum, independentemente do que em verdade consistia tal lugar.

O corredor terminava em uma porta entreaberta que rangia com a passagem do ar, mas Deora mal prestava atenção a isso, atenta a outros símbolos ocultos que pudessem dar alguma pista adicional dos segredos do mosteiro. Sem surpresas, a precursora abriu a porta ao encontrar uma pequena réplica do símbolo que havia visto no obelisco de cristal sob o batente, entrando num salão grande o bastante para abrigar cinco dezenas de pessoas.

Era algum tipo de capela, com bancos de madeira clara dispostos em duas fileiras irregulares, voltados para uma espécie de altar que parecia emanar algo de sombrio. A jovem ainda investigou o restante do lugar com o olhar, mas instintivamente se manteve de frente para aquele altar com receio de que algo pudesse surgir, como se tivesse certeza de que parte da ruína do mosteiro tivesse se originado daquele exato local.

Com cuidado extremo se aproximou, mantendo sempre a mão no punho da espada. O altar era retangular, sendo constituído de uma única peça de madeira, provavelmente originada de uma árvore centenária, sem qualquer adorno

adicional. Sobre ele, negras manchas de sangue jaziam, indicando os diversos sacrifícios que foram feitos num passado distante, maculando irremediavelmente o que deveria ser um local sagrado. Deora sentia-se mal só de estar próxima daquilo, mas felizmente avistou uma pequena porta lateral que permitiria deixar para trás a macabra lembrança.

Foi então que se viu numa antessala pequena, provavelmente um arquivo, visto que diversos documentos estavam amontoados em caixas de madeira pesada. Não era seu intento pesquisar nada acerca daquele mosteiro, uma vez que a cada instante tornava-se mais claro seu objetivo final. O único senão, acreditava, era encontrar o caminho que a levaria ao seu destino.

Em meio às caixas empilhadas na parede norte havia uma passagem, semioculta, talvez deliberadamente, por quem quer que desejasse evitar contato com estranhos. Desta vez, no entanto, a precursora não teve qualquer receio de seguir naquela direção, pois intuía que nada de mal estivesse pronto para ocorrer.

A passagem deu lugar a um aposento semicircular, com uma escada em espiral no centro e um caminho com grades enferrujadas ao leste, guardando um jardim extenso. As paredes do lugar estavam um pouco tomadas por um musgo avermelhado, provavelmente oriundo do jardim que, num segundo momento, parecia ser nada hospitaleiro, estando repleto de arbustos escuros. Desejando evitar tal ambiente, e restando apenas outro caminho, Deora principiou a galgar os degraus.

O metal enfraquecido da escada lutava para não ceder sob os pés da jovem que, incerta, segurava-se mais firmemente aos corrimões. Era evidente que uma pessoa mais pesada, ou mesmo com pressa, poderia fazer com que cedessem, mas, pé ante pé, equilibrando-se junto ao centro da espiral, ela subia, chegando ao pavimento superior com uma sensação de alívio sem par.

Podia ser o sol que agora se ocultava atrás de uma nuvem, ou mesmo suas dúvidas acerca de quão corrompido estava aquele mosteiro, mas para Deora as paredes estavam mais escuras, como se guardassem algo de sombrio. Mantendo-se o mais afastada possível, caminhando no centro da passagem inclinada, a jovem finalmente alcançou uma porta de ébano trancada.

Pausando um momento, a precursora encontrou diversos símbolos entalhados na madeira escura, alguns deles totalmente contraditórios. Ou assim interpretava, não totalmente segura de seu entendimento da simbologia monástica única daquele lugar.

Enquanto se mantinha imóvel, percebeu algo de incomum: a maçaneta havia, aparentemente, se movido um pouco — não como se alguém a girasse, mas como se a fechadura tivesse sido deslocada uns dois ou três milímetros. Instintivamente recuou, levando a mão rapidamente ao punho da espada... Embora não rápido o bastante.

A maçaneta transformou-se em uma bocarra cheia de dentes num simples instante, projetando-se adiante como um jorro líquido, quase atingindo a mão de Deora em seu movimento. Surpresa, a precursora jogou seu corpo contra uma das paredes, mas sua espada havia caído quando teve de tirar a mão do caminho daquilo que procurava atingi-la.

Um novo ataque, desta vez do que antes eram as dobradiças daquela porta amaldiçoada, quase atingiu a jovem, que mais uma vez recuou procurando ficar fora do raio de ação da criatura, se realmente era aquilo um ser vivo. Deora olhou ao redor, buscando algo para protegê-la, mas as nuas paredes escuras pareciam ainda mais opressivas, restando como única rota de fuga a escada em espiral.

Mas a jovem não podia arriscar descer por aqueles degraus, e nem ao menos pensava em deixar para trás sua espada, um dos símbolos da Ordem Vermelha. Além disso,

sem sua arma não se julgava capaz de trilhar o caminho da chama, o que tornava sua tarefa ainda mais difícil.

Felizmente, porém, a criatura parecia atrelada ao perímetro em que se encontrava. Contudo, a cada minuto, seu corpo se transformava, revelando a verdadeira forma: no que seria o centro da porta estava agora uma grande boca sobre um olho gigante, unidos por fios que pareciam ser feitos de ouro. O que quer que aquilo fosse, aparentemente estava guardando a passagem com sua própria existência.

E, sem sua espada, Deora jamais chegaria ao seu destino. Mas recuperá-la, no entanto, sem se colocar no raio de ataque da criatura, era improvável.

Improvável, mas não impossível. Tendo tempo de procurar em sua mochila por uma corda e arriscar fazer um laço improvisado, a precursora tentava trazer a espada para mais perto de si. No entanto, toda vez que a corda se aproximava, a bocarra da criatura tentava alcançá-la... Até que, no terceiro arremesso, a criatura conseguiu romper a corda no meio.

Mas Deora pôde se considerar uma afortunada no fim: a criatura perdia segundos preciosos abocanhando o que quer que estivesse em seu alcance, o que permitia à jovem agir alternativamente.

Encontrando em sua mochila um frasco de óleo para lamparina, a precursora se postou no limite ofensivo da criatura e lançou o item para o lado oposto.

Como esperado, a bocarra da criatura moveu-se em direção ao frasco e o consumiu, permitindo que Deora rapidamente alcançasse sua espada e recuasse. De posse de seu estimado aparato de combate, outra ideia passou por sua mente.

Rapidamente buscou por uma tocha em sua mochila e ateou fogo a ela, arremessando-a em seguida.

A bocarra uma vez mais partiu em encalço daquilo que estava em seu alcance, mas não teve tempo de transformar

a tocha em pedaços: tão logo a chama atingiu um pouco do óleo que escorria, uma explosão flamejante ocorreu. Deora protegeu-se como pôde, colocando os braceletes à frente de seu corpo, mas mesmo assim não evitou que parte da criatura em chamas a atingisse, embora sem causar mais que ferimentos superficiais.

Em segundos tudo estava quieto. A criatura se dissolvia como se fos-se feita de algum tipo de líquido viscoso, deixando novas marcas escuras no chão. Sem saber o que aquilo poderia ainda causar, a precursora evitou pisar naqueles restos e atravessou o corredor antes bloqueado.

Diversos aposentos ladeavam o corredor, todos com as portas abertas, possibilitando à jovem vislumbrar mobílias simples. Ao fim do corredor, porém, outra escada em espiral se anunciava, desta vez feita da mesma pedra das paredes.

Não ousando embainhar a espada novamente, Deora subiu os degraus, chegando ao que parecia ser uma espécie de campanário. Um grande sino erguia-se a uma dezena de metros sobre sua cabeça, dele pendendo uma corda gasta e grossa, sendo protegido por uma cúpula de madeira. O restante do pavimento era plano, nem ao menos protegido com paredes grossas, fazendo com que o vento uivasse ao atravessar cada fresta.

Contudo, algo se destacava: numa elevação, um velho se ocupava de misturar ingredientes diversos em um caldeirão. Ele estava de costas para a jovem, trajando vestes que um dia foram vermelhas, mas que estavam puídas como o restante do mosteiro, e balbuciava coisas ininteligíveis, não parecendo ser uma ameaça.

Deora embainhou a espada e se aproximou sem nada dizer. O velho continuava a se mover como louco ao redor do caldeirão... Até que se virou.

Sua face enrugada fazia par com seus cabelos brancos despenteados, mas algo nos seus trajés era vagamente uma paródia das vestimentas cerimoniais da Ordem Vermelha. Num átimo, ele empunhou o objeto que usava

para mexer o conteúdo do caldeirão — em verdade, estava usando um cetro à moda de concha.

—Precursora! — exclamou com uma voz aguda. — Ousas te esgueirar sorratamente sem seguides a correta maneira de se dirigir a um mestre da Ordem Vermelha?

Deora estacou. Então eram aqueles realmente trajes cerimoniais? Mas por que Alexander Craig não havia dito que ela deveria buscar um mestre?

—Não, mestre Vitahi. — prontamente respondeu, um tanto perplexa. — Venho com ordens de te levar uma vez mais a Piros.

—Sabes quem sou, não? — ele a olhou de cima a baixo. — Quem foi que pediu a ti que viesses a mim? Aquela galha Mirhaanna ou o corvo Hanvor? Responde!

—Mestre Alexander Craig solicitou que te buscase, mestre Vitahi. — a face de Deora mal escondia a desaprovação ao modo como ele se referia a quem ela aprendeu a respeitar. — Por favor, acompanha-me.

—E achas que te seguirei? Eu sou um mestre, precursora! É a mim que segues!

Mais uma vez o velho voltou a mexer no caldeirão, como se estivesse preocupado com qualquer panaceia que houvesse em seu interior, mas foi interrompido pela jovem:

—Mestre Vitahi, não posso deixar de cumprir a ordem. Vem comigo.

Uma risada sinistra ecoou quando o velho novamente tomou o cetro em suas mãos e se voltou para Deora.

—Quem pensas que sou, precursora? Achas que abandonei Piros por seguir ordens? Aquela torre não tem mais nada para mim! Sou um servo de Gwyanna!

Ante a menção do nome da deusa da morte e vida, Deora passou a observar mais atentamente os movimentos de Vitahi, sobretudo com relação ao cetro. Ainda assim, a lembrança daquele altar cheio de sangue e as máculas do mosteiro fizeram com que um arrepio passasse pela espinha da precursora.

—E foi cumprindo as vontades de Gwyanna que os sacrifícios foram feitos, mestre?

—Tu respeitas a amada Gwyanna, não? — um sorriso sombrio se formou na face dele. — Então sabes que foi por amor a ela que destruí toda a vida neste mosteiro! E só falta uma! Uma única alma para eu fazer deste lugar um foco da bênção da morte-sempre-viva! Ajudar-me-ás, precursora?

Os olhos de Vitahi brilharam de um modo febril quando novamente empunhou o cetro à maneira de porrete. Ele balbuciava, mas não se restringia a ficar ao redor do caldeirão, descendo agora em direção a Deora.

As palavras de Alexander Craig passaram a ter sentido por completo. O mestre havia lhe solicitado que fosse ao Grande Continente e descobrisse acerca de diversas mortes que estavam ocorrendo numa região ao redor de um mosteiro de Ivorawk. Segundo Craig, um exilado de nome Vitahi poderia saber algo a respeito, pois encontrou na vida monástica seu refúgio. O que não havia sido especulado, porém, era que Vitahi fosse a pessoa por trás das mortes.

—Mestre Vitahi, — disse Deora, desembainhando a espada — guarda teu cetro e poderemos conversar sobre tudo isso.

—Não há o que conversar, precursora! És a última alma! Um sacrifício adicional e tudo terá terminado!

A jovem ergueu sua espada na altura do peito, mas hesitou. Uma coisa era usar o caminho da chama contra criaturas místicas, outra era usá-lo contra um mestre.

A hesitação de Deora não passou despercebida pelo velho, que acelerou seu passo, logo chegando ao mesmo nível que ela, ainda com o cetro em posição ameaçadora.

—Tu não ousarias atingir um velho, precursora. Sejamos sensatos e deixemos que tua vida seja extinta em minhas mãos!

O mestre parou, erguendo o cetro na altura do peito e fechando os olhos. Um sentimento de pavor passou pela

mente de Deora naquele instante, pois a jovem sabia que ele estava prestes a usar o caminho da chama contra ela. Deora sabia como usá-lo, mas nunca pensara em se defender dele, estando agora prestes a ser atingida pela essência do fogo. Se tentasse, talvez pudesse usar sua própria chama contra a dele, mas não podia aceitar a ideia de atacar outro irmão na chama.

Juntando os braços junto ao corpo, mantendo os braceletes à altura dos olhos, tentou conscientemente manipular o vento que soprava. Se pudesse controlá-lo, seria capaz de desviar a chama, mas acreditaria possuir tamanha magia? Ela precisava, mas será que sua crença era suficiente?

Vitahi abriu os olhos e um jato de chamas partiu na direção da jovem. Era maior do que qualquer ataque flamejante que Deora sequer pensava existir, talvez tão grande quanto a baforada de um dragão. E a atingiria em cheio...

...Se o vento não tivesse mudado seu trajeto e a envolvesse, como um escudo abençoado invocado pela própria deusa da natureza, Andora. O jato flamejante atingiu a proteção feita e foi desviado, queimando tudo o que circundava a precursora, abalando até mesmo a estrutura do campanário. Quando ambas as magias cessaram, Deora investiu com sua espada, impedindo que mestre Vitahi pudesse invocar outra.

Apesar da idade, o velho era ágil e um tanto impulsivo, lançando-se a ataques tão fortes que, se fossem esquivados ao invés de aparados, impediriam que ele se defendesse. Mas Deora não tinha tempo de pensar nisso.

No alto do mosteiro em chamas, sob a força de ventos incomuns, os dois duelavam. O chão lutava para não rachar sob a violência do combate e mesmo o sino badalava sob ação da ventania. Vitahi investia, Deora aparava, a precursora estocava, o mestre se defendia... Lutavam com a escada em espiral os separando, subindo a elevação e se

colocando ao lado do caldeirão que balançava, tentando vencer a força do vento que os impelia à beirada...

Numa rajada ainda maior, o campanário em chamas ruiu. O sino, maior que uma carroça, caiu sobre a escada, que também foi abaixo. A onda de choque fez com que o caldeirão virasse, jogando ao chão os restos humanos que nele havia, deixando aquele líquido escorregadio como um obstáculo a mais num cenário de batalha já complicado.

Mas os dois combatentes pouca atenção prestavam a isso, pois a preocupação de cada um se voltava exclusivamente para o outro. Deora, porém, não visava a morte de seu adversário, querendo apenas subjugá-lo para que pudesse levá-lo de volta a Piros. Vitahi, por outro lado, desejava mais um sacrifício para coroar seu insano plano.

O fogo começava a se alastrar, levando os dois duelistas para mais perto de uma das beiradas. A precursora estava com as costas para o que antes tinha sido um parapeito. Desviando e aparando, por um momento percebeu que não poderia dar mais nem um único passo para trás, estando o mestre com a vantagem absoluta.

—Abaixa a espada! — ordenou o velho ainda atacando. — Garanto que tua morte será indolor!

—Nunca! Não será este meu túmulo, mestre Vitahi.

Outra parede ruiu, balançando o chão. Não foi o bastante para que um dos dois perdesse o equilíbrio, mas possibilitou à jovem um instante a mais, suficiente para se concentrar em uma magia.

Teria de ser algo totalmente coincidental, sem qualquer demonstração superior de poder místico, mas Deora sabia o que queria: uma das pedras da parede que ruiu foi trazida mais para perto deles na queda, precisamente atrás do velho.

Vitahi novamente atacou, mas a precursora foi mais rápida em girar seu corpo e tentar perfurá-lo com sua lâmina. O mestre, então, simplesmente deu um passo para trás para evitar o golpe... Tropeçando na pedra trazida pela

jovem e largando o cetro, que rolou até ultrapassar a beirada e cair.

—Está acabado, mestre Vitahi! Teu insano projeto termina agora!

Mas, em meio aos ventos e ao fogo, o velho ainda ria como um louco.

—Mata-me aqui, precursora! — clamou ele. — Só uma morte a mais é preciso! Mata-me! É necessário que a morte seja causada por um iniciado!

Deora olhou ao redor. Não havia como retornar de onde viera, pois nenhuma escada restara. Voltando os olhos para a beirada, porém, vislumbrou árvores grandes cujas copas poderiam amortecer uma queda... Embora um erro parecesse fatal.

Mestre Vitahi tentou se erguer, colocando-se diante da lâmina da jovem, claramente buscando sua própria morte, mas a precursora já havia percebido seu intento e abaixou a arma, mantendo uma distância de três passos.

—Nenhum irmão na chama trará morte a outro hoje, mestre. Que Andora tenha piedade de ti.

—Não!

Deora virou-se e saltou, deixando o velho à própria sorte. O primeiro galho não foi capaz de sustentá-la...

...Nem o segundo.

Mas o terceiro galho aguentou o impulso e se manteve intacto, permitindo que a precursora alcançasse o solo em segurança.

No alto, mestre Vitahi não teve a mesma sorte. Sendo acometido pelas chamas, ele saltou a esmo, caindo sobre uns arbustos com um som surdo. Ainda assim, Deora não pôde sequer se aproximar de seu corpo para verificar se havia algo a ser feito, pois, em seguida, a parede daquele lado finalmente ruiu, caindo, enterrando-o sob os escombros.

A jovem, então, murmurou uma prece silenciosa e deixou o mosteiro em chamas para trás.

## Capítulo 5

—Onde ela está?

A face de Deora estava vermelha, demonstrando sua emoção evidente. Ele nunca havia visto a precursora daquele jeito e isso fez com que se sobressaltasse, embora nenhum dos homens de sua tripulação tenha percebido isso.

—Acalma-te, jovem inominada. — pediu Jeremiah Padron.

— Tudo o que sei é baseado em rumores, mas somente será possível encontrá-la se não nos exaltarmos. Acalma-te.

Deora inspirou profundamente, procurando se controlar. Em seu íntimo, sabia que sua máscara de tutora era a que agora estava usando, mas por mais que desejasse ver sua aluna caminhando por suas próprias pernas jamais imaginou estar Ivoreen envolvida com tudo aquilo.

—Perdoa-me, senhor. Isso não acontecerá outra vez.

Padron sorriu. Seu sorriso era sincero, talvez por saber que sentiria algo semelhante caso um dos membros de sua tripulação tivesse sido capturado daquela maneira.

—Pois bem, meu navio não será de muita ajuda, mas ao menos encurtará tua viagem. A fortaleza de Ram'ul fica a meio dia de jornada, mas mesmo que queiras, não conseguirás atravessar todas as defesas sozinha.

Os detalhes estratégicos fugiam sem que Deora se desse conta, pois o que a atormentava era a sequência dos eventos. Depois de deixar o mosteiro para trás ela retornou para Ivorawk, onde Jeremiah Padron e sua tripulação a aguardavam. Ivoreen, no entanto, não havia sido bem-sucedida em sua missão: pior, fora capturada por homens de Dath e levada à fortaleza de Ram'ul. Contudo, o que a intrigava era que nada de ilegal havia na simples missão de Ivoreen, sendo ela capturada por algo a mais que tenha decidido fazer. A pergunta que não calava, todavia, era: o que havia feito?

—Compreendes o plano? — questionou Padron.

—O quê? — disse Deora ao sair de suas divagações. — Não... Nada disso. Se ela foi capturada há um motivo, e apenas precisamos saber qual foi para buscar sua inocência.

O capitão balançou a cabeça.

—Não creio no que dizes, jovem. Somente criminosos perigosos são enviados a Ram'ul... Onde aguardam por um julgamento sumário. Se tua amiga está na fortaleza como os rumores dizem, de nada adianta questionar as autoridades. E, se bem conheço a justiça daqui, qualquer coisa que digas levantará suspeitas.

—Capitão, eu não posso invadir uma fortaleza militar sozinha. É loucura.

—Loucura é querer o mesmo fim para ti, jovem. Para conde Dath, quem é enviado para Ram'ul já está morto...

A precursora novamente perdeu-se em divagações, mas somente uma linha de ação se mostrava adequada na situação presente:

—Certo, capitão. Leva-me para as costas que banham a fortaleza de Ram'ul.

Chegaram sob o manto da noite, ocultos pelos rochedos irregulares atingidos pelas ondas. Um escaler manejado por dois homens foi levado à água, garantindo à jovem uma passagem segura até a terra, embora a travessia tenha sido muito perigosa devido à necessidade de evitar qualquer meio de iluminação. Segundo Padron, um túnel de dejetos era a entrada mais fácil, pois nenhum guarda se postava ali, mas isso não necessariamente representava ausência de perigos. Porém, Deora sabia que não poderia simplesmente subir a encosta onde Ram'ul se erguia e calmamente solicitar admissão para resgatar sua companheira.

O malcheiroso túnel era estreito e baixo, mas nem tanto a ponto de fazer com que a precursora se agachasse. Procurando não fazer barulho, espada já empunhada, a jovem transpunha a extensão do lugar atenta a qualquer movimento. Depois de uns dez minutos de caminhada,

finalmente, o túnel abruptamente mudou de direção, subindo quase que verticalmente.

Deora sorriu. A presteza de Jeremiah Padron havia sido fundamental: conhecendo os rumores acerca da fortaleza, ele sabia que uma corda com um gancho amarrado a ela seria de extremo auxílio. Retirando de sua mochila o item emprestado, a jovem o lançou o mais alto que podia, enroscando o gancho em alguma haste de metal, e possibilitando que escalasse sem muitos problemas.

A parte mais difícil foi subir pela corda com as mãos nuas. Por mais de uma vez Deora teve de retornar ao solo, embora em nenhuma tenha caído. Quando ultrapassou a corda, a precursora se agarrou a uma escada de metal onde o gancho havia se prendido, podendo subir com facilidade. Ela estava no que acreditava ser o subsolo da fortaleza.

Por mais opressoras que quaisquer narrativas pudessem ter sido, as palavras de Padron não conseguiram preparar a jovem para o que estava diante de seus olhos. Eram seres, não mais homens ou mulheres, que se amontoavam em celas minúsculas, alguns presos a instrumentos de tortura permanentemente acionados. Em muitos a face da morte estava estampada, noutros, a única súplica visível era a de desejar o fim da própria vida para por fim ao tormento. Os guardiões de Ram'ul, porém, pouco pareciam se importar, além de silenciosamente ostentarem uma arrogância sem par: nenhuma sentinela estava visível, como se nenhum ser pudesse escapar dos grilhões da fortaleza.

Deora estava chocada. Não parecia verossímil que mesmo o maior dos crimes devesse ser punido de tal forma, nenhum traço de humanidade restando aos algozes. Isso, porém, fez com que a precursora começasse a se indagar acerca do tamanho do crime cometido por Ivoreen a ponto de terem-na trazido para tão sinistro lugar.

Passos. Subitamente todas as divagações cessaram e a jovem voltou a se concentrar no ambiente que a cercava, sabendo que, se a encontrassem, destino semelhante teria.

Não desejando retornar para o túnel de dejetos, Deora correu para dentro de uma cela vazia, cujas grades, mesmo abertas, aparentavam possuir um esmagador poder de dominação, pois ninguém ousava delas se libertar.

Ou assim pensava.

—Escória! — bradou uma voz pungente. — Observem o destino daqueles que buscam nos afrontar! Abram os olhos e vejam!

Protegida pela sombra, a precursora se esgueirou para olhar mais de perto. Um homem, com muitos anos nas costas, trajando roupas negras e segurando um chicote, arrastava o que parecia ser um dos prisioneiros. Contudo, o arrastado não mais possuía ambas as pernas e um dos braços, sendo apenas toscamente cuidado, como se desejassem somente garantir sua sobrevivência.

—Vejam, escória! É isso o que acontece com quem nos desafia!

E largou-o numa cela próxima, nem se dando ao trabalho de trancá-la, passando então a encarar cada uma das outras celas ameaçadoramente. Quando olhou para a direção onde se encontrava a precursora, porém, ele se demorou um pouco mais. De imediato, Deora prendeu sua respiração enquanto observava a face daquela personificação de crueldade, marcada por uma profunda cicatriz. Os segundos que se seguiram foram tensos, pois a jovem sabia que, se fosse descoberta, não teria um fim muito melhor que os demais...

Mas o terrível algoz desviou o olhar com um resmungo e voltou ao local de onde viera. Até o momento, Deora estava com a sorte ao seu lado.

Julgando estar em segurança, a precursora deixou a penumbra que a protegia. Todavia, ao invés de procurar pela acólita, foi diretamente para a cela daquele que havia sido arrastado sem compaixão alguma. De perto, a situação era pior.

Aqueles não eram curativos, mas somente bandagens embebidas em água salgada, nem de longe capazes de impedir a piora do estado daquele que um dia foi um homem. Mais que depressa a jovem abriu sua mochila e pegou algumas ervas medicinais, contando com seus contínuos estudos acerca das técnicas curativas para poder ajudá-lo de alguma maneira.

Num primeiro momento a reação dele foi de pavor ao ver alguém em sua cela. Isso, no entanto, mudou quando Deora agachou-se ao seu lado com folhas de jília, uma planta com conhecidas propriedades medicinais, nas mãos. Ela, porém, nada dizia enquanto trocava os curativos e tentava empregar magias diversas para assegurar a recuperação daquele sob seus cuidados, numa tentativa surda de trazer um pouco de conforto a quem teria pouco de uma vida pela frente.

A precursora sabia que não havia muito a ser feito, mas ao menos tinha certeza de ter contribuído da melhor maneira possível. Ao terminar, erguendo-se, sorriu e colocou a mochila de volta em suas costas. Antes que pudesse sair, porém, seu tornozelo foi tocado de leve.

—Obrigado, senhora. — disse aquele que tinha sido cuidado. — Jamais esquecerei o que fizeste por mim. Qual teu nome, para que eu possa pedir aos deuses que te protejam?

—Eu sou Deora. — agachou-se de novo. — E tu precisas de descanso, pois teus ferimentos são graves.

—Salvadora Deora, que as bênçãos dos deuses recaiam sobre ti. Há algo, qualquer coisa, que eu possa fazer por ti?

A jovem olhou em volta mais uma vez, apenas para ter certeza de que estavam seguros, e só então sussurrou:

—Procuro uma amiga. Ela deve ser uma recém-chegada aqui, mas não tenho ideia de como encontrá-la. Sabes algo sobre isso?

—Que os deuses dela se apiedem, salvadora Deora... Nenhum recém-chegado é bem tratado aqui, nem mesmo

uma mulher. — ele tossiu um pouco. — Ela deve estar sendo mantida nos níveis superiores, ainda para verificação do tipo de aprisionamento adequado...

—Obrigada. Isso bastará por enquanto.

Ao menos esse era o pensamento da precursora naquele momento. Sem se demorar mais, levantou-se e deixou a cela, cuidando para que aparentemente estivesse do mesmo jeito que antes. Seu próximo passo era tão nítido quanto perigoso: subir as escadas que levavam ao próximo nível.

Silenciosamente, a jovem caminhou por entre as celas, tentando encontrar uma rota alternativa. Sim, as escadas estavam diante de seus olhos, mas era para lá que o algoz de minutos atrás tinha se dirigido. Apesar disso, nada havia como opção diversa, restando encarar seu destino de frente.

As escadas estavam parcamente iluminadas, mas isso não era suficiente para lhe dar a segurança de uma penumbra. As tochas presas às paredes a advertiam, sem palavras, que cedo ou tarde se defrontaria com algum dos sentinelas e isso fez com que novamente desembainhasse sua espada.

Foi um erro.

Mais que prontamente uma figura atônita surgiu no campo de visão de Deora, projetando sua sombra sobre a precursora. Não houve ação, somente reação ao movimento, sendo mais um ato de sobrevivência do que de ataque. Seu oponente podia não saber, mas aquela jovem havia, em segundos, usado sua espada para dar fim a sua vida, fazendo com que tombasse sem emitir som algum.

Deora deixou sua arma descansar, abaixando o braço da lâmina lentamente enquanto observava o corpo aos seus pés. Era um jovem, talvez com seus vinte anos, trajando uma cota de malha de aço sobre roupas negras, morto com uma expressão de surpresa, mal tendo como empunhar uma maça com espigões. Era apenas um guarda cumprindo os deveres de seu ofício, mas também era um inimigo que

podia ter convocado outros para ajudá-lo. Na verdade, pouco importava quem era ele, mas, sim, o que a jovem podia dizer para si mesma para justificar sua morte. E Deora não estava segura de que havia agido de modo totalmente correto.

Limpendo o sangue de sua espada, a precursora retomou seu rumo, subindo as escadas e chegando a um estreito corredor ladeado por diversas portas gradeadas. Ninguém estava visível, mas alguns sons de passos ecoavam ao longe. A jovem tinha de pensar rapidamente, equilibrando sua necessidade premente de encontrar Ivoreen e sua própria segurança, e isso se traduzia em mover-se com celeridade e furtividade. Seguidamente Deora procurou pela acólita olhando com cuidado pelas grades, mas uma vez mais não foi possível encontrá-la. À precursora restava subir mais um lance de escadas, apesar disso tornar sua saída ainda mais difícil.

—Renderás Cedric? — perguntou alguém no alto das escadas.

A jovem ficou imóvel. Ao descerem, com certeza dariam pela falta do companheiro. Isso, contudo, não poderia ser evitado, pois cedo ou tarde alguém teria de perguntar por aquele que respondia pelo nome Cedric. O que faria?

—Sim, ele precisa comer algo. — respondeu outro.

—Ele pode esperar. Preciso de ajuda com a novata... Ela até agora não disse nada.

Uma risada negra foi ouvida em seguida, antecedendo a réplica:

—Eu tenho meios de fazê-la falar. Aquela pele alva vai ser marcada a ferros.

Os passos se afastaram, levando consigo sons metálicos. Deora tinha de agir rapidamente agora, pois os dois a levariam diretamente para onde a acólita se encontrava... Ou assim supunha.

As escadas a levaram para o nível térreo, num grande pátio circundado por muralhas com torretes. Numa rápida

olhada, a precursora identificou diversos homens nas muralhas, mas apenas os dois seguiam no pátio. Era mais uma prova da certeza acerca da impenetrabilidade de Ram'ul e da ausência de insurreição interna.

Os dois entraram em uma pequena construção mal iluminada, fechando a porta atrás de si. Alguns dos guardas acima, que conversavam, pararam para olhar, mas logo voltaram aos afazeres anteriores. Trinta metros separavam Deora daquela edificação, mas o tempo e os guardas das muralhas eram complicadores extremos naquele momento.

Se ao menos os guardas tivessem sua atenção desviada, a precursora teria uma oportunidade. Porém, como fazê-lo sem que todos os olhares se voltassem para ela era a pergunta que a jovem não parava de se fazer.

Num primeiro momento, sua reação inicial foi a de se dirigir para algum ponto sob a muralha que estivesse a meio caminho da construção e ainda protegido pelas sombras. Aproveitando-se da escuridão da noite, Deora conseguiu se mover sem ser vista, mas ainda lhe restavam outros sete metros até o local onde a acólita estava. E esses poucos metros eram cruciais.

—Ivy...

O nome da acólita foi sussurrado quando a precursora a avistou por uma janela aberta. Ela estava com a cabeça abaixada e costas nuas... Deora também conseguia ver os dois que seguira, estando um segurando um chicote e o outro um item similar a um espeto. Ambos ostentavam uma expressão de crueldade jamais vista em ser humano algum, e ansiavam por mais, pois tão logo se aproximaram fizeram o chicote estalar.

Deora nada podia fazer sem que sua presença fosse denunciada e todos aqueles guardas nas muralhas descessem para auxiliar seus camaradas em sua captura. Apesar disso...

—Quem vem lá? — bradou um guarda ao longe.

Para uma torrete junto à muralha oposta diversos guardas convergiram, portando bestas e tochas. Aparentemente alguém se aproximava de Ram'ul à noite, causando alvoroço em toda a defesa da fortaleza. Mesmo um dos que estavam diante da acólita, o que segurava o chicote, resmungou algo para seu companheiro e seguiu na direção da balbúrdia. Era a oportunidade que precisava para agir.

Mais rápido do que supunha poder se mover, a precursora saltou a janela, arma empunhada, colocando-se entre Ivoreen e seu algoz. Desta vez, porém, a surpresa não tomou seu oponente por inteiro, resultando numa investida imediata por parte dele.

Deora, porém, não foi capaz de desviar do golpe, sendo atingida no braço pelo ferro em brasa. Fosse desferido um centímetro acima ou ao lado, com certeza inutilizaria o membro da jovem por um bom tempo, mas seus braceletes estavam no caminho da arma. Recuando instintivamente, Deora estudou seu oponente.

—Ora, escória! — bradou ele, com um sorriso de escárnio na face maculada pela cicatriz. — Venha com tudo o que tem!

Era o mesmo guarda que, há pouco, tinha levado o mutilado prisioneiro para baixo. Sua aparência dizia à jovem que ele não a temia, nem ao menos a respeitava, pois em terreno conhecido estava. Era a arrogância das sentinelas de Ram'ul, cuja fortaleza jamais havia tombado, embora em algum lugar lá fora alguma algazarra estivesse chamando a atenção de dezenas de guardas.

—Nenhum crime merece o castigo infligido por ti, sentinela. — desafiou Deora. — Dize o que esta aqui cometeu para ousares portar um ferro em brasa!

Novamente o outro deixou que seu sádico sorriso se mostrasse.

—Escória! Não se atreva a me dar ordens! Eu sou Barios Iunus, capitão do contingente de Ram'ul!

Atrás da jovem, a acólita gemeu. Havia recobrado a consciência, mas o momento estava longe de ser adequado. Deora a olhou de relance, apenas o suficiente para que pudesse estar certa de que qualquer magia que invocasse seria percebida pela acólita. Isso significava que, por mais que fosse o momento de invocar o caminho da chama, a precursora não poderia fazê-lo sem que sua companheira presenciasse o encanto místico. Apesar de ter o conhecimento, não poderia dele fazer uso.

Isso, no entanto, não havia passado de um simples momento. Encarando seu adversário, ela se pronunciou com majestade:

—E eu sou Deora, de Piros, precursora da Ordem Vermelha. Dobra tua língua antes de te dirigires a mim com tais palavras.

Barios segurou sua arma com mais força ao ouvir aquilo. Já ouvira rumores acerca da confraria de feiticeiros, embora jamais suspeitasse que um dia viria a confrontar um. No entanto, aquilo apenas aguçou ainda mais sua beligerância, pois considerou como adequado à sua coleção de troféus a cabeça de um místico. Sem mais palavra, investiu.

Ivoreen murmurou algo, mas Deora possuía preocupações demais. Preparada para o golpe, a precursora aparou-o com diligência, aproveitando para contra-atacar. Barios girou o corpo e deixou a lâmina acertar o vazio, aproximando-se ainda mais da mística, perto o suficiente para impedir que as armas pudessem ser utilizadas com destreza. Foi assim que, com a mão nua, ele golpeou.

Deora não estava preparada para esse tipo de golpe, sendo atingida na altura do estômago, instintivamente dobrando seu corpo para frente. Barios largou sua arma, agarrando a precursora com ambas as mãos pelo pescoço, desejando estrangulá-la. Num primeiro instante Deora tentou atingi-lo com a espada, mas não conseguiu. Ainda lutando, golpeá-va-o com o punho da arma, mas, sem êxito, deixou que a lâmina caísse.

Desespero. Falta de ar. Visão nublada. Aquele homem a estava erguendo do chão como se ela fosse uma pluma e sentia suas forças apenas se esvaindo. Em sua franca incapacidade de reagir adequadamente, começou a golpear com as mãos a esmo. Atingia o ar, a lateral da cabeça do oponente, sua testa, mas sem efeito algum... Até que, num momento em que tudo parecia perdido, seu bracelete acertou o oponente no meio da face, quebrando seu nariz de imediato. Urrando de dor ele a largou — Deora, como que por obra do acaso, estava livre.

Barios recuou com as mãos junto ao rosto, amaldiçoando a jovem de todas as maneiras conhecidas. A precursora ainda recobrava seu fôlego, mas procurou agir antes de seu adversário, alcançando a espada e trazendo-a junto ao peito dele em seguida. Ela havia vencido.

—Mate-me, escória mística. Complete o trabalho que veio realizar aqui.

Ele ainda se comportava com a arrogância inicial, mesmo sabendo que a peleja havia terminado. Pela mente de Deora passavam pensamentos de dúvida acerca da humanidade que havia restado ao homem diante de si. Mantendo-o sob vigilância constante, a precursora livrou Ivoreen das amarras e, em seguida, fez com que Barios se atasse, cuidando para que os nós jamais pudessem ser desfeitos. Com a acólita apoiada em seu ombro, as duas fugiram na direção das celas.

O tumulto junto às muralhas, porém, tinha encerrado, e os guardas estavam voltando aos seus postos. Sem que percebesse, Deora havia entrado na boca do monstro, sendo avistada por dezenas de sentinelas armados com bestas. Num átimo, ela impeliu a acólita a correr e as duas, desabaladamente, alcançaram as escadas pouco antes de mais de uma dúzia de virotes serem disparados em sua direção.

A acólita gemia e murmurava, como se estivesse sob o efeito de alguma erva alucinógena, mas mesmo assim

conseguia correr desde que lhe fosse indicada a direção. Nenhum guarda foi encontrado pelo caminho, embora muitos estivessem no encalço, impossibilitando qualquer tentativa de planejamento. Por fim, alcançaram o túnel de dejetos, transposto em uma fração do tempo original, chegando então ao escaler que estava esperando no mesmo local.

—Espero que tenha sido fácil para ambas. — disse um dos marinheiros. — Nossos homens acabaram de seguir em direção ao Constelação depois de terem chamado a atenção de todo o contingente junto aos portões. Mas... O que é aquilo?!

Tendo subido na pequena embarcação e se assegurado de que Ivoreen estava acomodada, a precursora se virou. Dúzias de guardas emergiam do túnel de dejetos, carregando tochas, bestas e arcos. Os marinheiros passaram a remar com todas as forças e mesmo Deora invocou uma magia para que o vento lhes fosse favorável, mas em vão devido ao grande número de observadores presentes. Felizmente, porém, estavam já fora de alcance, sendo apenas uma questão de tempo até chegarem ao navio.

Mas as coisas não eram tão simples. Ao longe, a precursora avistou uma balista sendo armada na praia. Uma arma daquelas podia varar facilmente a proa de qualquer navio, dando um fim a tudo aquilo... Para tornar a situação ainda mais complicada, a precursora sabia que estavam mirando o Constelação.

E, então, a balista foi disparada.

## Capítulo 6

—Deora?

A precursora abriu seus olhos com vagar. A sensação familiar de ganho de peso foi a primeira coisa que sentiu, seguida do embaçamento da visão por alguns segundos, apenas o bastante para que, piscando os olhos, tudo parecesse claro novamente. Contudo, apesar de querer evitar, o bocejo furtivo de quem acaba de despertar foi a ação inicial de seu dia.

—Já é de manhã? — perguntou com certo vagar.

—Não, ainda não. — disse uma voz familiar. — Mas o barco já aportou, não sendo adequado nos demorarmos.

A precursora se virou e viu Ivoreen pronta, trajada com as vestes de acólita, rosto limpo e corpo perfumado. Por um instante pensou que ainda estivesse dormindo, sonhando com algo que nunca antes havia ocorrido, mas em seus sonhos as faces sempre passavam em neblina, o que não estava ocorrendo.

—Ivy, o quê...?

—Capitão Padron disse-me que mudou a rota e seguiu para o sudoeste de Vlyn. Estamos há menos de uma hora de Piros, Deora.

A precursora se sentou, tentando colocar os pensamentos em ordem. Depois de fugirem de Ram'ul, escapando de um fulminante disparo de balista por um triz, o Constelação içou as velas e se pôs em marcha. A acólita ainda estava muito mal, sendo acometida de alguns delírios provavelmente causados por alimentos não muito bem preservados que eram servidos aos prisioneiros da terrível fortaleza, impedindo que Deora pudesse questioná-la acerca de qualquer assunto. A noite anterior parecia ter sido pior, praticamente obrigando a precursora a atravessar a madrugada em claro limpando o suor e mantendo os cobertores no lugar, mas, por fim, não foi capaz de lutar contra o sono perdido, desabando em sua cama. Agora,

todavia, Ivoreen estava diante dela, pronta para agir como se nada houvesse ocorrido.

—Ivy, espera um minuto. Ainda precisas me explicar a razão de teres sido aprisionada em Ram'ul...

—Eu te darei as explicações, Deora, no caminho. Não é prudente que nos atrasemos.

Reconhecendo a verdade nas palavras da acólita, pôs-se a se arrumar. Seria possível que mestre Craig estivesse certo? A responsabilidade de cumprir uma missão poderia tornar a acólita uma pessoa mais consciente de seus atos? A precursora não tinha as respostas.

Finalmente prontas, informaram que desembarcariam e, assim, o convés se esvaziou de pronto, temendo os marinheiros serem acometidos de má sorte caso respirassem o perfume de uma mulher no mar. O único que ousou se despedir foi o sempre presente capitão Padron, que fez questão de acompanhá-las até a terra, embora não tivesse descido.

Tendo deixado o Constelação com suas velas desfraldadas ao vento, as duas caminharam em direção ao lugar que podiam chamar de lar. Não tardou até que o alto da torre fosse visto, embora isso tenha feito com que Deora estacasse e pusesse sua mão esquerda sobre o ombro de Ivoreen, interrompendo sua marcha.

—Acólita, não podemos prosseguir sem que eu saiba o que realmente ocorreu lá. Explica como te tornaste prisioneira de Ram'ul antes que nos aproximemos mais.

Tendo sido chamada pelo título, e não pelo nome, Ivoreen percebeu o quão séria era a questão na qual estava envolvida. No meio tempo entre abrir a boca e realmente dizer algo, tudo retornou à sua mente, talvez um pouco desordenado, mas ao menos em sua completude.

—Minhas ordens eram verificar se havia itens místicos na torre de ametistas da família Dath. Agi soturnamente, questionando nas sombras, pois sabia que as mais profundas verdades são ofuscadas pela luz do dia,

chegando à conclusão de que, se realmente havia algo, era um item de menor relevância, como um pergaminho ou poção...

—Menor relevância? — interrompeu Deora. — Acaso sabes que nem mesmo tais itens podem ser criados sem sacrifício?

A acólita abaixou o olhar, percebendo que havia emitido um juízo de valor errôneo. Sim, era certo que não havia nada tão poderoso como armas e armaduras místicas, mas isso não significava que tais itens eram mais importantes. Compreendendo a situação, ela continuou:

—Se havia algo, não era tão poderoso quanto supunha que pudesse ser guardado pela família Dath. Ainda assim, precisava saber se os rumores refletiam a verdade...

A precursora aguardou pela continuação da narrativa, mas em vão. A acólita apertou os lábios e deixou que os olhos a traíssem, evidenciando que algo dera muito errado.

—Ivy? O que aconteceu lá?

Ela suspirou fundo, olhando fixamente para um ponto atrás de Deora. Virando-se, a precursora viu que a outra havia se concentrado em uma borboleta verde que voava a esmo, mais carregada pela brisa do que dominando o próprio deslocar. Quando se voltou novamente para a acólita, pronta a questioná-la, calou-se, pois uma lágrima escorria pela face de Ivoreen.

—Deora, ele me encontrou... Ele estava lá...

—Quem? — indagou a precursora de pronto. — Quem te encontrou?

—Achei que já tinha deixado isso tudo para trás, mas não. Ele ainda queria vingança...

A precursora maternalmente enxugou a lágrima da outra com as costas da mão. Por um momento, Deora acreditava que era essa a coisa certa a fazer, tendo quase certeza de que Mirhaanna agiria assim caso fosse ela quem estivesse chorando. Isso deu a Ivoreen um pouco de segurança,

possibilitando que sua confiança fosse, pouco a pouco, reestabelecida.

—É melhor que conte tudo a ti. O que tenho a dizer remonta a um período que antecede em alguns anos minha chegada à Piros...

Erguendo a mão, a precursora a interrompeu dessa vez. Um dos primeiros ensinamentos de um acólito era que a iniciação era uma morte para a vida pregressa, significando que nenhum de seus atos passados tinha importância para qualquer um dos irmãos na chama. Ivoreen se calou enquanto a mão estava erguida, mas tão logo Deora voltou à posição anterior, ousou continuar:

—Mas preciso dizer! Não posso deixar que pare qualquer dúvida acerca de minha conduta como acólita.

—Não preciso ouvir isso, Ivy. — disse pausadamente a precursora. — Se foi algo do passado...

—Deora, eu tive um filho!

As palavras soaram como um gongo em uma sala pequena, fazendo com que a precursora perdesse o ar por alguns segundos. Sabia que nada do que havia acontecido antes importava... Mas como negar as palavras de Ivoreen?

—Aconteceu anos atrás. Eu devia contar com doze primaveras quando a plantação de minha família sofreu com a estiagem, não tendo condições de sequer pagar as taxas da Coroa. Meu pai estava desesperado, querendo encontrar um comprador para o único cavalo que tínhamos, até que um senhor bem-apeσοado apareceu em casa. De início, ele parecia legitimamente interessado na compra do animal, mas mais e mais olhava em minha direção. Dois dias depois que partiu, um de seus homens veio a meu pai com uma bolsa de dinheiro, sem pedir nada em troca. Em contrapartida, minha mãe fez uma torta de frutas e pediu que eu entregasse...

Ivoreen havia dito tudo de uma vez só, sem tomar fôlego, como se não pudesse guardar mais as palavras dentro de si. Contudo, mais ainda estava por vir.

—Fui recebida com delicadeza, muito bem tratada até. Ele era gentil, educado, e prometeu-me mais do que eu sonhara. Não posso negar que fui, sim, seduzida... Mas apreciei a ideia no começo. O problema foi quando descobri que teria um filho.

Deora se mantinha em silêncio, procurando não esboçar reação alguma. Isso, todavia, passava despercebido pela acólita, que mantinha seu olhar distante, buscando palavras para expressar o que sentia.

—Ele começou a me impedir de sair, nem ao menos podendo me banhar no regato. Estava enclausurada. Quando tive meu filho... Deora, nem pude olhar para o meu filho...

A face de Ivoreen estava coberta de lágrimas. A voz lhe faltava, embora seus lábios tremessem como se estivessem continuando a narrativa. Mesmo assim, de súbito, a acólita abraçou a precursora com força, buscando encontrar em sua irmã na chama um refúgio para as agruras de seu passado. Em seu íntimo, Deora se perguntava o quanto doía guardar tudo aquilo para si. Mas, de uma maneira um tanto egoísta, voltou seu pensamento para seu próprio passado... Ou a falta de identificação com algo em seu passado.

—Isso me fez andar pelo mundo. — continuou ela, após limpar seu rosto com a capa rubra. — E tu sabes parte do que foi minha vida nos últimos anos... Mas não tens a menor ideia de como fui levada a Ram'ul, correto?

Ante o assentimento da precursora, a acólita continuou:

—Bem, eu disse que ele havia me encontrado... Era o pai do meu filho, e não desejava que eu ressurgisse de qualquer maneira em sua vida... Falsamente chamou a guarda de elite do condado de Ivorawk, alegando que eu havia tentado matar a criança que ele cuidava... Acusou-me de querer matar meu filho, Deora... E assim, nem forças tive para me defender, deixando-me levar para longe dali.

Um suspiro longo e uma risada forçada foram tudo o que antecedeu o fim inusitado da narrativa de Ivoreen, deixando

Deora sem saber ao certo como agir:

—Mas, enfim, cá estou... E nós precisamos chegar logo em casa.

Com vagar ela se soltou do abraço, recompondo-se a ponto de, instantes depois, a precursora não mais encontrar traços de tristeza ou choro em sua face. Seus olhos, porém, ainda eram a prova de que muito tempo seria preciso para que as feridas cicatrizassem.

Deora uma vez mais olhou para o topo da torre de Piros. O passado de Ivoreen, em verdade, nada importava à Ordem Vermelha, sendo a narrativa, de certa maneira, totalmente desnecessária... Contudo, ela havia se pronunciado mesmo quando lhe foi dito que não deveria prosseguir. E isso, pensava Deora, era a parte mais importante do discurso da acólita, permeando sua mente enquanto cruzavam os grandes portões.

A precursora sabia o que esperava por ela, agindo de acordo. Deixou suas coisas sobre a cama, banhou-se, almoçou brevemente e, mesmo antes de ser chamada, vestiu o paramento ritualístico. Quando bateram à porta, Deora já estava pronta, rapidamente seguindo aquele que a conduziria para o local onde os mestres estavam.

Para a surpresa da precursora, era para o Salão da Sabedoria que se dirigiam. Tudo, naquele instante, assumiu uma figura diferente, pois a situação envolvia a ritualística da Ordem Vermelha, fazendo com que Deora recapitulasse todos os eventos dos últimos dias a fim de responder satisfatoriamente a quaisquer perguntas a ela dirigidas. Suspirando fundo, lavou a mão por duas vezes e deixou que o acólito que guardava a entrada anunciasse sua chegada.

Lá dentro os mestres se reuniam, acompanhados também por alguns precursores. Os rostos familiares sorriram quando adentrou o lugar, ainda assim mantendo a serenidade de quem estava em meio a uma cerimônia. Sabendo como agir, a precursora caminhou em direção à chama central e se fez anunciar como de costume.

O Grande Mestre fez um aceno indicando à jovem que se postasse junto aos demais precursores, ordem silenciosa seguida de pronto por Deora. Mais uma vez sondou as faces daqueles que a rodeavam, vendo em Alexander Craig um sorriso sincero que lhe era incomum. E foi ele quem primeiro se dirigiu a ela, tão logo o Grande Mestre lhe concedeu a palavra.

—Precursora Deora, a Ordem Vermelha se regozija com teu retorno. — e, sem permitir que suas palavras de boas-vindas fossem sequer assimiladas, continuou. — Conta sobre teu sucesso.

—Mestre Vitahi está morto. — murmúrios pontuaram sua frase, embora ela soubesse que não seria interrompida. — Ele sucumbiu a uma loucura que colocava em risco sua vida e as vidas de quem o cercava, sendo vítima do fogo que purifica. Já Ivoreen...

Mirhaanna ergueu o braço, interrompendo a precursora.

—Ela fez seu relato minutos antes de te chamarmos. Tudo indica que a missão transcorreu sem maiores problemas, mas eras tu quem estava junto dela. A missão foi bem-sucedida?

Deora permaneceu em silêncio, ponderando acerca do que poderia dizer. A verdade, como sempre, era a única resposta possível.

—Estritamente falando da missão, sim, ela teve sucesso.

Dessa vez foi Hanvor quem se manifestou:

—Isso significa que ela falhou em algum outro ponto, Deora? Não a estás julgando com muita severidade ao buscares um ponto que a desabone?

—Grande Mestre, a acólita Ivoreen ainda é incapaz de obedecer as mais simples ordens. E isso não ocorreu apenas uma vez.

O sorriso de Craig se desvaneceu por completo, dando lugar à face de mármore que Deora conhecia bem.

—Estávamos considerando a hipótese de conceder o grau de precursora a Ivoreen. — disse ele. — Teu discurso vem

na direção contrária, fazendo com que reconsideremos... Se te fosses dado direito a voto, votarias contra?

Todos os olhares estavam voltados para a jovem. Em momento algum ela pensou que dizer a verdade poderia impedir que Ivoreen alcançasse o grau que tanto queria, decidindo, então, se esquivar da resposta.

—Apenas os mestres têm direito a voto. Não me cabe dizer nada.

—Se te fosses dado o direito, precursora, — insistiu Craig — o que diria?

—Eu nada poderia dizer, pois meus sentimentos poderiam interferir em minha decisão.

Desta vez foi Mirhaanna quem ergueu a voz:

—Um dia, se assim os deuses desejarem, serás mestra, Deora. E terás de se pronunciar. O que farás quando esse dia chegar?

—Quando esse dia chegar, — rapidamente interveio a precursora. — encararei a situação com toda a responsabilidade que me caberá.

—E se hoje fosse esse dia?

Com um suspiro, sabendo que em momento algum desistiriam de pressioná-la, ela cedeu:

—Eu votaria contra. Ivoreen deve permanecer acólita.

Os mestres se entreolharam, conversando silenciosamente. Deora sabia que havia selado o destino de sua tutelada e que, em parte, isso era sua culpa. Se tivesse sido mais dura nos ensinamentos, cobrado mais de Ivoreen, insistido... Mas nada disso poderia ser tido como sentença da desobediência da acólita.

—Isso será decidido depois, meus irmãos. — novamente Hanvor se manifestou. — Há algo ainda maior em importância que deve ser discutido... O Conselho da Ordem Vermelha se reunirá agora.

Nada mais precisava ser dito, embora mesmo os mestres tenham trocado olhares de surpresa. O Conselho da Ordem Vermelha era composto apenas pelo Grande Mestre e pelos

mestres com assento nos tronos do Salão da Sabedoria, sendo apenas convocado em situações de relevância extrema. Na verdade, Deora nunca tinha ouvido falar de qualquer convocação do Conselho, mesmo no período que antecedeu sua iniciação. Isso, contudo, era apenas uma réstia de pensamento enquanto ela, os demais precursores e alguns mestres deixavam o Salão da Sabedoria, cerrando a entrada atrás de si.

Era, porém, dever de quem estava lá dentro servir de sentinela, assegurando que a reunião jamais pudesse ser interrompida. Deora nunca antes havia ocupado o posto de sentinela e, após uma rápida conversa com seus pares, postou-se com a espada desembainhada.

Os passos de seus irmãos na chama ecoaram por mais alguns instantes antes que o silêncio absoluto reinasse. A precursora aguçou os instintos, sempre mantendo a espada segura diante de si, procurando identificar qualquer intruso. Sim, era um tanto paranoica a situação, mas outros antes dela haviam relatado sensações similares. Toda sombra parecia esconder algo, como se fossem imbuídas de alguma essência mística desconhecida. Todo sibilar do vento parecia trazer um inimigo, como se entidades feitas de puro ar estivessem presentes. E então, revolta.

Gritos de protesto ecoaram de dentro do Salão da Sabedoria. Nada era inteligível, mas era certo que uma discussão acalorada estava ocorrendo. Deora procurava não se concentrar naquilo, focando sua mente na tarefa proposta — guardar a entrada somente. Mas não era algo fácil de fazer. Por fim, postou-se próxima à entrada, quase colando suas costas junto à madeira, dividindo sua atenção entre a guarda e a curiosidade.

Por mais que evitasse ouvir, os gritos começaram a se fazer claros. Aparentemente todos discordavam de algo que havia sido proposto, mas a jovem ainda não sabia ao certo o que poderia ser, ignorando a razão da balbúrdia incomum. Antes que pudesse descobrir o que havia, a precursora

ouviu passos subindo as escadas, rapidamente passando a uma postura mais diligente como se nada estivesse ocorrendo no Salão da Sabedoria.

—Quem se aproxima sem permissão? — indagou resoluta.

—Deora! — exclamou uma voz conhecida. — É bom te encontrar aqui!

Era Ivoreen quem vinha, largo sorriso no rosto, trajes de acólita impecáveis. O sorriso, porém, cessou quando a precursora apontou a espada, sendo substituído pelo espanto de quem esperava algo mais caloroso como recepção. A jovem estacou e afastou ligeiramente as mãos, palmas espalmadas, na postura usual de quem nada tem a oferecer de ameaça. Mesmo assim, nenhum passo a mais em direção ao Salão da Sabedoria foi dado.

—Retorna de onde vieste, acólita. — falou a precursora com voz firme. — Este não é o momento para conversarmos.

Ivoreen assentiu e, sem mais palavra, girou nos calcanhares. Deora se perguntou por um instante se havia sido dura demais, mas em seguida ouviu mais agitação vinda do local que guardava como se em resposta a sua dúvida silenciosa. Novamente, então, postou-se em guarda e permaneceu atenta...

...Até que o Salão da Sabedoria foi aberto. Subitamente a precursora se voltou, dando passagem para o Grande Mestre que, seguido por Alexander Craig, deixava os outros para trás. Usualmente um dos que participavam do ritual guardava a parte interna do Salão da Sabedoria e era por meio desse que se comunicava à sentinela que os rituais haviam se encerrado. Contudo, nenhuma comunicação foi feita e, diante de Deora, Hanvor e Craig passavam sem nada dizer. De dentro do Salão da Sabedoria, porém, uma voz ainda ecoou:

—Isto não pode ser decidido assim, Hanvor! Não está certo!

O Grande Mestre fez ouvidos moucos e continuou resolutamente. A precursora assistia a tudo um tanto aturdida, mas logo foi trazida de volta da imensidão de seus pensamentos quando a voz de Mirhaanna se fez ouvir:

—Informem à sentinela que os trabalhos foram encerrados.

Ao menos a mestra ainda fazia com que o ritual fosse cumprido. Ante a sua ordem, um dos mestres se voltou para Deora, fez a comunicação costumeira e as portas foram adequadamente abertas. Quando a precursora se postou de lado, espada abaixada, Mirhaanna liderou a saída dos mestres e os rituais findaram.

Mas não havia tempo para sequer indagar algo, pois cabia à sentinela, também, a verificação do Salão da Sabedoria para que tudo estivesse em ordem. Cumprindo diligentemente com seus deveres, Deora caminhou sozinha em direção à chama central e contemplou.

Tudo estava em seu lugar, nada havendo para arrumar, mas algo lhe dizia que certas palavras que há pouco tinham sido ditas podiam ter colocado tudo fora de ordem. Tais palavras, contudo, poderiam jamais ser do conhecimento da precursora.

—Deora?

A precursora se virou, embainhando a espada. Seus deveres como sentinela haviam encerrado, não mais lhe cabendo guardar o lugar, e isso lhe permitiu sorrir.

—Podes falar agora, Ivoreen. Os mestres já encerraram os rituais.

A acólita aguardou até que Deora fechasse o Salão da Sabedoria antes de continuar:

—Todos os mestres estavam aqui? Algo de muito importante estava acontecendo, não é?

—Sabes muito bem que não posso comentar nada.

—Tua resposta já me diz muito, Deora. Eu passei por alguns mestres no caminho e eles comentavam algo em

sussurros. Neste momento toda a Ordem Vermelha sabe que algo de extrema relevância estava ocorrendo.

—São apenas conjecturas. Não cabe a ninguém especular e, se julgarem apropriado, os mestres irão nos comunicar...

—Será que falavam de nossa jornada ao Grande Continente? — perguntou a jovem cheia de animação.

—Não esperas que eu, dentre todos, comece a conjecturar, não é, minha irmã?

Ivoreen sorriu enquanto encarava a precursora, respondendo-lhe com um tom de quem acredita estar correto:

—Toda a realidade é primeiro imaginada e então transformada!

Deora compartilhou do mesmo sorriso, crendo que a acólita estava começando a se aperfeiçoar nos estudos.

—Não vou trilhar por tais caminhos, Ivoreen, embora reconheça que estás certa. Deixemos que o tempo fale por si.

As duas seguiram para os níveis inferiores da Torre de Piros, voltando aos seus deveres tradicionais. Quando caiu a noite, porém, Deora foi chamada aos aposentos de Mirhaanna.

A mestra estava de costas, olhando algo pela janela, contemplativa. Por algum motivo, ainda trajava toda o paramento de mestra, mesmo tendo os rituais terminado há muito, e isso causou estranheza à precursora, embora ela nada tivesse dito.

—Fique à vontade, criança.

Deora ainda permanecia em silêncio, fechando a porta, consciente de que algo não estava certo. Vasculhando ao redor tudo parecia absolutamente normal.

—Não quer se sentar?

A precursora caminhou em direção a uma poltrona, mas estacou. Todos os seus sentidos lhe diziam que Mirhaanna estava preocupada, mas que não queria transparecer nada.

—Sei que algo a atormenta, mestra. — disse baixinho. — Sabe que pode contar comigo.

Uma risada curta foi tudo o que conseguiu de Mirhaanna. Todavia, era um começo.

—Criança, está vendo aqueles dois pontos de luz ao longe?

A mestra havia esticado o braço esquerdo, apontando para duas bruxuleantes luzes que se afastavam de Piros. Deora se aproximou e pôde claramente ver tochas carregadas por dois indivíduos diferentes, caminhando em direção ao norte, como se buscassem alcançar a vila de Mitarna.

—Sim, mestra. Parecem ser irmãos que partem para alguma missão, como as muitas que fazemos pela Ordem Vermelha.

—Podemos dizer que estão em missão, sim. Mas, por favor, não me chame de mestra, criança.

—Por que, Mirhaanna? — perguntou, espantada.

Finalmente, dando as costas para a janela, ela se virou para Deora. Sua face estava grave, as mechas brancas mais à mostra que o normal, mas nada disso importava. Os olhos da precursora ficaram fixos, por um instante, no medalhão junto ao peito, algo que Deora jamais pensou ver em outra pessoa que não Hanvor.

—Porque hoje, precursora, tornei-me Grande Mestra da Ordem Vermelha.

Podia ser apenas impressão, mas o medalhão de Grande Mestre parecia ter brilhado ante os olhos de Deora. Contudo, ela tentava encontrar o porquê disso tudo.

—Os dois que se afastam, — continuou. — são os mestres Hanvor e Craig. Eles não mais retornarão a Piros.

—Mas...

—Não lhe cabe questionar, criança. Em verdade, nem ao menos eu pude ter todas as dúvidas esclarecidas. Enfim, há algo que precisamos ainda fazer pela Ordem Vermelha.

—Grande Mestra? — perguntou Deora com certa deferência.

Mirhaanna volveu os olhos para a janela, mas as tochas não mais podiam ser vistas ao longe. Deixando que um sorriso se desvanecesse, ela respondeu:

—De hoje em diante ocuparei o trono de Hiljam no Salão da Sabedoria. O trono de Andora está vago, e precisa ser ocupado, pois assim rezam os rituais... Apesar de achar que ainda é cedo, não vejo precursora mais qualificada para se sentar sob a proteção de Andora.

A Grande Mestra colocou as mãos sobre os ombros de Deora, aguardando por uma resposta, ao mesmo tempo em que buscava encorajá-la com o olhar.

—Eu... Não posso. Somente os mestres podem ocupar os tronos. Nenhum precursor...

O sorriso de Mirhaanna aumentou, assim como a pressão sobre os ombros de Deora. Num instante, a precursora percebeu o que a Grande Mestra tentava lhe dizer.

—Mestra, eu?!

—Sim.

—Mas...

—Foi uma das últimas coisas que Hanvor me fez prometer que faria. Eu sei que é cedo, mas tenho certeza de que seu empenho compensará sua falta de conhecimento atual... Mas não há muito que separe um precursor de um mestre, criança.

—Hanvor queria que eu fosse mestra?

—Ele sempre a julgou mais que qualificada.

—O que devo dizer?

—Que vai pensar no assunto. Os deveres de um mestre da Ordem Vermelha são fardos que cada um deve decidir, por si só, se valem à pena serem carregados. Amanhã aguardarei por sua resposta.

Os olhos de Deora brilharam enquanto vislumbrava as possibilidades. Ser agraciada com o título de mestra era algo que há muito buscava, mas queria alcançá-lo por seu

mérito e não porque uma vaga precisava ser preenchida. Entretanto, começava a se perguntar se estava à altura de recusar um pedido feito por Hanvor. E isso, tinha certeza, não poderia ocorrer. Ainda assim, quando abriu a boca para responder, Mirhaanna a abraçou ternamente e indicou a porta. Apenas a chegada da manhã poderia anunciar uma resposta.

Já em seus aposentos, Deora sentou-se na beirada da cama, olhando pela janela, buscando encontrar na estrela de âmbar uma resposta. A noite, porém, estava escura, como se dezenas de nuvens tomassem os céus, e nada pôde ser visto. A precursora atentamente focou o olhar, tentando discernir algo em meio ao breu, mas encontrou pouco, além da silhueta dos montes ao longe. Essa busca por algo, porém, parecia tão representativo de sua situação atual quanto o mais direto ritual.

Mestra da Ordem Vermelha. O que antes parecia o sonho distante de uma acólita tornava-se hoje uma realidade possível. Acreditava estar pronta, e saber que Hanvor a apoiava tornava sua decisão ainda mais fácil. Contudo, o fato de Craig e ele terem partido tão repentinamente a forçava a uma ponderação inquietante.

Mas enquanto tentava entender a razão disso tudo, o sono silenciosamente a enlaçou, tragando-a para a quietude dos justos. Para Deora foi como se apenas um instante tivesse passado, pois acordou de sobressalto sem se dar conta que havia adormecido e que o sol já despontava no horizonte.

Com um senso de urgência, a precursora se levantou e se banhou, arrumando os cabelos, antes de vestir o paramento ritualístico próprio de seu cargo. Pronta para sair, ainda com a mão na maçaneta da porta, volveu os olhos uma vez mais por seus aposentos, apenas para se assegurar de que tudo estava em seu lugar. Foi somente então que notou um pergaminho preso por uma seta em sua mesa de meditação. Imediatamente se pôs em movimento e

verificou o que havia naquilo, atestando ser uma mensagem simples da Grande Mestra Mirhaanna, dizendo-lhe que os mestres da Ordem Vermelha a aguardavam no Salão da Sabedoria.

Temendo estar atrasada, Deora partiu sem ao menos reler o que havia no pergaminho. Passos largos a levaram escada acima, e uma rápida corrida a colocou diante do sagrado local de reuniões de Piros, cuja entrada estava intrigantemente aberta. Todavia, algo mais estava estranho, pois num primeiro olhar o Salão da Sabedoria estava vazio, o que poderia significar que a jovem havia perdido a ocasião de falar acerca de sua elevação ao grau de mestra. Isso, porém, não a impediu de cruzar os portões e ver o que havia no interior do lugar.

—Deora? O que fazes aqui?

A voz de Tehn era única. O precursor de meia-idade podia ter recebido grandes honrarias das cortes se tivesse enveredado pelo caminho artístico, mas a magia tinha sido seu primeiro amor e última perdição. Ele trajava o paramento completo e se sentava no trono de Val'ys com certo deleite, como se julgasse estar no lugar certo, mas seu aparente sorriso não escondia sua surpresa ao ver a jovem no Salão da Sabedoria.

—Tehn, meu irmão na chama, eu fui chamada aqui. — disse ao se aproximar e fazer o cumprimento costumeiro. — O que fazes tu? Foste também chamado?

O precursor cofiou o bigode e ergueu-se, meio sem jeito, ao retribuir o cumprimento, pois decerto não esperava encontrar outro precursor. Ajeitando sua vestimenta, respondeu:

—A Grande Mestra me convocou, dizendo que os mestres me aguardavam aqui...

—Desculpem o atraso, maestr... — disse uma terceira pessoa. — Por Hiljam!

Deora e Tehn viraram-se ao mesmo tempo na direção de quem chegava. Também trajando o paramento de precursor,

o jovem e robusto Kallop se deixou trair por uma surpresa ainda maior que a de Tehn.

—O que fazeis aqui, meus irmãos na chama? — perguntou um tanto confuso. — Acredito que um ritual terá início em breve...

—Fomos chamados também, Kallop. — adiantou-se a precursora. — Parece que a Grande Mestra nos reservou algumas surpresas, afinal.

Um silêncio desconfortável pairou sobre os três, mas apenas por alguns segundos, pois rapidamente perceberam que somente lhes restava esperar. Porém, a espera uma vez mais seria interrompida.

—Deora, Kallop, Tehn? Estais presentes?

Desta vez foi a jovem quem se surpreendeu, pois há muito não via aquela que chegava. Mestra Lufya era uma profunda conhecedora das ciências dos astros e uma das mais renomadas místicas de Piros, mas também tão reclusa quanto sábia. Os trajes de mestra lhe cabiam perfeitamente e o bastão que carregava onde quer que fosse, entalhado com símbolos astrológicos, dava-lhe um ar de mistério, como se aparentasse sempre saber algo sobre alguém. Deora jamais teve oportunidade de conversar com ela, pois nas poucas vezes em que tentou se dirigir ao topo da torre havia encontrado o acesso fechado. Lufya estava constantemente se aprofundando em algum estudo sigiloso.

—Mestra, — adiantou-se Deora. — fomos chamados ao Salão da Sabedoria, embora nenhum de nós soubesse que encontraríamos alguém além dos mestres aqui...

—Basta, minha irmã. — interrompeu Lufya com sua voz ácida. — Fui eu quem secretamente enviei as mensagens, a pedido da Grande Mestra. Ela irá nos encontrar em breve.

—Mas qual a razão disso tudo? — questionou Kallop.

—Eu disse — frisou Lufya rispidamente. — que a Grande Mestra nos encontrará. Há alguma dúvida, precursor?

Kallop abaixou a cabeça, mas foi Deora quem talvez tivesse sofrido o maior golpe. Há tempos queria encontrar a

*mestra dos astros*, forma pela qual alguns chamavam Lufya... Mas agora que ela surgia, a precursora pôde ver que por trás de tanto conhecimento se escondia uma mulher amarga, talvez mais à vontade com as estrelas do que com as pessoas.

—E tu, Deora? — perguntou Lufya com desdém, apontando para a precursora. — Sabes o porquê de eu nunca traçar teu caminho do nascimento até hoje? Porque ninguém sabe quando nasceste! Não seria isso uma artimanha para ocultar teu passado de nós? Será que não te recordas mesmo de nada?

Deora ergueu os olhos com certa mágoa por ter sua palavra questionada por uma irmã na chama e se preparou para responder à altura. Outra voz, todavia, fez-se ouvir.

—Posso te garantir que a precursora não tem memória alguma de seu passado distante, mestra Lufya.

Mirhaanna chegava, carregando no peito o medalhão de Grande Mestra. Sua voz era tão calma quanto à brisa, mas ainda assim detinha certa autoridade que poucos seriam capazes de questionar. Até mesmo Lufya abaixou a cabeça em respeito e lhe deu passagem.

—Muito bem, meus irmãos na chama, — continuou Mirhaanna. — agradeço-vos por terem respondido tão prontamente. Acredito, porém, que devemos nos sentar junto à chama central para que possamos dar início às discussões...

Procurando formar um hexágono, tendo como um dos vértices a chama que nunca se apaga, os cinco sentaram-se em silêncio, permitindo que a harmonia do lugar os unisse em espírito. Dando-se por satisfeita, a Grande Mestra prosseguiu, procurando olhar nos olhos de cada um deles:

—Eu vos chamei aqui, meus irmãos, porque os tronos de Andora e Val'ys estão vazios. Durante os mais importantes rituais, é preciso que sejam sempre ocupados, mas não encontramos ainda em Piros aqueles cujas virtudes sejam tamanhas a ponto de considerarmos como justa e certa sua

ocupação por um determinado irmão. Vós quatro tereis a oportunidade de mostrar vossos talentos e vos assegurar um assento no Salão da Sabedoria.

—Mas apenas um mestre pode nos tronos se sentar! — exclamou Lufya, erguendo a voz mais do que se esperava diante da Grande Mestra.

—Sim, essa é a verdade, minha irmã. — continuou Mirhaanna sem se afetar. — Para tanto, considero válidos os empenhos destes precursores em suas buscas individuais por conhecimento e acredito que, se forem valorosos o bastante, cada um deles pode realmente ser elevado a mestre da Ordem Vermelha.

—Ainda assim, só há dois tronos livres. — novamente se manifestou Lufya.

Mirhaanna suspirou longamente e somente após estar certa de que havia escolhido as palavras e o momento adequados, disse:

—És mestra, Lufya, e não há consenso sobre ter precedência aqui. Outros mestres consideraram estes precursores tão aptos quanto tens te mostrado. Portanto, minha irmã, faze mais uso das duas orelhas que da única boca.

Silêncio. A Grande Mestra havia falado, colocando um fim às questões de hierarquia naquele momento, equiparando os três precursores à única mestra presente. Deora sentia que Mirhaanna havia feito o certo, Tehn acreditava que a Grande Mestra havia exagerado, e Kallop ria por dentro. Todos, contudo, não demonstraram nem uma réstia de seus pensamentos, como se estivessem envoltos por um ar de placidez.

A Grande Mestra, porém, ainda não havia terminado:

—Agora, meus irmãos na chama, o que tenho a vos dizer requererá toda a vossa atenção...

## Capítulo 7

—Encontraste algo, Deora?

Os quatro tinham ouvido as palavras de Mirhaanna com extremo cuidado, buscando compreender todos os pormenores da missão que lhes fora destinada. Em sua essência era algo simples: encontrar a mais bela flor que pudesse existir em Piros. Entretanto, a Grande Mestra os havia advertido que a flor não estava ao alcance dos olhos, embora tal enigmático conselho não fosse explicado em maiores detalhes.

Se não estava ao alcance dos olhos, onde estaria? Certo era que não nos jardins, nem ao menos nas obras de arte. Dessa maneira, empenharam-se os quatro numa busca frenética na biblioteca da torre, tentando encontrar alguma pista no meio das centenas de livros e pergaminhos.

—Nada aqui. — respondeu a jovem por detrás de uma pilha de livros. — Algo aí, Kallop?

Resmungando ao virar cada página do enorme tomo, o robusto precursor deu de ombros, como se nem ao menos soubesse o que procurar. Ao lado dele, Tehn virava páginas de dois livros ao mesmo tempo, um tanto ansioso, embora seu sorriso denotasse que estava apreciando a tarefa.

Lufya, porém, estava longe dos três, procurando apenas em tomos cujo conteúdo era restrito aos mestres, recusando-se a olhar outros livros.

—Acho que encontrei... — disse Tehn, erguendo um livro pesado.

Deora e Kallop mais que depressa se aproximaram, colocando-se logo atrás do outro precursor, que apontava orgulhoso para uma passagem no livro. A mestra, por outro lado, apenas ergueu uma sobrancelha e pausou sua leitura por um instante, prestando ligeira atenção nos três.

—Aqui... — continuou Tehn. — A mais bela flor nasce da semente desta planta, e é tão bela quanto à virtude de

quem dela cuida... Duas sementes diferentes jamais resultarão em flores iguais...

—A veraídeya é apenas uma lenda! — exclamou Lufya, já se levantando. — Não acredito que partireis em busca de uma lenda.

Deora deu um passo à frente e retrucou no mesmo tom:

—Não vou ficar parada, mestra, esperando que a mais bela flor chegue até mim, pois isso não vai acontecer. Prefiro ter a esperança de lendas à certeza da inação.

Tehn levou o dedo aos lábios, lembrando-as de que estavam em um local de silêncio. As duas se acalmaram e voltaram sua atenção para o livro, embora vez ou outra Lufya ainda olhasse para a precursora sorrateiramente.

—Onde podemos encontrar essas veraídeyas? — perguntou Kallop, quebrando o silêncio.

—Não há muito aqui. — respondeu Tehn. — Os escritos mencionam rios subterrâneos, câmaras escuras... Mas não há nada disso aqui em Piros...

Ao ouvir isso, Lufya imediatamente sorriu. Kallop, todavia, estava atento.

—Queres compartilhar conosco teu pensamentos, mestra? — perguntou ele.

Todas as atenções se voltaram para Lufya, que aparentou sentir-se traída por si mesma, como se revelasse mais do que desejava. Contudo, ela não podia se esquivar de dizer o que tinha em mente sob pena de passar a não ser mais digna de confiança perante os três precursores.

—Piros tem rios subterrâneos. Ficam sob os jardins e podem ser alcançados por meio de escadas pouco utilizadas.

—Partamos imediatamente. — sugeriu Deora, empilhando seus livros de maneira a facilitar o trabalho dos acólitos que os guardavam em seus respectivos lugares.

—Não tão rápido, precursora. — disse Lufya. — Precisamos aguardar até que a noite caia, pois durante o dia as galerias subterrâneas estão tomadas pela água.

Deveis me encontrar quando as sentinelas acenderem as tochas noturnas, pois só então eu vos levarei.

—Como podemos confiar em ti? — perguntou Kallop sem pensar.

Tehn e Deora severamente o repreenderam com o olhar. Era possível que não confiassem suas vidas a Lufya, mas era mestra da Ordem Vermelha, alguém que havia acumulado conhecimentos ao longo de anos servindo Piros. O que Kallop havia feito era uma falta grave e passível de punição.

Lufya ficou vermelha. Sua respiração pesada, entrecortada, mas um suspiro pôs fim a tudo. Olhando devagar para o precursor que a desafiara, a mestra simplesmente enunciou:

—Diante de meus aposentos, quando a primeira tocha da noite for acesa. Agora, com vossa licença...

Sem mais palavra, a mestra deixou a biblioteca, esbarrando não tão sem querer em Kallop. Um silêncio desconfortável pairou sobre os três precursores, prolongando-se mais do que o suportável. Não muito depois Tehn deixou a biblioteca, sendo seguido por Deora que apenas esperou ter acabado de guardar os livros pesquisados, deixando Kallop só. Contudo, algo dizia à jovem que o precursor não julgava errado a pergunta destruturadora feita.

Sabendo que teria algumas horas livres ainda pela frente, Deora dirigiu-se para o salão comunal. A maior parte dos irmãos havia já terminado sua refeição, estando o lugar praticamente vazio, permitindo à jovem se sentar numa cadeira junto a uma janela.

—Deora?

A voz alegre de Ivoreen era inconfundível e muito bem-vinda em meio a todo o turbilhão de emoções que envolvia a precursora. Por alguns momentos, poderia esquecer tanto o fato de estar em busca de uma flor de beleza inigualável como da possibilidade de se tornar...

—Mestra? É verdade que podes ser elevada a mestra, Deora?

Suspiro. A precursora se ajeitou na cadeira e encarou a acólita com um ar de cansaço.

—Não adiantaria negar, não é? Nem ousa te indagar quem te disse tal coisa, mas mesmo assim te confesso que um dia cederei à minha curiosidade.

—É fantástico, Deora! Eu sei o quanto batalhaste...

—Mas não nos apressemos, sim? — disse a precursora enquanto colocava o braço direito sobre o ombro da acólita.

— Ainda há provas a serem superadas, embora eu não saiba quantas ou quais ainda me restem.

A aluna sorriu timidamente.

—Assim como eu não sei que provas me esperam...

Deora tentou compartilhar do mesmo sorriso, mas não conseguiu —de certa maneira, considerava-se culpada por Ivoreen ainda não ser uma precursora.

—Algumas, Ivy. — comentou erguendo-se. — Não mais que algumas.

Aceitando aquilo como o fim da conversa, a acólita se despediu da maneira usual e deixou o salão comunal para trás. Deora, por sua vez, seguiu em direção ao jardim, desejando desfrutar da companhia silenciosa da flora.

Em meio ao pouco de natureza preservada em Piros, a precursora passou a se sentir mais acolhida. Sem questões, sem buscas por conhecimento, sem lutas... Somente o farfalhar das folhas ao vento, o canto de alguns furtivos pássaros e a suave relva. Refletindo um pouco, Deora se viu como o jardim da torre, lutando para ser livre. Contudo, diferentemente dele, a precursora tinha ultrapassado as muralhas de Piros e conhecido o Grande Continente, algo que nem mesmo a mais fugaz semente daquele lugar conseguiria fazer.

Deora fechou os olhos por um minuto ou dois, deixando-se levar pelo ritmo inconstante do vento...

Trovão.

A precursora se assustou com o estrondo, olhando ao redor com ligeira preocupação. O céu, antes claro, estava tomado por nuvens cinzentas, arautas de tempestades, causadoras de naufrágios...

Náufraga. A lembrança das areias de Mitarna veio à tona novamente e, com ela, sua própria jornada que culminou com sua aceitação em Piros...

Trovão. Chuva.

Pingos grossos desceram de uma só vez. Deora correu para debaixo de uma árvore, mas logo percebeu que sua copa não impediria que a chuva a atingisse. Voltando o olhar para a porta que conduzia ao jardim, não foi difícil perceber que aqueles vinte metros seriam longos o bastante para que ficasse encharcada. Ficar ali, porém, seria pior, pois apenas adiaria o inevitável.

Relâmpago. Trovão.

Uma alternativa era o que a precursora buscava naquele instante. A chuva começava a envergar as folhas mais finas e logo também o faria com as mais resistentes, impelindo Deora a encontrar uma solução iminente. Como se a natureza quisesse que a precursora se apressasse, o vento começou a soprar com mais vigor, quase rugindo. A jovem, então, pressionou suas costas contra a árvore e pôde, finalmente, vislumbrar uma saída: em meio a uma passagem pouco utilizada, uma porta gradeada escondia uma luz bruxuleante, tendo seu caminho protegido por seixos baixos. Se a precursora fosse rápida o bastante, alcançaria a porta em segundos... Mas isso de nada adiantaria caso uma tranca se fizesse presente.

Deora não podia se deixar abalar pela possibilidade de ser barrada ali. Afinal, era apenas uma conjectura, nada havendo de certo, e isso foi suficiente para que corresse agachada, alcançasse a porta gradeada e tentasse a maçaneta.

Com um clique, ela abriu. Protegida, a precursora passou a mão pelos seus cabelos, enxugando um pouco da chuva,

e fechou a porta gradeada, observando o lugar onde estava. Algo lhe dizia, porém, que aquele era um local cujo acesso não era permitido a precursores.

O corredor de pedra escura era perfeitamente escavado em uma rocha única, como se aquela fosse a entrada de uma caverna. Filetes de água escorriam pelas paredes, criando veios vívidos, feito artérias pulsantes, e, ao fim, uma vela jazia acesa em uma alcova.

A jovem procurava evitar as poças de água, caminhando devagar em direção à vela. O brilho da chama era quase hipnótico, conduzindo a precursora por aquele caminho desconhecido. Entretanto, o que chamava a atenção de Deora não era o simples fato de a vela estar acesa naquele lugar remoto e, até então, ignorado por ela, mas o modo como, apesar da brisa fria que soprava e balançava a chama, nenhuma gota de cera escorria pela lateral.

Já estava diante da vela, tão perto que poderia tocá-la, sentindo o calor aconchegante que a remetia às horas de meditação.

—Magia...

A palavra sussurrada dizia tudo. A jovem imediatamente olhou ao redor, buscando encontrar algum irmão na chama escondido, mas não viu sinal qualquer de quem quer que fosse o conjurador. Mas, para a precursora, era certo que haveria alguém próximo, pois a magia, como lhe havia sido ensinada, só se manteria ativa enquanto estivesse no alcance visual do invocador. Deora não podia identificar ninguém naquele corredor estreito, o que tornava qualquer magia impossível de ser feita...

Um vento mais forte soprou, trazendo a jovem de volta de suas teorizações místicas. Olhando para a saída, a precursora percebeu que a chuva tinha cessado, sendo-lhe possível retornar para o jardim sem mais problemas. Antes de deixar aquele lugar, porém, Deora ainda se voltou uma vez mais para a vela e deu um passo para trás, numa atitude respeitosa, como se não quisesse perturbar os

andamentos de quaisquer rituais que tenham sido invocados ali.

Fechando a porta gradeada atrás de si, a jovem retornou para o jardim. Os céus estavam escuros, mas não por causa de nuvens negras, pois nenhuma mais cobria Piros, e sim porque o sol já se escondia, dando lugar a uma noite que aparentemente seria bastante estrelada.

E, naquele momento, as sentinelas da torre de Piros acenderam a primeira tocha da noite, sinal de que era chegada a hora de encontrar mestra Lufya, Kallop e Tehn. Mais que depressa Deora seguiu para o local combinado, não estranhando o fato de ser a última a chegar, pois sabia que os outros estavam tão ansiosos quanto ela.

Com todos reunidos, Lufya se viu no direito de ser tão direta quanto costumava ser:

—Os subterrâneos de Piros não são para os fracos. Se algum de vós quiser desistir, pronuncie-se agora e não atrapalhe os demais.

Como esperado, o silêncio foi a resposta. Ninguém abandonaria a busca tendo chegado tão perto. A mestra continuou:

—Que assim seja, precursores. Eu vos indicarei o caminho.

Os quatro desceram as escadas, passaram pelo salão comunal e, finalmente, alcançaram o jardim. Tudo estava absolutamente normal até que, para surpresa de Deora, Lufya os guiou na direção da porta gradeada que ela havia descoberto anteriormente.

Kallop e Tehn olhavam com curiosidade as paredes que Deora já conhecia enquanto Lufya seguia em direção à vela, ainda acesa e incólume, como se nada pudesse fazê-la se apagar.

—Esta entrada está selada de maneira diferente... — murmurou Lufya mais alto do que gostaria de ter dito. — Esta vela está no lugar errado.

—Como assim? — perguntou Tehn.

—A vela... Ela guarda a passagem do abismo... Se alguém a tirou de lá, a criatura está à solta nos subterrâneos.

—Criatura?! — manifestou-se Kallop.

—Seria algo que não nos causaria preocupações se a vela estivesse em seu lugar. Contudo, ousou dizer que esta jornada aqui termina para vós, pois não me arriscarei a vos levar para vosso fim.

—Isso, mestra, é algo que não te compete. — desafiou Deora. — Se o que temos de enfrentar está além dessa vela, iremos fazê-lo. Se não queres te arriscar, permanece aqui guardando nossa volta.

Lufya olhou para a precursora com um ar de descontentamento.

—Teu tom, jovem, não é o de uma aluna perante o mestre. — disse ela.

—Sinto dizer, senhora, que nada até o momento me ensinaste.

—E eu temo que nosso tempo esteja se esgotando. — interveio Tehn antes que a discussão tomasse outros rumos. — Podemos prosseguir?

—É verdade. — falou Kallop se aproximando da chama. — Mas se a vela é necessária lá embaixo, vamos levá-la.

—Não! — exclamou Lufya, tarde demais, pois o precursor já havia arrancado a vela de seu lugar.

Na mesma hora um vento frio soprou, fazendo com que toda iluminação cessasse. Um ruído metálico forte soou em seguida, indicando que a porta gradeada tinha sido fechada por quem estivesse por trás de tudo aquilo.

—O que fizeste? — ralhou novamente a mestra. — Tolo! Não sabes como lidar com o mais simples ritual? Eu deveria...

Lufya estava olhando para Kallop enquanto falava, mas parou, de repente, mirando para algo atrás dele. Deora e Tehn lentamente se moveram para junto da mestra, enquanto se entreolhavam, dizendo com os olhos para que se virasse devagar. Kallop entendeu de imediato e afastou-

se do que quer que houvesse ali, apenas para conter um grito de pavor...

Sim, haviam estudado sobre aqueles seres e, portanto, sabiam que existiam. Também tinham a noção de que eles só surgiam em locais tão amaldiçoados que a própria morte os evitava. Porém, os membros da Ordem Vermelha ali presentes também tinham a absoluta certeza de que conheciam os meios para pará-los.

Todavia, quem se aproximaria daquelas criaturas?

—Vamos manter a calma. — disse Lufya, baixinho, com uma voz que traía suas palavras. — Eles são apenas quatro...

—Insanidade! — exclamou Tehn, levando a mão à sua espada. — Não podemos deixar que essas coisas cheguem perto!

Deora, contudo, não se abalou tanto quanto os outros com a visão diante de si. Ela temia aqueles seres, mas não ousaria fraquejar, não diante daquela que acreditava serem os precursores, escolhidos por Hanvor e pela Grande Mestra, menos valorosos do que ela.

—Sois filhos de Gwyanna em solo de Andora! — a jovem desembainhou sua espada. — Dai-nos passagem, pois neste lugar não tendes poder algum!

Todos olharam para Deora, incertos do que pretendia. Mesmo as criaturas, exalando a podridão de seus corpos descarnados, pararam por um momento, talvez tentando compreender a ousadia daquelas palavras. Isso, todavia, não impediu que continuassem.

Porém, era tempo mais que suficiente para que Deora invocasse o poder da chama. Sem se deixar hesitar, a precursora trouxe a espada na altura do peito e deixou que a magia atingisse as criaturas.

As chamas percorreram os corpos putrefatos, atravessando cavidades antes cobertas pela pele dos vivos, fazendo com que os olhos daqueles seres brilhassem com o fogo. Ainda assim, nenhuma das criaturas tombou ante a

magia mais poderosa que Deora conhecia — para seu espanto e de seus pares.

Por fim, as chamas atingiram a parede atrás daqueles seres e se dissiparam, embora antes iluminassem algumas rachaduras na pedra aparentemente incólume com o ardor do fogo primordial. Tehn foi o primeiro a perceber isso, conjurando uma esfera flamejante e disparando-a diretamente contra a parede, abrindo uma fresta pequena, mas evidentemente deixando à mostra um caminho antes oculto.

Não mais havia tempo para magias, pois os seres investiram com o que restava dos ossos de suas mãos. Kallop se adiantou e, mostrando a força que possuía, fez com que recuassem, embora tivesse se colocado no meio de duas das criaturas.

—Agora! — exclamou ele. — Colocai a parede por terra!

Deora preparou outra magia, mas subitamente a interrompeu, vendo que um dos seres investia contra o ponto cego de Kallop. Mais que depressa, levou sua espada à frente e evitou que o golpe atingisse seu irmão na chama, apesar de, com isso, estar agora na linha de frente.

Lufya finalmente agiu, terminando de derrubar a parede, mesmo tendo exigido muito de si — Tehn prontamente a apoiou, segurando-a com força. Kallop percebeu a oportunidade que surgia e, de maneira astuta, atacou lateralmente uma das criaturas de forma a deslocá-la em direção a outra delas. Deora não teve melhor sorte, sendo forçada a se defender dos dois que investiam, sem poder revidar.

Tehn colocou Lufya no chão e se postou ao lado de Deora, deixando a luta mais equilibrada. Os precursores atacaram seus adversários, mas aparentemente nenhum de seus golpes tinha o menor efeito.

Foi quando Kallop percebeu que ainda tinha a vela. Querendo maior liberdade para ação, arremessou-a na direção de Lufya e segurou sua espada com ambas as mãos

— naquele momento, uma das criaturas procurou se desvencilhar do combate para tentar alcançar a vela.

Mais do que depressa, a mestra procurou se erguer e colocar a vela no local onde antes estava. Exausta, porém, seus movimentos estavam lentos a ponto de dar tempo suficiente para que um dos seres passasse por Kallop e seguisse em sua direção.

A vela estava no lugar, mas a criatura tinha já se postado na retaguarda de Lufya, que ainda se apoiava na parede. Sem aviso, a criatura golpeou.

Mas Lufya usou sua magia para acender a vela, iluminando outra vez o lugar. E, quando a luz incidiu sobre eles, nenhuma criatura mais se fazia presente, como se nunca tivessem existido. Embainhando a espada, Kallop olhou ao redor e tentou fazer graça:

—Ao menos descobrimos o caminho a seguir.

As palavras de Kallop foram deixadas para trás, assim como a vela e a passagem que levava aos subterrâneos de Piros. Uma brisa gélida soprava continuamente e o ruído de água corrente se fazia ouvir ao longe.

O caminho era escuro, com paredes irregulares de pedra natural, aparentemente intocado por qualquer ser vivente. Em meio às sombras escuras, apenas o manto de Lufya se sobressaía, como se fosse feito de pura chama, e dessa luz singela os quatro extraíam claridade suficiente para seguir em frente. Contudo, Kallop parecia mais concentrado na beleza do manto da mestra do que na busca pela planta lendária, olhando fixamente para as bruxuleantes luzes diáfanas do paramento de todo mestre da Ordem Vermelha. Os outros, porém, estavam ocupados demais para notar.

Não demorou para que seus olhos se acostumassem à quase completa escuridão, apesar de Deora mais de uma vez ter pensado em conjurar uma esfera de fogo que pudesse iluminar o caminho por inteiro. Mesmo assim, enquanto divagava acerca disso, a precursora continuava

atenta ao seu redor, tanto em busca da verdadeira como em respeito a quaisquer perigos porventura existentes.

O barulho de água corrente, porém, apenas aumentava, a ponto de não ser mais possível ouvir os próprios passos na pedra. O caminho, como se acompanhasse o rugir das águas, passou a ser mais tortuoso e estreito, até que, numa curva em descida, chegaram a uma enorme câmara.

Um deles exclamou algo, mas sua voz se ofuscou pela grande queda d'água diante dos quatro, originando um largo rio subterrâneo que dividia a câmara em duas, cheio de pedras chatas em sua superfície. Ainda assim, a escuridão impedia que vissem qualquer coisa a mais.

Chamando a atenção dos outros, Tehn ergueu a voz a ponto de se fazer ouvir:

—Eu vou iluminar este lugar... Fiquem atentos para qualquer coisa que surgir.

Tendo os três assentido, ele se concentrou e, sem dizer mais palavra, ergueu as mãos para o alto. Delas emanou um jato de chamas que se concentrou numa parte côncava do teto.

O espetáculo foi maior do que poderiam antecipar: todas as paredes tinham veios de algum metal escuro que prontamente absorveu a luminosidade e começou como que a pulsar, fazendo o subterrâneo parecer ter vida. Num instante o jato de chamas se dissipou, mas a luz flamejante permaneceu como se sempre tivesse sido parte do lugar.

Maravilhados pela visão, os quatro ficaram em silêncio por alguns instantes, apenas contemplando a beleza da câmara. Contudo, não podiam permanecer em inação, e Kallop foi o primeiro a impeli-los adiante:

—Vamos! Tem de haver algo por aqui.

Liderando os demais, o robusto precursor se aproximou do rio subterrâneo, medindo-o com os olhos enquanto imaginava se poderia cruzá-lo num único salto. Quando os outros o alcançaram, Kallop estava já tomando impulso,

mas não prosseguiu antes de ter se certificado de que todos aprovavam a ideia.

—Não há nada ali. — disse Lufya num tom apenas um pouco mais alto que o barulho da cachoeira subterrânea. — É perda de tempo.

Deora discordou:

—Não saberemos até que tentemos. Não há nada que possamos ver ali, o que não significa que esteja vazio.

Quando Tehn meneou a cabeça em aprovação, Kallop disparou em direção e, por pouco, manteve o equilíbrio ao chegar do outro lado. Com um fraco sorriso de alívio, o jovem se pôs a procurar a veraídeya, sondando com os olhos cada fresta, erguendo cada pedra, cheio de ansiedade. Encontrar o que buscava, porém, era muito mais difícil do que parecia, pois mesmo após esquadrihar todo o lugar não foi encontrado sinal da lendária flor. Ante a face de desânimo do precursor, a única mestra presente ironizou:

—Atravessa a parede também, tolo! Quem sabe não encontras algo em meio ao vazio?

Kallop ainda ergueu os olhos, como se estivesse pronto para responder, mas interrompeu sua ação quando Tehn, já antecipando a réplica, olhou para ele erguendo as sobrancelhas. Lufya, no entanto, ainda desafiava o robusto precursor com o olhar, senhora de si, cheia de uma certeza acerca do equívoco de correr atrás de lendas.

Os veios metálicos começaram a perder o brilho, fazendo com que a penumbra inicial voltasse a ter seu lugar. Da mesma maneira, a vontade de cada um deles perdia a força e a ideia de admitir que Lufya estava correta desde o início passava a vigorar.

Isso, porém, não ocorria a Deora. A precursora, observando atentamente em meio à escuridão que se formava, conseguiu perceber um detalhe menor que talvez pudesse mudar tudo. Quando Kallop já tomava impulso para retornar, ela, com certo cuidado, saltou para uma das

pedras em meio ao rio subterrâneo, abrindo os braços para manter o equilíbrio enquanto firmava os pés para evitar algum escorregão. A primeira reação da mestra foi de surpresa, mas conforme Deora saltava de pedra em pedra, seguindo rio acima na direção da cachoeira, a surpresa deu lugar ao escárnio. Tehn e Kallop, enquanto isso, apenas a acompanhavam pelas margens.

—Volta, precursora! — ordenou Lufya sem sair de onde estava. — Para com essas criancices!

Mas Deora não cessava, como se movida pela certeza de algo maior, saltando para pedras mais úmidas à medida que se aproximava da queda d'água subterrânea. De vez em quando um dos outros precursores exclamava algo, apreensivo, temendo pela jovem, mas embora não soubessem o que Deora pretendesse, em nenhum momento duvidaram de que a precursora realmente sabia o que estava fazendo.

A jovem olhou para eles e disse algo, mas o ruído da água em queda ocultou suas palavras. A penumbra ainda crescia e logo a escuridão voltaria a ocupar todo o lugar, impedindo que qualquer um pudesse confiar em sua visão. Apesar disso, Deora olhava para frente com olhos de lince, mesmo já molhando o paramento até então impecável, mantendo-se em pé na pedra mais próxima da cachoeira. Então, mais uma vez, ela se virou para cada um deles e fez um rápido gesto com a cabeça, como se silenciosamente quisesse dizer algo.

Sem mais palavra, fechou os olhos e saltou em direção à queda d'água. Mesmo Lufya, naquele breve instante, traiu-se e correu em preocupação, temendo pela precursora, logo estando ao lado de Tehn.

Cada segundo era interminável, até mesmo desesperador. Kallop corria com os olhos pelo rio, questionando a si mesmo se Deora teria sido levada pelas águas, chegando a se preparar para invocar alguma magia de iluminação.

Uma luz realmente surgiu naquele mesmo momento, mas não foi invocada por encanto algum que Kallop sequer houvesse planejado. Quebrando a escuridão, uma esfera de luz avermelhada se fez visível por detrás da queda d'água, flutuando sem atravessar a cachoeira. Tehn foi o primeiro a se colocar em posição defensiva, mas a mestra rapidamente pôs a mão sobre o ombro do precursor enquanto acenava negativamente com a cabeça, tentando dizer sem palavras que não era um inimigo que surgia.

—Deora! — disse Kallop ao perceber o gesto, começando a saltar de pedra em pedra.

—Traz a precursora aqui, Kallop! — ordenou Lufya, novamente assumindo seu ar de desdém.

Tehn, por outro lado, deu um passo adiante observando Kallop cruzar a cachoeira.

—Talvez ela tenha encontrado a veraídeya, mestra... — disse. — Não vou querer ficar aqui esperando se foi isso o que ocorreu.

Saltando logo depois de Kallop, Tehn também cruzou a queda d'água, deixando Lufya só na câmara subterrânea. Todavia, por mais que seu orgulho quisesse forçá-la a permanecer, a simples noção de que meros precursores encontravam a lendária planta enquanto ela ficava para trás era inconcebível. Sem hesitar mais, a mestra saltou e atravessou a cachoeira.

Do outro lado, a esfera flamejante que Deora havia invocado ainda estava lá, levitando a quatro palmos do chão, fornecendo um pouco de calor e iluminação. Nadando devagar, Lufya viu Tehn ajudando Kallop a sair da água, enquanto a precursora aguardava diante dela com a mão estendida e um sorriso largo. O ruído da queda d'água estava ligeiramente abafado e eles aparentemente podiam se comunicar sem muitas dificuldades, mas até então ninguém havia dito uma palavra sequer. Contudo, ao chegar à margem, a mestra ignorou a mão estendida e resmungou algo, rasgando o silêncio.

—Espero que valha a pena, precursora. — emendou Lufya, erguendo-se com dificuldade.

O sorriso de Deora diminuiu enquanto retirava a mão e, com um gesto, fazia a esfera flamejante se tornar menor e mais brilhante. Todos estavam encharcados, mas ninguém, exceto Lufya, parecia se importar muito, pois um novo caminho se desvelava diante deles.

—Por Hiljam!

Tehn apontou para o caminho diante deles com a face cheia de surpresa. As pedras nas paredes laterais pareciam ter sido entalhadas em formato de tijolos largos e mesmo o teto tinha reentrâncias, de onde braços de pedra seguravam tochas apagadas. Não muito longe, o caminho tornava-se um corredor tão largo quanto alto e o chão se ornamentava com grandes runas arcaicas. Mas mesmo a esfera mística de Deora não iluminava mais que uma dezena de metros adiante.

A precursora tinha apenas observado um pouco daquela passagem nova enquanto seus companheiros de jornada não chegavam. Em seu íntimo, Deora sabia que estava muito perto de encontrar a veraídeya, pois acreditava que os maiores desafios tinham sido já superados. Fechando os olhos, a precursora comandou a esfera de chamas direcionando-a para as tochas no teto, ateando fogo a elas e tornando visível todo o corredor.

—Está feito. — disse ela, abrindo os olhos lentamente.

No final do corredor, a quase uma centena de passos, os quatro podiam ver uma espécie de urna prateada, envolta em uma aura de boa fortuna, emanando uma energia aveludada. Deora novamente sorriu e olhou para os outros como se procurasse lhes dar a certeza da chegada.

—Está lá? — perguntou Kallop, ainda um pouco incerto.

—Sim, meu irmão. — respondeu Deora. — O que buscamos está lá. Finalmente encontramos a veraídeya.

Lufya, naquele mesmo instante, parou de tentar enxugar o excesso de água de seu manto e se adiantou. Seus olhos

brilhavam, num misto de incredulidade e desejo, mas nada disse. Sem hesitar, começou a atravessar a passagem.

—Mestra?

Ignorando a interrupção de Tehn, Lufya continuou. Apressava-se enquanto abria um largo sorriso, sabendo que cada passo dado a colocava mais perto da lendária flor e mais distante dos precursores que a acompanhavam.

Contudo, eles estavam em Piros, local onde a Ordem Vermelha mantinha ocultos seus segredos e magias. Da mesma maneira que nenhum dos quatro originalmente sabia aonde chegariam de início, tampouco tinham conhecimento para discernir o que havia naquela que parecia ser a última fase antes de encontrarem o fim da jornada. E a surpresa maior se deu quando, de repente, ouviu-se:

—*Identificai-vos se pretendeis seguir adiante!*

A voz retumbou como cem trovões, fazendo com que todos estacassem por um instante. Diante de Lufya, uma figura bruxuleante começou a tomar forma, apesar de manter um quê de etérea e espectral.

A mestra, de impulso, conjurou uma rajada de chamas, atingindo a figura sem o menor erro. Todavia, aquilo em nada a havia abalado — pelo contrário, sua expressão passou de inquiridora a entediada.

—*Identificai-vos, agressores! Não será sem dardes vossos nomes que podereis prosseguir.*

Os precursores começaram a se aproximar, Deora à frente, mas seguiam com cautela. Por outro lado, Lufya ainda desafiava a figura:

—Eu nada direi a uma criatura dos subterrâneos! Desaparece!

Tendo visto que mesmo a poderosa magia da mestra não tinha surtido efeito algum, os precursores apenas mantinham uma das mãos no punho de suas espadas. Em silêncio, Tehn se perguntava por que Lufya ousava discutir quando tão perto estavam, mas não iria questionar a

mestra na presente situação. Era o momento da figura bruxuleante novamente se pronunciar com a força de cem trovões:

—*Ousai dirigir-vos a mim como o fazeis com um qualquer? Sou eu quem guarda este local e meu sagrado dever será cumprido por toda a existência, bruta! Se pensais que vou me demover por vossas vazias palavras, vossa mente ainda é mais lacunar do que eu pensava.*

—Guardas a veraídeya? — perguntou Kallop com certo receio.

Enquanto a mestra se voltava para o precursor, indignada por alguém dizer a razão pela qual vieram, a criatura respondeu:

—*Enfim, um ser razoável! Sim, jovem, está aqui o fim de vossas buscas. Se eu vos permitir que passeis, vossa jornada terá fim.*

—E nossos nomes é tudo o que necessitais para permitir nossa passagem? — questionou Deora, já sem pousar a mão sobre o punho da espada.

—*É tudo o que vos pedi desde o início.* — respondeu a figura etérea.

Lufya percebeu que precisava fazer como os precursores, submetendo-se aos desígnios daquele guardião, por menos que isso a agradasse.

—Sou Lufya, de Polanty, — ela recuou um passo. — mestra da Ordem Vermelha.

—*De onde viestes e vossos títulos de nada valem aqui, Lufya.* — proclamou o guardião de maneira austera.

Rapidamente, os precursores se manifestaram, cada qual falando seu nome e nada mais. Nenhum deles suspeitava da gênese do guardião ou mesmo quais poderes possuía, mas todos assumiam como verdadeiro o fato de que era mais poderoso do que qualquer um dos presentes. Por fim, uma vez que todos haviam se identificado adequadamente, a criatura se pronunciou:

—*O que buscais está guardado na Urna dos Tempos, mas não há o suficiente para todos vós...*

—Como assim? — interrompeu Lufya.

—*...Pois apenas duas sementes ainda restam.* — completou o guardião sem se abalar pela intromissão. — *Apenas os dois primeiros que alcançarem a Urna dos Tempos terão direito a levar consigo uma semente.*

Por um breve instante todos se entreolharam. Sempre souberam que haveria algum tipo de disputa no final, mas não esperavam que tão cedo se confrontassem.

Ainda ecoando com a força de cem trovões o guardião continuou:

—*Mas a veraídeya é uma planta a qual vós não estais acostumados a lidar. Cada semente germina de maneira diferente, sendo o cuidado a ela despendido crucial para determinar sua beleza: as sementes mais bem cuidadas tornam-se as mais belas flores... Mas agora basta de explicações, pois eu vos garanto passagem livre.*

Tendo dito isso, o guardião tornou-se névoa e magicamente flutuou até a Urna dos Tempos, deixando os quatro iniciados no início daquela passagem. Num átimo todos se deram conta de quão perto estavam daquilo que buscavam, mas cada um apenas dependia de si mesmo. Sem palavra, então, Lufya foi a primeira a se mover, correndo sem parar, sendo seguida pelos precursores.

De súbito, as grandes runas marcadas no chão começaram a emitir um forte brilho esverdeado, tal qual uma chama profana invocada por seres macabros. A mestra, porém, ignorava tal espécie de magia, estando sua mente fixa em seu objetivo, correndo desabaladamente. Entretanto, toda invocação possui uma razão de ser, e essa não podia ser diferente: inesperadamente, algumas runas transformaram-se em largas colunas, enquanto outras se tornaram grandes poços.

Lufya agarrou-se à coluna diante de si quando o chão abaixo de seus pés começou a ceder. Subindo em direção

ao teto, ela se manteve firme, procurando o melhor momento para saltar em direção a algum ponto seguro.

Deora estava sobre uma runa que se tornava uma coluna, sendo rapidamente elevada ao teto, tendo de pular antes de ser esmagada pela pedra. Com certa graça, atingiu uma runa que ainda estava inerte, mantendo-se a salvo por alguns segundos.

O robusto Kallop tentava se desviar de colunas e poços, saltando e se desviando, conseguindo transpor muitos metros em pouco tempo, embora parecesse ser cada vez mais difícil seguir adiante.

Amparado pela sorte, Tehn ultrapassou a todos, seguindo por uma sequência de runas inertes e se apoiando em colunas que ainda cresciam. Nessa corrida em direção a um assento no Salão da Sabedoria ele estava ganhando, e isso fazia com que se regozijasse por dentro enquanto prosseguia.

Deora ficava para trás, sendo a última dos quatro. Lufya estava próxima a Tehn, seguida por Kallop a uma dezena de metros atrás. A precursora havia chegado num ponto circundado por poços, sendo obrigada a recuar antes de poder seguir em frente, tornando seu caminho ainda maior. Desistir não era algo que passava por sua mente depois de ter chegado tão longe.

Tehn, por outro lado, seguia facilmente, apesar das runas começarem a brilhar num tom amarelado de um momento para o outro. Vendo que bastava saltar um pequeno poço para atingir uma coluna baixa, ele tomou impulso e se jogou para frente.

Um ligeiro tremor ocorreu, esfacelando a coluna a qual o precursor visava alcançar. Tomado pelo susto, tentou se esticar, mas mais de um metro separava seus pés da terra firme, restando-lhe apenas tentar se agarrar na beirada enquanto gritava por ajuda.

Mestra Lufya estava a poucos metros de Tehn, podendo alcançá-lo sem dificuldades, mas apesar dos brados de

desespero, o precursor foi ignorado. Mesmo quando ele a chamou pelo nome, Lufya apenas olhou em sua direção por um breve momento antes de seguir em direção à Urna dos Tempos, deixando-o à sua própria sorte.

A força começava a lhe faltar, mas Tehn continuava lutando. Uma ou duas vezes olhou para baixo, sem vislumbrar o fundo daquele poço, que fatalmente poderia ser seu fim. Como se a única saída que lhe restasse fosse a mística, tentou conjurar uma magia, sem ao menos conseguir completar a invocação. Kallop já passava por ele e até se dispôs a ajudá-lo, mas quando, de relance, viu Deora seguindo por um conjunto de colunas laterais, preferiu desistir de auxiliar seu irmão na chama e correr para onde as sementes de veraídeya estavam.

A precursora quase chegava à Urna dos Tempos, bastando-lhe três ou quatro metros para estar ao lado de Lufya. Porém, antes de prosseguir, volveu o olhar para trás, para ter noção de todos os desafios que havia enfrentado naquela curta distância.

—Tehn!

Foi só então que Deora o viu se debater na borda de um dos poços, quase caindo. Sem pensar em mais nada, a precursora correu em sua direção, cruzando com Kallop no caminho, por ele passando sem trocar sequer um olhar. A visão de seu irmão na chama clamando por ajuda era muito mais importante do que quaisquer títulos, honrarias e graus que pudesse conquistar na Ordem Vermelha. A precursora sabia que não seria essa sua última oportunidade para se tornar mestra, embora sequer pudesse suspeitar de quando a próxima chance lhe seria dada, mas nada disso importava. Enquanto seus pensamentos seguiam desabaladamente, seus firmes passos continuavam em direção a Tehn, até que, finalmente...

—Deora!

A jovem segurou o braço do precursor com força, ajudando-o a sair do poço. Os braços de Tehn estavam

feridos, provavelmente da queda e da luta pela sobrevivência, mas felizmente nada de mais grave acontecera. Apoiando-o em seus ombros, Deora o conduziu pelo caminho mais longo e mais seguro, atingindo por fim a segurança do local onde as sementes de veraídeyas jaziam.

Lufya e Kallop olhavam preocupados para Tehn, que ainda se apoiava na precursora, mas seus olhares se desviavam constantemente para o guardião, posicionado logo atrás da Urna dos Tempos. Sem demonstrar emoção, ele novamente se pronunciou enquanto abria a urna:

*—Vós, Kallop e Lufya, receberdes o direito de levar convosco uma semente de veraídeya.*

Quase que de imediato, os dois colocaram suas mãos juntas, em posição de quem recebe algo delicado. Duas pequenas sementes, não maiores que um grão de arroz, levitaram da urna e pousaram em suas mãos.

*—Contudo, —* continuou o guardião, olhando para Deora *— não posso deixar de recompensar a bravura desta jovem. Há ainda uma terceira semente de veraídeya e, embora seja um pouco mais delicada que as outras, pode se tornar uma flor tão bela quanto às demais. O que eu disse antes é verdade: dedicação e cuidado são fundamentais para que a veraídeya cresça com formosura. Dedicai-vos e sua veraídeya será tão bela quanto vosso coração.*

Da mesma maneira que antes, uma semente magicamente foi transportada da urna, flutuando agora diante de Deora, que a tomou com reverência em suas mãos.

*—Quanto a vós, —* disse o guardião colocando-se diante de Tehn *— apenas posso desejar-vos sucesso em vossa jornada. Não vos esqueci, porém, que vosso caminho é difícil e que ainda vos deparará com desafios maiores. Ide em paz.*

E a voz que retumbava como cem trovões cessou, desaparecendo em seguida o guardião e a Urna dos

Tempos, deixando os quatro membros da Ordem Vermelha a sós nos subterrâneos de Piros.

## Capítulo 8

—Tivemos alguma sorte hoje?

Desde que retornaram dos subterrâneos de Piros, Deora e Tehn procuraram fazer com que a veraídeya brotasse de qualquer maneira. Ivoreen os estava auxiliando, embora estivesse praticando o que aprendera recentemente sobre cura em Tehn do que propriamente cuidando da planta. Os dois precursores não revelaram à acólita nada sobre a jornada recente, nem sobre como conseguiram a semente, dizendo-lhe apenas que era algo de grande importância. De qualquer forma, a pergunta de Deora precisava de uma resposta:

—Nada ainda... — disse Tehn num tom melancólico. — Quer seja água, adubo ou mesmo magia, nada funciona nessa semente.

Ele estava com o queixo apoiado em sua mão esquerda, sentado diante do balcão onde o vaso com a veraídeya repousava. Ivoreen estava ao seu lado, satisfeita com a recuperação do precursor, ciente de que os unguentos feitos de jília haviam cumprido seu papel. Contudo, ela ainda não estava confiante no que se referia à semente.

—Tentamos de todas as maneiras, Deora. — justificou-se a acólita. — Terra mais úmida e mais seca, com pouco e com muito sol... Posso não saber muito sobre plantas, mas acho que essa semente não irá vingar.

A precursora se aproximou do vaso, procurando não demonstrar seu desapontamento. Todavia, Tehn havia percebido uma tristeza no olhar de Deora e de pronto se levantou.

—Jamais deverias ter retornado! — disse, dando as costas para a precursora, cheio de culpa.

—Mas o que está havendo? — perguntou Ivoreen, sem nada entender.

Fazendo um sinal para a acólita, Deora indicou-lhe a porta. Ivoreen se voltou rapidamente para Tehn, que olhava

para uma janela, e em seguida saiu, incerta do que estava havendo, mas sabendo que possivelmente era algo relacionado a como a precursora havia trazido a semente para lá.

Quando a porta foi cerrada atrás de si, Deora caminhou até o precursor e fez com que olhasse para ela.

—Se fosse o contrário, tu me abandonarias?

Tehn não precisou de meio segundo antes de balançar a cabeça em negação, um tanto surpreso pela pergunta.

—Jamais poderia abandonar um irmão na chama, Deora. Tu conheces nossos juramentos.

—Então para de te recriminares, pois apenas agi conforme solenemente prometemos. Se esta semente não se tornar uma flor, será porque os deuses assim o determinaram, meu irmão.

O precursor virou o rosto por um momento antes de retrucar:

—Se eu não tivesse me arriscado...

—Então voltemos ainda mais! — interrompeu Deora. — Se não tivesses sido chamado pela Grande Mestra, se não tivesses te tornado precursor, se não tivesses ingressado na Ordem Vermelha... Tuas lamentações não têm fundamento!

Tehn ficou em silêncio. Deora havia claramente lhe mostrado que nada teria mudado seu destino e dava razão a tais palavras. Contudo, não lhe bastava compreender que não havia nada que pudesse ter feito, pois ainda precisava aceitar o fato.

—Dá-me tempo, precursora. — disse ele, forçando um sorriso. — Tempo é só o que preciso.

Deora ainda lhe diria que ele teria todo o tempo necessário, mas antes que pudesse abrir a boca, Ivoreen irrompeu pela porta, sem ao menos anunciar sua entrada.

—Peço desculpas por entrar assim, — disse num tom apressado, dirigindo-se à precursora. — mas tive de vir até aqui tão logo eu as vi.

Sem nada entender, Deora fez sinal para que continuasse, enquanto Tehn olhava com certa curiosidade.

—As flores!

—Que flores, acólita? — perguntou Tehn.

—Mestra Lufya colocou um vaso com rosas tão vermelhas quanto o fogo em sua janela... — Ivoreen fazia largos gestos com as mãos, indicando exuberância. — São flores lindas, que jamais pensei ver aqui em Piros, pois apenas cresciam perto de casa quando eu ainda era uma criança. Como estamos com dificuldades para fazer brotar essa pequena semente, pensei em vos avisar sobre isso, pois poderíeis pedir à mestra alguns conselhos sobre plantas... É certo que ela não irá se negar em vos aconselhar!

Enquanto a acólita falava, Tehn procurou se sentar e Deora inspirou fundo. A veraídeya de Lufya já se tornara uma magnífica flor, mas a semente que haviam trazido não havia sequer resultado em broto. Um sorriso foi tudo o que a precursora esboçou, embora em seu íntimo certa tristeza tivesse se apoderado dela.

—Obrigada, Ivy, mas esta semente aqui deverá brotar quando os deuses assim o desejarem, nem antes nem depois.

—Mas, Deora...

—Obrigada, acólita.

Emendando baixinho enquanto se retirava, Ivoreen ainda disse:

—Eu só queria ajudar...

—Acólita! — chamou Tehn quando a outra havia alcançado a maçaneta.

Apenas virando o rosto na direção dele, ela aguardou por suas palavras.

—Auxilia Deora com a semente. — prosseguiu, andando em direção à porta. — Eu verei essa planta de que falas.

Meneando a cabeça para a precursora, Tehn se despediu e, rapidamente, sussurrou para Ivoreen antes de sair:

—Ela precisa de ti. Eu sei disso.

As duas ficaram a sós, olhando uma para outra por quase um minuto. Foi Deora quem quebrou o silêncio:

—Ivy, eu te devo desculpas.

A acólita se aproximou, ainda sem nada dizer.

—Gostaria muito que esta semente crescesse, mas nada dá certo... Lufya é a última pessoa a quem pediria conselhos...

—Por quê?

—Porque vi que ela... — e nesse instante Deora se calou por um instante, ponderando sobre suas próximas palavras.

— Eu vi que ela não me ajudaria.

Sem totalmente compreender, Ivoreen apenas assentiu. Mas ainda não estava satisfeita:

—O que posso fazer por ti? Eu sei que algo a atormenta e não é só uma semente... Afinal, o que é a semente? É um símbolo? Tem algum significado místico, como se quando ela brotar algo de novo vai brotar em ti?

A precursora sorriu e foi ao encontro da acólita, abraçando-a. Normalmente, quando Mirhaanna a abraçava, sentia que a mestra a estava acolhendo. Da mesma maneira, esperava que seu abraço pudesse amparar um acólito, mas ocorria o inverso: era Ivoreen quem lhe dava guarida agora.

—Quisera eu que fossem apenas significados simbólicos, Ivy... Mas não, é apenas uma semente como outra qualquer... — mas corrigiu-se em seguida. — Não como outra qualquer, pois essa não brota...

Nisso, batidas foram ouvidas à porta. Delicadamente, Ivoreen se livrou do abraço e aguardou por algum comando, mas Deora nada fez. As batidas se repetiram, mas dessa vez a porta se abriu, revelando quem desejava adentrar.

—Kallop? — perguntou a precursora. — O que fazes aqui?

O robusto jovem entrou devagar, olhando primeiro para Deora, depois para Ivoreen, cumprimentando-as de longe.

Seus olhos, por fim, pousaram no vaso sobre o balcão, com certo alívio.

—Então, nada ainda?

A acólita se adiantou e perguntou:

—Como sabes da semente?

—Mas, Deora não... — começou ele, mas foi interrompido por um sinal discreto da precursora. — Ela não lhe disse que eu já sabia da semente?

Ivoren olhou para a precursora, mas Deora não retribuiu o olhar, pois estava procurando distinguir algo em Kallop. Pressentindo ter encontrado a resposta, questionou:

—Então há apenas uma bela flor por enquanto, não é?

Não havendo motivos para ocultar o fato, o precursor assentiu:

—E não é minha nem tua... Quanto tempo será que ainda temos?

—Não sei. — respondeu Deora, sem muita emoção na voz. — Eu, pelo menos, procurarei usar todo o meu tempo cuidando desta semente.

Cuidando de que as palavras da precursora eram tanto um convite para se retirar como um conselho, Kallop se despediu em seguida e saiu.

Ivoren, porém, havia descoberto mais do que deveria nessa pequena conversa. Quando sentiu que poderia conversar abertamente, falou:

—Minha irmã, não achas que está na hora de me dizeres qual o repentino interesse de três precursores e uma mestra no cuidado de flores? Um interesse tão grande que causou graves ferimentos a um de vós?

Deora sabia que não podia esconder mais os fatos da acólita, mas ainda assim procurou adiar o inevitável:

—Ivy, és a única acólita que sabe algo sobre esta semente. O pouco que sabes já é mais que suficiente por agora e rogo-te para que aceites a situação como ela se apresenta. Um dia, quando eu puder falar mais sobre isso, prometo que te revelarei tudo o que desejas saber.

Não era isso o que Ivoreen gostaria de ouvir, mas a acólita respeitava o julgamento de Deora. Como nada mais havia a ser feito, ela se escusou e saiu para cumprir com seus deveres.

Sozinha, a precursora novamente voltou suas atenções para o vaso onde a semente teimava em não brotar. Com um fino tubo de madeira, Deora sondou mais uma vez a terra, procurando saber se estava fofa o suficiente. Percebendo que estava um pouco seca, levantou-se e encheu uma concha com água, despejando uniformemente sobre a terra, com todo o vagar que o ato requeria. Quando se deu por satisfeita, tomou o vaso nas mãos e retornou aos seus aposentos.

Carregava o vaso como se levasse um filhote enfermo, trazendo-o junto ao peito com bastante carinho. A precursora cruzou todo o espaço que levava do arboreto ao seu quarto a passo largo, procurando não se desviar. Contudo, mal tendo chegado e colocado o vaso sobre sua mesa de meditação, alguém bateu à porta.

—Está aberta. — disse, sem se virar.

Timidamente um jovem com as vestimentas de acólito abriu a porta, ficando sob o batente. Deora não o reconhecia de vista, o que provavelmente indicava que havia sido iniciado enquanto ela estava em uma das missões para a Ordem Vermelha. Notando que ele estava pouco à vontade, disse-lhe:

—Entra, acólito. A que tua visita se deve?

Sem se mover, ele respondeu com certa cerimônia:

—Precursora, tua presença é solicitada nos portões de Piros.

Deora sabia que os acólitos que guardam os portões têm ordens de solicitar a ajuda de qualquer precursor quando suspeitam de alguma dificuldade, mas nunca antes havia sido chamada para lidar com isso. Rapidamente se aprumou enquanto perguntava:

—Qual o problema, acólito? Quem especificamente solicitou por mim?

—A acólita Ivoreen chama por ti, precursora. Há desconhecidos nos portões de Piros.

Aquilo era algo incomum, mas precisava de atenção imediata. Deora verificou seu paramento, certificando-se de que a espada estava ao alcance da mão, e se pôs em direção aos portões. O acólito, que até então não havia dito seu nome, seguia logo atrás dela, sempre em silêncio, tão discreto que mais de uma vez Deora volveu o olhar para trás para se certificar de que ele ainda a acompanhava.

Os grandes portões estavam fechados diante deles, estando Ivoreen numa das vigias sobre a entrada. A outra vigia, vazia, era para onde o acólito silencioso rumou quando a precursora fez um sinal indicativo de que estava pronta.

Como de praxe, apenas uma fresta, grande o suficiente para que alguém montado passasse, foi aberta, permitindo que Deora cumprimentasse os desconhecidos. Do alto, Ivoreen observava com atenção, pronta para intervir de alguma maneira se assim fosse preciso.

Duas mulheres aguardavam pela precursora, trajando-se como viajantes em jornada, com roupas simples, mas resistentes. Uma delas, de cabelos escuros, trazia uma grande mochila de couro nas costas, embora não aparentasse cansaço por carregá-la. A outra, loira, portando uma espada embainhada nas costas, estava um passo adiante de sua companheira e, aparentemente, devia falar em nome das duas.

—Sou Deora. De que maneira a Ordem Vermelha pode vos ser-vir?

Imediatamente as duas pousaram um joelho no chão e abaixaram suas cabeças, em profunda reverência.

—Buscamos auxílio dentre aqueles que conhecem da alta magia, — disse a que estava adiante — pois os meios

mundanos não são capazes de deter a ameaça. Seria a Ordem Vermelha caridosa a ponto de enviar um dos seus?

—Levantai. — disse Deora, ainda incerta sobre o que responder. — Quem sois vós e por que considerais a Ordem Vermelha capaz de vos auxiliar?

As duas se ergueram em conjunto, mantendo a mesma placidez de antes. A que havia se manifestado continuou:

—Chamo-me Shasa, esta é Trada. Somos mensageiras de Jollern, no extremo nordeste desta ilha. Há algumas semanas alguns lenhadores não retornaram após passarem o dia na floresta e, de lá para cá, outros mais têm partido sem voltar. Nossa vila é pequena e dependemos da madeira, mas ninguém quer adentrar a floresta agora que oito lenhadores estão perdidos.

A precursora esperou um pouco, pois evidentemente Shasa havia deixado de lado a parte referente à Ordem Vermelha em sua explicação. Contudo, mais nada foi dito.

—Shasa, — principiou Deora ante o silêncio. — por que a vila de Jollern acha que a Ordem Vermelha é capaz de ajudá-la?

Olhando brevemente para Trada, Shasa respondeu num tom de voz ligeiramente mais baixo:

—Porque é uma criatura mística que tem atacado nossos lenhadores. O Conselho de Jollern não quer que a última criatura viva, talvez desde a Era Dourada, seja ferida... Se formos intervir, será com aço e fogo, e o resultado poderá ser desastroso.

—Tens ideia de que criatura é essa?

A loira olhou para sua companheira e deixou que Trada se pronunciasse:

—Eu a vi. — sua voz era rouca, mas doce, quase aveludada. — Foi de relance, mas tenho certeza de que atravessava as árvores como se nada houvesse em seu caminho... Quando ela me viu, fugi assustada, correndo direto para minha casa.

A precursora olhou para o horizonte, vendo já o sol em sua marcha final, e decidiu levar ao conhecimento de Mirhaanna o problema de Jollern. Contudo, não podia deixar as duas aguardando por uma decisão ao relento, próximo ao entardecer, pois acolher viajantes era dever de todo aquele que construía um teto.

—Acólita, — ordenou, olhando para cima. — encontra um lugar de conforto para nossas hóspedes. — e voltou-se para as duas. — Shasa, Trada, sois bem-vindas em Piros esta noite.

Novamente em reverência, as duas pousaram um joelho no chão e se ergueram, agradecendo. Deora girou nos calcanhares tão logo Ivoreen surgiu ao seu lado e seguiu à procura da Grande Mestra, enquanto a acólita providenciava cama e comida para Shasa e Trada nos aposentos externos, amparados pelos grandes muros de Piros, ao lado dos portões.

No caminho, a precursora pôde ver o vaso de flores de Lufya, em perfeita majestade. As rosas vermelhas eram realmente de uma beleza sem par, embora não parecessem ser tão diferentes de rosas comuns à primeira vista. No entanto, Deora ainda precisava encontrar Mirhaanna, e foi isso que a impeliu adiante.

O primeiro lugar em que procurou foi em seus aposentos, mas atrás da porta fechada ninguém estava. Em seguida, subiu em direção ao Salão da Sabedoria, mas o encontrou vazio. Por fim, perguntando a alguns outros iniciados, a precursora desceu ao salão comunal, onde encontrou a Grande Mestra conversando despreocupadamente com Tehn.

—É essa uma boa história, precursor. — disse Mirhaanna, levantando-se. — Espero que tenhamos tempo para continuá-la em outra oportunidade.

Tehn imediatamente se ergueu e se despediu formalmente, passando por Deora ao deixar o salão

comunal, embora não sem antes cumprimentá-la com genuína fraternidade.

—Grande Mestre, eu... — disse Deora, ao se aproximar.

O sorriso de Mirhaanna, tão nobre e singelo como de costume, conseguiu interromper a frase da jovem. O olhar de uma encontrou o da outra e ambas sentiram um instante de paz, como se todos os problemas cessassem naquele minuto.

—Gostaria de conversar um pouco, Grande Mestre. — continuou após um instante. — Há forasteiras que aguardam por uma resposta e considerarei adequado...

—Não aqui. — falou Mirhaanna, erguendo um braço. — Este é um local para descanso e refrigério, não devendo ser maculado com as obrigações que temos. Podemos conversar em meus aposentos, precursora?

—Sim, Grande Mestre. — respondeu Deora, baixando levemente a cabeça.

De início, a jovem atrasou um pouco o passo, ficando ligeiramente atrás de Mirhaanna como de costume. A Grande Mestre, porém, também diminuiu o seu andar, ficando ao lado de Deora, fazendo com que as duas dividissem o caminho. Chegando aos seus aposentos, Mirhaanna logo se sentou, convidando a jovem a fazer o mesmo.

—Então, criança, precisa de meus conselhos?

O brilho nos olhos da precursora foi ímpar ao ser chamada como antigamente, mas isso não a impediu de ir direto ao assunto:

—Duas forasteiras de Jollern me informaram que alguma criatura mística está assolando as florestas que circundam a vila. Elas pediram pela ajuda da Ordem Vermelha porque não querem que a criatura seja ferida pela milícia da cidade, pois o único meio que têm para detê-la é por armas. Pedi que aguardassem antes de levar-lhes a resposta.

Segurando o amuleto indicativo de sua posição, Mirhaanna perguntou:

—E o que faria para ajudá-las?

—Então iremos ajudá-las? — foi o que Deora retrucou, sorrindo.

Mirhaanna riu.

—Ora, criança... Se não pretendesse ajudá-las, elas não estariam aguardando. Vamos, o que faria para ajudá-las?

A precursora riu com a Grande Mestra, mas logo seu riso desvaneceu.

—Não me pergunte isso... É uma decisão que cabe aos mestres e eu...

—Já tivemos essa conversa, criança.

—Mas eu não serei mestra! — disse Deora, erguendo-se.

Mirhaanna levantou-se também, sem entender nada. A jovem foi para a janela e lá ficou, olhando para baixo, de onde podia ver os alojamentos externos.

—A veraídeya não brotou. — murmurou. — Oito dias já se passaram e nada... Nem uma simples folha. Eu não serei mestra...

—Deora...

—Tenho cuidado todos os dias da semente! Até Tehn procura me ajudar...

—Deora... — insistiu a Grande Mestra.

Ainda sem se virar, a jovem continuou:

—Não fui rápida o bastante! Quando vi Tehn prestes a cair eu voltei e...

—Precursora! — disse rispidamente a outra, elevando a voz.

Deora virou-se de imediato, em silêncio, mordendo o lábio inferior. Ao ser chamada, algo dentro de si mostrou-lhe que o desespero não a levaria a lugar algum e, sem que Mirhaanna precisasse fazer mais do que olhar, acalmou-se na mesma hora.

—Perdão, Grande Mestra. Eu me exaltei.

Mirhaanna se sentou mais uma vez, seguida pela precursora. Deixando que o ritmo de sua respiração guiasse a jovem até um estado de controle, a Grande Mestra simplesmente aguardou, sem nada dizer.

—Um de nós tem de ir a Jollern, Grande Mestra. Talvez eu devesse ir...

Ainda sem pronunciar palavra alguma, Mirhaanna acenou negativamente com a cabeça.

—Mas alguém há de ser enviado, não?

—Sim, criança. Uma vez que determinei que não irá desta vez, quem enviaremos?

Mais que depressa a precursora respondeu:

—Confio em Ivoreen para a tarefa, Grande Mestra.

O olhar de Deora era firme, mas brilhava, como se tivesse total certeza de que a escolha tinha sido mais que adequada. Nos últimos tempos a acólita havia provado que sabia superar a si mesma, estando talvez pronta para...

—Não é esse um trabalho para um precursor, criança?

Sorrindo, a jovem respondeu:

—Ivoreen hoje está pronta, Mirhaanna. Se hoje tivesse voz junto aos mestres, eu a recomendaria para o grau de precursor.

A Grande Mestra sorriu. Há tempos queria ouvir isso de Deora, mas sabia que não era o tipo de coisa que se devia solicitar. O ciclo pela qual a jovem estava passando se completava e finalmente a aluna pôde mostrar que também tinha capacidade de ensinar e suportar as agruras de quem tutela outra pessoa.

—Que assim seja, então! Informe a acólita e faça com que tudo esteja pronto pela manhã.

Levantando-se, Deora ainda perguntou:

—Irá ela sozinha?

—Sim. — respondeu a Grande Mestra, erguendo-se. — O precursor vai adiante, sendo pioneiro no caminho a ser trilhado. Se a acólita está preparada para receber o grau, deve ser capaz de seguir sozinha.

As duas se despediram como duas irmãs na chama o faziam, mas antes de sair, Deora ainda se virou:

—Mirhaanna?

—Sim, criança?

—Obrigada.

Mais que depressa a precursora seguiu rumo aos portões, onde Ivoreen ainda mantinha a vigia, fazendo um sinal para que descesse. Depois de se assegurar de que nada de estranho era observado no horizonte, a acólita se postou diante dela.

Deora olhou bem para sua aluna, sabendo que ela tinha demonstrado todas as qualidades que a precursora julgava necessárias. Ainda assim, foi com seriedade que começou:

—Acólita, precisamos conversar. Terminado o teu turno na vigia, dirija-te imediatamente aos meus aposentos.

—Sim, precursora. — disse Ivoreen, com certa solenidade.

— Há algo mais que requeira minha atenção?

A formalidade da acólita não apenas surpreendeu, como também agradou a Deora. Deixando a face séria e se permitindo sorrir, a precursora respondeu:

—Não, Ivy. — e ante ao apelido carinhoso a acólita também sorriu. — Termina o serviço. Ficarei esperando por ti.

Deora caminhou a passos largos em direção às escadas, contemplando a arquitetura de Piros enquanto subia. Naquele momento não pensava em nada, deixando-se levar por uma alegria que há muito não sentia.

—Precursora?

O chamado, porém, retirou a jovem do estado de graça, trazendo-a de volta ao mundo dos mortais. Deora nem precisava se virar para saber quem a chamara, pois a voz só podia ser de...

—Mestra Lufya! — disse a precursora enquanto olhava para ela. — Precisas de algo?

Sem se aproximar muito, respondeu:

—Gostaria de saber como está sua veraídeya, precursora. Como deves saber, a minha floresceu com beleza.

—A sorte te favorece. A minha ainda não brotou.

—Que pena. — retrucou a mestra, tentando esconder um sorriso. — Mas haverá outra oportunidade para que proves teu valor, precursora. Saibas aguardar e serás recompensada.

—Eu compreendo.

—Agora, com tua licença, preciso tratar de assuntos mais importantes.

E, da mesma forma como surgiu, mestra Lufya também partiu, ignorando as formalidades fraternas. Todavia, a súbita lembrança da semente que não se transformava em flor deixou a precursora preocupada, fazendo com que se dirigisse sem mais desvios aos seus aposentos. Seu momento de descanso, porém, deveria aguardar, pois batidas à porta anunciavam a chegada de alguém.

—Deora?

A visão de Ivoreen reconfortou a precursora, que voltou a deixar de lado a veraídeya. Cumprimentando sua irmã na chama, Deora prontamente a conduziu a uma cadeira enquanto se sentava no beiral da janela, aproveitando a vista que a torre lhe proporcionava.

—Ivy, teus estudos estão caminhando bem?

—Sim, — balançou a cabeça afirmativamente. — tenho me focado bastante. Até aprendi um pouco mais de herbalismo nos últimos dias...

—Sim, eu sei. — interrompeu Deora com um sorriso. — E quanto à magia?

—O fogo só consome o que pode alcançar, mas o faz com voracidade. — ela se ajeitou na cadeira, olhando para uma estreja cujo nome não sabia. — Tenho aprendido tudo o que um acólito pode aprender, minha irmã.

—Bom. — a precursora se ergueu e caminhou em direção à parede, colocando sua arma no local costumeiro. — É bom saber que minha lâmina pode repousar por uns dias.

—Quer dizer que a minha espada estará a serviço da Ordem Vermelha? — perguntou Ivoreen, na ponta da cadeira.

Virando-se devagar, Deora respondeu:

—Sim, Ivy. Amanhã pela manhã partirás em direção a Jollern, acompanhando nossas hóspedes.

—Eu vou a Jollern?! — sobressaltou-se a acólita. — Poderei ajudá-las?

Novamente se sentando no beiral da janela, a precursora respondeu:

—Partirás com o sol e só retornarás quando o mal de Jollern tiver se encerrado. Em tuas mãos estará teu destino, pois os portões de Piros permanecerão fechados até que haja êxito em tua jornada. E em tua frente estará o nome da Ordem Vermelha, pois como acólita nos representará nesta jornada.

Ivoreen não se conteve, levantando-se para abraçar Deora, quase desequilibrando as duas junto à janela. Em seus olhos, uma fugaz lágrima de alegria correu e mostrou à precursora que o caminho de quem havia ensinado, até então, já estava quase no final.

—Ivy! — exclamou Deora. — Espera! Ouviste minhas palavras? O que te digo é da maior importância, pois então presta atenção nisto: sem completar teu objetivo, Piros não é mais teu lar...

—Eu sei. — disse a outra, recompondo-se. — Mas fica tranquila, pois nada há de me impedir.

—Que assim seja, minha irmã! Agora, se aceitas um conselho, retorna aos teus aposentos, arruma tuas coisas e dorme o sono dos justos, pois despertarás com o sol.

—Assim o farei, Deora. Não te desapontarei em momento algum.

Sem mais palavra, as duas se despediram como duas irmãs na chama o faziam e a acólita saiu, deixando a precursora novamente a sós com seus pensamentos. Mas tão logo procurou se deitar, em busca de uma resposta para

a veraídeya, adormeceu, sonhando com catedrais azuis sobre o mar, até que os primeiros raios de sol cingiram sua face e despertou.

Lembrando de seus deveres, Deora se banhou rapidamente e vestiu o paramento completo, tratando de, por fim, encontrar uma tocha entre seus pertences e acendê-la. A mesma tocha simbólica que um dia lhe foi entregue quando deixou Piros pela primeira vez era agora destinada a Ivoreen, a única pessoa que a precursora havia iniciado nos segredos da Ordem Vermelha. Sem se demorar mais, desceu as escadas e se postou diante do portão, onde também alguns outros irmãos na chama aguardavam pela partida da acólita.

Quando Ivoreen surgiu, trajando os trajes de seu cargo em perfeitas condições, o coração de precursora bateu um pouco mais forte. Nesse instante, a Grande Mestra olhou para ela, talvez para se certificar que a emoção um dia sentida ao ver Deora partir nela estava, ao ver a outra caminhar em direção a elas. Para Mirhaanna, a acólita era uma irmã, merecedora de todo o espírito de fraternidade, mas para a precursora era algo mais, pois as duas partilhavam daquele vínculo que une o iniciado e o neófito. A Grande Mestra era como uma mãe para Deora na Ordem Vermelha, e Ivoreen era como uma filha... Participar desse momento, diante das duas, era realmente algo cheio de emoção para aquela que carregava a tocha acesa.

Shasa e Trada aguardavam do lado de fora dos portões fechados, alheias a tudo o que ocorria. Mesmo que certa curiosidade passasse por suas mentes, as vigias no alto dos portões eram sinal de que não deveriam se aproximar mais, apenas lhes restando a espera. Contudo, não tardou até que os portões fossem abertos e Ivoreen surgisse, portando uma tocha, por mais que o sol iluminasse o dia com todo seu esplendor.

—Fechai os portões!

A ordem de Deora, dada com um nó na garganta enquanto tentava controlar a respiração para que as lágrimas fossem contidas, foi imediatamente cumprida. O som surdo dos portões quando fechados era o mesmo de sempre, mas para Deora era tão doído quanto da vez em que era ela quem partia.

Em silêncio, cada um foi retornando para seus afazeres rotineiros, deixando a precursora para trás. Uma pessoa, porém, caminhou lentamente até se colocar ao seu lado sem, no entanto, ousar olhar para as furtivas lágrimas que rolavam pela face de Deora.

—Agiu bem, criança. Agora nos resta a parte mais difícil na jornada de Ivoreen.

—Qual, Mirhaanna?

—Aguardar.

## Capítulo 9

—Agora? — perguntou a precursora.

—Sim, Deora. — respondeu Tehn, junto à porta. — A Grande Mestra pediu-me para convocar todos os que partiram em busca da veraídeya.

Uma semana havia passado desde que Ivoreen tinha partido e, todos os dias, a precursora tentava fazer com que a planta florescesse. Contudo, nem um simples ramo havia surgido, estando a semente da mesma maneira que havia recebido. Mas embora não tivesse obtido êxito, Deora sabia que era sua obrigação cumprir as ordens da Grande Mestra.

Estando tudo pronto, a precursora pegou o vaso onde a veraídeya estava e seguiu, logo depois de Tehn, rumo ao Salão da Sabedoria. Quando lhes foi permitida a entrada, Deora viu que Lufya e Kallop já os aguardavam, assim como muitos mestres que se colocaram junto às paredes do lugar, deixando espaço para cada um dos tronos, ocupados ou não, como de praxe.

Quando mestra Lufya viu que Deora chegava com um vaso sem flores, deu um passo para o lado, deixando à mostra uma pequena coluna onde sua magnífica flor jazia. Kallop, então, fez o mesmo movimento, revelando possuir também uma flor em seu vaso: uma doce rosa amarela, ainda em botão. Por um momento, a precursora perdeu a respiração, pois até três dias atrás Kallop havia lhe confessado que nada havia nascido... Ainda assim, ela fez como indicado e colocou seu vaso sobre a pequena coluna, o que gerou certo burburinho entre os mestres presentes. Após um breve olhar da Grande Mestra, Tehn fechou as portas do Salão da Sabedoria e se postou ao lado de Deora, diante de uma coluna vazia.

—Grande Mestra, meus irmãos, — disse Hervak, um dos mais antigos mestres da Ordem Vermelha, erguendo-se do trono de Gwyanna — diante de vós estão os quatro que partiram em busca da mais bela flor que pudessem

encontrar. Chegou ao meu conhecimento que ultrapassaram diversos obstáculos, venceram desafios e, por fim, clamaram encontrar o que buscavam.

—O que buscavam eles? — perguntou mestra Ravanna, erguendo-se do trono de Nivus.

—Esta é uma pergunta que eles devem responder. — disse cerimoniosamente Barduk, erguendo-se do trono de Lapher enquanto olhava para cada um. — O que buscáveis, meus irmãos?

Pigarreando, numa tentativa de chamar a atenção e ser a primeira a se pronunciar, mestra Lufya respondeu:

—Buscávamos a lendária veraídeya, mestre Barduk.

—E encontraram a veraídeya? — perguntou Sophie, erguendo-se do trono de Dalya.

—Sim, mestra Sophie. — respondeu Kallop, com um grande sorriso.

—Vós ouvistes as palavras de vossos irmãos. — pronunciou Mirhaanna, erguendo-se finalmente. — Que seus méritos sejam julgados!

Os quatro mestres que haviam se levantado caminharam em direção às colunas colocadas diante da chama que nunca se apagava. Mestre Hervak se postou diante da coluna de mestra Lufya, mestra Ravanna colocou-se diante da de Kallop, mestre Barduk diante da de Deora e mestra Sophie diante da de Tehn.

—Eu vos pergunto, — novamente a Grande Mestra se fez ouvir. — meus irmãos: todos os que partiram em busca da veraídeya a transformaram na mais bela flor?

Os quatro mestres se viraram ao mesmo tempo em direção ao trono de Hiljam ocupado por Mirhaanna e responderam em uníssono:

—Não.

—Que aqueles que não encontraram a veraídeya se expliquem diante de todos nós. — ordenou a Grande Mestra.

Deora e Tehn se entreolharam por um breve instante e, num entendimento silencioso, a precursora foi quem tomou a palavra:

—Quando estava próxima de chegar à Urna dos Tempos, vi Tehn correndo grave risco. Deixando de lado a veraídeya, retornei para salvá-lo, sendo recompensada com uma frágil semente que não chegou a brotar.

—Eu não fui capaz de ultrapassar todos os obstáculos. — disse Tehn. — Por minha culpa a precursora Deora teve de retornar, pois Lufya e Kallop não me auxiliaram, mesmo tendo passado por mim em sua corrida pela semente da veraídeya.

—O quê?! — questionou Barduk em meio a um burburinho que cresceu com o discurso de Tehn. — Mestra Lufya, precursor Kallop, as palavras...

—Mestre Barduk! — interrompeu a Grande Mestra. — Respeito ao ritual! Apenas quem não encontrou a veraídeya pode falar agora.

Barduk abaixou a cabeça em deferência e ficou em silêncio, deixando que a cerimônia seguisse o seu rumo correto. Contudo, Deora e Tehn ainda olhavam inquiridoramente para Mirhaanna.

—Grande Mestra, — disse Deora após alguns instantes de silêncio — não creio que haja mais a ser dito...

—Precursora Deora, tuas palavras foram ouvidas, assim como as palavras do precursor Tehn. Contudo, é desejo de cada um dos mestres presentes saber daqueles que não encontraram a veraídeya a razão pela qual isso ocorreu.

Novamente Deora olhou para Tehn, sem nada compreender. O que acontecia estava além de seu entendimento e isso a deixava apreensiva. Os mestres procuravam manter o silêncio, mas via-se que alguns queriam dizer algo, como se não pudessem suportar a espera.

Após quase um minuto de inação, a Grande Mestra se fez ouvir:

—Mestra Lufya, precursor Kallop, estamos aguardando!

—Como? — surpreendeu-se Lufya. — Grande Mestra, com todo o respeito, eu tenho aqui a mais bela flor.

—Olha para o vaso de Deora, Grande Mestra. — pediu Kallop. — Eu possuo uma flor aqui e ela nada conseguiu. Tampouco Tehn possui algo.

Os quatro mestres diante das colunas postaram-se, dois a dois, ao lado de Lufya e Kallop. Deora deu um passo para a direita, procurando não atrapalhar o que quer que fossem fazer, ainda sem entender, mas sabia que, de alguma forma, tudo seria explicado em breve.

—O que é a veraídeya, mestra Lufya? — perguntou Mirhaanna.

—É uma planta lendária que produz a mais bela flor...

—Mestra Lufya, em todos os seus anos de Ordem, quantas vezes encontraste a veraídeya? — inquiriu novamente a Grande Mestra.

—Nunca antes, mas felizmente...

—O que torna as sementes que encontraram realmente veraídeyas? — mais uma vez indagou Mirhaanna.

—Foi-nos dito que...

—Precursor Kallop, — voltou-se a Grande Mestra. — do vaso de Deora, retira a semente de veraídeya.

Sem entender, ele pegou o pequeno vaso que estava na coluna diante de Deora e, com pouco esforço, encontrou em meio à terra úmida a pequena semente. Tirando um pouco do excesso de terra, colocou-a na palma de sua mão e estendeu o braço, mostrando a pequenina semente.

—Esta é a veraídeya, Grande Mestra.

Uma pequena pausa antecedeu a pergunta que Mirhaanna fez a seguir:

—E por essa minúscula semente deixaste um irmão na chama em perigo?

Kallop começou a gaguejar quando tentou responder, mas mestra Lufya veio em socorro dos dois:

—O que importa é que temos aqui as mais belas flores!

Sentando-se, a Grande Mestra explicou em poucas palavras:

—Não, minha irmã, a veraídeya foi algo que apenas Deora e Tehn encontraram.

—Mas como?! — exaltou-se Lufya.

—A veraídeya nada mais é que uma vera ideia, uma ideia verdadeira. Enquanto vós vos preocupardes com sementes, Deora e Tehn buscaram as ideias verdadeiras, os mais profundos ideais. Não é o destino que conta, mas a jornada como um todo... E nessa jornada, falhardes.

—Mas eu tenho uma flor! — protestou Kallop.

—Não me importa como conseguistes as flores! — Mirhaanna se levantou, fazendo um gesto de desprezo. — E sabeis por quê? Porque nenhuma das sementes jamais produziria flor alguma. O fato de terdes enxertado quaisquer flores em vossos vasos apenas prova que a ideia verdadeira jamais passou por vossas mentes!

Acuado, Kallop apontou para Lufya.

—Tu falaste que daria certo! — disse ele de forma acusatória. — Eu acreditei em ti!

—Cala-te, tolo. — protestou Lufya. — Tu não sabes...

—Silêncio! — interrompeu a Grande Mestra. — Que hoje todos saibam que Lufya de Polanty e Kallop Tryssenthorn só terão assento no Salão da Sabedoria quando a eterna chama se extinguir!

Com tal pronunciamento, Hervak, Ravanna, Barduk e Sophie escoltaram Lufya e Kallop para fora do Salão da Sabedoria e retornaram aos seus respectivos tronos, não sem antes retirarem as pequenas colunas e os vasos do centro do templo.

—Agora, meus irmãos, — disse Mirhaanna. — preparai os precursores.

Deora não conseguiu sorrir. Apesar da cena que se desenrolava a sua frente, ainda estava apreensiva. Podia ver os mestres trabalhando no Salão da Sabedoria, acendendo as velas vermelhas usadas nas cerimônias de

precursores, mas algo estava diferente desta vez, com algumas delas fora da posição usual, formando desenhos distintos daqueles a que a jovem estava acostumada. De relance, notou que Tehn também estava atento aos detalhes, mas nenhum deles falava coisa alguma.

—Por favor, precursores, — pediu mestra Sophie, aproximando-se deles com duas tiras de larga seda rubra — é necessário que vossos olhos sejam cobertos. Podeis aguardar junto a mim enquanto os últimos detalhes são acertados.

Tomando uma das tiras, Deora assentiu. Com um nó firme a seda a impedia de observar o que quer que fosse, embora o suave toque do tecido não a incomodasse. Somente nesse momento a jovem se permitiu sorrir, pois mais de uma vez ficou com os olhos cerrados sentindo as energias emanadas da chama central. A escuridão, naquele momento, parecia ser uma boa companhia, mesmo que a presença de Sophie a assegurasse que ela não estaria sozinha.

—Não tenhais medo, precursores. — garantiu a mestra, próxima a ponto de poder sussurrar. — Vossa jornada será segura.

—Eu sei. — Deora deixou que sua respiração fluísse com vagar, quase num ritmo meditativo. — Sempre estive segura junto à chama.

—E sempre estarás, minha irmã.

Momentos depois, silêncio, pois nem o crepitar da chama podia ser ouvido. Tudo parecia imóvel, como se o tempo tivesse cessado seu fluir e nada além do presente existisse.

—Por aqui, precursora. — disse Sophie novamente, conduzindo a jovem por um longo caminho, praticamente em linha reta, como se estivessem cruzando toda a extensão do Salão da Sabedoria e ainda mais. — Teu destino está próximo.

Deora passou a sentir uma brisa que logo se tornou vento. Sua fronte podia sentir a luz que vinha de fora e mesmo a venda de seda não era capaz de fazê-la crer numa

escuridão completa ao seu redor. Ao contrário, a precursora sabia que estava num parapeito ou algo similar, com o ar suave que vinha desde o lago Glorianna desalinhando seus cabelos.

—Antes de prosseguir, precursora, — a voz de Sophie parecia mais solene. — devo te advertir que estás a um passo de tua morte. A distância até o solo é maior do que imaginas e é sabido que ninguém poderia ser capaz de sobreviver a tal queda. Compreendes o perigo em que te encontras?

—Sim, mestra Sophie.

—Dá um passo à frente, precursora.

A ordem foi dita no mesmo tom solene, sem dar margem a dúvidas ou falsas interpretações. Deora sorriu uma vez mais, certa de que nada haveria a recear uma vez que a mestra havia mencionado que a jornada seria segura. Confiante, deu um passo adiante.

E nada havia sob seus pés! Seu corpo foi impelido para frente pela súbita ausência de apoio, caindo no vazio, sem que Deora pudesse fazer coisa alguma por não enxergar o que estava ao seu redor. O grito que estava em sua garganta saiu opaco, fraco como suas esperanças...

...Até que a precursora sentiu seu braço seguro por alguém, impedindo a fatal queda.

Seu coração batia forte, pulsando, como um marco que dizia que estava viva. Ainda suspensa pelo braço, tentou dizer algo, mas sua voz não saía, como se a ciência de sua própria mortalidade uma vez mais a fizesse considerar sua existência. Com vagar ela foi erguida, finalmente podendo sentir seus pés tocando algo sólido.

—Por aqui, precursora. — manifestou-se Sophie, mantendo a solene entoação na voz, sem se alterar.

O caminho de retorno foi similar ao de ida, mas Deora agora não estava tão certa, pois as batidas em seu peito ainda eram mais fortes do que julgava suportar. Foi só quando sentiu o calor da chama que ardia no Salão da

Sabedoria, sem vento algum, sem captar a claridade externa, que ela se deixou relaxar novamente.

—Um mestre não anda a esmo, nem se lança ao acaso. — a voz de Mirhaanna parecia ecoar no Salão da Sabedoria. — Um mestre deve conhecer o caminho a ser trilhado, seja pela experiência ou pelo estudo, para somente assim dar um passo adiante. Precursores, para que almejeis vos tornarem mestres, é preciso que vossos olhos jamais sejam cobertos pela ignorância e pela dúvida. É vosso desejo prosseguir?

—Sim. — a voz de Tehn foi ouvida primeiro, seguida de perto pela de Deora.

Como se aquilo fosse suficiente, as vendas foram retiradas. Além da chama central, várias velas iluminavam o Salão da Sabedoria, algumas formando um círculo ao redor dos dois precursores — Deora à esquerda, Tehn à direita, com a Grande Mestra formando o vértice do triângulo equilátero. Sophie colocava-se a poucos passos atrás, como se estivesse lá para guiá-los, estando os demais mestres em seus respectivos tronos.

—Chegará um dia — prosseguiu Mirhaanna. — em que vós tereis de ser fortes o bastante para amparar vossos irmãos na chama. Esse dia, contudo, somente poderá ser alcançado se mestres fortes. Ser mestre, no entanto, é fácil, pois nada além da aquiescência de vossos pares precisais. Manter-vos firmes em vossos ideais, entretanto, é a verdadeira labuta de um mestre, pois mesmo os mais bem preparados são tentados. O caminho do mestre é um caminho de aprendizado perene, meus irmãos. — continuou ela. — Mestre é aquele que ensina e é também aquele que domina uma arte. A vós, precursores, era cabido apenas o dever de guiar. Agora, já no limiar de vossa jornada, deveis ser capazes de aprender enquanto transmitis vossos ensinamentos sobre a chama.

Sophie solenemente removeu as espadas dos precursores, colocando-as aos pés da Grande Mestra, uma ao lado da

outra. As chamas refletidas nas lâminas pareciam ter vida própria.

—Estas são as armas de um acólito. — Mirhaanna apontou para as duas espadas. — Também são as armas de um precursor. E são ainda as armas de um mestre. Um acólito aprende a manejá-las; um precursor aprende a combater com elas; um mestre deve saber como defender seus irmãos. Vossas armas são as mesmas desde que foram recebidos nos portões de Piros, e ainda o seu significado mudou ao longo do tempo. Assim como a chama, — a Grande Mestra segurou as duas espadas com suas mãos. — que para o não-iniciado é apenas uma fonte de luz, vossas armas também são símbolos que somente os que galgam os mais altos degraus de Piros podem compreender. A chama, que é a fonte de renascimento, sabedoria e equidade, é também necessária para se forjar as armas de cada um de vós. E, dessa maneira, precursores, vossas espadas são o fogo que carregais convosco em vossas jornadas.

Sophie recebeu as armas de volta e as retornou às bainhas dos precursores. Feito isso, tomou uma tocha e a acendeu na chama central, trazendo-a diante dos dois.

—Eis a chama de Piros. — anunciou Mirhaanna. — O mesmo fogo que arde aqui pode ser levado para longe, sendo capaz de iluminar e aquecer da mesma maneira. Sois agora aptos a serem verdadeiramente como a chama, pois deixais de serem precursores. Como mestres, podereis iluminar onde quer que estejais, pois sereis vós a própria chama de Piros.

Sophie levou a tocha para fora do campo de visão dos precursores.

—E mesmo que a chama não possa ser vista, — a Grande Mestra apontou para as sombras projetadas pela tocha. — aqueles por ela iluminados poderão saber que há algo mais ao seu redor, algo que lhes dá a proteção tão desejada. Sede tal chama, meus irmãos. Jamais busqueis serem

vistos, mas procureis a todo custo iluminar aqueles que estão em treva.

As velas foram uma a uma apagadas, até que restou somente a chama central a iluminar o Salão da Sabedoria, mesmo os mantos dos mestres aparentando dançar como o fogo, fortes como nunca.

—Hoje, meus irmãos, sereis mestres. — Mirhaanna aproximou-se de Deora e Sophie se postou diante de Tehn. — Hoje estais aptos a serdes aquilo que a Ordem Vermelha sempre esperou de vós... E é com orgulho que, hoje, possamos vos dar aquilo que será o símbolo de vosso trabalho...

Tehn rapidamente olhou para Deora, uma lágrima à vista. Sophie retirou seu manto e o colocou sobre seus ombros, cumprimentando-o em seguida como dois irmãos na chama o faziam. A Grande Mestra fez o mesmo com Deora, um largo sorriso em seus lábios.

—Vossa jornada atingiu a plenitude, mestres da Ordem Vermelha. — disse ela, retornando para seu lugar. — E isso, meus irmãos, é o suficiente para que possamos dar por encerrados os trabalhos.

Um a um os mestres se retiraram sem nada dizer. Deora ainda não sabia se aquela forma de agir era própria do ritual ou não, mas podia ter certeza de que nenhuma outra palavra precisava ser dita agora.

—Parabéns, mestra Deora. — cumprimentou Tehn.

—Parabéns, mestre Tehn. — disse ela, com a felicidade estampada em sua face.

—Agora, não presumais que vosso trabalho aqui terminou. — a Grande Mestra passou por eles com um ar sublime, deixando o Salão da Sabedoria sem se voltar. — Sois vós que ocupareis os tronos de Andora e de Val'ys, e deveis estudar para que possam fazê-los com sabedoria. Até que isso ocorra...

—...Permaneceremos aqui? — indagou Deora.

—Sim, mestra Deora. — respondeu Mirhaanna, deixando-os a sós.

## Capítulo 10

—Algo te perturba, Deora?

A pergunta fez com que a jovem se virasse subitamente. A chuva lá fora caía com vagar, como se nem o vento fosse capaz de mudar a direção de cada pingo, e era através das gotas ao longe que Deora tentava encontrar algo que nem ao menos sabia ao certo. Ainda assim, contemplar a chuva com olhos vazios não traria resposta alguma.

—Não sei se é preocupação, Tehn. É mais como uma sensação de que falta algo.

Os dois estavam no salão comunal, descansando um pouco de seus novos afazeres antes de retomá-los. Deora jamais suspeitou que uma das mais importantes obrigações de um mestre fosse estudar profundamente as primeiras lições da Ordem Vermelha, as mesmas que são ensinadas aos acólitos... Porém, os olhos de Deora viam as antigas lições de maneira diferente, como se fosse possível aprender mais a ponto de desvelar o conhecimento básico de todo irmão na chama. Mas desde que haviam se sentado ao lado de uma grande janela a nova mestra havia falado pouco, enquanto olhava para fora como se apreciasse o balançar das folhas com o impacto da chuva.

—Temes pela segurança de Ivoreen, não é?

—Às vezes acho que nunca seria capaz de deixar de me preocupar com ela. — respondeu Deora, novamente voltando os olhos para a janela, tentando não pensar em nada.

—Por mais que possa doer o que te digo, não posso deixar de fazê-lo. — e, ao dizer isso, sentou-se ao seu lado, colocando o braço sobre seu ombro. — Da mesma maneira que Ivoreen não deve considerar Piros como seu lar enquanto não completar a missão, não devemos considerá-la como nossa irmã.

—Como? Queres repetir o erro de Lufya e Kallop? — exclamou Deora, desvencilhando-se de Tehn. — Ainda

mais...

—Não, Deora. — interrompeu. — Não julgues com celeridade e ouve... Ivoreen sempre será nossa irmã na chama, mas nada podemos fazer por ela. Não até que retorne com a missão cumprida. Se ficarmos pensando nela, não estaremos aqui para os irmãos que precisam de nós.

Deora suspirou profundamente, mas permaneceu em silêncio.

—Nosso dever está aqui, em Piros. Guarda os bons pensamentos acerca de Ivoreen para tuas orações, mas faz de teu agir uma ferramenta capaz de impelir a Ordem adiante.

—Tehn... — os olhos de Deora traíam sua aparente força. — Obrigada... Mas acho que isso é algo que tenho de aprender sozinha.

Tentando sorrir a mestra se ergueu, caminhando devagar em direção à biblioteca, esperando que talvez os livros pudessem ser uma companhia silenciosa capazes de entender o que a jovem estava enfrentando. Enquanto andava, a jovem deixou que seus pensamentos vagassem tal qual andarilhos a explorar um novo mundo a esmo. E, em verdade, aquele era um novo mundo para ela.

Mestra Deora. Há não muito tempo aquilo era apenas um sonho, mas não mais: o longo manto vermelho que parecia crepitar quando se movia era a prova disso. Ainda estava vívido na mente da jovem o momento em que Mirhaanna retirou o próprio manto que trajava para vesti-la, simbolicamente a cobrindo com a proteção da Ordem Vermelha. E Deora sabia que aquele instante ficaria gravado em sua mente para sempre.

Mas a jovem agora estava na companhia dos tomos antigos de Piros, alguns tão pesados que se encontravam em pedestais permanentes na grande biblioteca, a fim de serem consultados sem muita dificuldade. Em meio aos milhares de livros, o cheiro do papiro antigo era até mesmo

inebriante, como se cada uma das páginas tivesse o poder de atrair a mente curiosa para os mais profundos segredos.

Que segredos? Ainda era cedo para Deora poder afirmar algo, mas era certo que estar sentada no trono de Andora fazia com que os outros mestres, precursores e acólitos acreditassem, hoje, ser a jovem detentora de um saber maior sobre a Natureza — ao menos assim Deora via aqueles que se sentavam nos demais tronos, crendo que cada um dos mestres guardava o mais profundo conhecimento acerca dos ensinamentos dos deuses.

Todavia, se havia segredos, estavam bem guardados, pois nem mesmo Deora os tinha descoberto.

—Como posso me sentar no trono de Andora se tão pouco sei sobre ela? — perguntou a jovem à pilha de livros diante de si.

Mas livros não respondiam perguntas — apenas incitavam a novos questionamentos. E, com isso em mente, Deora passou a ler o enorme tomo diante de si, procurando respostas para perguntas que nem ao menos sabia que existiam.

Naquelas grossas páginas a jovem encontrou diversos símbolos místicos, alguns conhecidos, outros tão arcaicos que nunca havia visto antes. Um dos símbolos, porém, ocupava um lugar de destaque no centro de uma página: bismuto. Embora a descrição daquele metal esbranquiçado ocupasse não mais que três parágrafos, era em seu símbolo que Deora pousava os olhos.

Traçado com uma pena fina, aquela lua minguante sobre um círculo perfeito evocava na jovem mais do que a busca alquímica, pois o desenho lembrava um colar... E naquele mesmo instante em que seus olhos contemplavam o bismuto, sua mão tocava a gargantilha de esmeralda que sempre carregou consigo.

Deixando o livro aberto sobre a mesa, Deora saiu da biblioteca e seguiu na direção do Salão da Sabedoria — sob

a proteção da eterna chama a jovem esperava encontrar a serenidade para pensar a respeito de sua própria origem.

Tudo estava como sempre esteve, envolto naquela suave penumbra a que todo iniciado estava acostumado. Deora gostava do silêncio que a envolvia enquanto adentrava o lugar, chegando a parar um pouco para deixar que seus olhos se acostumassem com a escuridão. A cada instante o aroma do incenso queimado há alguns minutos a circundava, anunciando que outros estiveram ali, antes dela — da mesma maneira que sabia que outros estariam ali após deixar o Salão da Sabedoria. Contudo, o que mais lhe prendia o olhar era o modo como a chama projetava sombras em cada um dos tronos.

Olhando de relance, Deora quase podia jurar que os vultos dos antigos mestres estavam ainda sentados em seus lugares, guardando a chama central de qualquer mal e impedindo quaisquer intrusos de ousarem tomar Piros. Aquelas imagens traziam uma sensação de proteção e imponência, silenciosamente demandando respeito e obediência ao mesmo tempo em que a cobriam com um manto de cuidado.

Pé ante pé, cruzou todo o Salão da Sabedoria, postando-se diante do trono de Andora. Nenhum vulto estava ali, tão perto de seus olhos, mas de alguma maneira a mestra sentia que, se olhasse para os outros tronos, algo lhe daria a impressão de que estavam ocupados. Todavia, apenas se concentrava no assento diante de si, não com receio, mas com a reverência surda de quem sente que precisa provar seu valor.

Ela já havia ocupado o trono, mesmo que brevemente, quando recebeu o grau de mestra. E, como não poderia deixar de ser, sua mente foi invadida pela lembrança dos eventos recentes.

Com os olhos umedecidos a jovem se sentou no trono de Andora, calmamente deixando que sua mente se esvaziasse enquanto caminhava para um estado meditativo. Em

minutos, nem o crepitar da chama central passaria a ser ouvido, embora Deora tivesse plena consciência de tudo a sua volta.

Quantos anos tinham se passado? Oito? Nove? Nove anos, Deora tinha certeza. Quase uma década servindo a Ordem Vermelha, nove anos desde que viu Piros pela primeira vez. Em todo esse tempo aprendeu segredos místicos, desvendou códices de conhecimento antigo, combateu aquilo que julgava ser o bom combate... E aprendeu o verdadeiro significado da fraternidade. Talvez seus irmãos na chama tenham sido o maior presente de Piros a ela, e Deora acreditava que ainda precisaria fazer muito mais pela Ordem Vermelha para retribuir o que eles — sua única família — haviam feito.

E o que representava a gargantilha de esmeralda? Seria apenas uma joia? Ou um símbolo? Ou...

Uma vez o gongo soou. Um acólito estava por adentrar no Salão da Sabedoria.

Deora saiu de sua meditação no mesmo instante. Embora não fosse usual que alguém soasse o gongo quando nenhuma cerimônia estivesse ocorrendo, não era aquilo algo tão incomum para os membros mais antigos — ou tradicionalistas, segundo eles mesmos. Sem se levantar, a jovem olhou na direção da entrada, esperando pela chegada de quem quer que fosse.

—Mestra Deora?

A voz era forte e masculina, um pouco cerimoniosa, mas não de todo desconhecida, embora não houvesse ainda certeza de onde a jovem a havia escutado da primeira vez.

—Estou aqui. — respondeu a mestra, ajeitando-se no trono de Andora enquanto garantia que seus olhos não revelassem sinais das lágrimas derramadas.

Caminhando com cuidado o rapaz se aproximou, trajando as vestes de acólito. Quando a chama iluminou sua face imberbe, imediatamente Deora se lembrou: era quem a havia chamado aos portões quando Ivoreen estava de vigia.

—Na última vez que me viste, — Deora ajeitou o capuz de seu manto, sempre olhando para o acólito. — eu era uma precursora e tu fazias as vezes de mensageiro. Em que posso te ajudar desta vez?

O rosto do jovem estava cheio de contemplação, como se poucas vezes tivesse entrado no Salão da Sabedoria, mas Deora não tinha como dizer que, para ela, era muito diferente, pois apesar das inúmeras vezes em que estivera ali, sempre havia algo de novo a ser descoberto.

—Partirei em minha primeira missão fora dos muros de Piros amanhã. — o suspiro do rapaz era um misto de saudade e ansiedade. — Eu gostaria de ouvir teus conselhos antes.

Todo aquele que é iniciado na Ordem Vermelha fica sob responsabilidade de um irmão — às vezes do mesmo que o trouxe para Piros, outras por alguém escolhido pelo Grande Mestre — e no caso daquele rapaz não haveria de ser diferente. Mas por que, apesar disso, tinha procurado por Deora?

—Quem é teu tutor, acólito? — a pergunta tinha um quê de cuidado, mas o jovem não havia percebido isso.

—Mestre Craig foi quem me acolheu em Piros, mas desde sua partida, o que ocorreu pouco após minha iniciação, o precursor Kallop ficou responsável por mim...

—Kallop?! — perguntou Deora, levando a mão à boca enquanto olhava para o acólito com um olhar indagador.

—Sim, mestra. Mas há alguns dias Kallop me disse que não poderia continuar como meu tutor... — deixou que os braços caíssem ao longo do corpo enquanto abaixava a cabeça. — Parece que ninguém quer me guiar pelos caminhos do fogo...

—Foi Kallop quem sugeriu que me procurasses? — perguntou a mestra, levantando-se e erguendo a cabeça do jovem com a mão esquerda.

—Não... Eu apenas achei que não me negarias uma palavra de apoio...

—É apoio o que buscas? — Deora olhava em seus olhos escuros que brilhavam com a chama.

—Em verdade, — começou, juntando as mãos e as apertando com força. — eu busco alguém que esteja disposto a ser meu tutor. Tu estarias, mestra Deora?

Ela já antecipava a pergunta, mas ainda assim não a recebeu com tranquilidade.

—E por que me escolheste?

—Eu apenas achei que... — a frase ficou incompleta, pois mais uma vez o rapaz abaixou a cabeça e murmurou algo ininteligível.

—Acólito! — Deora havia levantado a voz um pouco, ecoando pelo Salão da Sabedoria, fazendo com que o jovem saltasse. — Palavras têm de ser ditas, ou que sejam apenas pensamentos!

—Eu te escolhi porque me trataste bem quando te avisei que eras chamada aos portões. — a frase foi dita num fôlego só.

Rapidamente Deora reviu a cena em sua mente, mas não encontrou nada de diferente no seu modo de lidar com o rapaz.

—Eu te tratei como a qualquer outro irmão na chama, acólito.

—E antes meus tutores eram Craig e Kallop. — lembrou. — São todos irmãos, mestra, mas cada um com sua maneira peculiar de lidar com os outros.

Deora sabia o que o jovem queria dizer, pois ela mesma teve debates com mestre Craig que não foram especialmente amistosos, sem mencionar as ações não muito fraternas de Kallop durante a busca pela veraídeya. Todavia, nada disse.

—Aceitas ser minha tutora, mestra Deora?

O rapaz a olhava com olhos brilhantes, mais do que a própria chama eterna, esperançoso.

—Qual o teu nome, acólito?

—Meu nome é Grenjor.

O sorriso de Deora finalmente trouxe uma réstia de esperança ao rapaz.

—E qual a missão que te foi atribuída, Grenjor? — perguntou a mestra, sentando-se junto à chama eterna, convidando o jovem para se acomodar ao seu lado.

—Numa das minas de ametistas na parte sudeste de Vlyn — começou, sentando-se com as pernas cruzadas. — ocorreram deslizamentos de terra, soterrando trabalhadores. Kallop havia me informado que alguma coisa estranha deveria estar acontecendo por lá, sendo meu dever investigar e retornar para informar à Ordem. Mas nunca estive lá, nem sei o que posso encontrar...

—Houve uma época em que nunca estiveste em Piros, não sabendo o que encontrarias aqui. Ainda assim vieste, acólito.

—Tuas palavras são verdadeiras, mestra, mas tenho medo...

—Todos temos nossos medos, Grenjor.

As palavras se perderam na garganta do rapaz por alguns instantes, porém, não por muito tempo:

—Tenho medo de falhar, de não ser capaz de retornar a Piros.

—Se houvesse a certeza da derrota — Deora tinha um sorriso sincero. — não enviaríamos nossos irmãos em missões como essa.

—Eu entendo, mestra, mas...

—Tens de escolher. Podes optar por cumprir a missão ou decidir por recusá-la. Contudo, tua recusa acarretaria em consequências mais difíceis de suportar... — Deora olhava para a chama eterna, um tanto absorta em seu crepitar. — Às vezes é melhor tentar e falhar do que nunca ter tentado.

Grenjor também se concentrou na chama, dela extraindo forças para continuar.

—Eu não desistirei, mestra. — disse com o punho em riste, embora o tenha abaixado em seguida. — Mas se eu

me encontrar em dificuldades, como deverei proceder? Algum conselho?

—Faz como a chama. — respondeu enigmaticamente. — Pergunta a ti mesmo o que faria o fogo em teu lugar.

—Não sei se compreendo.

—Quando chegar o momento, acólito, compreenderás.

Então, ao mesmo tempo, os dois se levantaram, despedindo-se como dois irmãos na chama o faziam. Na manhã seguinte, Deora estaria novamente nos portões de Piros, pronta a entregar uma tocha a Grenjor, que partiria em sua primeira missão pela Ordem Vermelha.

E assim ocorreu. Quando o sol despontou a mestra já estava pronta, o acólito a sua frente, caminhando com o receio de quem segue em direção ao desconhecido. Olhava para Deora com respeito, apenas aguardando pelas palavras que lhe seriam ditas antes de partir.

—Aproximam-se dos portões!

Um dos acólitos em vigia havia feito o anúncio, apontando para fora dos muros de Piros. Não era usual terem visitantes, ainda mais nas primeiras horas da manhã, mas os acólitos estavam preparados para lidar com a situação — um deles rapidamente cruzou os portões para receber quem se aproximava, sob o olhar atento daqueles que faziam a vigia. Contudo, antes que um inteiro minuto se passasse, ele retornou e se dirigiu a Deora.

—Mestra, a visitante deseja falar com Ivoreen ou contigo. Diz que se chama Shasa de Jollern. O que devo fazer?

A jovem se sobressaltou. Shasa era uma das duas que tinham solicitado ajuda da Ordem Vermelha dias atrás, mas o que incomodava era o fato de, apesar de Ivoreen ter sido enviada, a visitante perguntar sobre ela. Algo dizia a Deora que nem tudo estava bem.

—Eu lidarei com isso, acólito. — virou-se para Grenjor, deixando que as palavras fluíssem mais rapidamente que o usual. — Aqui está tua tocha, meu irmão na chama. Que ela ilumine teu caminho e te traga as boas memórias desta que

é hoje tua casa. Os portões de Piros se manterão fechados até que tua missão seja bem-sucedida; até então, tu serás a personificação da Ordem Vermelha lá fora. Segue teu caminho com sabedoria e retorna em paz.

Dessa vez, então, os portões foram abertos para duas pessoas. Grenjor seguia para seu próprio destino; Deora iria se encontrar com Shasa.

Foi apenas quando os portões se fecharam e o acólito passou a trilhar sua solitária jornada que a mestra se aproximou da mulher loira que aguardava pacientemente. As roupas de jornada estavam bem cuidadas, mas Deora prontamente notou que ela calçava botas de cavalgada, o que indicava que sua vinda havia sido muito mais rápida desta vez.

—Saudações, Deora da Ordem Vermelha. — disse a outra, pondo um joelho ao chão.

—Levanta, Shasa de Jollern. — disse a mestra por sua vez. — A que devemos tua visita?

—O povo de Jollern vos é imensamente grato. — disse a loira, erguendo-se. — A ameaça mística teve fim, mas nem ao menos pudemos agradecer àquela que nos salvou, pois Ivoreen partiu sem nada dizer.

Os olhos de Deora denotavam que a mestra não compreendia toda a extensão da narrativa.

—Quando isso ocorreu?

—Há dois dias. Não encontramos Ivoreen em lugar algum, mas as matas estavam seguras mais uma vez. O povo de Jollern me pediu que eu trouxesse isso — Shasa pegou um embrulho de folhas de sua mochila. — como singela retribuição pelos esforços da Ordem Vermelha... Gostaríamos de entregar para Ivoreen ou para ti, pois foram aquelas que diretamente nos ajudaram.

—Nenhuma recompensa é necessária. — disse Deora. — Dize ao povo de Jollern que estamos gratos por termos ajudado.

—Por favor, eu insisto... — e a outra tirou as folhas que cobriam a peça.

Era uma réplica em madeira de Piros, da maneira como poderia ser vista de longe. Todos os detalhes que seriam notados por um observador atento estavam presentes, e o uso de uma madeira avermelhada ainda dava um toque mais que especial à escultura.

—É linda... — anunciou Deora, sua face cheia de admiração. — É o trabalho dedicado de um verdadeiro mestre e realmente merece ser apreciado. Que seja um presente, não uma recompensa.

—Que assim seja. É uma pena não poder entregá-la diretamente a Ivoreen...

—Ela ainda verá esta obra de arte. — interrompeu a jovem, tomando delicadamente para si a réplica. — A propósito, convido-te assim como Trada a passar o dia em Piros.

—Como sabes que Trada está próxima? Acaso usaste de magia enquanto conversamos?

—E traze os cavalos. — acrescentou Deora, com plena certeza de que Shasa não teria largado os animais sozinhos.

—A magia de Piros é poderosa. — disse ela, respeitosamente. — Mas não iremos nos demorar desta vez. Novamente, obrigada pela ajuda proporcionada por tua nobre Ordem. Partiremos em breve.

Uma vez mais Shasa pôs um joelho ao chão, em cumprimento, erguendo-se em seguida. E, antes que Deora pudesse dizer algo, a loira girou nos calcanhares e seguiu seu próprio caminho.

Mas enquanto a mestra retornava para Piros carregando a obra em madeira, sua mente estava completamente voltada para sua acólita, perdida em algum lugar de Vlyn entre Jollern e a torre que Deora tinha como lar.

E foi com tal pensamento que atravessou os corredores que levavam aos aposentos de Mirhaanna. Porém, aquela que sempre lhe serviu como tutora não estava lá. Isso fez

com que se dirigisse imediatamente ao Salão da Sabedoria, subindo as escadas de dois em dois degraus. Ao chegar ao topo, a jovem ouviu uma voz feminina em tom de aviso, mesmo antes de poder se recuperar da corrida desabalada:

—A Grande Mestra não pode te receber agora, mestra Deora.

A acólita que guardava o Salão da Sabedoria parecia pronta a cumprir com seus deveres sem hesitação, mantendo a mão no punho da espada, aparentemente ansiosa por desembainhá-la caso Deora ousasse se adiantar. A mestra a conhecia de vista, pois estava sob os cuidados de Tehn. Melinna, Milenna... Algo assim, pensava Deora enquanto se mantinha afastada, sabendo que somente algo realmente importante faria com que Mirhaanna requisitasse a presença de um acólito para guardar seus estudos.

—Eu posso aguardar. Minutos não farão diferença nesse caso.

A acólita nada disse. Imóvel como uma gárgula prestes a atacar permaneceu, quase evitando piscar. Como Deora não fazia menção de se aproximar, a tensão foi relaxando, a ponto de a outra largar a espada. A mestra sorriu. O simples cansaço estava tomando conta da acólita, ainda sem prática como sentinela do Salão da Sabedoria. Ainda assim, Deora se questionava acerca do próprio ofício de guardar as cerimônias, algo extremamente importante e, algumas vezes, negligenciado.

Mas todos esses pensamentos se desvaneceram tão logo a Grande Mestra se fez presente, sinalizando em silêncio que os serviços da acólita não mais eram necessários. Deora pôde olhar profundamente para a face cansada daquela que a havia trazido para Piros, notando em seus olhos uma réstia do peso da idade. Foi então que Mirhaanna a viu e deu um largo sorriso, como se quisesse com isso afastar o cansaço.

—Bom te ver aqui, mestra Deora. — as duas se cumprimentaram como duas irmãs na chama o fazem, quase ignorando a presença da acólita.

—Gostaria de conversar contigo, Grande Mestra. — a voz de Deora estava calma, um meio sorriso em seus lábios. — A chama central deve ser nossa única companheira.

A frase era já conhecida pela acólita, e nenhum pedido ou sinal precisou ser feito — ela permaneceria como sentinela enquanto as duas estivessem a tratar de assuntos cujo sigilo era imperativo.

E o gongo soou três vezes, seguidas de outras três — no Salão da Sabedoria estavam apenas Mirhaanna e Deora.

—Recebemos um presente nesta manhã. — começou Deora, ainda deixando-se tomar pelo crepitar da chama.

—Duvido que a beleza desse presente seja o assunto de nossa conversa, criança. — Mirhaanna ainda mostrava aquele sorriso um tanto enigmático.

—Não a beleza, Grande Mestra, mas a existência de tal presente...

—Não acha que o merecemos?

—O presente foi destinado a Ivoreen, Mirhaanna. — a frase foi dita num só fôlego. — Aparentemente ela lidou bem com o problema sem, contudo, ter retornado a Piros. Alguma coisa terrível deve ter ocorrido...

—Está considerando que ela não retornou por qual razão, criança? Algo a teria forçado a se desviar do caminho?

—Eu não sei. — os olhos de Deora estavam largos e vazios. — Ela parecia tão animada em poder realizar uma missão sozinha, representando a Ordem...

Mirhaanna deixou que o sorriso se perdesse, mas seu semblante permanecia sereno.

—Uma vez lhe disse que a parte mais difícil era esperar. Se não soubesse que a ameaça fora contida, continuaria sem se questionar acerca da demora de nossa irmã na chama. Esperemos um pouco mais...

—Grande Mestra, há algo errado. Eu consigo sentir isso...

—Não posso permitir que deixe Piros agora, Deora. Há muito a ser feito e não há mestres suficientes para lidar com tudo... Seu dever é para com sua Ordem.

—Mas...

—Esperemos. — sentenciou Mirhaanna. — Só nos cabe aguardar.

## Capítulo 11

—Nenhuma notícia ainda?

No início, Deora perguntava sobre Ivoreen às sentinelas todas as manhãs. Com o tempo, passou a perguntar de dois em dois dias, depois em intervalos maiores. Naquela tarde completariam trinta dias desde que conversara com Mirhaanna sobre sua aluna... Mas a resposta ainda era a mesma.

—Sinto muito, mestra. Ivoreen ainda não retornou.

Deora se debruçou sobre o parapeito, olhando fixamente para o horizonte, como se seu olhar pudesse trazer a acólita de volta. O vento balançava seus cabelos e mesmo o manto que parecia trazer a chama em seu interior não permanecia inerte. Um suspiro foi tudo o que esboçou, deixando que seu olhar repousasse sobre as montanhas ao longe.

Ela mesma não soube precisar quanto tempo lá permaneceu, mas o vento tinha se reduzido a uma leve brisa quando caminhava de volta para a construção principal. Foi então que os portões foram abertos.

Os acólitos que atuavam como sentinelas da torre pareciam alvoroçados demais, mas Deora não podia ainda ver quem chegava. Por um instante acreditou que suas preces tivessem sido ouvidas e Ivoreen estivesse de volta, ficando a mestra imóvel até que, quem quer que fosse, surgisse.

Lentamente a figura surgiu nos umbrais de Piros, carregando uma tocha ainda pela metade na mão, capuz sobre a frente, manto rubro... Quem chegava era um mestre.

—Mestra Deora! — disse a voz já conhecida, desta vez mais amigável que de costume, apesar de visivelmente cansada. — Preciso ver a Grande Mestra imediatamente.

Quando o capuz caiu, Deora pôde confirmar a identidade daquele cuja voz jamais esqueceria.

—É bom te ver novamente, mestre Craig. — disse, cumprimentando-o como dois irmãos na chama o faziam. — Enquanto te guio, importa-te de me contar onde estiveste?

—Se a Grande Mestra julgar necessário te dizer, Deora, — o sorriso de Craig era um misto de sarcasmo e superioridade — tu serás informada.

A mestra estacou no meio do caminho, seu olhar fixo em Craig.

—Não acredito que estejas fazendo isso, meu irmão. Somes com mestre Hanvor no meio da noite para alguma tarefa secreta e quando retornas não compartilhas nada?

—Compartilho as agruras de uma jornada que ainda não teve fim, Deora. — sua voz estava mais sóbria. — Contudo, não me posso dar ao direito de revelar segredos que não são meus. Espero que compreendas.

A mestra voltou a conduzi-lo, um pouco mais calma.

—Tenho estado preocupada, meu irmão. — ela o olhou de relance. — Espero que me perdoes.

Craig olhou para sua irmã na chama com certa ternura.

—O fogo não se preocupa enquanto queima. Ele apenas segue seu destino. Quando o dia chegar em que nós possamos realmente viver ao invés de nos preocupar, seremos verdadeiramente puros como a chama.

A mestra nada disse, resumindo-se a indicar os últimos metros até a sala onde Mirhaanna costumava ficar durante a manhã. Com um aceno deixou que prosseguisse sozinho, pois sabia que não discutiriam diante dela. Nesse ínterim Deora estaria na biblioteca — talvez tendo os livros por companhia o tempo fluísse mais rapidamente.

A mestra, contudo, mal teve tempo de escolher o tomo sobre o qual se debruçaria, pois tão logo se acomodou uma acólita se aproximou.

—Mestra Deora, a Grande Mestra deseja ver-te.

—Agora? — perguntou, surpresa. — Retorna e diz que estarei lá em alguns minutos.

—Mestra. — a acólita foi um pouco mais incisiva, o que fez com que Deora recordasse ser a mesma que guardara o Salão da Sabedoria com a mão sempre presente sobre o punho da espada. — Peço que retornes comigo. Não desejo dizer à Grande Mestra que fui incapaz de cumprir com uma ordem.

Deora sorriu de lado. Será que um dia teria sido assim também? Não tinha tal resposta, mas sabia que provavelmente agiria da mesma maneira se lhe fosse ordenado que trouxesse alguém na presença da Grande Mestra. Erguendo-se, caminhou diretamente para o local onde havia conduzido Craig há pouco.

Tão logo ela e a acólita entraram, Deora notou que Mirhaanna estava só, trajada com todo o paramento que lhe cabia.

—Tuas ordens, Grande Mestra, foram cumpridas. — disse a jovem.

—Obrigada, Milenna. — o tom de Mirhaanna era formal. — Se puder nos deixar a sós...

A acólita simplesmente acenou e fechou a porta atrás de si. Deora ainda permanecia em pé, aguardando por quaisquer comandos da Grande Mestra.

—Mestre Craig esteve aqui há pouco, criança. Eu me pergunto se sua repentina chegada tenha despertado alguma curiosidade.

—Sabe a verdade, Mirhaanna. — Deora se deu a liberdade de chamá-la pelo nome ao ser chamada de criança, o que fez com que a Grande Mestra sorrisse. — O motivo da jornada de Craig e Hanvor ainda é um mistério para mim.

Mirhaanna indicou uma cadeira larga, convidando Deora a se sentar. A Grande Mestra, porém, permaneceu em pé.

—É algo que somente o portador do medalhão que trago em meu peito pode saber, criança. Mas... — parou por um momento. Sabe qual a diferença entre um mestre e o Grande Mestre?

—A responsabilidade de suas atribuições.

—Sim, isso também. Mas há algumas coisas a mais... Em especial, uma magia que nos foi ensinada por Berilla, regente de toda a magia. Uma que jamais foi escrita e jamais será. Seu conhecimento deve ser sempre passado de Grande Mestre a Grande Mestre.

Deora se ajeitou na beirada da cadeira.

—Por que está me dizendo isso?

—Porque não posso deixar Piros sem que alguém saiba essa magia, criança. Eu quero que seja a próxima Grande Mestra.

—Mas... — Deora mal pôde formular uma frase inteira, pois Mirhaanna ergueu a mão num gesto de autoridade.

—Não estou perguntando se aceita ou não, criança. É algo que precisa ser feito.

—Onde sua presença é mais necessária do que aqui, Mirhaanna?

—Craig me levará para onde Hanvor está. Um grande mal assola toda a existência e a Ordem Vermelha não pode se furtar a socorrer aqueles que precisam.

—Onde é tal lugar? O que está havendo?

Mirhaanna sentou-se junto à janela. Sua expressão estava carregada.

—Não existe uma maneira simples de dizer isso... O ciclo da morte-sempré-viva, eterna bênção e maldição de Gwyanna, está fazendo com que criaturas retornem do descanso final. Estou falando de centenas de criaturas que uma vez estiveram mortas caminhando novamente, trazendo o terror jamais visto.

A face séria de Mirhaanna traduzia o que suas palavras mal descreveram. Deora compreendeu de imediato a gravidade da situação.

—Eles... Essas criaturas... Estão em Vlyn?

—Não, criança. Estão em além-mar, mas próximos o suficiente para que sua desgraça possa nos afetar. Vlyn ainda está a salvo.

Deora olhou através da janela, vislumbrando o lago Glorianna. Toda a beleza que cercava Piros estava ameaçada.

—Mas... O que três mestres podem fazer para impedir tal terror?

Mirhaanna suspirou com vagar, seu olhar quase marejado. Sabia do perigo que corriam, embora também conhecesse a responsabilidade que o conhecimento da chama trazia.

—Nós faremos como a chama, criança. É isso o que sempre fizemos e é assim que podemos purificar a mácula imposta por Gwyanna.

—Ainda assim...

—Agirias de modo diferente? — interrompeu a Grande Mestra.

Deora parou por um momento, balançando a cabeça em negativa.

—Eu entendo, Mirhaanna, mas não posso deixar de sentir um aperto em meu coração ao saber que partirá. Talvez para nunca mais voltar.

—É esse um risco, criança.

A jovem baixou a cabeça, sua mente tomada por turbilhões de pensamentos.

—Primeiro Ivoreen, agora...

A Grande Mestra estendeu a mão, erguendo o olhar de Deora ao tocar seu queixo. Um sorriso se formava.

—Coloque duas chamas juntas e elas se tornam uma. Não é mais possível separá-las, pois o fogo será um só. Cada um de nós, cada irmão na chama, é parte de Piros... Mesmo que partamos, somos parte da mesma chama, criança, e isso nunca nos deixa só. Não importa onde estivermos, traremos sempre o calor da chama que arde no centro do Salão da Sabedoria por toda a eternidade.

—Eu sei...

—Além do mais, sei que será diligente em seu novo dever. A chama será sua guia, assim como foi para mim e para

Hanvor. Por isso, nada tema quando lhe for exigido sacrifício tão grande quanto o nosso.

A jovem aquiesceu. Sua obrigação era clara e não se furtaria em cumpri-la.

—Quando partirá, Mirhaanna? — perguntou, por fim.

—Ainda hoje. — segurou as mãos de Deora. — Só preciso ter a certeza de que a magia estará segura em seu poder. Entenda, — continuou. — que nunca esta magia foi confiada a qualquer um que não fosse o Grande Mestre da Ordem Vermelha. Jure pela chama que arde no centro do Salão da Sabedoria que assim permanecerá.

—Eu juro. — disse Deora sem pestanejar.

Assentindo com a cabeça, sem nunca largar as mãos da jovem, Mirhaanna se aproximou. Comunicou ao pé do ouvido, em um tom não mais alto que um suspiro, as palavras de poder, descrevendo com vagar a invocação, fazendo com que Deora as repetisse a fim de estar evidente que nenhuma dúvida pairava.

—Deora, — a Grande Mestra se levantou. — de hoje em diante é a responsável por toda a Ordem Vermelha. Sua palavra é lei e seu julgamento sagrado, mas lembre-se que assim como a chama arde com fervor para um dia se extinguir, chegará um momento em que sua autoridade ser-lhe-á retirada e outro estará em seu lugar.

Uma lágrima escorria pela face da jovem enquanto pensava no tamanho da tarefa diante de si. Mirhaanna, apesar de atenta a isso, removeu de si o medalhão e o pôs sobre os ombros de Deora, com o grande ornamento pendendo na altura de seu peito. Naquele mesmo instante a jovem sentiu uma dor forte em sua mão direita, fazendo com que gemesse — ao olhar para a palma, notou que uma chama havia lá surgido, como se gravada a ferros. Mirhaanna meneou a cabeça respeitosamente.

—É hoje Grande Mestra da Ordem Vermelha, Deora. Uma verdadeira Dama do Fogo. E eu, solenemente, aguardo por suas ordens.

A jovem nada disse. Em verdade, mal conseguia evitar que suas mãos tremessem. Tudo pelo que havia passado até então se fez real mais uma vez, numa tempestade de lembranças. Ainda assim, diante dela estava a mulher que a havia conduzido até Piros — uma mulher que sempre foi tida como sua mestra, mas que agora aguardava pacientemente como uma neófita.

Contudo, era Deora quem se sentia como uma acólita uma vez mais.

## **Interlúdio**

As sentinelas continuavam firmes em seus postos no alto das muralhas, atentas a qualquer ruído e a todo o movimento no horizonte. Sua função era a mesma exercida por aqueles que guardavam a entrada do Salão da Sabedoria enquanto alguma cerimônia estava ocorrendo, mas o risco era ainda maior — a segurança de todos os irmãos pendia sobre os ombros de cada uma delas.

Deora sorriu, olhando para baixo da janela de seus aposentos. Não se recordava de ter exercido a função de sentinela externa, embora mais de uma vez tivesse guardado os rituais com espada em punho. Hoje compreendia o quão importante era terem acólitos bem preparados para perscrutar o horizonte a fim de proteger os portões de Piros.

Sentou-se em uma cadeira firme, ainda podendo ver a estrela de âmbar nos céus. Aquela luz a havia guiado em pensamentos no passado e provavelmente a guiava ainda. Especialmente por ter o medalhão de Grande Mestra em seu peito.

Dois anos tinham se passado desde que Mirhaanna havia lhe confiado o comando da Ordem Vermelha. Desde aquele dia, do nascer do sol ao seu ocaso, Deora havia se dedicado inteiramente aos afazeres que lhe cabiam, mediando conflitos, ratificando o envio de precursores em missões, presenciado acólitos galgando os graus mais altos... Mas, talvez, sua mais difícil tarefa tenha sido deixar o trono de Andora para assumir o de Hiljam.

O primeiro entre os deuses sempre teve um lugar de primazia no Salão da Sabedoria, sendo seu trono colocado de frente para a entrada. Seu domínio era a sabedoria e a luz, algo que todo Grande Mestre deveria ter como qualidades fundamentais. Deora, todavia, não se julgava sábia o suficiente, mesmo sabendo que seus irmãos na

chama a viam como exemplo a seguir por ter sucedido Mirhaanna.

O trono de Andora, porém, continuava vago. Havia mestres para ocupá-lo, é claro, mas nenhum queria assumir tal responsabilidade visto que Deora havia conquistado o direito àquele lugar pouco antes de se tornar Grande Mestra. Em suma, cabiam a ela os dois tronos, embora em seu íntimo acreditasse que só havia chegado a tão alta honra por Mirhaanna ter confiado nela.

As sentinelas eram rendidas naquele momento, mas Deora ainda tinha o olhar fixo na estrela de âmbar. A noite, porém, estava longe de ter fim.

—Onde será que estás? — perguntou-se, olhos fechados, pensando em Ivoreen.

Um sentimento de impotência passou pela mente de Deora enquanto se recordava do momento em que havia ordenado que os portões devessem ser fechados para sua acólita. Hoje sabia que poucos eram os que não retornavam de missões, geralmente por terem falhado, mas não foi esse o caso de Ivoreen — ela havia sido bem-sucedida, conforme Shasa e Trada puderam comprovar. Havia algo mais impedindo que a acólita retornasse.

O que a tolhia, porém, era algo que Deora ignorava. E não saber tal coisa, agora que se sentava no trono de Hiljam, incomodava-a sobremaneira.

Libertando-a de suas divagações, uma comoção foi ouvida lá embaixo. Prontamente a Grande Mestra se postou para ver o que ocorria, esperando que seus olhos pudessem romper o véu da noite e distinguir algo em meio à movimentação.

O que pôde ver, porém, foi apenas uma tocha sendo apagada já no interior das muralhas. Algum irmão na chama retornava.

Deora suspirou. Havia presenciado aquela cena inúmeras vezes, não mais nutrindo esperanças de que Ivoreen estivesse retornando... Não, deveria ser alguém mais.

Olhou para a chama que iluminava seus aposentos e brincou com seu tremular, praticando uma magia simples apenas para que pudesse relaxar. A chama quase dançava, seguindo o movimento dos dedos da jovem, mas, de repente, batidas à porta, firmes e diretas, fizeram com que a magia se extinguisse. Levantou-se de imediato, coração batendo com força.

Três passos a separavam da porta, sendo cruzados num átimo, mas a mente de Deora teve a oportunidade de viajar muito antes que sua mão tocasse a maçaneta. E a razão disso era a esperança.

Desde que recebera o medalhão deixou de perguntar às sentinelas acerca de Ivoreen. Porém, por não poder deixar de pensar no possível retorno da acólita, instruiu os guardas dos portões que a avisassem no momento em que ela retornasse. Esperança.

—Grande Mestra, perdoa minha interrupção nessa hora tão adiantada. — a postura sempre diligente de Milenna, agora precursora, jamais mudara, embora os anos a tivessem deixado mais séria. — Uma irmã na chama retorna a Piros...

—Ivoreen?

—Não, Grande Mestra. — Milenna balançou a cabeça em negativa. — Mestra Mirhaanna é quem retorna.

—Ela está bem? — Deora sentia um misto de felicidade e tristeza, mas tentava não transparecer isso.

—Sim. Ela indaga se farias a gentileza de recebê-la no Salão da Sabedoria dentro de alguns minutos.

Deora parou por um instante, pensando acerca de tudo o que tinha ocorrido desde que Mirhaanna deixara Piros. Ela havia mencionado uma ameaça terrível que só poderia ser contida com a ajuda da Ordem Vermelha, razão pela qual Hanvor, Craig e ela haviam se ausentado por tanto tempo. Ainda assim, apenas ela retornava.

—Precursora, eu... — parou e olhou novamente para a janela. — Por favor, entra.

Milenna não esperava o convite, mas não o recusou. Deora parecia estar mais séria do que de costume.

—Há algo que possa fazer por ti, Grande Mestra?

—Não. — ela sorriu. — O que tenho de fazer é algo que só cabe a mim. Mas tua ajuda é bem-vinda.

Deora abriu sua mochila de jornada, há muito sem uso, e passou a prepará-la. Milenna a olhava com certa curiosidade.

—Partirás em breve? Há algum problema?

—Eu devia ter feito isto há muito tempo. Não posso deixar que uma irmã na chama siga sem que alguém a guie, especialmente uma que estava sob minha tutela.

—Falas de Ivoreen novamente... Com todo o respeito, teu dever é para com toda a Ordem Vermelha. Uma única irmã...

—A Ordem Vermelha é forte por causa de nossa união. — ela parou de guardar coisas na mochila, olhando agora para Milenna. — Encontrar uma irmã perdida não vai nos enfraquecer... Pelo contrário...

—Perdoa-me, mas encontrá-la não cabe a ti. Poderíeis incumbir algum irmão... Eu mesma iria...

Deora se aproximou e tocou-a na face, num carinho leve. O rosto sério de Milenna cedeu um pouco.

—Eu sei, precursora. És uma das joias mais valiosas que temos em Piros. Contudo, Ivoreen é minha responsabilidade.

—A Grande Mestra não pode se ausentar da torre...

—Tua observação é válida, precursora. — Deora deu o nó final em sua mochila. — É por isso que deixarei este medalhão aqui. — com certa cerimônia, a jovem removeu o símbolo de Grande Mestra da Ordem Vermelha de seu pescoço e o colocou sobre a mesa de carvalho. — Com Mirhaanna de volta, o fardo pode passar aos ombros dela novamente.

Milenna olhava um tanto atônita, não esperando aquele tipo de atitude de quem guiava todos os seus irmãos na

chama.

—Renuncias? Mas...

—Não espero que entendas, precursora. — Deora caminhou até a parede, retirando de lá a espada que há muito não empunhava. — Esta é a minha vontade e sei que será respeitada.

—O que devo dizer à mestra Mirhaanna?

Com a mochila nas costas, Deora golpeou o ar para sentir o peso de sua lâmina e se deu por satisfeita.

—Pede que aguarde alguns minutos e que venha até meus aposentos, precursora. Apenas isso.

Milenna assentiu e saiu, fechando a porta atrás de si. Deora, mestra Deora agora, apenas caminhou até a vela que iluminava seus aposentos e extinguiu a chama.

## Capítulo 12

—Vamos descansar aqui, senhora. Não há muito que possamos fazer na escuridão da noite de Siarit.

O guia tinha mostrado o caminho sem se equivocar ou hesitar uma única vez. Sua voz grave e maneiras diretas tinham orientado a jovem por dias, sem questionar as razões pelas quais aquela mulher de estranho manto vermelho queria cruzar tamanha distância.

—Achas que ela pernoitou aqui, Guron?

Ele fez um gesto rápido com a mão — Deora já havia entendido que aquele era o jeito como precedia qualquer resposta negativa.

—Não importa muito, senhora. Mesmo que alguém se lembre dela, qualquer informação que recebermos aqui será desatualizada. O que precisamos é de quartos quentes e uma boa refeição.

Ela verificou a bolsa com as moedas. Ainda tinham o suficiente para mais algumas noites em estalagens.

—Esta cidade te é familiar, Guron? Gastaremos muito?

O guia de pele queimada pelo sol riu, apontando diretamente para a rua de terra batida.

—Conheço Kellenny desde pequeno, senhora. É uma cidade hospitaleira com estalagens para todos os gostos. Acredito que *A Lira e o Garfo*, no distrito de Calton, aqui perto, seja o que procuramos. É tão boa quanto nossa última estada.

—Confio no teu julgamento, Guron. Se dizes que é um bom lugar, vamos a ele.

E o guia estava certo. A estalagem *A Lira e o Garfo* tinha uma boa refeição e as camas de palha um aroma adocicado — como boa parte de Calton, pois a todo canto se via algum incenso de erva-doce aceso. Porém, entre descansar a cabeça e realmente dormir havia uma grande diferença.

Deora estava cansada. Desde que deixara Piros, sem ao menos falar com Mirhaanna, havia visitado Jollern,

retornado a Mitarna, conseguido transporte até o Grande Continente, conhecido algumas pessoas e, finalmente, encontrado Guron. O guia a havia conduzido desde Jyopp, uma pequena cidade portuária, até aquele lugar... Kellenny. Algo lhe dizia que aquela cidade era especial, mas a mestra da Ordem Vermelha não estava a passeio — queria encontrar Ivoreen e jurara que nada a impediria.

Contudo, será que aquilo que havia descoberto em Jollern era suficiente? A informação tinha se tornado rumor, e o rumor agora era nada mais que uma lembrança... E toda lembrança de fatos antigos é cheia de lacunas que acabam sendo preenchidas com falsas memórias.

Ela fechou os olhos. Aquelas dúvidas tinham sido suas companheiras desde que chegara em Jyopp, acompanhando-a todas as noites até então. Ao menos seus sonhos tinham sido suaves como o orvalho na verde relva.

—Senhora? É tarde...

A voz de Guron, abafada pela porta e pelo cansaço matinal, não parecia mais que um ruído surdo, mas foi o suficiente para que Deora despertasse. Poucos minutos depois já se sentava à mesa, saboreando leite batido com frutas e um quente pão.

—Falta muito ainda? — perguntou quando já estavam nas ruas de Kellenny, com o sol às costas.

—Três dias até as montanhas, dois dias para cruzá-las, quatro até a torre.

A jovem sorriu.

—Em nove dias estaremos lá, então.

—Temo que não, senhora. — ele havia feito o mesmo gesto rápido com a mão. — Guiar-te-ei até as montanhas e serei ainda teu guia enquanto cruzares os Picos Prateados, mas a jornada até a torre é algo que farás sozinha.

—Algo te assusta lá?

—Mais que isso, senhora. O caminho... É amaldiçoado. Se quem buscas realmente foi até lá, talvez nem salvação haja.

Deora olhou no fundo dos olhos de Guron, mas não viu nada além de medo. Ele realmente acreditava nos boatos acerca da torre.

—Nenhum mortal pode lançar uma maldição eterna...

—Dizem que o senhor da torre é imortal, senhora. E prezo minha vida o bastante para não me aproximar de alguém assim.

Ela olhou para o ocidente, vislumbrando as nuvens pouco acima do horizonte cobrindo o topo dos Picos Prateados — a cordilheira era realmente grande o bastante para ser vista daquela distância.

—Partamos agora, então.

Guron caminhou um pouco à frente dela e depois se virou por um instante.

—Senhora, aqui em Kellenny é onde meus pais estão. Seria muito te pedir para que adiemos nossa partida apenas o suficiente para que eu os visite?

—De maneira alguma. — o sorriso de Deora era terno. — Alguns minutos a mais não nos prejudicarão.

—Obrigado, senhora. — disse, guiando-a em direção a ruas menos movimentadas.

Não apenas o número de pessoas diminuiu, como também os aglomerados de casas. Não tardou até que estivessem trilhando um caminho estreito em direção a árvores, algumas delas tão altas quanto torretes.

—Teus pais vivem afastados de Kellenny?

Guron sorriu tristemente. Seus olhos, contudo, procuraram não traí-lo.

—Meus pais estão mortos, senhora. Seu descanso final foi aqui em Kellenny.

Deora parou por um momento, um tanto envergonhada por ter trazido tal questão à tona.

—Eu... Não sabia...

—Não há problema algum, senhora. — o guia parecia sincero. — Mas não é preciso que me acompanhes...

—Respeitarei tua privacidade, Guron. — ela já via pilhas de pedras postadas de maneira paralela à trilha. — Estarei aqui por perto.

Com um aceno ele sumiu em meio às árvores, deixando-a naquele lugar. Segundo o que tinha ouvido, alguns começaram a evitar os locais mortuários desde que a ameaça enfrentada por Hanvor, Craig e Mirhaanna começou a se intensificar, mas não era essa a norma. De alguma maneira, aquele lugar tinha certa serenidade que não havia em nenhum outro local.

Porém, enquanto aguardava, uma tristeza se apossou dela, — talvez a consciência da morte ou a incerteza de sua busca — fazendo com que instintivamente buscasse a esmeralda de sua gargantilha. Com um toque suave sentiu a pedra que sempre a acompanhara, mas dessa vez parecia morna ao toque... Olhando para baixo, Deora viu que emitia agora um pequeno brilho, quase pulsante.

—Mas o que é...?

A tristeza a deixou de imediato, dando lugar a uma inquietação. Olhava ao redor e nada via de diferente, nem mesmo sendo capaz de sentir a presença de quem quer que fosse. Decidida a encontrar a origem de tal encanto, pois a ela era claro que alguém devia ter lançado alguma magia, caminhou rumo a algumas árvores.

O brilho aumentava quando Deora seguia em determinada direção, diminuindo em seguida se ela se afastava ou se desviava de seu trajeto. De alguma maneira a gargantilha a estava guiando, conduzindo-a a algo que não sabia ainda o que era.

Seus passos tornaram-se mais ligeiros enquanto sentia se aproximar de seu objetivo, pois a esmeralda já brilhava como uma tocha à noite, quase chegando a ofuscá-la. Diante dela, finalmente, em meio a dois carvalhos, estava um grande dólmen, com uma solene gravação no idioma perdido dos elfos:

*Aqui jaz Gilgalas, o Quinto Portador das Espadas de Prata.*

Deora estacou, sentindo-se um tanto quanto desorientada. A vertigem que a atingiu fez com que se apoiasse num dos carvalhos, demorando um pouco a passar. A esmeralda emitia agora um brilho mais suave, porém constante, e de alguma maneira a jovem se via acolhida ali — a ponto de julgar sentir o calor de um abraço a envolvendo.

Não conseguia falar nada, sua voz contida em meio a um doce deslumbre, mas também não sabia o que dizer. Uma calma muito grande a preencheu, como se tivesse repousado e dormido o sono dos justos, mas estava em pé, acordada, consciente de tudo ao seu redor.

—Senhora?

A voz de Guron, surgindo por detrás das árvores, num tom um tanto quanto agitado, fez com que Deora parasse de sentir tudo aquilo que aquele lugar trazia, tendo até mesmo a sua gargantilha de esmeralda parado de brilhar.

—Aqui, Guron.

—Senhora, — ele chegava ainda meio esbaforido — estive procurando por ti há horas. O sol já se põe em marcha para descansar!

Ela olhou por cima da copa das árvores, notando que o brilho alaranjado do ocaso já podia ser visto.

—Como é possível? Eu estive...

—Busquei por ti sem cessar, senhora. Não compreendo o que houve, mas é certo que não ouvias meu chamar. O que fazias aqui diante do descanso eterno de Gilgalas?

Deora volveu os olhos para o dólmen, segurando uma vez mais a esmeralda de sua gargantilha.

—Quem foi Gilgalas? Sinto como se o conhecesse...

—Conta a lenda que foi um dos maiores heróis que o povo élfico já teve...

—Gilgalas era um elfo?

—Sim, senhora. Há dezenas de anos tombou em combate, retornando finalmente para este lugar... Uma cova que ele mesmo havia cavado para si.

Ela se aproximou do dólmen, tocando a inscrição em élfico.

—Um herói?

—O melhor. Dizem que lutou contra quarenta inimigos de uma só vez sem temê-los.

Uma lágrima rolou pela face da jovem. Ela ainda não sabia o porquê.

—Mas, senhora, — o guia olhava novamente para o céu, sentindo a noite cair — é tarde e precisamos ir. Tua busca ainda te espera.

—Eu sei, Guron. — ela caminhou devagar, deixando o lugar, ainda voltando o olhar uma última vez antes de seguir pela trilha. — Eu sei...

## Capítulo 13

Guron havia indicado o caminho com precisão. Ao longe, Deora podia ver o topo da torre, chamada por alguns de amaldiçoada, uma construção branca como se cada um de seus tijolos fosse de mármore. Atrás dela estava a cordilheira cujas passagens intrincadas só pareciam transponíveis com a ajuda do guia. Mas à mestra da Ordem Vermelha o passado não importava agora. Ela queria encontrar Ivoreen e nem mesmo a aparência agourenta da torre poderia impedi-la disso.

Cada passo que a levava mais para perto da torre fazia com que sentisse um pouco da energia que emanava do local. O povo temia se aproximar porque julgava a torre amaldiçoada, mas a verdade era o que Deora pôde identificar: a força mística ali presente era maior do que sentia em Piros! Quem quer que tivesse erguido aquela construção a havia imbuído com magias que nenhum mortal poderia ter acesso... De alguma maneira, o temor de Guron podia fazer sentido... Se o senhor daquela torre não fosse mortal.

Sobre a grande porta de pedra da entrada descansavam diversas figuras demoníacas aladas, algumas pequenas como pássaros, outras grandes como javalis. Os olhos de Deora pousavam sobre cada uma, avaliando a beleza do trabalho do artista, embora sua mente considerasse que nenhuma daquelas obras poderia ser feita sem auxílio de magia, especialmente a figura central, — humanoide, com chifres de uma cabra, grandes asas grossas à moda de morcego — cuja forma parecia viva.

Porém, enquanto a mestra analisava a porta, procurando por uma maçaneta ou batente, percebeu uma sombra se mover acima dela. Com a mão no punho da espada olhou, prontamente notando a figura alada que voava em direção a uma das mais altas janelas da torre... A mesma figura que há instantes adornava o topo da porta de entrada.

—Por Andora! — murmurou, enquanto via a figura desaparecer pela janela. — Até mesmo os guardiões deste lugar são criados por magia...

Certificando-se que nenhum outro adorno sobre a porta poderia lhe fazer mal, Deora passou a tentar entender as inscrições. Contudo, só o que podia reconhecer eram glifos de proteção e travas místicas. Nenhum meio mundano poderia abrir aquela porta...

...Mas magia sim. A mestra fechou os olhos e pôs sua mão espalmada sobre a pedra rústica da entrada. A porta lentamente se abriu.

A torre parecia ser muito maior por dentro do que por fora, com diversas escadas que tanto subiam como desciam em seu interior, todas do mesmo mármore das paredes externas, dando um ar monótono ao lugar. Os passos de Deora ecoavam...

—Deora! Vai embora!

No alto de uma escada lateral, levando a uma espécie de mezanino, estava Ivoreen, trajando as roupas cerimoniais de acólita. Aqueles mesmos olhos que a mestra conhecia clamavam para que saísse de lá, talvez num surdo aviso, mas Deora jamais a abandonaria.

—Ivy! Eu vim...

E, de súbito, Ivoreen desapareceu, como se nunca estivesse ali. Como uma magia de ilusão, a acólita era apenas a lembrança que Deora tinha dela, mas a mestra não podia crer que brincavam com seus sentimentos assim, por mais vis que fossem os objetivos do senhor da torre. Mas, se ele pensava que aquilo faria com que abandonasse sua busca, estava muito enganado.

Deora subiu os degraus que levavam até onde a imagem de Ivoreen estivera, espada em punho, mas a cada passo dado outra ideia passava por sua mente: talvez aquela tenha sido uma manifestação da acólita por meios místicos, como um sinal para que desistisse, para não sofrer igual destino... Instintivamente a mestra conseguia imaginar sua

aluna encarcerada de alguma maneira, o que a fez se lembrar da fortaleza de Ram'ul — se ela tinha vencido tão imponente bastilha, a torre em que estava não poderia oferecer mais perigo.

Já no mezanino, a jovem viu que aquele lugar estava praticamente vazio, não levando a outro caminho, e sem conter nada além de um largo espelho numa parede. A mestra se aproximou dele, reparando nas bordas douradas com inscrições rúnicas — de alguma maneira aquele espelho era encantado.

—Como podem tantos itens místicos estarem num só lugar, como se a morte de Berilla jamais os tivessem afetado...?

De repente, a lembrança dos estudos de Ivoreen retornou e, com isso, a superfície do espelho ficou nebulosa. Pouco a pouco a imagem turva se desfez, dando lugar finalmente à exata reprodução do que se passava no pensamento da mestra — Ivoreen conversando com ela, um grande livro diante de si, cada página contendo a descrição de um item fantástico ou mesmo lendário. Deora se via no espelho, ainda como precursora, e se recordava que o interesse de Ivoreen por itens místicos poderia canalizar seus estudos como acólita... Era a memória de um evento de tantos anos... Reproduzida com fidelidade por aquele espelho.

—Ivoreen...

A mestra parou para pensar na imagem de sua acólita que havia surgido há pouco, imediatamente fazendo com que a superfície do espelho ficasse nebulosa novamente. Em seguida, a imagem voltou a tomar forma, permitindo a Deora que analisasse com calma aquele momento, notando um detalhe que havia lhe escapado: apesar do traje cerimonial de acólita, Ivoreen não portava a espada. Como se aquilo fosse um sinal, ela embainhou novamente a sua arma.

Ao fazer isso, as imagens do espelho começaram a esmaecer, pouco a pouco se tornando transparentes,

revelando uma escadaria atrás de onde estava. Parecia muito real, a ponto de Deora esticar o braço para descobrir se era apenas uma imagem.

E não era.

Com a passagem revelada, Deora atravessou o que antes era o espelho e subiu as escadas. Contudo, ao pisar no primeiro degrau, todo o mármore se enegreceu de uma só vez e a passagem se fechou. A mestra estava presa, sem meios de retornar, tendo apenas a escuridão por companhia.

—Nunca estarás sozinha. — uma fraca voz masculina se fez ouvir, não mais alta que uma brisa.

Com isso, a esmeralda em sua gargantilha voltou a brilhar como o fizera dias atrás, suave o bastante para que Deora pudesse ver o caminho diante de si. Incerta do que ocorrera, a mestra simplesmente se fiou naquilo que tinha como objetivo imediato e subiu.

O quão longo era o caminho ela não sabia, mas tinha ciência de que por duas vezes parara para descansar, como se tivesse subido até o alto de Piros e descido. Nenhuma janela, nenhuma iluminação, a não ser aquela emanada por sua gargantilha...

E, ao fim da escada, no ponto mais alto daquela torre — ou do lugar dentro do espelho para onde tinha sido enviada — ela encontrou uma porta.

Deora parou por um momento para recobrar seu fôlego. Algo lhe dizia que seu destino estava ali, tão próximo que quase poderia tocá-lo. Espada empunhada, a jovem abriu a porta com a mão esquerda.

Estava no centro de uma larga sala octogonal, uma visão profana do Salão da Sabedoria, com grades de ágata negra ao invés de tronos. A escadaria e a porta por onde passara não estavam visíveis, como se ela simplesmente tivesse cruzado algum tipo de portal. Pouco adiante, onde deveria estar a chama que jamais se apaga, jazia uma grande esfera de ônix. Sua esmeralda não mais brilhava.

—Quem ousa invadir meus domínios? — a voz era masculina e grave, parecendo vir da própria esfera escura.

—Sou Deora de Piros, mestra da Ordem Vermelha!

Uma das grades se abriu — a que ocupava o lugar que seria do trono de Gwyanna — e um homem alto entrou. Estava trajando um manto negro, parecido com o paramento de mestre que Deora usava, e portava uma espada larga cuja lâmina era mais escura que ébano. Seus olhos eram frios como o piso escuro daquele lugar e sua barba, bem aparada, emoldurava seu rosto. Ele sorriu.

—Uma mestra da Ordem Vermelha! Mas que coisa formidável... Era exatamente quem eu queria encontrar.

—Quem és tu? Onde está Ivoreen? — Deora continuava com a espada em punho.

—Uma coisa de cada vez, mestra Deora. — seu olhar podia perfurá-la. — Quanto ao meu nome, podes me chamar de Fermmylle.

A jovem deu um passo adiante, seu olhar encontrando o dele. Ela não pestanejaria agora.

—Onde... Está... Ivoreen?

—Tanto interesse na pequena acólita agora, não é? — ele parecia ter um tom de desdém. — Se tivesses te preocupado com ela enquanto a ensinavas, talvez não buscasse em mim um mestre de verdade.

—Mentes! Sempre me preocupei com Ivoreen!

—A ponto de negar-lhe a possibilidade de se tornar precursora? — Fermmylle parecia saber muito mais do que aparentava.

Deora estacou. Aquilo jamais se tornou de conhecimento de qualquer um que não estivesse presente naquele dia...

—Não espero que negues, mestra. — o sorriso dele era perturbador. — Afinal, não é de teu feitio mentir...

—Como sabes?... — ela estava ainda incerta.

—Eu sei de muitas coisas, pois compreendo a *ideia verdadeira*.

A ênfase que havia dado nas últimas duas palavras fez com que se tornasse evidente que ele sabia até da verdadeira. Mas como teve acesso a tal conhecimento?

—É verdade. — admitiu Deora. — Mas apenas o fiz pelo bem de Ivoreen. Ela não estava preparada...

—Teu julgamento era aquele? — provocou ele. — Ou tinhas tantos ciúmes dela a ponto de impedir que estivesse no mesmo patamar?

—Eu era sua tutora! Queria seu bem!

Fermmylle andou devagar em direção a ela, ainda com um sorriso no rosto.

—Queres sempre o bem de todos, não é? Voltaste para ajudar Tehn e revelaste a todos que mestra Lufya não o fizera. Fazer o bem enaltecendo a ti mesma dificilmente merece louvores.

Mestra Lufya! Por um momento Deora se perguntou se não poderia ter sido ela quem revelou os segredos que deveriam permanecer em Piros...

—Eu busquei a verdade! Nunca quis que Lufya ou Kallop fossem banidos... Não foi minha escolha.

—Mas tampouco nada fizeste para impedir. Talvez teu coração esteja mais imerso em trevas do que imagines...

—Tua boca distorce as verdades, Fermmylle. E não serei escrava de tuas artimanhas.

—É uma pena. — ele segurou a espada com mais vigor. — Eu tinha esperança de fazer de ti uma aliada, não um peão. Todavia, não me importo em te dominar se assim for atingir meu objetivo.

—Objetivo? — Deora levantou a espada, posicionando-se de maneira defensiva.

—Descobrir tudo acerca da Ordem Vermelha. Há coisas que somente os Grandes Mestres sabem... E há outras que apenas Hanvor conhece.

—Eu nunca te ajudarei!

—Mas irás, sim, mestra Deora! — ele golpeou o ar de maneira ameaçadora. — Aquebrantarei teu corpo e

enfraquecerei teu espírito, e então serás minha!

—Nunca!

A mestra investiu, sua espada cruzando o espaço num arco perfeito. Fermmoylle ergueu a sua no momento exato, desviando o golpe ao mesmo tempo em que se colocava de lado. A força dele era imensa, mesmo que aparentemente não pudesse ser capaz de se defender daquela maneira.

Imediatamente, Deora segurou sua arma com ambas as mãos, golpeando novamente, enquanto se movia com fluidez. Ele, no entanto, foi mais rápido, novamente aparando o ataque, fazendo com que ambas as armas se chocassem por mais de um momento em sequência, faíscas rampantes. Golpe e contragolpe dessa vez, com Fermmoylle tomando a iniciativa e girando a espada como se fosse um mero brinquedo. Deora aparou o primeiro ataque e se esquivou do segundo, o capuz de seu manto já caído por sobre seus ombros.

Fermmoylle mais uma vez atacou levando sua espada adiante num movimento baixo, mas a mestra fez um arco com sua arma, aparando novamente a investida. Espadas travadas a poucos centímetros do chão, ela impôs uma força contrária, levando-as para o alto, e deixou que a inércia fizesse com que Fermmoylle perdesse o ritmo, atacando em seguida enquanto dava um passo adiante.

Ele recuou, espada na altura dos olhos que se fecharam quando um novo choque de lâminas produziu mais faíscas. Sem espaço, Deora deu um passo para trás e Fermmoylle contra-atacou, levando sua espada na altura do rosto da mestra, que teve de se agachar para evitar ser atingida. Quando se ergueu, porém, levou consigo sua lâmina que, com novo arco de baixo para cima, passou a centímetros do rosto de seu oponente. Na sequência Deora girou a arma e golpeou lateralmente, mas Fermmoylle, com a espada na vertical, aparou o golpe e forçou a lâmina da mestra para trás, abrindo espaço para uma nova investida, num golpe de ponta.

Deora encolheu o abdômen, esquivando no momento exato, e girou o corpo, aproveitando toda a sua força para desferir outro ataque. Fermmylle aparou por pouco e recuou, desta vez mantendo uma distância razoável entre eles.

—És mais hábil que imaginei, mestra Deora. — sua respiração estava ofegante. — Mas nós dois sabemos quem vai continuar em pé quando isso acabar.

—Tu estarás no chão, cão mentiroso. — pôs a ponta da espada no chão, apoiando-se nela. — Eu quero ver Ivoreen.

—Ofensas não farão de ti uma melhor guerreira. Nem farão teus pedidos serem atendidos. — ele se aproximou rapidamente, espada em posição de ataque.

A mestra se postou de maneira defensiva, espada diante do corpo, esperando o golpe. Como um raio ele atacou por cima, mas Deora se defendeu sem dificuldades, contra-atacando por baixo. Fermmylle saltou e virou a espada em seguida, forçando a jovem a se proteger com a arma em riste. Ela, contudo, inclinou sua lâmina no momento do choque, travando por um instante a espada dele e tomando a iniciativa novamente. Um golpe pela direita, outro pela esquerda, e ele se defendendo, aparando cada um deles com mais dificuldade. Porém, quando Deora tentou outro ataque, erguendo sua espada mais do que deveria, ele a agarrou pelo pulso, abrindo as defesas da mestra.

Os olhos de Fermmylle brilhavam enquanto vislumbrava a oportunidade. A jovem, por outro lado, apenas lutava para se soltar de seu oponente.

No momento seguinte, ele cravou a espada em seu abdômen. Deora dobrou para frente e largou a arma de imediato, tossindo sangue.

—É uma pena que termine assim. — disse ele, jogando-a para trás enquanto tentava se manter em pé devido ao esforço, tendo até largado sua espada.

Deora estava com os olhos abertos, mas nada via. A dor era maior do que podia suportar... Seu sangue escorria,

tornando mais escarlate ainda o manto que usava com tanto orgulho... Sua voz lhe faltava... Tudo estava tão frio... Tão distante...

Mas sua boca se mexia. Quase nenhum ruído era ouvido, mas ela estava balbuciando algo.

Fermmylle inspirava fundo, recuperando o fôlego. Não a queria morta, embora não tivesse remorso pelo que havia feito.

—Está acabado. — disse. — Ivoreen, aqui está tua mestra.

Uma das grades de ágata negra se abriu, revelando a figura da acólita. Ela ainda trajava os trajes cerimoniais, mas seus olhos estavam mais escuros, sombrios. Não exibia nenhuma reação de dor ou perda.

—Ela não é mais minha mestra, Fermmylle. — a voz era a mesma, mas soava mais solene.

—Talvez queiras o manto...

Um grito da mestra interrompeu a fala de Fermmylle. Um grito alto e pungente.

—Mas o que é...? — ele se aproximou do corpo no chão.

A marca da chama na palma direita de Deora brilhava, pulsando como se tivesse sido feita naquele instante. Ela segurava sua mão, tremendo, a face contorcida pela dor. Nenhum sangue mais jorrava.

—Ela é uma Dama do Fogo! — exclamou ele, procurando por sua espada novamente.

—Uma o quê? — perguntou Ivoreen, sem entender.

—Uma Dama do Fogo! Deora tem o conhecimento de uma Grande Mestra! — pegou a espada que jazia ao lado da esfera de ônix. — Ela invocou o Fênix!

A dor na mão da mestra da Ordem Vermelha passava. Estava atenta a tudo ao seu redor, embora estivesse fraca.

Fermmylle, espada em punho, aproximou-se com cuidado.

Os olhos de Deora, porém, eram como duas chamas. Olhando diretamente para ele, estendeu a mão marcada a

ferros enquanto se apoiava para ficar sentada com a outra.

—Isso acaba aqui, Fermmylle.

Um jato de chamas, o maior que a mestra tinha criado até então, partiu de sua mão. Ele colocou sua espada diante de si, procurando se defender, mas o fogo místico, o mesmo que ardia no centro do Salão da Sabedoria em Piros, era o que Deora canalizava agora. E o fogo o envolveu, estando pronto a consumi-lo.

Fermmylle tentou invocar uma magia, mas nada que fizesse tinha efeito, pois de alguma maneira a mestra da Ordem Vermelha estava protegida dele.

Ele gritou como nunca julgou poder.

E Deora também gritou. Sua magia flamejante se extinguiu.

Ela olhou para baixo, vendo a ponta de uma espada. A espada de Ivoreen.

A acólita, atrás de Deora, tinha desferido um golpe. Um golpe que a mestra jamais antecipara receber...

—Ivy... — olhou para trás, seus olhos, de volta ao normal, em lágrimas. — Por que, minha irmã?

Ivoreen também tinha uma lágrima em seu rosto. Mas apenas uma. Sem responder à mestra, retirou a espada.

E Deora, talvez a última Dama do Fogo, tombou.

# **Tomo II**

# Capítulo 1

—Levanta!

A figura encapuzada adentrou a cela novamente, empunhando a espada sem fio que a prisioneira conhecia há tempos. Contudo, não podia precisar quantos meses, ou mesmo anos, tinham se passado, pois a luz do sol era incapaz de atravessar as grossas paredes escuras e as tochas do corredor pareciam jamais se apagar. Ela havia lutado no começo, mas não mais.

—Como desejares... — a prisioneira se ergueu com dificuldade, o braço esquerdo doendo desde o dia anterior, mas antes que pudesse estar de pé, percebeu a sombra da espada levantada.

Ela não teve tempo de colocar o braço diante de si para proteger seu rosto, sendo atingida com força, fazendo com que caísse novamente. Sentiu o gosto de sangue quando se apoiou de novo, mas a dor não era o que mais a incomodava.

—Levanta! — ordenou a figura encapuzada uma vez mais, as tochas atrás de si tentando romper a penumbra.

—Como desejares, mestra. — a prisioneira pôs-se de pé finalmente, cabeça baixa, intimamente desejando acabar com aquele sofrimento.

Ainda com a espada em punho, a figura envolta no manto vermelho removeu as correntes da prisioneira, guiando-a pelo corredor até a outra sala, onde, em silêncio, trabalhava uma escriba. Era uma sala retangular, também de paredes escuras, mas bem iluminada pelas dezenas de velas que ardiam como sentinelas silenciosas. A pequena janela permitia que uma brisa fria corresse pelo local, marcado pelo livro aberto diante da mesa de ébano que, uma vez mais, aguardava a prisioneira.

—Conheces teu dever! Não ousa me enganar.

A prisioneira pegou a corrente e deu uma volta ao redor de sua perna esquerda, encaixando a outra ponta no pé da

mesa, onde trabalharia todo o dia para receber um punhado de pão e água. Já há muito não prendia a corrente, pois percebera que ninguém jamais se aproximava para verificar, mas ainda assim temia ser pega. Sentando-se, esperou até que a figura encapuzada saísse da sala.

—Tua perna está melhor? — a prisioneira olhou rapidamente para a outra, que cobria a parte inferior de seu corpo com um pano rústico, enquanto preparava a pena e a tinta.

—Vou sobreviver, — a escriba suspirou por um momento. — mas não conseguirei mais sair daqui. Não tão cedo.

—Como não? Tudo está pronto... Nós...

—Foram dois anos pensando nisso. — a escriba mostrou uma página do livro diante de si, com diversas marcas que pareciam ter sido feitas com certa ordem. — Não ficarás aqui por minha causa. Hoje serás livre, minha amiga.

—Não posso te deixar aqui! — ela ergueu a voz, mas parou por um momento, apenas para ter certeza de que não tinha sido ouvida. — Ser prisioneira da Ordem Vermelha é o pior castigo que alguém pode receber. Eu amaldiçoo o dia em que fui iniciada em seus mistérios...

—Tens que ir sozinha! — a escriba a olhava com certa dor, lágrimas se formando em seus olhos. — Se eu for contigo, apenas te atrasarei. Parte enquanto podes, e garante que jamais outro passará pelo que passamos.

A prisioneira deixou a pena sobre a página do livro, manchando-a. A chuva que caía lá fora só agora tinha sido percebida por ela, reparando nos galhos que balançavam com o vento. Havia estudado o caminho a ser percorrido com a escriba e sabia o que a aguardava quando deixasse aquela sala e corresse por sua vida.

Mas também sabia o que lhe aconteceria se falhasse.

—Está bem. — assentiu, segurando as correntes com ambas as mãos. — Eu estou pronta.

—Que as bênçãos eternas te cubram, minha amiga. A hora é esta.

Com as correntes junto ao corpo para que não tilintassem, a prisioneira se postou junto à porta. Tremia um pouco, em parte pela dor e pelo sofrimento dos longos meses de tortura, em parte por ter de deixar para trás a pessoa em quem aprendera a confiar naqueles momentos de amargura. Após um longo suspiro, ela acenou.

—Mestra! Ela fugiu, mestra! — a escriba gritava como se estivesse soando um alarme. — Vem depressa!

Os passos que se seguiram foram rápidos, em ritmo meio desordenado. Segundos depois a porta de ferro se abriu, revelando a figura encapuzada que mantinha os olhos fixos na mesa que deveria estar ocupada.

—Onde ela est...?! — a pergunta foi interrompida pelas correntes ao redor de seu pescoço, um ataque de surpresa pelas costas.

A figura encapuzada se debatia, a espada já ao chão, tentando se libertar. A língua estava para fora, numa tola tentativa de conseguir mais ar, enquanto seus braços mal podiam lutar contra a força imposta pela prisioneira.

—Nunca mais... Açoitarás alguém... — ela deu um puxão ainda mais forte, causando um estalo.

Não mais a figura encapuzada se debatia, seu corpo perdendo toda a força enquanto caía ao chão. A prisioneira não sorriu.

Mas também não se lamentou. Conforme tinha sido discutido inúmeras vezes, precisava agora ser rápida. Mais que depressa se despiu e tomou as vestes rubras para si, deixando o corpo sem vida nu ao chão. Ao agachar-se para pegar a espada, porém, ela parou por um momento — não era a espada sem fio de outrora, mas uma arma mortal, uma que lhe parecia estranhamente familiar.

—O que fazes? — a escriba a observava com ar aflito. — Precisas partir agora!

A prisioneira guardou a espada na bainha e olhou novamente para a escriba. Ela estava certa — ficar seria aceitar a própria morte.

Sem mais que um último aceno, a prisioneira se virou e se pôs a atravessar o corredor. Corria por sua vida.

A escriba, porém, apenas acrescentou mais um risco em seu calendário improvisado, anotando com sua caligrafia suave a frase que seus lábios murmuravam:

—Hoje, Deora conseguiu se libertar.

## Capítulo 2

—Não!

Deora acordou sobressaltada, sentando-se em seguida. O manto vermelho estava enlameado devido à chuva que agora já não mais caía, mas as folhas da árvore acima de sua cabeça ainda despejavam gotas sorrateiras de vez em quando. Sua frente estava molhada, mas não sabia ainda se devido à chuva ou ao suor.

Era o mesmo sonho outra vez: um salão octogonal, uma pira acesa ao centro, sua tentativa de se abrigar junto ao fogo... Mas sempre com algo a impedir — uma força ou energia, ela não sabia ao certo — até ser atingida por uma arma flamejante. Como antes, acordara no momento exato em que sofria o golpe, sem ver o rosto de quem a atacava, mesmo sentindo que era alguém próximo.

—Nunca mais. — olhava agora para o céu, seu olhar fixo naquela estrela cor de âmbar, quase uma velha amiga, última estrela da madrugada. — Nunca mais vou ter medo.

Enquanto se levantava, Deora pôs a mão na altura do abdômen. A cicatriz que havia ali há muito desaparecera — a lembrança, contudo, jamais a deixaria. Era, como em seu sonho, fruto de um golpe aparentemente fatal, mas a jovem sabia quem a havia feito passar por aquilo. E era essa a razão pela qual odiava aqueles que envergavam o rubro manto que ela fora obrigada a usar para poder escapar.

—Malditos...

Suas lembranças eram confusas, mas Deora se recordava de que eles lhe batiam constantemente, obrigando-a a copiar tomos místicos e a transcrever mapas antigos. Dois anos, descobrira, haviam se passado, mas agora estava livre. E pronta para se vingar.

—Podeis tentar encontrar um covil para vos esconder, mas hei de vos achar. — ela já caminhava, tendo a estrela de âmbar como sua guia. — Eu sei onde vos escondeis...

Um dos mapas que transcrevera era a resposta. A escriba, cujo verdadeiro nome jamais descobrira, disse ter ouvido lendas acerca daquele lugar, daquela torre a qual chamavam Piros. Era o reduto deles, o lugar que tinham como sagrado, onde rituais malignos eram realizados. A escriba tinha lhe ensinado bem, alimentando seu desejo de vingança, sua busca pela liberdade. Ainda assim, por sua mente a alternativa de se manter oculta nas sombras e jamais se revelar, de vez em quando, se mostrava apazível... Ao menos até se lembrar das torturas pelas quais havia passado. Não, ela não passaria por aquilo de novo. Nem que para isso tivesse de acabar com cada um deles.

As árvores ficaram mais esparsas e começou a ouvir o ruído de água corrente, não tardando a se deparar com um turbulento rio. Ao longe, luzes frágeis anunciavam edificações baixas nas quais os justos já dormiam, sinal de que haveria de encontrar comida decente e abrigo, algo pelo que ansiava há tempos.

As primeiras construções mais pareciam cabanas do que casas, provavelmente servindo como moradas temporárias. Pelas frestas, Deora observou alguns entregues ao mais profundo dos sonos, uma dádiva que ainda não estava reservada a ela. Contudo, ao sentir o aroma de pão fresco, dobrou o passo e se dirigiu de imediato a uma edificação de pedra e barro, tão larga quanto comprida. Uma fumaça adocicada subia por uma chaminé modesta e o cantarolar de um jovem anunciavam que alguém ali trabalhava desde cedo.

Sobre a porta entreaberta estava uma tabuleta gasta, mas ainda firme. O símbolo de uma tigela rústicamente marcado na madeira úmida.

—Uma taverna... — Deora sorriu enquanto ajustava o manto, adentrando o local.

Um balcão, três mesas largas e uma dúzia de cadeiras compunham a mobília do lugar. Uma porta ao fundo, de

onde vinha a cantoria, provavelmente guardava uma cozinha ou coisa do tipo. A jovem, porém, afligida pela fome, queria apenas desfrutar de um prato de comida... Mesmo que precisasse trabalhar por ele. E então, de repente, o alegre som cessou.

—Uma visitante? — a porta se abriu, revelando um jovem de compleição franzina e cabelos claros, trajando um avental sobre as roupas de linho. — O que...?

Ele estacou, reparando nas vestimentas de Deora, rapidamente se aproximando. A mão da jovem pousou brevemente no punho da espada, mas sem alarde.

—És um deles, não? — ele segurou a borda do manto por um momento. — Chegaste de viagem agora? Por favor, descansa à vontade... Vou preparar algo para ti.

—Há mais alguém...?

—Sim, eles me disseram que um dia alguém viria. Saíram há pouco e devem retornar em breve.

—Quantos?

—São dois, mas espera um pouco que já retorno. — prontamente atravessou a porta, voltando mais que rapidamente com uma jarra e uma tigela, colocando-as diante de Deora.

Leite e caldo quente. Parecia a primeira vez que a jovem estava diante de comida de verdade, podendo desfrutar sem receios, em princípio devorando sua tigela, depois saboreando cada bocado. A bebida descia quente, como se ordenhada recentemente, saciando-a de uma maneira que jamais pensava que poderia sentir de novo.

—Eles não me dizem muita coisa, mas parecem ser bem unidos. — o jovem colocou a tigela e a jarra de lado enquanto se sentava para lhe fazer companhia. — Todos os dias saem pela manhã. Dizem que vão estudar.

—Há quanto tempo estão aqui?

—Muito, nem sei precisar quanto. Até onde sei, já estavam por aqui antes de eu ganhar esta taverna numa aposta.

—Numa aposta? — Deora olhou ao redor, certificando-se que os valores na mesa deviam ser bem altos. — Tens sorte. Sorte demais, eu diria.

—Não me gabo da sorte, nem a desdenho. — ele deu um pequeno sorriso. — Mas tenho me dado bem. Ao menos, melhor que...

Ele se calou, olhando para a porta, balançando a cabeça em seguida.

—O que foi?

—Não é fácil evitar ouvir conversas aqui... — o jovem pôs as mãos sobre a mesa. — Sei que os dois não pertencem a este lugar. É como se fossem...

—Exilados?

—Ou banidos. Eles acreditam que um dia serão aceitos de volta... Mas percebo que não é isso o que te trouxe aqui.

Deora levou a mão novamente à espada, mas estacou — mesmo que o jovem soubesse de seu intento, ele não era culpado. Os dois, ao contrário, mesmo banidos, pertenciam àquela confraria que a havia aprisionado.

—Talvez estejas enganado a meu respeito. — ela tentou sorrir, mas estava mais séria do que sentia que deveria.

—Talvez não. — ele se levantou, dando um passo atrás.

Ela se levantou também, ouvindo palavras tênues que anunciavam a chegada de alguém. Desta vez a jovem não se deu ao trabalho de ser sutil em seu movimento e deixou que a mão repousasse no punho de sua arma.

—Sai agora se não é teu desejo presenciar isto.

O jovem assentiu e escapou pela porta atrás de si. No mesmo momento, a porta principal se abriu. Eles haviam chegado.

—...O princípio é... — a fala cessou de imediato ao vê-la, em pé, aguardando por eles. — Deora?! — a surpresa era genuína.

A jovem continuou em silêncio, olhos fixos nos que chegavam. O primeiro, aquele que tinha se pronunciado, era robusto e trajava as vestes vermelhas, — mas não o

manto — deixando que uma espada pendesse da bainha bem trabalhada.

Ele fez menção de se aproximar, mas uma mão em seu ombro o impediu. Era delicada, mas firme.

—Mestra Deora, Kallop. — a mulher, mais velha que o outro, envergava um manto similar ao de Deora, mas além da espada ao seu lado, portava um bastão com várias inscrições rúnicas. — O respeito lhe é devido.

Ele assentiu e deu alguns passos adiante, não sem antes inspirar fundo como se buscasse um foco de concentração. Diante da jovem estacou, braços abertos e um largo sorriso.

—Mestra Deora, minha irmã na ch...!

A frase jamais se completou. Um movimento rápido, um ruído surdo... A espada na mão da jovem estava tinta do sangue de Kallop, que parecia olhar incrédulo enquanto seu corpo tombava sem vida. Ela agora olhava para a outra.

—O que fizeste?! — a mulher quase deixou que o bastão caísse, levando uma das mãos à boca, tão ou mais surpresa que aquele que sofrera o derradeiro golpe. — Ele...

—Eu não sou como vós! — Deora passou por cima de Kallop, sua mão segurando a espada com mais força ainda.

—Mestra Deora! — a outra ficou sob a entrada, já empunhando o bastão diante de si. — O sangue de um irmão mancha teu manto! És...

—Ele pode ser teu irmão, bruxa! — a jovem apontou a espada para a mulher. — Eu jamais serei parte dessa pérfida confraria.

—Foste iniciada no caminho da chama! O que...?

—Cala-te! — o golpe da espada emudeceu a outra, que mal teve tempo de apará-lo com sua arma. — Tua boca é cheia de mentiras!

—Pondera! — a mulher recuou mais um passo enquanto se defendia de outro ataque. — Em teu íntimo sabes que teu coração pertence à Ordem!

Mas Deora não cessava, investindo outra vez. Girando a espada na altura do rosto dela, adiantou-se, atingindo o

vazio quando a mulher recuou. Porém, de imediato, girou o corpo tentando atingi-la por baixo, forçando-a a aparar o golpe com a ponta de seu bastão. Desta vez, a mulher virou sua arma, mudando a empunhadura, atingindo a espada de Deora na lateral da lâmina, tentando desarmá-la.

A jovem, no entanto, manteve sua lâmina firme, mas teve de utilizá-la em seguida, desviando um novo ataque da mulher, procurando atingi-la na altura do abdômen. Isso, porém, permitiu que Deora desse outro passo para trás enquanto fazia um arco com sua espada, atacando de cima para baixo...

...Mas o golpe foi aparado! Segurando o bastão com ambas as mãos acima da cabeça, a mulher conteve a investida, conduzindo a lâmina para o lado. Quando Deora atingiu o chão com sua espada, a outra forçou um ataque de baixo para cima, exigindo da jovem toda a sua agilidade para tirar seu corpo do caminho do bastão. As inscrições rúnicas brilharam.

—Tuas mentiras terão fim aqui, feiticeira vermelha! — a lâmina de Deora ainda estava manchada de sangue. — Mas se renunciarees ao profano caminho que segues eu te darei uma morte rápida e indolor.

—Sentaste num dos tronos do Salão da Sabedoria. — a mulher recuou um pouco, mais confusa que assustada, ainda traíndo a si mesma ao volver os olhos para o corpo de Kallop ao chão. — Conheces o caminho da chama!

—Conhecerás o caminho dos mortos se insistires nessas inverdades! — a jovem se adiantou, arma em riste, procurando se posicionar de maneira a colocar a outra com as costas voltadas para uma árvore de tronco grosso próxima. — Cede!

—Eu não quero ter de lutar contigo, — ela deu três passos adiante, o bastão em apenas uma das mãos — mas também não cederei.

—Fraca! — Deora golpeou novamente, atingindo propositalmente o bastão. — Não sairás daqui assim!

A mulher retribuiu o ataque, girando o bastão diante de si. Tanto a estalagem como a árvore tinham ficado para trás.

—Eu sou uma mestra da Ordem Vermelha também, Deora. — cravou o bastão no chão, junto a si. — Sabes que não cederei!

A jovem não retrucou. Ao invés disso, disparou a atacar novamente, golpeando à direita e à esquerda, forçando a mulher a se defender continuamente. Então, aproximando-se ainda mais, Deora investiu de baixo para cima, mantendo sua lâmina sempre acima de sua cabeça — quando a mulher aparou o ataque, a jovem deu outro passo adiante, abrindo as defesas ao impulsionar o bastão para trás.

Vendo-a desequilibrada, Deora desceu a lâmina, rasgando parte do manto vermelho daquela que se esquivara no último instante. Porém, agora era a jovem que se encontrava sem defesa, sua arma enrolada no tecido rubro...

A mulher atacou, girando o tronco e impulsionando o bastão, atingindo Deora na altura do abdômen, fazendo com que se encolhesse de dor enquanto recuava.

—O que te levaste a cometer tal crime, minha irmã na chama? — a mulher tentava recobrar o fôlego, apoiando-se na sua arma. — É ódio? Vingança? Tudo isso é mais forte que teu juramento?

—Eu. — Deora inspirou fundo. — Não. Sou. Tua. Irmã!

A jovem se ergueu, correndo na direção da outra, esperando pegá-la de surpresa. Contudo, a mulher simplesmente fechou os olhos, mantendo o bastão apontado para a outra.

E, com os olhos abertos novamente, as runas de sua arma dançando como o fogo, uma aura flamejante envolveu seu bastão. De fogo a labareda, de labareda a jato, de jato a jorro. A chama essencial partia das mãos dela, passava pela arma, e vinha na direção de Deora.

A jovem jamais vira tal feitiçaria diante de si. Sim, os tomos que transcrevera falavam de magias assim, mas jamais supôs enfrentar algo assim. Incerta do que fazer, ela pôs as mãos à frente, em posição de defesa, esperando que de alguma forma seus atos pudessem aparar o jorro flamejante.

Mas sua força, sua defesa mística, não era páreo para aquilo. Deora gritou ao sentir a pele queimando, suas mãos ardendo enquanto tentava conter a magia. Era ela quem recuava agora.

—Reconhece o erro de teus atos, mestra Deora! Ao tingir de sangue tuas mãos, tornaste-te indigna de ser chamada de minha irmã.

A magia cessou por um momento, permitindo que a jovem se recompusesse. Era o instante que precedia o turbilhão, a calmaria que anunciava a tempestade... E Deora não deixaria que a oportunidade fosse desperdiçada.

Ela não sabia como, mas a feitiçaria da outra lhe parecia estranhamente familiar. Poderia ter sido algum dos livros que transcrevera, ou mesmo a maneira como a magia tinha sido invocada... Ou algo além. O que importava era que Deora se sentia capaz de replicar aquele ataque místico.

Olhos cerrados, ela se deixou guiar pelo calor que agora percebia dentro de si, como se a essência flamígera já fizesse parte de seu íntimo. E, ao encarar sua oponente, mãos espalmadas, foi com um sorriso de satisfação que viu uma espiral de fogo se formar ao redor de seus braços, rapidamente se unindo em uma única essência, seguindo em arco na direção da outra.

O sorriso tornou-se um gargalhar ao ver que sua magia rendia as defesas inúteis, forçando-a a se encolher no chão, incapaz de se defender adequadamente. O manto vermelho parecia arder ainda mais, embora os olhos de Deora apenas exalassessem a realização de sua doce vingança. A outra mal conseguia se mover.

A jovem se aproximou, recuperando sua espada, face em júbilo. Ela não conhecia sua oponente, tampouco o outro que caíra antes, e, ainda assim, o fato de tê-los derrotado lhe trazia uma calma sem par. Eram inimigos, tinha certeza, dedicados aos ideais tortos de uma confraria que havia lhe causado tanta dor...

Ela havia jurado que a Ordem Vermelha pagaria.

E seu voto se realizaria nem que fosse seu último ato em vida.

A outra agora gemia, tentando se reerguer. Deora levantou a espada.

—Mestra... — a que estava ao chão tossiu sangue. — Teus juramentos... Teus votos...

E a lâmina desceu, criando um risco escarlate no chão incólume.

Nada mais foi dito.

## Interlúdio

—Ela está a caminho!

A escriba havia adentrado a câmara sem anunciar sua chegada, simplesmente irrompendo pela porta como se nada pudesse impedi-la. Não mancava mais.

—Sabes que não gosto de ser interrompido, Ivoreen.

A figura encapuzada, ajoelhada no centro, olhou-a com frieza, sua face marcada por terríveis queimaduras. Ele a havia ensinado, mas de alguma maneira a impulsividade daquela jovem parecia ser indomável... Ainda assim, ela lhe era útil... Por enquanto.

—Perdão, mestre Fermmylle, mas achei que gostarias de saber do progresso de nosso plano...

—Nosso plano? — ele se ergueu de imediato, seu semblante carregado. — Ousas clamar para ti a glória?

Ivoreen pôs um joelho ao chão tão rápido quanto pôde, cabeça abaixada. Engoliu em seco.

—Teu plano, mestre. Sou apenas a executora de tuas ordens e desígnios...

Ele fez um gesto rápido com a mão enrugada, convidando-a se erguer. De alguma maneira aquela forma sutil de carinho parecia amedrontadora a ela.

—Não te esqueças que fui eu quem te ensinei, Ivoreen. — sua mão tocava o rosto dela com uma doce aspereza. — Seria muita ingratidão se não te comportasses.

—Eu sei, mestre. — ela não ousava erguer os olhos para encará-lo.

—Ora, querida... — ele sorria enquanto forçava gentilmente o encontro de seus olhos. — Sabes que não gosto de te ver com esse ar triste...

Ivoreen inspirou fundo e procurou desfranzir o cenho. Ele tinha sido bom para ela, embora, às vezes, a tratasse com certa rudeza. Ainda assim, reconhecia que Fermmylle apenas estava fazendo com que aprendesse com seus erros, a fim de torná-la uma melhor aluna. Aceitava as

punições de bom grado, não querendo decepcioná-lo em momento algum... Afinal, foi ele quem a acolheu e atuou como seu mentor quando todos haviam lhe voltado as costas. Ela pousou a mão sobre a coxa e sorriu — mesmo a cicatriz que ele deixara ali era nada além de uma perene recordação de sua falha, impelindo-a a jamais errar de novo.

— Isso... Quero te ver sempre radiante. — a voz tinha uma ternura enebriante. — Agora, conta o que houve com nossa marionete...

## Capítulo 3

—Novamente aqui, minha filha?

Deora não se virou, ainda olhando para a fonte que havia no santuário interno da igreja. O ruído da água a fazia relaxar, esquecer por alguns minutos o que a trouxe até aquele lugar...

—Sim, reverendo. — contemplava o próprio reflexo na água turbulenta, sua imagem distorcida pelo movimento fluido. — Este é o único lugar em que me sinto...

—Completa?

—Não, não é isso. É como se me reencontrasse aqui, sem precisar pensar sobre nada...

O olhar de Deora estava distante, perdido. Era, contudo, um olhar que o reverendo conhecia bem, tendo guiado o povo de Mitarna nos últimos meses. O que ela buscava, ele acreditava, era orientação. Mas para quê? Não era ela?

—Conheci uma Deora no passado, minha filha. — ele se sentou junto à fonte, deixando que a sombra da estátua de Andora cobrisse os ornamentos de suas vestes. — Era uma jovem que sempre buscou em nossa amada deusa uma luz em sua jornada... Talvez seja a sina de todas as que carregam tal nome.

Ela olhou para a estátua, contemplando o semblante sereno da divindade que cobria o seio esquerdo com a mão. Um símbolo de sacrifício, representando a ação de toda a natureza.

—Talvez, reverendo. — Deora assentiu, voltando o olhar para aquele homem calvo de face dura e, ainda assim, caridosa. — Aquela que conheceste encontrou seu destino?

—Todos encontramos, minha filha, pois dele não podemos escapar. É algo que queima dentro de nós... E, mesmo que não nos demos conta, dá forças a mortais e deuses.

—Deuses não têm tais preocupações...

—Há tanto sobre os deuses que os mortais ignoram... Nivus, guardião do amor e da paz, é um exemplo. Como

consorte de Berilla, deusa da magia, ele lhe deu um pássaro de chamas, o Fênix. Mas chegou o dia em que a ave teve de combater um grande mal, e isso causou muita dor ao deus.

—Dor?

—O Fênix era sua prova de amor, um presente que também simbolizava a calma que a paz exala... Foi doloroso ver o pássaro de chamas combater, por mais justo que fosse o motivo.

—E Berilla?

—O que tem Berilla, minha filha?

—Ela recebeu o pássaro de chamas e permitiu que combatesse. Se Andora sacrificou o seio para que nosso mundo fosse criado, se Nivus sacrificou seu símbolo de paz para que o mal fosse combatido, qual o sacrifício de Berilla?

—O sacrifício dela foi diferente... — ele olhou para o vazio e suspirou. — Julgou que poderia enfrentar as tribulações de nossas vidas como mortal... Mas tombou em combate. Dos oito deuses, Berilla é a única não representada com uma imagem, embora se saiba que era uma bela mulher de cabelos escuros que usava um diadema no formato de estrela. Ela...

—Reverendo Alexander? — a voz de uma mulher, rouca como o outono, interrompeu a conversa. — Pediste que avisasse quando da proximidade da hora das orações... É chegado o momento.

Deora ainda não se acostumara com Healen, a jovem que assistia os trabalhos naquele lugar sagrado. Nos poucos dias em que esteve ali, parecia que Healen era capaz de surgir de qualquer lugar a qualquer hora...

—Vou te deixar com as bênçãos de Andora. — ele se ergueu, ajeitando suas vestes. — Mas se quiseres te unir a nós...

—Eu sei onde vos encontrar, reverendo.

Alexander assentiu e caminhou a passos lentos, parando por um momento antes de deixar o santuário interno onde

estavam. Seus olhos pareciam carregar um pouco de esperança.

—Deora, eu tive um sonho nesta noite. — sua voz parecia mais firme que o usual. — Sonhei com tempestades e naufrágios, com um grande dragão que varria toda a ilha. Antes de acordar, vi o lago Glorianna congelar, mas também te vi carregando uma tocha que iluminava como o sol. Talvez isso tudo seja um sinal, ou talvez apenas um sonho de um velho... Mas senti que deveria te dizer isso de qualquer maneira.

Deixou-a a sós, mas Deora não saiu de sua mente. Enquanto se preparava para as orações, perguntava-se o que ela queria esconder quando disse que havia sido a única sobrevivente de um naufrágio... Afinal, ele estava no porto naquela manhã e a viu desembarcar. Todavia, isso era apenas parte de sua preocupação.

O que realmente o intrigava era o fato de ela não o reconhecer. Dois anos poderia ser o bastante para que alguém mudasse, mas a ele parecia que Deora era a mesma — exceto pelos olhos, mais decididos, embora carregassem um quê de sofrimento. Estava certo de que não mudara muito — era verdade que suas novas funções o impediam de ter aquele ar meio cínico e arrogante do qual tanto gostava, mas o que poderia ser mais cínico do que posar como guardião da fé de Mitarna? Deora, todavia, era uma incógnita, mas talvez fosse cedo ainda para questioná-la mais a fundo.

Porém, enquanto o reverendo estava imerso em questões, a jovem procurava simplesmente livrar a mente de tudo. Sabia que os poucos dias ali passados apenas tinham servido para planejar os próximos passos, mas agora se perguntava se seguir diretamente para aquela torre maldita era o melhor meio — talvez houvesse uma maneira de causar dano àquela confraria ao lidar com quaisquer cabalas espalhadas pela ilha. Ou talvez ela estivesse simplesmente fraquejando em face da enormidade da tarefa diante de si.

—Ficarás a manhã toda aí?

Healen se aproximara sem aviso, novamente surgindo de lugar algum, seus cabelos escuros amarrados em tranças e caídos ao redor de seu rosto, parecendo-lhe infantis demais. Deora se levantou.

—Eu estava de saída.

—E irás para onde? — Healen pôs uma mão na cintura. — Nunca te unes aos demais nas orações, procuras a solidão evitando a companhia de outros, pareces te exilar do convívio são!

—Este é um templo dedicado a Andora. Aqui só devo satisfações à deusa. — Deora começou a caminhar em direção a uma porta lateral. — Deverias estudar mais os livros sagrados, Healen.

—Não ouses me repreender, pois tu não sabes os desígnios da deusa.

—E tu acreditas saber o que é divino? Nem ao menos sabes o que a chama...

Deora parou, incerta do que houvera. Por um momento lhe pareceu natural discutir daquela maneira, mas a menção daquilo que era sagrado à confraria que jurara destruir a desconcertou. Por que dissera isso?

—Vamos! Completa teu pensamento. — Healen a desafiou. — Falas sem ter noção do que dizes...

—Eu... Não sei...

Healen sorriu, certa de que triunfara.

—Então nada digas. Talvez teu lugar seja junto aos que leem a sorte e não aos que louvam o divino.

Deora deixou que seu braço caísse ao longo do corpo — não por ter sentido o baque da derrota, mas para deixar a espada que carregava ao alcance da mão.

—E o que sabes disso? — ela tentou reverter a situação, incerta da escolha de palavras. — Como julgas saber o meu lugar?

—Andarilhos chegaram a Mitarna e ergueram tendas nos arredores. — Healen manteve o olhar firme. — Se tuas

respostas não estão aqui, talvez estejam com eles. Teu lugar não é junto aos devotos, Deora... Aceita essa verdade.

Muitos temiam os andarilhos porque os julgavam capazes de impor má sorte aos que cruzavam seus caminhos. Outros os temiam porque sabiam que compreendiam os sinais que ninguém mais entendia. E agora, Deora se perguntava que sinais poderiam ver para guiá-la, uma vez que sua vingança dependia da escolha acertada referente ao seu próximo passo.

—Talvez estejas com a razão, Healen. — caminhou em direção a uma porta lateral enquanto ouvia as preces entoadas diminuírem, um indicativo de que o momento de oração se encerrara. — E, talvez, eu siga tal conselho por não ter nada a temer... Contudo, indaga a ti mesma. Descobre o que temes. Isso pode te fazer compreender melhor aqueles que acreditam...

Ela ficou parada sob a sombra de Andora enquanto Deora saía do templo, cerrando a porta atrás de si. Que ela seguisse seu caminho e parasse de incomodar os devotos era a única coisa que Healen queria, mas, ao olhar a porta fechada, se perguntava se tinha sido direta demais. Ou dura demais.

—Onde ela está?

Tendo retornado ao santuário interno, ele queria continuar a conversa, talvez até descobrir algo em meio às dúvidas da jovem em trajes rubros. Ela escondera algumas coisas, mas era chegado o momento, na opinião dele, de revelar o que estava oculto para que, finalmente, os segredos que pudesse carregar fossem desvelados. Todavia, ela não estava lá, e Healen parecia ansiosa para contar o que havia ocorrido:

—Reverendo Alexander Craig, Deora acaba de partir.

## Capítulo 4

—É realmente necessário?

O homem robusto a sua frente não respondeu, ainda oferecendo a tira de couro comprida. Deora se demorou um pouco, mas finalmente acedeu e amarrou sua espada junto ao cinto — se tivesse de desembainhá-la, não seria sem o esforço de desatar o nó que a prendia. Porém, se perguntava se aquela era mesmo uma medida eficiente para impedir que brigas se tornassem algo mais sério — e, ao considerar isso, procurou entender a razão pela qual esperavam tantos conflitos ali.

Contudo, nada havia lá para preocupá-la. As tendas estavam dispostas de maneira organizada e os andarilhos cuidavam de suas vidas, conversando, trabalhando, dedicando-se aos seus momentos particulares. A jovem não sentia medo algum ao caminhar, por mais que muitos em Mitarna evitassem contato com eles, reconhecendo naqueles rostos pesados um pouco de si mesma.

—Queres conhecer tua sorte, forasteira?

Deora parou e olhou na direção daquela que a interpelava. Trajada com roupas simples, coberta por um manto com capuz de couro cru, a mulher de cabelos grisalhos lhe estendia a mão adornada com anéis. A expressão em seus olhos não era a de simples convite, mas de desafio, como se pudesse apostar uma das moedas de prata que carregava consigo na recusa da jovem.

Para Deora aquilo pareceu ser um sinal. De fato, tinha vindo em busca de respostas que não sabia ao certo se encontraria, crendo que a revelação de seu destino poderia ser justamente o que precisava saber. No entanto, o quanto de verdade ouviria daquela andarilha?

—Tu já sabes se entrarei ou não em tua tenda, não?

A mulher abriu uma das cortinas um pouco mais, permitindo que a jovem por lá passasse antes mesmo de dizer qualquer outra coisa. Tinha perdido a aposta consigo

mesma, mas o que haveria de revelar àquela que era uma forasteira aos seus olhos? O que buscaria?

—Sei disso e de muito mais, mas só descobrirás ao te entregares a uma nova jornada. Vem. Não há tempo a perder.

Deora atravessou a entrada e deixou que a cortina se soltasse, fechando a tenda. Dentro, logo sentiu o aroma de incensos leves cuja fumaça se erguia lentamente pelo lugar, permitindo-se relaxar um pouco enquanto seguia a outra com os olhos. Aquela serenidade quase parecia guiá-la.

Havia uma mesa coberta com uma toalha de renda, encimada por uma esfera de um cristal tão puro quanto o orvalho — ficava no centro da tenda, ladeada por duas cadeiras de madeira escura. A mulher indicou um dos assentos.

—Falaste de uma nova jornada...

A outra levou o dedo à boca, pedindo silêncio enquanto colocava uma vela amarelada sobre a esfera de cristal, acendendo-a com um gesto. Deora conteve um momento de espanto e deixou que sua mão direita pousasse sobre o punho da espada, procurando lentamente desatar aquele nó sem que suas ações fossem notadas. Poderia a andarilha ser membro daquela confraria maldita?

—É preciso estar pronta para ouvir as respostas quando se formula perguntas, forasteira. — a outra sacou um maço de cartas de um saco de veludo que pendia próximo. — E eu te pergunto se queres saber o que vejo, ou o que as cartas estão prestes a te revelar.

—Achei que soubesses todas as respostas. — sorriu Deora, ainda tendo trabalho com o nó.

—Não sei tudo, — a outra deixou o maço de cartas sobre a mesa e olhou bem para a jovem. — mas muito me é revelado. Sei que estás em busca de respostas, forasteira. Sei que não as encontraste em outros lugares. Ouso dizer que aqui estás por ter esperança.

O nó se desfez e a tira de couro caiu no chão, mas Deora não mudou o semblante — daria um pouco de tempo à andarilha para descobrir se estava mesmo de conluio com a Ordem Vermelha.

—E o que vêes em meu caminho?

A outra passou a mão pela chama duas vezes antes de fixar os olhos na esfera de cristal, deixando que seu corpo acompanhasse a fumaça dos incensos. Inspirou fundo.

E Deora também. Por um instante a jovem deixou que a mão relaxasse e não mais se preocupou com a espada ao seu lado, seguindo o mesmo ritmo de respiração da outra. Não sabia ainda se aquilo tinha sido algo inteiramente ocasional ou provocado...

—Teu caminho foi pavimentado pelos quatro elementos, forasteira. Vejo a turbulência da água, os tremores da terra, a força do ar e a incandescência do fogo. Não foi um caminho sem perda... Não, desde o começo perdeste algo... E por mais que pudesses recuperar o que te foi tomado, havia ainda mais a ser perdido... Ao ponto de perderes tudo, não é? — ela desviou o olhar por um instante, encarando a jovem. — E tua busca é hoje de reconquista... Por mais que isso possa causar dor — ela fez uma pausa. — a ti e a outrem.

Segurando firme no punho da espada, Deora mordeu o lábio inferior. Algo não estava certo, mas a andarilha parecia saber mais do que ela mesma... E, ainda assim, faltava-lhe algo.

—É o que vêes, andarilha? É este meu caminho a trilhar?

—Não. — a outra novamente passou suas mãos pela chama. — Esse é o caminho que já trilhaste. Teu destino ser-me-á revelado pelas cartas, não pela jornada interior. Estás preparada?

—Não tenho nada a temer.

—Então amarra tua espada de novo, forasteira. — Deora largou o punho de imediato, entregando-se em sua

incapacidade em ser sorradeira. — Estou aqui para responder perguntas, não para combater.

A jovem meneou a cabeça e se agachou para pegar a tira de couro, mas nada disse. Amarrando novamente a espada, ergueu os olhos.

—Tens medo do que eu sei, forasteira. Mas só temes o que te é desconhecido... O que te faz temer na magia?

—Eu não temo magias, andarilha.

A outra sorriu, ainda passando a mão sobre o verso das cartas trabalhadas com motivos escuros. Ela achava que compreendia.

—Temes quem as utiliza, forasteira. Mas, por quê?

—Eu... — ela parou, procurando pelas palavras que pudessem evitar denunciá-la. — Eu sei que nem todos usam a magia para uma causa nobre.

—E o que é uma causa nobre?

A pergunta ficou no ar, sem que Deora a respondesse. Talvez não houvesse uma única forma de definir aquilo. Seria nobre a causa que estava empenhada em seguir? Sim, tinha de ser. O sangue em sua espada tinha que ter valido para algo.

—Não há necessidade de teres teu coração tomado pelo medo de mim, forasteira. — a voz da outra parecia mais amena. — Minha magia foi aprendida com minha mãe, que aprendeu com minha avó, que aprendeu com o vento. Não seguimos uma fórmula mística estabelecida nem um credo que nos liga a outros praticantes. Aqui, em meio aos andarilhos, estarás a salvo.

Foi só quando ouviu aquilo que Deora retribuiu o olhar de sinceridade, juntando as mãos sobre a mesa, sem mais receio. As palavras da andarilha revelavam que não fazia parte de confraria alguma, não representando ameaça — ao contrário, era ela, com a espada embainhada e amarrada, quem oferecia perigo... A espada e a magia que tinha dominado eram muito mais que o simples acender de uma vela.

—E o que as cartas dizem sobre mim?

A outra embaralhou o maço e o colocou diante de Deora, esperando que ela o cortasse. O sorriso em sua face era o mesmo que mostrara antes ao desafiar a jovem a entrar.

Deora esticou a mão, separando o monte em dois, mas se assustou. A chama da vela tinha dançado de maneira soturna, fazendo com que a jovem largasse as cartas que estava segurando, algumas delas caindo no chão. Seu coração pulava em seu peito, embora não soubesse o que naquele movimento flamígero tivesse causado tal surpresa. Ela se curvou, esticando a mão.

—Deixa-as ao chão. — a voz da andarilha interrompeu a jovem. — Cartas fora da mesa são as que o destino não deseja que sejam vistas. Trabalharemos com as que estão aqui, pois é isso o que te é reservado.

Assentindo, Deora se ajeitou na cadeira, não sem antes contemplar a chama para entender o que tinha ocorrido. Enquanto isso, a andarilha sacava as cartas do topo do monte e as dispunha sobre a mesa, diante da jovem — eram coloridas, algumas com símbolos estranhos, outras com desenhos simples, mas todas instigantes a sua própria maneira.

A primeira carta tinha o desenho de um caminho, ladeado por pedras que marcavam a distância percorrida. O sol estava junto ao horizonte, podendo representar tanto o nascer quanto o entardecer...

—Os próximos passos são dúbios, não são? — a andarilha apontava para a carta. — Não sabes se te levarão a um novo começo ou ao fim de uma jornada...

A segunda carta tinha um grande cálice de prata ao centro, cheio d'água, circundado por crânios...

—Contudo, qualquer que seja a tua decisão, será algo que te levará a transformar-te por completo, purificada por algo que conheces, mas não da maneira como crês concebê-lo.

A terceira carta mostrava um tecido branco cobrindo o que parecia ser um espelho, sem nada mais ao redor...

—Mas chegará o momento em que deverás enfrentar a verdade, uma que pode ter sido escondida de ti.

A penúltima carta era totalmente branca, exceto por três grandes gotas vermelhas formando um triângulo...

—Sangue será derramado em tua jornada, forasteira, talvez mais do que o necessário a julgar pela forma como és tão rápida ao recorrer a tua espada. — olhou novamente para Deora. — Procura não desembainhá-la sem necessidade, pois muita dor pode ser evitada se fores capaz de julgar antes de agir.

A última carta, a quinta na sequência das reveladas, mostrava uma mulher deitada no chão, suas mãos unidas segurando uma tulipa branca, enquanto outra mulher se ajoelhava ao seu lado, aparentemente rezando...

—E... — a andarilha não completou a frase.

—E o quê? — questionou Deora. — O que representa esta carta?

A outra começou a recolher as cartas sobre a mesa, deixando aquela por último. Seus olhos pareciam trazer um pouco de tristeza.

—E esta carta representa o fim da vida, forasteira. — apontou a mulher ajoelhada. — Eu não sei se és quem tem a vida tomada ou quem reza pela outra, mas te garanto que uma morte te aguarda. Não uma morte como a causada em batalha, mas algo ainda mais grandioso, como se tua existência dependesse disso. Eu... Não sei que tipo de conselho posso te dar... É só o que vejo em teu destino.

Deora se levantou, ainda olhando para a carta. Não acreditava muito em tudo aquilo, mas a andarilha parecia conhecer bastante acerca do destino... Sabia demais para ser ignorada. Contudo, ela precisava pensar. Tudo o que foi dito poderia se tornar verdade... Ou não, pois era a dona de sua própria sorte. Deixando uma moeda de prata sobre a mesa, a jovem saiu, sem mais palavra.

A andarilha observou a cortina se fechando enquanto Deora partia, desejando em silêncio que fosse capaz de

lidar com o conhecimento que havia recebido. Com um sorriso triste, agachou-se para recolher as cartas caídas.

A primeira era uma torre, mas a carta estava de ponta cabeça, como se representasse a ruína. Outra era uma vela cercada por símbolos místicos, provavelmente indicando algo relacionado à magia em sua forma mais pura. A última, porém, causou-lhe tanto choque quanto a quinta carta revelada à jovem: tinha o desenho de um lenço de linho coberto de sangue cravado por uma adaga. Estacou, olhando para aquela imagem, enquanto sua boca formava a palavra que resumia seu significado:

—Traição.

## Capítulo 5

—Eu escapei por pouco.

O rapaz que acabara de contar sua história tinha a camisa ensanguentada, corroborando o que havia dito. O ataque que ele e seus companheiros enfrentaram fora traiçoeiro, sem aviso, sem que pudessem ter feito algo para evitar. Estavam retornando para Mitarna, vindos da mina de ametistas de Jollern, quando foram cercados. Ele não sabia precisar quantos eram os oponentes, mas tinha apenas uma certeza:

—Os mortos-vivos se ergueram, suas mãos descarnadas saindo do solo, agarrando os que estavam a pé.

Deora ouvira a história sem prestar muita atenção. À noite, numa taverna, poucos seriam os relatos dignos de serem considerados, visto que a bebida nublava a mente sã dos que os contavam. Entretanto, mesmo imersa em seus pensamentos, não ignorou a menção ao lugar onde seu destino estava por guiá-la:

—Foi à sombra da torre vermelha, sob o olhar das sentinelas de Piros que fomos atacados. E eles não fizeram nada! Ficaram apenas observando! Enquanto o aço tentava quebrar os ossos, aqueles feiticeiros vermelhos permaneciam imóveis...

—Eu já os vi invocarem magias. — disse um dos que erguia o caneco de cevada. — Esqueletos não seriam páreo para seus poderes se interviessem.

—Eles são reclusos. — bradou outro, junto a um canto escuro. — Se não for algo de seu interesse, não movem um dedo.

E muitos mais ergueram suas vozes, contribuindo com experiências ou boatos ao mesmo tempo em que saciavam a garganta. Deora, porém, continuava contemplando o jarro de suco de cerejas frescas à sua frente, enquanto procurava entender em que o discurso daquele rapaz poderia influenciar sua busca.

Ela conhecia as lendas. Sabia que a ilha em que estava havia sido criada como um altar para uma maldição, — a morte sempre viva — mas muito do que ouvira era reminiscências de histórias para crianças. E não era? Se fosse para retornar dos mortos uma vez mais, todos aqueles que tinham hoje como morada o cemitério de Mitarna teriam se reerguido.

Haveria de ter sido um incidente isolado. Talvez as pérfidas magias da Ordem Vermelha tenham criado tais seres... Não tinham aparecido próximo a Piros? Não estavam as sentinelas daquela construção de tijolos rubros perto o bastante para por um fim àquilo se quisessem? Mais do que torturá-la, a Ordem Vermelha agora se mostrava capaz de atacar indefesos...

Ela sorveu todo o líquido rosado de seu copo e se levantou, deixando aquele lugar, cobrindo-se com o manto da noite. O ar frio não a incomodava tanto, mas poucos compartilhavam de sua opinião, pois quase ninguém estava nas ruas.

Afastando-se da taverna, Deora cruzou os caminhos de terra batida, iluminada apenas pelas estrelas e por eventuais lamparinas. A noite sem lua parecia mais escura que o normal, mas isso não a incomodava — a jornada que estava trilhando era de sombras, uma que visava apagar de uma vez por todas a chama de Piros.

Mas estaria certa a andarilha em suas previsões? Não tinha dito em nenhum momento que realmente triunfaria — tendo somente a morte como ato final nessa peça no palco da vida. Todavia, seria ela aquela a tombar?

Seus passos já a levavam para junto dos barcos ancorados à beira da praia. Velas recolhidas, bandeiras ainda à mostra, diversas embarcações pontilhavam o lugar... Todas protegidas dos mares revoltos mais além. O cheiro da água salgada e a textura da areia que tocava com uma mão ao se agachar pareciam levá-la a outro mundo, um livre de destinos e passados.

Um dos ancoradouros estava vazio, suas cordas ligeiramente soltas ao balançar do mar. Aquele lugar, porém, parecia intimamente familiar, como se já tivesse estado ali. Jogando um punhado de areia fina ao vento, Deora se pôs a andar.

Sua bota maltratava a madeira já gasta, cada passo coroado por um novo rangido. O vento ali era mais forte, fazendo os trajes rubros tremularem. Era como se algo a envolvesse, embora ainda imperceptível.

—A escriba tinha dito que acreditariam na história de naufrágio, — o murmúrio era a manifestação de seus pensamentos — mas desde que cheguei não vi um único dia de céu cinza... Será que realmente acreditaram em mim? Será que não estou indo longe demais ao mentir para aquele que me acolheu? Será...?

Olhava para o horizonte, um risco escuro ao ir e vir das ondas. Os ventos aumentavam, desalinhando seus cabelos, ferindo sua pele. Deora sorriu e juntou as mãos.

Quando as abriu, uma pequena chama flutuava diante de si, singela e suave, não maior que um botão de rosa. Era a mesma magia que a andarilha havia usado, uma forma muito reduzida da labareda que invocara contra a bruxa...

—Magia...

E enquanto seu sorriso desvanecia, o fogo que criara também perdia sua força. Apertava os lábios ao suspirar, seus olhos lutando para conter um choro aparentemente sem causa.

—Por que eu?

O que ela lembrava? Não muito, era verdade. O aprisionamento, as torturas... Tudo aquilo estava entalhado em sua memória, não deixando lugar a mais nada. Mal se recordava de quando encontrara a escriba, nem mesmo a razão de ter sido presa.

—Eu fui iniciada...

A lágrima rolou. A primeira de muitas. Suas lembranças acerca do dia em que fora admitida na Ordem Vermelha

eram nebulosas, mas sabia que tinha passado por algum ritual. Envolvia sangue, — seu sangue — mas todos os detalhes eram difusos. Depois, o quê? O que ela havia feito de errado para ser aprisionada? Ou mesmo o que a levava a querer fazer parte daquela confraria?

Os ventos já secavam as lágrimas, marcando os sulcos em sua face. Tinha visto o mal que faziam. Eles mentiam. Torturavam. Matavam. Cada uma de suas lágrimas correspondia a uma daquelas lembranças, não? Mas por que tudo parecia tão enevoado? Por que não se recordava de mais ninguém ali...?

A escriba tinha sido torturada também — isso era certo. Sua perna fora ferida a ferro e fogo, impedindo-a de andar por dias. Aquela mestra impusera o castigo, não? Deora não tinha mais certeza... Nem o nome daquela mestra sabia...

Olhou para o céu estrelado, depois para baixo. Seus dedos passavam pela própria palma, sentindo a marca de sua iniciação... Aquela chama como uma perene lembrança de seu vínculo com a Ordem Vermelha.

Deora não poderia recuar. Toda a sua vida, toda a sua luta, seria em vão se outro daqueles feiticeiros ficasse impune, mesmo que tivesse de enfrentar aqueles mortos-vivos que hoje estavam sob seu controle, destruir Piros tijolo por tijolo, banhar sua espada em sangue novamente...

Em sua mente, as cartas reveladas pela andarilha pareciam ter mais sentido. Passos dúbios, transformação, verdade... Tudo isso se encaixava perfeitamente com o que sentia.

E, no fim, haveria morte.

## Interlúdio

—Praticando, Ivoreen?

Fermmylle a olhava com certo interesse enquanto se aproximava. Não esboçava emoção alguma, mas seus olhos negros queriam dizer algo. Contudo, ele não revelaria seus pensamentos. Não para uma mera serva.

A jovem, no entanto, não respondeu. Sentada diante de uma gargantilha de esmeralda, parecia brincar com os cristais de gelo que criava ao redor da pedra, praticamente aprisionando-a enquanto fazia com que ficasse esbranquiçada, moldando o frio de acordo com sua vontade. Satisfeita, ela a congelou por inteiro, desde a prata que a adornava até a verde pedra que um dia parecera pulsar.

Ele não disse palavra alguma, postando-se ao seu lado de maneira estóica. Ivoreen apenas o observou...

Mas antes que pudesse falar algo, sentiu-o agarrá-la pelos cabelos loiros, puxando-os a ponto de fazê-la gritar. Ele, todavia, manteve o mesmo tom calmo.

—Quando te fizer alguma pergunta, verme, para o que estiver tomando teu tempo e me responde. — ele a trouxe para junto de si, seu rosto queimado arranhando a pele alva. — Acaso te deixei sem estudo quando te acolhi? Acaso te abandonei? E ainda assim me tratas com tamanho desdém?! — com um movimento, jogou-a ao chão, sem pudor e sem remorso.

—Perdão, maestr... — ela apenas balbuciava.

—Cala-te! — com um gesto destruiu a escultura de gelo por ela criada, despedaçando com isso a gargantilha de esmeralda, a pedra partida em inúmeros pedaços que enegreceram de imediato como se perdessem algo de vital. — Ao invés de praticares, ficas a desperdiçar teu tempo com coisas pueris! E, enquanto isso, nossa marionete ainda não nos trouxe triunfo algum...

Ivoreen se encolheu e, em seguida, arrastou-se até ele, segurando em sua perna. Sua cabeça pendia para o lado,

tentando contemplar a face rígida de Fermoylle, mas suas mãos buscavam acariciá-lo sem que o largassem.

—Meu senhor, eu...

Ele não olhou para baixo, mas retribuiu o carinho passando a mão pesada em sua cabeça. Talvez ela pudesse lhe ser útil.

—Querida Ivoreen, — sorriu, embora seus olhos permanecessem frios — é preciso que teus estudos sejam postos à prova o quanto antes, pois tens ficado relapsa. Quero que encontres nossa marionete. É preciso que a guie para que não haja mais obstáculos. E, para tanto, serás meus olhos e ouvidos.

—Sim, mestre, eu... — sua voz era quase uma contrição.

—Ouve, pois não admitirei erros desta vez. — com um gesto, fez com que alguns dos fragmentos da esmeralda enegrecida viessem até sua mão. — Levararás contigo metade da joia que um dia pertenceu a ela: faz com que nossa marionete a use, assim tudo o que ouvir chegará até mim. E garante que ela não se recorde do dia em que foi iniciada sob a sombra de Piros.

—Mas o que direi a ela? Como poderá nos servir sem saber como entrar na torre rubra?

Ele a ergueu pelos cabelos, forçando-a a encarar sua expressão de desprezo. Ela quase podia sentir as unhas cravadas em sua nuca.

—Se eu tiver de pensar por ti, querida Ivoreen, — sorriu maliciosamente — tornar-te-ás desnecessária. Não queremos isso, não?

## Capítulo 6

—Irás sozinha?

Quando ouviu essa pergunta, o primeiro impulso de Deora foi dizer que não, que haveria de encontrar alguém que a acompanhasse durante sua jornada. Seria mentira, mas pouparia uma explicação desnecessária.

Contudo, a jovem disse a verdade. Ela não esperava que a sinceridade conseguisse o que o subterfúgio tinha lhe dado até então, mas para sua surpresa dessa vez funcionara.

Fazia já algumas horas desde que começara a caminhar, ainda seguindo o ritmo do sol. Naquele dia sem nuvens, tinto de um azul límpido, ela alcançaria a famigerada torre que tinha Piros por nome.

Os conselhos que recebera dos andarilhos ao se despedir foram vários, mas nada que já não soubesse. Todavia, chamou-lhe a atenção o fato de não temerem a Ordem Vermelha. Talvez pelo fato de serem alvo da desconfiança dos demais, talvez por aceitarem a magia como algo natural, ou por se comportarem como se eles mesmos pertencessem a uma irmandade fechada ao mundo externo... A jovem não sabia qual a real razão, mas respeitava a decisão daqueles que, de certa maneira, compreendiam que sua jornada terminaria com sua espada manchada de sangue.

Ela não tinha um plano. Sabia que precisaria chegar a Piros e encontrar um meio de cruzar os portões, mas não tinha ideia de como o faria. Afinal, não seria recebida de braços abertos pela confraria que a aprisionou e torturou... Não, precisava de uma alternativa, mesmo que isso a fizesse se desviar temporariamente de seu objetivo.

Com o sol a pino ela parou, procurando descansar à sombra de uma acácia. Os ramos estavam verdes como nunca e aquela copa frondosa propiciou todo o refrigério de que precisava. Se não se demorasse demais, alcançaria a

torre minutos após o ocaso — mas talvez devesse aguardar um pouco mais para ter a noite como protetora.

Aquela expectativa a atormentava. Voltou a caminhar, incerta de qual ritmo deveria impingir a sua marcha. Tudo o que tinha passado por sua mente agora retornava, num turbilhão de imagens sem nexos, como se diante dela estivessem montes de peças de um quebra-cabeças sem bordas. Mas apenas lhe restava continuar.

Sua mão já seguia para o punho da espada quando vislumbrou o topo rubro da torre que tinha como destino. O sol, no poente, brindava a jovem com seu último raio, numa surda homenagem ao momento sem volta. Ela estacou.

Mais uns dez minutos se passariam até que chegasse aos portões, talvez menos. O caminho até lá consistia de terra batida, com eventuais marcos de pedra ao redor — a cada pequeno dólmén atingido, mais perto estaria. Contudo, ainda não sabia o que fazer para lá entrar...

—A menos que eles não saibam quem eu sou. — apressou o passo, procurando se lembrar do que tinha aprendido desde o fatídico dia em que fora aceita. — Se assim for, os portões me serão abertos e estarei no antro da salamandra...

Junto aos grandes muros, sentinelas se postavam, imóveis, contemplando o horizonte, nem se dando ao trabalho de acenderem tochas para melhor enxergarem — ou talvez não o fizessem para que não se tornassem alvos.

Porém, algo não estava certo. Pelo caminho, ao chão, Deora vislumbrou reflexos metálicos sob a luz das estrelas. Sem hesitar, desembainhou a espada, aproximando-se do que pudesse haver ali.

Elmos, espadas, maças, escudos... Estava num campo de batalha recente, onde todos os que tombaram não podiam ser vistos. As armaduras estavam lá, o aço rasgado e as cotas perfuradas, mas não havia ninguém. A terra estava revolta, passos fundos das botas de metal ainda marcando

o solo... Aqueles eram os armamentos dos derrotados, embora não houvesse sinal nem mesmo dos vitoriosos.

Ergueu a cabeça novamente, olhando para as sentinelas que ainda não pareciam se mover, presas a um dever profano. Algo estava errado...

...A começar pelo vento que, de súbito, cessou. Sem brisa, sem farfalhar de folhas próximas, sem o menor movimento do que pudesse estar em seu campo de visão.

Empunhou sua arma com mais vigor, olhando ao redor, girando com a espada em riste como se temesse ser atingida de qualquer um dos lados. Sua respiração estava entrecortada, seus lábios, secos.

Silêncio.

Nem um pio de coruja, um ruído do mar ao longe ou um grasnar de um singelo corvo. Até seu coração, em disparada, parecia ser mais retumbante do que o cortar do vento por sua lâmina ao se postar de forma defensiva. Absoluto silêncio.

E foi então que Deora sentiu algo a agarrando. O grito jamais deixou sua garganta enquanto olhava para baixo, em pavor, ao ver aquela mão putrefata segurando sua bota.

Foi como se seu coração parasse de bater por um instante, o mundo todo cessasse, paralisando-a com ele. A terra ao seu redor tremia e ela não conseguia fazer nada...

...Exceto tentar lutar de volta. Com um golpe rápido decepou a mão que a prendia, livrando-se do que quer que aquilo fosse. Todavia, havia mais... Muito mais...

Outras mãos saíam do solo, cavoucando a terra escura enquanto buscavam se libertar daquele túmulo sem marcas. Criaturas descarnadas, ósseas, putrefatas, fétidas, inumanas...

Mortas...

Mortos-vivos.

Deora golpeava a esmo, procurando impedir que as criaturas se aproximassem. O aço talhava ossos produzindo

sons opacos enquanto elas se erguiam, todas ao seu redor. Quantas havia? Doze? Quinze? Talvez mais...

...E elas gritavam. Uivavam até. A jovem estava cercada, dentes cerrados, olhando ao redor em busca de uma escapatória que não tinha certeza de encontrar. Mas, girando a espada num grande arco, conseguiu um pouco mais de espaço, podendo confrontar seus oponentes com sua lâmina empunhada.

Uma das criaturas investiu, mãos firmes em forma de garras, desejosa de fazê-la se tornar um deles. Deora foi mais rápida, riscando o ar com sua lâmina, partindo os ossos da caixa torácica e derrubando o ser, que ainda se debatia. Com um golpe firme, a jovem arrancou a cabeça da criatura, deixando-a inerte no chão revolto.

Porém, não esperaria por outra investida. Girando a arma, decapitou outro dos seres descarnados antes mesmo que se adiantasse, fazendo com que o resto do corpo se ajoelhasse e tombasse para frente.

Então outras quatro criaturas atacaram, cada uma saltando sobre ela, procurando derrubá-la. Deora se esquivou da primeira, defendeu-se da segunda cortando-lhe os membros superiores com sua espada, mas foi atingida pelas outras duas. Cambaleando para trás, tentava se desvencilhar, sua arma atacando em vão. Podia sentir as afiadas garras cortando sua pele, tão perigosas quanto facas, firmemente cravadas em seus braços.

Seu grito de dor ecoou, embora fosse ignorado pelas sentinelas da torre de Piros. Acuada, restava confiar naquilo que a salvara dias atrás — com a mão esquerda aberta, uma chama se formando em sua palma, direcionou a magia flamejante para as criaturas que a cercavam.

E a chama, fraca a princípio, tornou-se tão viva quanto a mais brilhante das tochas, fazendo com que os seres descarnados recuassem.

Deora atacou. Golpeando com força, usando sua velocidade para sobrepujá-las, a jovem conseguiu abrir

passagem, derrubando outra das criaturas, destruindo o que ainda a mantinha ativa, drenando seu poder profano. Ela atacava de baixo para cima, o aço rasgando o que um dia foi uma malha de aço, confiando no fio de sua arma.

Mas a cada um que tombava, outro parecia surgir, emergindo da amaldiçoada terra escura. Mesmo os que pareciam terem sido derrotados, decapitados ou com os ossos que os sustentavam quebrados, uniam-se a outros, arrastando-se, gerando novas combinações de seres desmorts.

A jovem já sentia o peso de sua arma, seus movimentos ficando um pouco mais lentos, seu empenho um tanto mais fraco. Com isso, de relance, cada vez mais frequentemente, olhava para o alto da muralha da torre, esperando a intervenção dos feiticeiros que ficavam como sentinelas. Tudo em vão, pois a ignoravam, olhos fixos no horizonte.

Derrubou outra das criaturas, atingindo-a de lado, girando a espada diante de si. Estavam mais próximas, sedentas por transformá-la em uma delas, as garras afiadas em maior número do que podia se defender.

Foi então que cravou a lâmina no chão, segurando a espada pelo punho com ambas as mãos. E com o aço veio o fogo, irradiando como uma onda, erguendo-se como uma pira. Ela fechou os olhos.

As criaturas estacaram, cobrindo a frente com seus membros descarnados, como se a proximidade com aquela incandescência as ferisse. O silêncio que antes havia, substituído pelos sons ocos do combate, agora dava lugar a um forte crepitar.

Deora abriu os olhos, direcionando a chama numa espiral. O calor que a envolvia lhe trouxe calma, quase uma serenidade, como se não mais estivesse em pleno combate. Algo na invocação da magia a fez perceber que havia mais que ossos e podridão, mais que morte.

Talvez até mesmo uma possibilidade de purificação.

E, pela chama, cada uma das criaturas foi consumida, piras vivas se debatendo, recuando como se ainda houvesse esperança.

O tom vermelho do fogo iluminava o rosto de Deora, dando-lhe um ar mais solene... Em seus olhos, não havia aquela aura de triunfo, ou vingança — tudo o que podia ser visto neles era o brilho do cumprimento de um dever, não para si, mas para todos os que tinham ali tombado.

Sim, ela conhecia as lendas acerca da maldição da morte sempre viva. E agora acreditava que, pelo fogo, poderia dar fim àquilo.

Não mais havia medo quando a última das criaturas tombou pela derradeira vez. Havia, sim, a certeza de que nada, nem mesmo os mortos-vivos, poderia impedi-la de destruir os mortais de Piros.

## Capítulo 7

—Ela está trajada como uma mestra?

O acólito em roupas rubras assentiu rapidamente, olhando de soslaio na direção dos portões. Ele não conhecia aquela que pedia acolhida, tendo buscado a orientação da pessoa responsável pela proteção das muralhas. Compreendia a importância daquele dever, pois desde que fora iniciado tinha aprendido que o domínio da magia era tão valioso quanto perigoso, precisando ser guardado sob a proteção da chama.

—Mestra Sophie, — continuou o acólito. — ela diz se chamar Deora. Seria a...?

—Não especulemos. — interrompeu a mestra num tom mais sério, fazendo um sinal com a mão. — Se ela é uma irmã na chama, terá direito a um lugar de repouso em Piros.

Dando um passo para o lado, o acólito abriu passagem para Sophie, observando-a com olhos preocupados. A expressão da mestra era indecifrável, como se houvesse possibilidade de dar lugar a um pouco de esperança e a um quê de preocupação ao mesmo tempo... Ele não sabia dizer o que aquilo significava.

Porém, enquanto Sophie caminhava tendo a dúvida como companheira, Deora contemplava os grandes portões de madeira avermelhada, adornados com entalhes que pressupunham símbolos arcanos da Ordem Vermelha. Em toda a superfície, marcada a fogo, estava a lembrança de que a chama consumia a tudo, circundada por triângulos com vértices para cima e com vértices para baixo, uns sem marca alguma, outros com um traço horizontal os cortando. E espadas. E livros. E muito mais.

A jovem se sentia observando aqueles portões pela primeira vez, mas os símbolos ali contidos pareciam familiares demais, como se ela mesma já os tivesse passado para um pergaminho... Talvez tenha sido isso —

em seu tempo como prisioneira, copiando os tomos místicos — ou talvez... Não. Não haveria de ser outra coisa.

O que faria agora? Quando chegou aos portões nenhuma das sentinelas no alto da muralha sequer olhou para ela — apenas quando bateu na pesada madeira com o punho da espada que uma fresta foi aberta. Quem a interpelou foi um rapaz, não ainda um adulto, vestindo os paramentos rubros que ela já vira, perguntando por seu nome e o que desejava... Talvez aquilo tenha sido a causa da demora, não? Afinal, tinha dito que buscava abrigo... Provavelmente existia alguma senha e contrassenha que pudesse permitir a sua entrada, mas por mais que tivesse se preparado, ela jamais poderia adivinhar qual seria a forma correta de se apresentar...

Então o portão se abriu. Não era muito, apenas o suficiente para que dele emergisse Sophie, trajada com as mesmas vestes vermelhas que Deora tinha tomado para si desde que se libertara da opressão daquela confraria. Mas, antes mesmo que o portão se fechasse, a mestra a encarou de cima a baixo.

—Foi-me dito que uma irmã na chama desejava entrar em Piros.

Deora deu um passo adiante, braços junto ao corpo, sem menção alguma de buscar sua espada — ela precisaria estar lá dentro para que pudesse agir de verdade. Suas mãos, todavia, mexiam como se fossem uma surda tentativa de controlar o nervosismo do momento.

—Eu busco abrigo. — não haveria porque tentar uma abordagem diferente agora. — Viajei de longe e procuro um lugar para descansar.

O brilho no olhar de Sophie esmaeceu. Aquela parecia ser a Deora que aprendera sobre a ideia verdadeira, mas era como se algo estivesse fora de lugar — aparentava não reconhecê-la, agindo de maneira até mesmo fria. Não era aquela que tinha Piros como lar, isso era certo.

—Há tempos não mantemos alojamentos para visitantes. Piros te acolherá apenas se fores minha irmã na chama. — Sophie estendeu a mão e Deora a tomou.

E cumprimentaram-se como duas pessoas normais se cumprimentam. A mestra sorriu de maneira cândida e recuou, o desapontamento em seus olhos.

—Teu nome é Deora, não é?

A jovem balançou a cabeça em afirmativa. Ela se perguntava se estava tudo bem.

—Deora, Piros é um local de sabedoria e estudo, mas apenas para aqueles que foram iniciados na Ordem Vermelha. Quando tiveres tal conhecimento, retorna. — Sophie abriu a porta, retornando para dentro. — Até que isso aconteça, estes portões permanecerão fechados a ti.

—Eu fui iniciada! — protestou a jovem. — Eu sei os segredos da Ordem Vermelha! Acredita em mim!

Sophie não olhou para trás, deixando que o acólito fechasse o portão. Como tudo aquilo acontecera, ela não tinha ideia, mas era algo que precisava ser compartilhado com seus irmãos na chama. Seus verdadeiros irmãos.

Já Deora, sozinha, apenas contemplou os portões fechados. A sensação de impotência que a acometeu foi tamanha que ela abaixou a cabeça, amaldiçoando sua falha. Mas era ainda pior reconhecer que, agora, eles estariam prontos para ela. Como aquilo acontecera? Como ela...?

Não, não se recordava de quaisquer sinais ou palavras. As lembranças de sua iniciação ainda lhe pareciam difusas, mas a jovem podia claramente ver a espada e... Mas o que mais havia? Ela olhava para a própria mão — a chama marcada a ferros estava lá, preservando a memória de um evento que não sabia compreender.

Ergueu a cabeça, acompanhando a curvatura das pedras rubras da muralha, vendo no alto das janelas da torre as velas e tochas acesas. Talvez estivessem conversando entre si agora, discutindo o que fazer com aquela que tentara, em vão, entrar se passando por uma deles.

—Eu fui iniciada...

Deora deu as costas para Piros e começou a andar. Estava exausta, mas não ficaria ali perto... Afinal, se a haviam torturado no passado sendo membro da Ordem Vermelha, o que não fariam agora que a julgavam uma impostora? Mas...

...Não haveriam de ter agido de imediato? Não era assim que a Ordem Vermelha punia, não permitindo que o menor dos erros fosse ignorado? E, apesar disso, simplesmente a deixaram partir desta vez. Por quê? Estariam lhe reservando um destino ainda pior?

Não sabia a resposta. De alguma maneira, o que estava ocorrendo não era o que esperava — ela devia ter entrado, encontrado uma forma de colocar sua vingança em ação e...

—O que me restaria?

Piros já se escondia atrás do relevo acidentado quando se sentou, olhando para o céu estrelado, questionando a si mesma. Realmente, o que lhe restaria após destruir a Ordem Vermelha? Estaria livre?

—Eles me deixaram ir...

∴

O galho do carvalho caído junto à pedra onde se sentava estalou. A pequena chama que Deora criara cresceu timidamente, produzindo uma fumaça mais adocicada do que o normal, mas já era o bastante para mantê-la aquecida. De certa forma, era aquele fogo mais que um companheiro na noite fria.

—O fogo...

O que aquela incandescência significava para ela? O que tinha aprendido? Talvez nada... Era algo mais intuitivo, como se sempre fizesse parte dela, uma força que conhecia desde antes de sua...

—Iniciação.

Mas o que havia antes disso? Se mesmo o momento em que fora acolhida naquela confraria ainda lhe parecia

perdido na memória, o que dizer de seu passado? Nem uma simples lembrança. Nada.

Quem era ela? Uma feiticeira renegada da Ordem Vermelha? Uma fugitiva em busca de vingança? Como podia ser alguém se nem ao menos tinha um passado?

—Eu sou... Deora.

E, ao dizer essas palavras, sua mente a levou para uma praia de areia branca, um bote de madeira encajado, e um gosto de água salgada na boca. Foi apenas um instante, uma sobreposição de imagens, uma confusão de pensamentos... Era como um devaneio acordado, talvez causado pela fumaça do carvalho, ou pelo jeito peculiar que a chama dançava.

A jovem levou a mão ao pescoço, buscando algo, mas nada havia lá. Sentia a falta de alguma coisa que não sabia ao certo o que era... Incompleta era a maneira como se sentia naquele instante, sem rumo, sem forças, sem saber como continuar.

E, levada por todos esses sentimentos, se deixou guiar, seguindo o caminho que havia dentro de si mesma. Atravessando os vales de dúvidas e receios, cruzando os rios de fraquezas e incertezas, até chegar numa pira primordial, na essência do fogo que ardia dentro dela, onde finalmente se sentiu em harmonia consigo mesma, tornando-se uma com a chama que seus olhos viam dançar à sua frente, aquecida em corpo e em espírito.

Completa? Ainda não. Mas bem mais próxima de se sentir assim.

## Capítulo 8

—Deora?

Ela dormia candidamente, deitada junto às cinzas, coberta com o manto rubro. Sua espada estava ao seu lado, ao alcance da mão, pronta para ser usada caso a situação assim o exigisse. Contudo, ela não acordava...

—Deora!

Piscou seguidamente, cobrindo os olhos com a ponta do manto. As imagens ainda estavam desconexas, demorando a deixar de serem apenas borrões. Procurou se sentar, tendo a sombra de alguém a protegê-la do sol nascente.

—O que está...?

—Deora, sou eu.

Passou a mão pelo rosto e conseguiu fixar o olhar. Era uma face conhecida, mas que jamais imaginaria ver ali.

—Escriba? Ainda estou sonhando?

A outra riu, agachando-se ao seu lado. Seus cabelos loiros brilhavam como o sol que despontava.

—Não, já retornaste ao reino dos vivos. Assim como eu.

—Como chegaste até aqui? Como me encontraste?

Ivoren se ergueu, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. Trajava vestes escuras e uma pulseira de pedras enegrecidas brilhava em seu pulso esquerdo. A brisa da manhã estava fria e dormente.

—Eu soube a quem perguntar. — ela sorriu. — Além do mais, sabia que vinhas até Piros. Poderás agora ter tua vingança.

—Não sei se é isso o que quero. Na verdade, não sei muita coisa.

A escriba a encarou, sobrancelhas arqueadas, lábios entreabertos. Talvez Deora tenha se lembrado de algo ou se esquecido do quanto sofrera, mas aquilo não poderia ocorrer — era preciso que a Ordem Vermelha fosse destruída, era preciso agradar a Fermmylle. Ivoren não se arriscaria a voltar para o único que a acolhera de

verdade sem que o objetivo inicial tivesse sido alcançado. Jamais retornaria para ser punida, para...

—E o que eles fizeram contigo? E o que fizeram comigo?!

Deora pôs a mão sobre o ombro da companheira, numa atitude de carinho. Ela tinha sido sua única amiga nos anos anteriores, ensinando-lhe o suficiente para sobreviver nas masmorras da Ordem Vermelha. Mas agora, a vingança não lhe parecia a melhor alternativa.

—Eles não me perseguiram quando tentei entrar em Piros, escriba. Estamos livres, sem que nos assolem mais.

—Não! — ela apertava as mãos, desesperada. — Mesmo que não nos ataquem agora, poderão vir atrás de nós no futuro. Enquanto viverem, estaremos em constante apuro.

—Se vierem, — o sorriso de Deora ainda se mantinha firme. — estaremos prontas. Até então, devemos viver cada momento de nossas existências de maneira plena... Livres...

—Fica abaixada!

Ivoren puxava-a pelo manto, apontando para uma trilha ao longe, seu dedo acompanhando o caminhar de uma figura em trajes rubros portando uma tocha em pleno dia...

—Um iniciado? — Deora levou a mão à frente, evitando ser ofuscada pelo sol.

—Um acólito da Ordem Vermelha. — disse a outra, fechando os olhos.

Seu dedo ainda acompanhava o lento andar, mesmo sem ativamente ver o portador da tocha. Sua face ficou mais cerrada, dentes travados enquanto se concentrava, um pequeno brilho branco já emoldurando seu punho, cobrindo-o com uma fina camada de gelo. Deora podia sentir o frio que dali emanava, reconhecendo a invocação de uma magia, mas não uma ensinada pela Ordem Vermelha.

E, quando Ivoren abriu os olhos, o acólito deu um grito, largando o que segurava, cambaleando. Ela esfregou as mãos.

—Ele veio de Piros. — a loira já corria na frente. — Deve estar levando alguma mensagem importante.

Deora a seguiu, não vendo alternativa. Parecia errado o que Ivoreen fizera, embora o fato de enviarem um mensageiro significasse que talvez não estivesse tão a salvo quanto pensava.

O acólito desembainhou a espada, uma das mãos mantida junto ao peito, tentando firmar os pés enquanto via as duas em sua direção. A tocha no chão queimava um arbusto.

—Lida com ele enquanto apago a chama. — orientou Ivoreen. — Se a fumaça crescer, poderão vir atrás dele.

Assentindo em silêncio, Deora sacou sua arma, apontando para o jovem. Os olhos dele estavam arregalados e sua mão tremia, sem conseguir manter a espada reta.

—Tu és uma mestra, não és? — a voz era um balbucio. — Por que me atacas? Sou teu irmão na chama...

O gelo que Ivoreen criara antes agora cobria a tocha e o arbusto, acabando com o fogo. Não havia mais fumaça.

—O que fazes fora dos portões de Piros? — o tom de Deora era forte, acompanhado da espada erguida. — Fala por tua vida!

—Eu... Não posso te dizer, mestra... Minha missão...

O golpe da espada de Deora contra a dele o calou. A arma, mal empunhada, jazia agora junto a seus pés.

—Fala!

—Não, mestra! — ele pôs as mãos diante do corpo, como se quisesse se defender. — É meu dever!

Ivoreen já o cercava, mas a jovem de rubro não se atentava a isso. Ao contrário, via no medo e na diligência do acólito um meio de entrar em Piros.

—Como podes provar que és meu irmão na chama? Se provares ser um acólito da Ordem Vermelha, permitirei que sigas com tua missão.

—Estive diante da chama que nunca se apaga mestra, não é o bastante?

—Não. Fala!

—Posso te mostrar. — hesitou por um instante. — Abaixa tua espada e eu o farei.

Deora guardou a arma e esperou. O acólito deu um passo adiante...

...E Ivoreen o segurou pelo pescoço com ambas as mãos, congelando-o de imediato. Havia pavor no olhar dele.

A jovem de rubro conteve um grito quando a outra deu um tranco rápido com a perna, ainda segurando o pescoço. A cabeça do acólito se separou do restante, firme em suas mãos, enquanto o corpo tombava sem vida.

—O que fizeste? — Deora levou as mãos à cabeça. — Ele iria me dizer o que precisava para entrar em Piros!

—Eu não queria matá-lo, — Ivoreen deixou a cabeça rolar ao chão. — mas não podia deixar que te ferisse. Se ele invocasse uma magia, se te atingisse, poderia não haver esperança para tua vingança.

Deora balançou a cabeça, olhando para a expressão aterrorizada do jovem. Teria sido aquilo realmente necessário?

—Vamos ver o que diz a mensagem que ele carregava. — Ivoreen pegou o pequeno tubo preso com uma tira de couro e o abriu, entregando o conteúdo para Deora. — Lê.

A jovem rompeu o lacre de cera e desenrolou o pergaminho, segurando-o com a ponta dos dedos, cuidando para que não fosse danificado. O texto havia sido escrito com uma letra firme e floreada:

*Milenna, informa a Hanvor que Deora retornou. Ela, porém, não parece ser quem era. Toma cuidado se ela for a Jollern. Eu farei o que precisa ser feito aqui. M.*

Ela o mostrou a Ivoreen, língua entre os dentes. Talvez houvesse, sim, razão para se preocupar.

—Ele está em Jollern? — a escriba se perguntou em voz alta. — É para lá que precisamos ir então.

Hanvor. Aquele nome não lhe era estranho. Parecia carregar certo respeito, uma aura de honroso mistério... Deora, contudo, não se recordava de ter lido nada acerca

dele, como se fosse algo vago, perdido nos recônditos de sua mente.

—Quem é ele? Quem é essa Milenna?

Ivoren rasgava o pergaminho enquanto olhava para o horizonte. Ela sabia o que as aguardava.

—Não conheço essa Milenna, mas Hanvor é a pessoa por trás da Ordem Vermelha. Foi quem a idealizou e a liderou no passado... Sem ele, a Ordem Vermelha não é nada.

—Então...?

—Devemos ir a Jollern. — Ivoren não deixou que Deora sequer pensasse no assunto. — E precisamos partir o quanto antes, pois não sabemos o que tentarão fazer conosco. Lá estaremos mais protegidas, pois não pensarão em nos procurar no lugar onde seu pérfido líder se esconde. E depois...

Deora suspirou. Havia pensado que estava livre, que nunca mais teria de lidar com quem a torturou no passado, que poderia viver em paz. Mas não, existia algum tipo de cruzada velada contra ela, com pessoas dispostas a fazer o que precisasse ser feito para calá-la. Seu caminho, reconheceu, estava marcado com o sangue.

—Mataremos Hanvor, o líder da Ordem Vermelha.

Ivoren assentiu, segurando um sorriso de satisfação. Tudo o que parecia estar ruindo há pouco se tornava sólido uma vez mais e pouco precisou fazer para que conseguisse isso — tinha sido a própria Ordem Vermelha, ao tentar alertar Hanvor, que reforçara a determinação de Deora. Seu mestre, Fermmylle, ficaria satisfeito.

—Como chegaremos a Jollern? — Deora desembainhou a espada, observando o fino corte de sua lâmina.

—Jollern fica a nordeste daqui, além do lago Glorianna. — Ivoren apontava ao longe na direção que seguiriam. — Precisamos contornar as águas para que cheguemos à vila, atravessando uma floresta não muito segura, lar de criaturas místicas. Mas já lidei com elas no passado.

—Estiveste em Jollern?

—Nunca cheguei à vila, mas conheço bem os arredores. E sei também o que nos espera. Prepara-te para enfrentar o que tua imaginação nem sequer suspeita existir.

Deora embainhou a espada novamente, olhando para trás, procurando ver Piros além dos montes mesmo sabendo que jamais conseguiria. Lá estava o motivo de sua ruína e também o lugar onde enfrentara mortos-vivos... E, mesmo sem entender, sabia que os dois estavam ligados. Só restava compreender como.

—Minha imaginação suspeita de muita coisa, escreba. — ela olhou de relance para o chão, apenas para se certificar que nenhuma criatura descarnada pudesse se erguer. — Muita coisa mesmo... Mas não podemos simplesmente deixar este acólito aqui, ao léu, entregue aos corvos e à natureza. Ajuda-me a recolher algumas pedras...

E, em silêncio, as duas cobriram o jovem, dando-lhe o merecido descanso. Ele havia tombado por ter acreditado nas palavras da Ordem Vermelha... Quantos mais haveriam de tombar, perguntava-se Deora, até que Piros também caísse?

## Capítulo 9

—Outro marco?

Deora apontava na direção de uma grande pilha de pedras, um amontoado tão organizado que não podia ter sido obra do acaso. Era o segundo que via, mas não menos formidável que o primeiro, possuindo um quê de ancestral, como se ali estivesse desde o início dos tempos.

—Nunca reparei neles. Em verdade, não me lembro de tê-los visto da última vez que vim para Jollern.

—Falta muito?

—Não. — Ivoreen sinalizava com a mão desta vez. — Vês aquelas árvores adiante? É a floresta que guarda a entrada da vila. Basta que a atravessemos.

O caminho até ali tinha sido tranquilo, mas a noite que caía fazia com que a jornada fosse um pouco mais exaustiva. Circundando o lago Glorianna, haviam se refestelado nas águas límpidas, mas não tinham conversado muito. Por mais que Deora quisesse manter vivos os laços com o passado esquecido, Ivoreen, tratada apenas como *escriba*, não dizia muito — talvez por receio de revelar mais do que gostaria.

Entravam agora na mata, cruzando um caminho não maior que uma larga picada, ladeada por árvores de troncos largos e escuros. As co

pas frondosas, altas como titãs, ocultavam o brilho das estrelas, mas a escuridão as incomodava — com a magia flamejante sob o domínio de Deora, tochas são simples de serem feitas.

O vento soprava mais devagar, trazendo consigo o silvo de dezenas de segredos. Era uma melodia soturna, criada pela própria natureza, mas a jovem de rubro não sabia se era fruto da vontade de Andora, a deusa a quem sempre tivera como guia, ou do mero acaso. Contudo, não ousava adivinhar.

Caminhavam já por meia hora, não sabendo se faltaria muito para atravessar a mata que parecia sufocá-las a cada novo passo. A trilha estreitava tornava-se mais acidentada, revelando buracos e curvas, serpenteando ao redor de árvores antigas e... Mortas.

—Isso não é normal.

Ivoren assentiu. Conforme entravam no coração da floresta, mais e mais árvores pareciam não ter vida, sem folhas, sem fortes galhos. Era como se algo afligisse o mais primal refúgio da natureza, destruindo sua essência. E isso não apenas se restringia à flora, pois mesmo o ar parecia estar mais estagnado naquele lugar...

—Não foi assim que encontrei esta floresta da outra vez...

A trilha começou a ficar mais úmida, a terra dando lugar à lama, a lama logo ficando quase pantanosa. As botas afundavam um pouco, forçando as duas a procurarem pisar perto das raízes à mostra a fim de não afundarem. Mesmo a visão embaçava um pouco, as chamas nas mãos de Deora não bastando para iluminar adiante.

—Não podemos seguir em frente, escreba.

Ivoren balançou a cabeça, olhando para os lados. Talvez pudessem seguir tangencialmente, sem passar pelo centro da floresta, mas não acreditava que conseguissem.

—Tu não conheces estas matas. Poderíamos vagar por dias sem sair daqui se não tomarmos cuidado. Por mais difícil que seja, precis...

Ivoren gritou, afundando de repente.

Deora se virou, seus olhos ofuscados pelo súbito clarão da chama que carregava, explodindo no momento em que percebera estar sozinha. A lama pantanosa borbulhava como se fervesse, perturbada por algo, mas nenhum calor advinha de lá, impedindo que houvesse certeza acerca do exato local onde Ivoren estaria.

E então a criatura se ergueu, a cabeça emergindo do lamaçal, sua pele escamosa, pescoço comprido e jeito reptiliano refletindo a parca iluminação das estrelas que

atravessava as árvores sem folhas. Mas não era apenas isso: outras três cabeças também surgiam, todas com olhos amarelos e pupilas ovais. Deora recuou, suas costas contra um tronco caído.

Ainda piscando devido ao clarão, ela invocou uma nova chama, desta vez ateando fogo a uma das árvores, criando uma enorme tocha. As quatro cabeças sobre a lama se moveram em uníssonos, evitando a proximidade com o calor. Era o tempo que precisava para desembainhar sua espada.

Mas, antes de poder agir, uma quinta cabeça apareceu, sua farta mandíbula presa ao redor do corpo de Ivoreen, parecendo render-lhe sem vida. Deora engoliu em seco.

Foi nesse momento que a criatura se mostrou por inteiro, seu corpo, imenso como uma casa, escamoso como um crocodilo, aparecendo pela primeira vez fora do lamaçal. Com passos firmes ele fazia a terra tremer, balançando as árvores secas, suas escamas pulsando lentamente.

O lamaçal parecia aumentar, Deora já com a água lodacenta na altura dos joelhos. As cabeças da criatura olharam todas para ela ao mesmo tempo, as narinas dilatadas como se estivessem a perceber o quão suculenta poderia ser. Com a espada empunhada, avançou.

A cabeça que prendia Ivoreen pendeu para o lado, deixando que o corpo da escriba caísse. Enquanto o fogo que consumia a árvore próxima ainda crepitava, iluminando a cena com dificuldade, Deora parou, hesitando entre atacar, reforçar a chama ou cuidar de sua companheira.

A criatura, no entanto, não deixou que um segundo se passasse sem agir, saltando adiante, criando com isso uma pequena onda de lama e lodo. As cinco cabeças, bocarras abertas, deixavam que um líquido pungente pingasse de seus dentes ferinos...

Deora agachou-se no momento certo, evitando ser atingida, mas percebeu o quão perigoso aquele líquido arroxeadado era ao ver que a própria lama parecia dissolver quando tocada, dissipando-se em fumaça.

Ergueu a espada, golpeando de baixo para cima, rasgando um dos pescoços, separando a cabeça do corpo. O jorro de sangue fétido e roxo atingiu uma das árvores mortas, derretendo-a a olhos vistos, tornando-a também uma arma contra a jovem. Ao menos, apesar disso tudo, sua lâmina ainda estava intacta.

Contudo, o movimento a colocara numa posição mais complicada, perto demais do pesado corpo da criatura, sem nada que se interpusesse entre elas. Deora tinha a lama agora quase em sua cintura, não conseguindo correr, mas sabia que não podia ficar parada. Todavia, aquele momento de vulnerabilidade era tudo o que a criatura precisava.

Sem sinalizar seu golpe, uma das cabeças investiu, atingindo-a pelas costas, os dentes rasgando a carne, o líquido arroxeadado puindo o manto rubro. Deora foi jogada para frente, quase mergulhando, sentindo suas omoplatas queimarem enquanto lutava para subir até a superfície novamente. Ela não largara a espada, usando-a como guia para atravessar a água lodacenta, evitando tocos e galhos partidos. Porém, a sensação de ser presa daquela criatura, reles vítima prestes a ser atingida novamente, era ainda mais terrível que a dor que sentia.

Sua luta agora era por sair da lama, respirar novamente enquanto se mantinha fora do alcance da criatura. Sua espada era inútil sem poder ser manejada, suas magias sem efeito sem que pudesse se concentrar. Mas quando se livrou dos grilhões lodacentos, a criatura já estava próxima de novo.

Deora levantou sua arma uma vez mais, movendo-a de um lado para o outro, procurando apenas se defender de eventuais golpes. Ivoreen estava ao seu lado, seu corpo caído, as vestes escuras rasgadas, o rosto sem expressão.

A criatura atacou, as cabeças se movendo como serpentes no ar, mas Deora se manteve firme — espada em riste, ergueu a mão esquerda para o céu, abrindo-a em seguida. De imediato, o que restara de fogo na árvore incendiada foi

atraído, criando um risco flamejante no ar, agindo como uma barreira de chamas. Não poderia manter a magia por muito tempo, nem mesmo sendo capaz de invocar uma nova esfera de fogo, precisando lutar contra a dor e contra a criatura com o pouco que lhe restava...

O calor manteve a criatura afastada, embora suas cabeças ainda sibilassem no ar procurando encontrar uma brecha. Deora, então, tratou de recuar, agarrando Ivoreen pelo que restara de suas roupas enquanto mantinha a espada erguida, arrastando a escriba para a segurança de áreas mais secas, ao mesmo tempo em que não desviava o olhar de seu oponente.

A criatura tentou atravessar a barreira de chamas, mas não conseguiu. Em frustração, mergulhou no lamaçal, dando tempo para Deora se afastar um pouco mais, já embainhando a espada para tentar erguer Ivoreen com ambas as mãos. A cada minuto que se passava ela aumentava a distância...

... Até que o ser monstruoso se ergueu novamente, emergindo após atravessar a muralha de fogo por sob a água lodacenta. Nada mais havia entre ela e suas vítimas.

Deora apoiou sua companheira nos ombros, gritando de dor ao sentir suas omoplatas queimando. Não importava para onde seguisse, desde que mantivesse a criatura longe. Impondo-se um ritmo frenético, passou por baixo de galhos quebrados, por cima de raízes soltas, quase tropeçando ao ouvir o eco do sibilar da criatura atrás de si, a terra tremendo enquanto fugia.

Ela corria. Lutando contra a dor, carregando Ivoreen consigo. Seguia em desespero, sabendo que não apenas sua vida dependia disso. A Deora não importava o quanto precisaria suportar para salvar a escriba, pois acreditava que, se não fosse por sua ajuda, jamais teria escapado das garras da Ordem Vermelha.

Mas a criatura não lhe dava trégua, arrancando árvores do chão enquanto vinha em desabalada correria. Ao menos,

por causa disso, cada vez que Deora atravessava um obstáculo, a criatura se via ainda mais longe. Haveria de desistir, ou assim acreditava...

Nenhum sinal de lama ao chão, nenhuma árvore morta à vista. O caminho diante dela era novo, — tinha se perdido em sua fuga — mas estava longe do coração da floresta. Ela ainda corria, pensando apenas em encontrar um lugar seguro longe do monstro que as perseguia, esperando que estivessem livres finalmente.

Não mais ouvia os grunhidos sibilantes, nem mesmo sentia o tremor no chão causado pelos passos pesados. A aura de negrume tinha ficado para trás, deixando-as sós pela primeira vez. O que sentia era alívio, por mais que seu corpo gritasse de dor, querendo fazê-la se dobrar no chão, exausta, ferida, incapaz de dar um passo a mais. Contudo, mesmo essa calma era apenas um incentivo para que continuasse a seguir em frente...

...Porque agora, depois de tanto tempo, ela via luzes ao longe — em sua luta pela sobrevivência, Deora havia alcançado a vila além da floresta.

Elas tinham chegado a Jollern.

## Capítulo 10

—Como elas estão?

Ele estava em pé, apoiado num cajado, no centro da sala forrada com tapetes vermelhos. Sua voz, normalmente firme, quase tremia, apesar de tentar ocultar sua preocupação. Contudo, sua interlocutora, mesmo notando isso, jamais revelaria saber o que se passava por sua mente.

—Vão se recuperar, mestre Hanvor. Basta que descansem, assim como tu deves fazê-lo.

Ela estava trocando as compressas de ervas das costas de Deora, cuidando para que nenhum mal a afligisse. Agora era a parte fácil, acreditava, pois o pior já havia passado — tê-las carregado até a casa onde habitavam havia sido complicado, especialmente com relação a Ivoreen, ferida demais por algo que ela não conhecia.

—Não, Milenna. Não conseguirei descansar enquanto nossas irmãs na chama não estiverem recuperadas. Sabes disso tão bem quanto eu.

—Sim, mestre. — ela já cobria Deora com um tecido de linho leve. — Mas deverias te sentar. Ficar aí não as ajudará. — aproximou-se, segurando em sua mão. — Vem, deixa que eu te conduza.

Ela o guiou até a poltrona larga. Hanvor não se acostumara ainda com tamanho cuidado, mas reconhecia que era necessário... No fundo, porém, queria ser capaz de fazer tudo o que sempre fizera sem a ajuda de ninguém mais.

—Estou bem. — ele procurava sorrir. — São elas que precisam de teus cuidados... Mas obrigado. Tua dedicação é uma dádiva, precursora.

Ela abriu uma das cortinas, deixando que o sol entrasse, finalmente se permitindo descansar também. Desde que Deora partira, suas obrigações tinham crescido, primeiro servindo Mirhaanna, depois, quando Hanvor retornou,

ficando ao seu lado — o fundador da Ordem Vermelha precisava mais de sua ajuda que qualquer outro irmão. Acompanhá-lo a Jollern tinha sido uma aventura, mas desde que lá chegaram as coisas haviam melhorado.

Sim, era verdade que lia para ele, preparava os alimentos, acompanhava-o de perto quando resolvia caminhar... O povo de Jollern o respeitava, mas a ela cabia o dever de cuidar.

Ivoreen se virou, gemendo, a palha que lhe servia de cama espalhando pelo chão. Milenna saltou para junto dela, ajoelhando-se, pronta a ampará-la, mas nada precisou ser feito, pois ela ainda dormia. Aquelas seriam horas cruciais.

—O que houve? — Hanvor se mexeu na poltrona, inquieto. — Ela...?

—Não há com o que te preocupares, mestre. Ela deve estar sonhando. Nada mais que isso.

Ele anuiu, resignando-se. Queria fazer mais que invocar magias para ajudá-las, mas precisava de tempo... E isso, reconhecia, era algo que talvez não tivessem.

—Quem...?

Milenna se virou, olhando para Deora. Tinha sido apenas um murmúrio, fraco como a brisa de outono, mas o bastante para fazer com que fosse notado. Num instante, já segurava em sua mão, permitindo que percebesse que havia alguém cuidando dela.

—Estás a salvo agora. Apenas precisas descansar... Estamos cuidando de ti.

—Quem? — balbuciou novamente, ainda com os olhos cerrados.

—Sou eu, Milenna. Mestre Hanvor também está aqui...

Deora sorriu. E esse sorriso a guiou para um mundo de sonhos incertos.

—Ela acordou?

—Apenas por um momento, mestre. Mas pareceu feliz em nos ter aqui.

—Bom. — inclinou a cabeça para trás, aproveitando um pouco mais do sol. — Só espero que ainda haja tempo...

—Ela vai se recuperar. Não restam dúvidas.

—Minha preocupação é com Ivoreen, precursora. Algo nela me perturba.

Milenna se ergueu, caminhando lentamente na direção dele. Seu semblante estava mais pesado.

—Os ferimentos são graves, mas agora depende apenas dela se recuperar ou não.

—Não é isso. — ele balançava a cabeça de um lado para o outro. — É como se... — ergueu as mãos em certo desalento. — Mal sei explicar, Milenna. Apenas sei que precisamos resgatar nossa irmã na chama.

—Resgatar?

—Sim. Ela esteve afastada tempo demais da Ordem Vermelha. Mesmo com Deora a guiá-la, é necessário que a ajudemos a retornar para o caminho da chama... Isso se for ainda possível fazê-lo.

—O que temes, Hanvor? — Milenna o encarava com uma face casmurra. — Não acho que esteja compreendendo o que queres dizer.

—Quando a chama se extingue, precursora, é necessário que seja acesa novamente. O fogo primordial precisa estar aceso dentro de cada irmão na chama antes de poder alimentar a chama que arde no centro do Salão da Sabedoria... E se essa incandescência se perde, nossa força é diminuída. — ele juntou as mãos. — Sem a chama de todos, Piros jamais será o farol a iluminar o mundo em que vivemos.

—Mirhaanna sabe manter Piros como o último bastião da magia, mestre Hanvor. Não há com o que te preocupares.

—Quisera ter tua certeza. — baixou a cabeça por um momento. — Ela não pode fazer nada sozinha e, por mais que queiramos ver a pujança de Piros, nossos números diminuiram a olhos vistos. Tudo culpa minha...

—Não ouses dizer tal coisa!

—Se eu tivesse preparado os irmãos para o que viria...

—Poderia não haver tempo, mestre. Perdoa minha insistência, mas no meu entender, fizeste até mais do que o esperado, pois até o sacrifício...

Ele ergueu uma mão, num sinal que exigia silêncio. Milenna não disse palavra alguma.

—Tudo ocorre por uma razão, precursora... Por menos que desejemos o resultado, são nossas ações que levam a ele. O fogo é voraz, não cessando de consumir até que tudo em seu caminho seja por ele tocado.

Ela assentiu, voltando o olhar novamente para as duas sob seus cuidados. Em seu íntimo, reconhecia a veracidade das palavras de Hanvor, lamentando que o destino a ele imposto tivesse ocorrido. Os últimos anos, para ela, foram de aprendizado, num estudo perene do caminho da chama, da virtude, da paciência e do sentimento de se doar. Ainda assim, longe de Piros, sabendo que poderia ter retornado se assim o quisesse, Milenna acreditava ser realmente o que esperavam de uma precursora, indo adiante, desbravando o caminho, a fim de permitir que os que viessem depois dela pudessem agir.

—E o que faremos, mestre Hanvor? É certo que o retorno delas significa algo.

—Sim. — deixou que um furtivo sorriso lhe escapasse. — Mas o que poderia significar? Sem que o saibamos, estamos fadados a conjecturas e devaneios... — suspirou. — E não é assim que o fogo nos ensina a ser, precursora. Estamos agora num período de preparação.

—Preparação? Para quê?

—Para acolhermos Deora e Ivoreen, nossas irmãs na chama, novamente no seio da Ordem Vermelha.

## Capítulo 11

—Há água na jarra, Deora. Sacia tua sede.

Hanvor estava outra vez em pé, apoiado no cajado, no centro da sala. Dois dias tinham se passado desde que Milenna encontrara as duas nas proximidades de Jollern e as trouxera, mas o uso de ervas curativas, magia e cuidados já permitiam que estivessem bem. Ivoreen havia se recuperado antes, apesar de ter ferimentos mais profundos, restando à Deora a tarefa de se reerguer.

A jovem olhou ao redor, sem reconhecer o aposento em que estava. As paredes eram claras, a madeira dos móveis era pesada, grandes espaços vazios tomando conta do ambiente. Ela se sentou.

—Como cheguei até aqui?

—Milenna te encontrou. Ela saiu pela manhã com Ivoreen.

Ela estacou, como se tomada por uma força estranha. Que nome ele tinha dito? Por que lhe parecia tão familiar e, ao mesmo tempo, tão inquietador? O que pretendia ao invocar um nome que trazia tanto sentimento a ela?

—Vejo que sabes meu nome. — a jovem enchia uma caneca com a água fria. — Ela o revelou?

—Ela não precisava fazê-lo. — ele parecia olhar para o vazio. — Eu já te conhecia há tempos, mestra Deora.

A jovem colocou a caneca de volta sobre a mesinha, procurando a espada em seu cinto. Contudo, não estava trajada com o manto rubro que tomara para si, tendo apenas uma túnica crua como vestimenta — e a espada não estava ali.

—Não me recordo de ter te conhecido... — olhava ao redor, procurando por sua arma. — Ainda assim, o nome Hanvor não me parece estranho.

—É assim que sou chamado. — ele sorriu ao fazer uma reverência. — Pelo jeito, tua memória não está tão afetada...

Deora se aproximou, atenta, observando cada um de seus movimentos. Hanvor, por outro lado, mal se mexia, mantendo-se quieto enquanto parecia acompanhar os movimentos dela, inclinando a cabeça. Podia estar desarmada, mas talvez pudesse usar o próprio cajado que ele carregava como arma se sua magia não bastasse.

—Minhas lembranças, quase todas, perderam-se. Hoje carrego réstias do passado comigo.

Estava já diante dele, as mãos, movendo-se em círculos concêntricos, preparadas para invocar uma labareda. A cada inspirar ela buscava canalizar a essência mística que havia em si, a cada expirar direcionava essa força. Hanvor, porém, apenas olhava em sua direção, sem fazer nada, sem esboçar preocupação...

Foi então que Deora notou que os olhos dele estavam vazios, frios, sem vida... Ele piscava, mas suas pupilas mal se mexiam... Suas pupilas estavam esbranquiçadas.

—Hanvor, — dissipou a essência que havia conjurado. — teus olhos...

—Estou cego, mestra Deora.

Ela recuou um passo, como se aquilo a atingisse. Cego? O líder da pérfida confraria que queria seu fim não podia ver? Como aquilo ocorrera?

—Eu não...

—O importante é que estejas bem, minha irmã na chama. Não preciso de meus olhos quando tenho os olhos dos meus irmãos a trabalhar para mim.

Ela apertou as mãos uma contra a outra. Ele a tratava como membro da Ordem Vermelha, sendo essa a razão, acreditava, pela qual a salvara. Era a oportunidade que queria, pois podia se aproximar facilmente e dar cabo de sua vida...

...Exceto pelo fato dele estar cego, vulnerável, fraco.

—Dizes que sou tua irmã na chama... Tu afirmas me conhecer há tempos...

—Não é porque não te recordas que não é verdade. Vi teu crescimento na Ordem Vermelha. Acompanhei tua jornada. Naquela época meus olhos ainda me mostravam a beleza do nascer do sol e do tremular de uma vela, mas mesmo hoje, tantos anos tendo nos separado, eu te reconheço como minha irmã, iniciada sob a mesma chama, sob os mesmos ideais. Podes ter mudado, Deora, mas não deixarás de ser quem sempre foste.

Ela deu dois passos adiante, colocando-se bem à frente dele. Para a jovem, Hanvor poderia ser o elo que faltava...

—Sabes quem sou? Realmente me conheces?

Era um apelo. Um desesperado e singelo apelo.

Ele esticou os braços e ela permitiu que suas mãos tocassem seu rosto, conhecendo os contornos de sua face. A cada sutil movimento, a cada contato que mais parecia ser um carinho, enchia-se de esperança, sabendo que novas possibilidades poderiam surgir.

Hanvor sorria, associando o que seu tato lhe dizia às memórias que tinha da jovem, lembranças de outro tempo. A ele, sem dúvida, a jovem não tinha mudado nada. E ela, compartilhando dessa alegria, agora punha as mãos sobre o ombro dele, apoiando-se na sua redescoberta.

—Deora!

O grito de Ivoreen ao abrir a porta e vê-los daquela maneira os separou de imediato. Hanvor quase caiu com o susto, servindo-se do cajado para se manter em pé. Milenna olhou para aquela que acompanhava, também sobressaltada, não compreendendo a razão para tal alvoroço...

—Deora, eles nos salvaram! — Ivoreen se aproximou, abraçando-a, esperando ter chegado a tempo de impedir qualquer coisa que reavivasse sua memória. — Eles nos salvaram...

—Acalma-te, escreba. — Deora tentava se desvencilhar do abraço. — Eu...

—Não me chames de escriba, minha irmã na chama. — a voz tremida de Ivoreen era nervosa, mas foi interpretada como sendo de emoção pelos demais. — Não mais! Sou apenas uma acólita...

Hanvor se aproximou das duas, tendo Milenna ao seu lado. Muito precisava ser explicado.

—Então, acólita Ivoreen, — a voz do mestre estava séria demais. — ilumina nossas mentes e conta o que houve. Estamos prontos para ouvir tua história.

Ela ajeitou as vestes de linho branco que usava e deu um passo para trás, receosa. O que poderia dizer? Se revelasse a verdade, seria tida como traidora, mas... E se fingisse arrependimento? Será que os três, pela devoção que tinham à chama, seriam ingênuos o bastante para crer na história? Será que a fumaça do fogo que tanto amavam iria nublar a mente deles? Olhou longamente para cada um.

—Minha história será longa, mestre Hanvor. Acho que deveríamos todos nos sentar... Tendo a chama como nossa testemunha.

O mestre assentiu, fazendo um sinal para Milenna que, de imediato, pegou um largo recipiente de cobre com pedras de carvão dentro, colocando-o no chão próximo a eles, como se fosse uma das pontas de um pentágono a ser traçado. Satisfeita, ateou fogo, criando uma chama viva e exuberante, cuidando para que Hanvor se sentasse no lugar apropriado, tendo o fogo à sua direita e a precursora à sua esquerda. Ivoreen tomou seu assento em seguida, indicando a Deora como e onde deveria se sentar.

Conforme a chama os aquecia, trazendo-lhes a calma que a situação necessitava, eles fechavam os olhos. Todos, menos Deora.

Ainda sem saber o que estava ocorrendo, apenas acompanhava os demais. Algo ali parecia ser intimamente ligado a pessoa que fora no passado, mas a jovem não sabia dizer se era realmente um reavivamento de uma

lembrança ou uma fantasia de pertencimento ao que estava buscando.

—Anos atrás parti de Piros, — Ivoreen tinha a voz mansa. — pronta para lidar com uma ameaça mística aqui, nos arredores de Jollern, no coração da mata. Foi ali que conheci Fermmylle.

Hanvor se virou para a direção da acólita, intrigado com o nome pronunciado. Contudo, respeitando os rituais, deixou que ela prosseguisse.

—Ele me ajudou, aprisionando a criatura causadora dos problemas em uma árvore. Porém, também me disse coisas... Ele me convenceu, na época, que eu tinha sido preterida, que a Ordem Vermelha estava me usando, que jamais conseguiria o que almejava...

—O que tu...? — Deora foi interrompida por um gesto de Hanvor.

—Aceitei os argumentos de Fermmylle. Eu me entreguei. Vacilei. Deixei que a chama que havia em mim se apagasse, sendo guiada pelas trevas ao meu redor ao invés de inspirar aos outros com a luz que deveria haver em mim. Eu... Revelei a ele o local onde Piros se erguia...

Ivoreen deixou que algumas lágrimas rolassem, invocando a própria magia congelante sob suas vestes, causando-lhe dor ao ferir o lugar onde a cicatriz se formara. Em seu íntimo, esperava que seu pranto não fosse reconhecido como dor física... E nem mesmo Milenna, que havia conversado com ela há pouco, foi capaz de perceber o engodo.

—Ele me recebeu em sua torre, ensinando-me o que conhecia de magia, mas sempre a sua maneira, exigindo algo em troca de tudo o que me dava. E eu queria mais, não importando o quanto isso realmente me custasse... E então...

Olhou para baixo, sem concluir a frase. As lágrimas ainda rolavam, mas ninguém a pressionava. Respeitavam o tempo que precisava para revelar o que acontecera.

—E então... — Ivoreen pareceu reunir o que restava de suas forças. — Deora veio até nós. Eu estava embriagada de poder, desejando ter ainda mais, e imaginei que ela tivesse vindo para, outra vez, impedir que atingisse o que julgava ser meu... Não esperava que ela estivesse, depois de tanto tempo, procurando por mim, desejando me libertar. Ela tinha razão, afinal de contas... Eu era uma acólita, presa por minha sede de poder, e ela, como verdadeira mestra, vinha em meu socorro. Ela esperava ser minha redenção.

Deora ouvia a tudo com interesse, mas não se recordava de nada daquilo. Era como se fosse apenas uma historieta contada a crianças, sem realmente tocá-la como parte de sua vida. E aquilo era difícil de suportar em silêncio.

—Fermmylle não era mais poderoso, mas também não foi um oponente qualquer. Duelaram... E ela venceria... Se eu não tivesse erguido minha mão contra ela. — olhou no fundo dos olhos da mestra. — Deora, fui eu a responsável por tua derrota. Fui eu quem causou tua ruína...

Desta vez foi Hanvor quem se tornou incapaz de conter suas lágrimas. Em toda a história da Ordem Vermelha nunca houve um irmão que tivesse atacado outro. Será que seu sonho, seu ideal, estava com os dias contados?

—Ajudei Fermmylle a se recompor e decidimos te aprisionar. — Ivoreen notara o choro incontido de Hanvor, sabendo que havia chegado o momento de revelar tudo, acreditando que seria perdoada. — Ele queria os segredos da Ordem Vermelha, queria destruí-la depois de se apoderar daquilo que havia de mais precioso em seu interior, mas jamais conseguiria fazê-lo se atacasse diretamente... Foi então que engendramos as masmorras de sua torre, recrutando, entre os locais, pessoas crédulas o bastante, e cruéis o suficiente, para agirem como carrascos em troca de um mínimo de conhecimento místico. Assumi o papel de escriba, a fim de te orientar e te guiar numa jornada de vingança... Plantei em teu coração as sementes

do ódio... Deora, eu destruí teu passado para que servisse a Fermmylle.

Milenna, a precursora, queria interromper tudo aquilo. Não podia crer que uma acólita tivesse se entregado a tamanha rede de mentiras. Ivoreen revelava mais do que qualquer um podia supor ser possível. Era muito pior do que o mais pérfido pesadelo... Era quase inaceitável...

—Ele me usou... Eu me deixei usar, na verdade... Até mesmo dei fim à vida de um acólito que não conhecia, temendo que ele vos avisasse de nossa vinda... E sei que, quando Fermmylle descobrir que o traí, revelando tudo isso a vós, não deixará pedra sobre pedra em Piros, usando meu corpo como aríete... Ou algo pior.

Ivoreen ficou em silêncio. Tinha dito tudo o que precisava dizer. Bastava que acreditassem... Mas, por que não o fariam se era a verdade? Ela ainda poderia dizer muito mais.

—O que fizeste, acolita, — Hanvor enxugou as lágrimas sem procurar ocultar seus movimentos. — não pode ficar impune. Um irmão na chama tem o dever de proteger seus pares. Derramar o sangue de um iniciado é... Eu nem sei como dizer isto. Acólita, o crime que cometeste não tem par.

Ela abaixou a cabeça, receosa. Seria punida? Fermmylle estava certo, afinal, sendo seu único redentor. Mesmo que estivesse realmente arrependida, seu destino não seria o de uma *irmã*. Fraternidade? Nunca... Eles nunca a quiseram...

Enquanto isso, Deora olhava para eles, perdida. Tudo aquilo não fazia sentido algum. Ela sabia ser prisioneira, libertara-se dando fim à vida de uma mestra, combatera e...

—Eu também cometi tal crime.

Todos olharam para Deora. Olhares incrédulos desta vez.

—Duas vezes. Encontrei dois membros da Ordem Vermelha pouco depois de me libertar do que parecia ser um eterno cativo... Fiz com que suas vidas fossem

ceifadas... E me senti feliz com isso. Estava levando a cabo a minha vingança...

—Não és responsável por aquilo, mestra. — Ivoreen levou a mão direita para junto de seu coração, num gesto de humildade, desejando que Hanvor e Milenna não a culpassem para que Deora ainda pudesse ser manipulada. — Fizeste o que achavas ser correto porque eu te levei a acreditar nisso. Em outras circunstâncias...

—Como podes saber que eu não teria agido daquela maneira? — Deora ergueu a voz. — A emoção do combate, o poder de poupar ou destruir a vida de outro ser... Não é algo que se possa ensinar a qualquer pessoa, escrib... Ivoreen. Aquilo só se revelou por ser parte de mim. E...

—Nunca foste movida por desejos ou vinganças, mestra. — a acólita ousou interrompê-la uma vez mais. — Tudo o que fizeste foi por minha culpa somente...

O silêncio que se abateu sobre os quatro surgiu de repente, deixando apenas que o crepitar da chama e o soluço quieto de Ivoreen preenchessem o vazio. Talvez aquilo realmente fosse o prenúncio do fim da Ordem Vermelha.

—A maneira como vejo a situação — era a primeira vez que Milenna se manifestava. — é diferente. Não encontro culpa nos vossos atos, minhas irmãs. Temos o fogo dentro de nós e travamos uma batalha constante para controlá-lo, pois se nos desviarmos, ele consumirá o que puder. Esse fogo é nossa vontade e é essa a lição primordial de nossa iniciação. Isso, contudo, obriga que nos policiemos a cada instante, para que nossa vontade não seja maior que nosso dever.

—Mas... — a acólita tentou interrompê-la, sendo repreendida pelo olhar de Hanvor.

—Quando a voracidade do fogo de Ivoreen a fez desejar mais, faltou-lhe a razão para controlar seus atos. Somos todos impulsivos, todos somos criaturas de desejos... E ela nos mostrou isso, permitindo-se dominar por aquilo que

devia controlar. Ela agiu como a chama, sim, mas não a chama que ilumina e aquece. — a precursora esperava que Deora pudesse compreender aquilo. — Ela foi o fogo destruidor e implacável...

Ivoren mordia o lábio inferior, apreensiva. Será que conseguiria sair dali com mais louros do que esperava?

—Sempre ensinamos nossos irmãos a agirem como a chama, — Hanvor estava com os olhos fechados, como se meditasse, ponderando acerca da sabedoria demonstrada por Milenna. — mas, às vezes, nos esquecemos de que o fogo pode ser tanto acolhedor como inclemente. Hoje sabemos que a acólita não estava preparada para a missão, embora isso não diminua a severidade do mal que causou. Não por atacar uma mestra da Ordem Vermelha, mas por trazer dor e ruína a uma irmã na chama.

—Eu sei que errei. — disse ela, sem erguer os olhos. — Porém, o que fazer para impedir Fermoylle agora? Eu lhe disse a localização de Piros... É certo que ele agirá...

—Isso, Ivoren, — o mestre se levantou, apoiando-se no cajado, enquanto quebrava o pentágono formado por cada irmão e a chama. — é algo que deve ser decidido pelos membros da Ordem Vermelha. Por tudo o que fizeste, não mereces ser reconhecida como uma de nós.

Deora estava atônita. Tudo o que foi dito culminaria naquela punição? Ivoren, todavia, parecia aceitar sem questionar, permanecendo em silêncio. Em seu íntimo, não falhara totalmente.

—Mestra Deora, — continuou ele — eu...

—Não, Hanvor. — ela se ergueu, interrompendo o que quer que fosse dizer. — Não me cabe o título de mestra se nem me recordo de minhas lições. Não vou tomar parte nisso. — Deora deu as costas e se afastou. — Eu irei embora...

E fechou a porta atrás de si, com um estrondo. Ivoren, em silêncio, tinha os olhos em lágrimas — será que

acreditariam que sentia a dor causada àquela que um dia chamara de irmã na chama?

—Vou buscá-la, mestre Hanvor.

—Não, Milenna. — ele ainda tinha o rosto voltado para a porta. — Teu lugar é aqui, junto a nós. É preciso um mestre e um precursor para o ritual que temos de realizar... Hoje, pela primeira vez, uma acólita deixará de ser nossa irmã na chama.

## Interlúdio

—Eu te imbuo!

O brado de Fermmylle ecoou no salão de paredes escuras enquanto ele, olhando para a beirada da plataforma onde se postava, ria com prazer. Seus braços erguidos faziam com que as mangas do traje negro que vestia caíssem, revelando os punhos descoloridos de quem evita o sol, seus olhos brilhando com a certeza de ter concluído o ritual com presteza.

Desde que enviara Ivoreen para Vlyn, sentira-se livre para estudar as invocações místicas que ela tinha revelado, corrompendo-as de acordo com sua necessidade. Deora era uma marionete; a acólita da Ordem Vermelha era um peão. Ele não tinha o menor remorso por tê-las usado, pois a vida de cada uma delas não lhe valia coisa alguma. Mas, finalmente, tinha conseguido.

A criatura se debatia, rosnando e bufando, querendo se libertar de todas as maneiras. Contudo, os grilhões místicos de Fermmylle a mantinham presa, sob seu controle... E ele a imbuía com seu próprio poder profano, pervertendo-a, depravando-a, tornando-a algo que era contra sua própria natureza.

Ela lutava, mas isso apenas tornaria o controle ainda maior quando finalmente sucumbisse. O poder a tornaria sua, uma escrava a serviço de sua vontade...

Fermmylle estava satisfeito. O momento da derrocada de Piros estava por chegar, mesmo que Ivoreen ou Deora falhassem. Mesmo se acabassem por sucumbir perante os débeis poderes dos feiticeiros da Ordem Vermelha.

Afinal, elas eram apenas humanas...

## Capítulo 12

—Essa é Andora, não é?

A pequena criança tinha se soltado do braço da mãe e corrido até onde Deora estava, sentada num dos bancos da praça de Jollern, à sombra da estátua da deusa da natureza, já no fim da tarde. Tinha ido até lá para escapar das discussões acerca de uma confraria que julgava pérfida, de uma ordem iniciática que descobriu ser sua, de um destino que lhe parecia imposto... E somente a calma na face serena da deusa, toda entalhada na madeira clara das árvores de lá, parecia lhe trazer certa complacência.

—Sim, essa é Andora, filha de Nivus e Berilla.

—Por que ela está com a mão no peito? — a criança já se sentava ao lado de Deora, olhando-a com a curiosidade dos infantes.

—Diz a lenda que ela, como sacrifício, deu seu seio esquerdo para Val'ys, o artífice dos deuses, para que ele forjasse nosso mundo.

—Quer dizer que vivemos em parte de uma deusa? — ela parecia encantada com a história.

—Chiara, minha querida! — uma senhora trajando uma túnica esverdeada coberta com um avental largo acenou de longe. — Para de perturbar os outros. Precisamos ir para casa.

—Aquela é minha mãe...

—E tu, Chiara, precisas ir, não é? — a jovem sorria, permitindo-se desfrutar do momento, sem magia, sem misticismo, sem perdas, sem vinganças...

—Eu sei. — a menina se levantou. — Mas é injusto. Sabes meu nome e não sei o teu...

—Eu sou Deora. — dizer seu nome era quase como trazê-la de volta ao mundo de rituais de que parecia fazer parte.

—Adeus, Deora! — ela já corria para junto da mãe. — E obrigada!

A jovem as viu partir, desaparecendo ao longe como os últimos raios de sol. A inocência daquela menina, inquisidora, desejosa de saber, partindo...

—Querer saber faz bem... — murmurou ela.

—Eu concordo.

Ao seu lado se sentou Ivoreen, envolta numa túnica branca, ainda com a pulseira de pedras enegrecidas, mas sem espada... Os olhos de Deora, todavia, não repararam nisso, pois tinham sido atraídos por outra coisa: ela tinha a cabeça totalmente raspada, sua testa marcada por uma pequena chama, provavelmente feita a ferros.

—O que houve...?

—Fizeram o que tinha de ser feito, Deora. — ela sorria enquanto passava a mão na própria cabeça. — Fui banida da Ordem Vermelha, sem o direito de jamais retornar, nunca mais sendo aceita como uma iniciada nos caminhos do fogo. Não sou mais tua irmã na chama.

—E por que vieste então?

—Não significa que não seja tua amiga, se ainda me aceitares. Fui eu quem guiou tua mão para que causasses o mal, então acredito ter o dever de te ajudar para que essa mácula jamais te abale. Foste tu quem me apresentaste um mundo de magia. Permite, então, que caminhe contigo no mundo dos homens...

Ivoreen abriu os braços e aguardou. A humilhação de ser banida a tinha machucado, mas era preciso passar por isso para que não desconfiassem ainda mais dela. Bastava que Deora a perdoasse...

E Deora a abraçou. Foi um impulso, um ato sem pensar, simplesmente se entregando, permitindo-se compartilhar daquele momento. Hanvor podia estar certo em excluí-la da Ordem Vermelha, mas, de alguma forma, Ivoreen seria para sempre uma irmã...

—Ivy...

Aquilo fez com que o abraço fosse ainda mais forte. Deora não sabia o que a levava a dizer a palavra, chamá-la

daquela maneira. Parecia apenas, a seu ver, o jeito certo — uma forma mais carinhosa de se dirigir.

—Deora, — Ivoreen se afastou um pouco, medindo as próximas palavras. — há uma coisa que quero pedir a ti. Volta e conversa com Hanvor. É preciso que aceites teu destino na Ordem Vermelha.

—Não. — ela balançou a cabeça em negativa. — Eu não quero isso. Nada mais me liga à confraria...

—Tu te enganas. — Ivoreen segurou em sua mão, mostrando a palma marcada a ferro. — Eis a prova de tua ligação.

—É só uma marca de iniciação...

—Não. — a outra lhe mostrou ambas as mãos, revelando não possuírem marca alguma. — Isso é algo muito maior: é a prova de que és uma Dama do Fogo.

Deora mergulhou em seu passado, querendo se lembrar de alguma ocasião em que pudesse ter visto a marca nas mãos de Ivoreen enquanto fazia o papel de escriba, mas não se recordava de ocasião alguma. Era uma marca que sempre associara a um processo iniciático, mas que somente ela possuía.

—O que é uma Dama do Fogo?

—Deora, tu ocupaste o mais alto lugar na hierarquia da Ordem Vermelha. Essa é uma marca que somente Grandes Mestres podem ter. Foste Grande Mestra, em algum momento, e a chama em tua mão é a confirmação disso.

—Como sabes disso tudo?

—Conversei com Hanvor. É por isso que precisas retornar. Em verdade, é imperativo que o faças. — Ivoreen a encarou com olhos doces. — Por favor, por tudo o que é sagrado... Pelo bem de Piros e de todos os que podem chamá-lo de lar.

Deora se levantou, olhando-a. A noite já caía e somente a escuridão as cobria ali, sob a guarda da estátua de Andora.

—Está bem. Vamos.

Ivoreen, porém, não se ergueu.

—Essa é uma jornada que tens de trilhar sozinha, Deora. Eu tenho outra coisa a fazer.

—O quê?

—Encontrar duas pessoas. E isso é algo que, assim como tu, tenho de fazer sozinha. Mas, antes que eu me vá, aceita este presente. — retirou a pulseira de pedras enegrecidas do pulso e a entregou. — Usa-a. É uma lembrança...

Deora agradeceu e elas se despediram com um longo abraço, seguindo caminhos distintos. A única companhia da jovem de manto rubro era o brilho das estrelas naquela noite fria e sem sons... Nem mesmo a taverna próxima parecia trazer a cantoria típica dos que buscavam divertimento após trabalharem todo o dia.

Diante da porta de Hanvor, ela esperou. As janelas estavam fechadas, mas era possível ver uma tênue luz passando por suas frestas — eles a estavam aguardando.

Deora abriu a porta, devagar, esperando que seus olhos, antes acostumados com a escuridão da noite, aceitassem a luz que lá havia. Com passos incertos adentrou, deixando que a porta atrás de si se fechasse... Lá, dezenas de velas ardiam, mas não havia sinal de Hanvor.

—Preparada, Deora de Piros? Mestre Hanvor te aguarda.

Milenna estava ao lado da mesma chama que ardia durante a tarde, portando uma espada, trajada com vestes rubras. Um dos tapetes estava faltando, em seu lugar havendo um alçapão aberto.

—Sim.

—Mestre Hanvor está no santuário interno, Deora de Piros. É chegado o momento de te tornares, uma vez mais, uma irmã na chama. Eu guardarei esta entrada, pois o que está por ocorrer é algo que apenas os mestres da Ordem Vermelha podem ter conhecimento.

Havia um ar solene demais naquele lugar, a ponto de fazer com que Deora hesitasse. Havia chegado até a chama, mas ao olhar a escada descendente revelada pelo alçapão, tinha estacado.

—Não há lugar para dúvidas aqui, Deora de Piros. Se confias na chama, dá um passo adiante e ousas enfrentar as provações que te são destinadas.

Ela fechou os olhos e fez como ordenado. Que desafios haveria?

—Não te serás permitido entrar com nada mundano, Deora de Piros. Despe-te, para só então adentrares no santuário interno. Assim como o fogo, não deverás ter adorno algum enquanto és forjada como irmã na chama.

Deora inspirou fundo, aceitando os desígnios. Ivoreen confiava que aquele era o caminho a trilhar, mas, mais do que isso, seu coração também lhe dizia ser o certo a fazer. Desatando o nó da túnica, deixou que o tecido de linho descesse por suas costas, o corpo inteiramente nu refletindo em sua pele as formas difusas da chama ao seu lado. Sua respiração estava em descompasso, fazendo com que seus seios subissem e descessem fora de ritmo, mas nada havia a temer — e, com esse pensamento, ela foi retomando o controle de si mesma, relaxando na medida em que o ar era expirado.

—A joia também. — indicou Milenna. — Remove a pulseira.

Ela o fez, deixando o presente recebido sobre as vestes no chão. Deora estava pronta.

Sem mais receio ou nada que a ligasse ao mundo profano, desceu as escadas. Pé ante pé, degrau após degrau, cada vez mais mergulhando no mundo de escuridão que havia ali, guiada apenas pela sua intuição.

O alçapão foi fechado.

Ela tateava com os olhos, sentindo suas mãos cegas. Quantos degraus ainda teria pela frente? Era um vazio que a cercava, um nada cheio de mistério.

Os degraus findaram e tentou compreender onde estava. Aparentemente era um corredor, estreito, baixo. As paredes eram rugosas, inacabadas, e o chão áspero. Seus pés seguiam com cuidado, uma ligeira brisa vestindo seu corpo

e lhe dizendo que havia algo adiante. Por sua mente, sequer a lembrança de ser capaz de invocar a magia flamígera passava, pois em meio às trevas em que se via, a ideia de luz parecia distante demais.

Ela contava os passos agora. Doze. Dezessete...

—Quem és?

A voz masculina ecoou. Tinha de ser a de Hanvor, mas parecia mais forte, mais imponente. Ela não mais se mexeu.

—Eu sou Deora.

Uma vela se acendeu. Estava à frente, cerca de quatro ou cinco passos. Não conseguia ainda ver muito, mas a luz já a ungia como um véu, adornando seu corpo desnudo. Sem olhar para trás, aguardou.

—O que buscas?

Acolhida não era a resposta. Fora aí que havia errado ao se aproximar de Piros, mas não repetiria o engano. A pergunta se referia à busca primal, à essência de cada um. Ela havia atravessado a escuridão e chegado à luz — isso haveria de ter algum significado.

O que seria? O que isso teria de simbólico para a Ordem Vermelha? O que representava o reavivar de uma chama?

—Renascer.

Outra luz se acendeu, vindo de trás, provavelmente outra vela. Em meio à penumbra, Deora podia ver traços de paredes escuras. Estava num salão... Juntou as mãos, escondendo sua beleza íntima.

—Como renascerás?

Ela sorriu. Aquela era uma pergunta que quase ressoava em sua mente, a resposta já pronta, conhecida, parte de si mesma.

—Pela chama.

Outras velas se acenderam, iluminando todo o aposento, um salão octogonal, quase familiar. O piso, dividido em seções alvinegras, era opaco; as paredes, negras. Contudo,

nada ali a amedrontava, pois Deora sentia estar num local já conhecido, embora jamais tivesse estado ali.

As mãos em seus ombros a sobressaltaram, mas apenas por um instante. Estavam envoltas num tecido rubro, um vestido macio e resistente, trajes como os que retirara da pretensa mestra que a torturou quando aprisionada por Fermmylle. Em seguida, um manto no mesmo tom lhe foi entregue.

Trajes de uma mestra da Ordem Vermelha.

— Não há razão para te submeter às provas de acólita e de precursora. — Hanvor a circundou, parando à sua frente, trajando a paramenta completa de mestre da Ordem Vermelha. — Tampouco cabe a ti passar pelas provas de mestra. És, hoje, novamente nossa irmã na chama, e por isso eu te cumprimento.

Tomou sua mão direita com a dele de maneira firme, usando a esquerda para segurar seu ombro direito, sugerindo que ela repetisse o movimento. Feito isso, largou sua mão e segurou seu antebraço, trazendo-a para perto ao puxá-la pelo ombro.

— Assim se cumprimentam dois irmãos na chama, Deora de Piros.

Foi como se um vitral tivesse se quebrado diante dela. Um largo vitral com o desenho de uma vida interrompida. Os cacos caíam, revelando partes de uma existência que ela havia perdido. Momentos que se somavam a instantes e a faziam perceber quem era, em verdade, Deora.

Naufração. Brion. Karina. Mirhaanna. Piros. Acólita. Magia. Hanvor. Caminho da chama. Capitão Padron. Ruínas. Ivoreen. Elmo de ametista. Craig. Precursora. Vitahi. Ram'ul. Tehn. Kallop. Lufya. Veraídeya. Mestra. Milenna. Trono de Andora. Sasha. Trada. Grenjor. Grande Mestra. Gilgalas. A torre. Fermmylle. O fênix. A morte.

Sua vida lhe fora entregue uma vez mais.

Ela sabia quem era.

E, por isso, chorava. Finalmente as mortes de Kallop e Lufya pesaram sobre seus ombros, compreendendo o que fizera. Eles eram seus irmãos na chama, iguais perante o fogo, e ela tinha dado fim a suas vidas...

—Mestre Hanvor... Eu...

—Deora, — ele a abraçou como um pai a uma filha. — hoje foste iniciada, renascendo para a Ordem Vermelha. Tua vida pregressa, o que quer que tenha ocorrido antes de passar por estes rituais, não interessa a nós. Teus medos, teus receios, tuas dores... Tudo isso é teu, e teu somente. A chama nos purifica, e é com ela que forjarás uma vida nova.

Ela assentiu, enxugando as lágrimas. Ainda sentia dor, mas teria de aprender a lidar com todos aqueles sentimentos.

—Há outro assunto que devemos tratar também... — ele a convidou a se sentar, tendo a chama acesa como testemunha, formando o terceiro ponto de um triângulo. — Tu deverias saber que, para se transmitir os conhecimentos e as responsabilidades de um Grande Mestre, há uma preparação especial. Contudo, quando deixaste Piros, tu não obedeste tal preceito.

—Mirhaanna não me deixaria partir, mestre Hanvor.

—Não é essa a questão. — seus olhos brancos e vazios a encaravam. — Como a transmissão não ocorreu da forma devida, Mirhaanna jamais assumiu seu lugar como Grande Mestra... Ela ainda administrou Piros, mas apenas como mestra, sem invocar para si o título de líder da Ordem Vermelha. Todavia, ela era necessária em outros lugares, tendo designado mestre Tehn para cuidar de tudo por diversas vezes, assim como mestra Sophie. Faltava uma figura de liderança real, que concentrasse a unidade da chama, que pudesse servir e comandar.

—Eu... Não sabia...

—Quando Mirhaanna te ensinou a magia que nunca se diz em voz alta, entregando-te o medalhão, era seu dever ter

te ensinado, mas os perigos que enfrentávamos na época eram muito mais do que podíamos suportar. Nossas forças estavam concentradas nas imediações de Amtal, onde a ameaça da Necrópole, a cidade de mortos-vivos, podia pôr fim a toda a vida... Mestre Craig foi um grande combatente, assim como mestra Mirhaanna, mas precisávamos de mais ajuda... Ela havia retornado a Piros para pedir que nos acompanhasses, mas partiste antes que isso pudesse ocorrer. Ela enviou mestre Barduk em teu lugar...

Deora abriu a boca, mas Hanvor ergueu a mão, pedindo silêncio.

—Mestre Barduk tombou no mesmo combate em que perdi a visão. Foi então que nos recolhemos, retornando a Vlyn. Craig foi meu salvador, guiando-me em meio ao combate até que chegamos à costa. Aquele foi um dia terrível... A morte de mestre Barduk ainda me atormenta quando ouço o som de aço se chocando.

Hanvor levou uma mão ao canto do olho, controlando a lágrima que estava por cair.

—Então devo colocar Barduk no mesmo altar onde louvarei a memória de Kallop e Lufya... No fim, todos tombaram por minha mão, mestre.

Ele balançou a cabeça, olhando para baixo.

—Honrar suas memórias é algo que devemos fazer, mas sem levarmos nossas vidas em lamentação. É para os vivos que batalhamos, e assim devemos continuar. Mas parece que não percebeste as reais implicações aqui...

Ela inclinou a cabeça um pouco. O que deixara de notar?

—Sem ter passado formalmente o título e as responsabilidades a Mirhaanna, Deora de Piros, é a ti que todos os irmãos na chama se reportam. Grande Mestra, estou pronto a obedecer teus comandos.

Ela se apoiou, quase caindo para trás. Seus olhos estavam arregalados, sua boca, entreaberta. Tantas revelações na mesma noite, tanta coisa que não sabia como realmente lidar.

—Mestre Hanvor, não posso aceitar tal fardo. Que sejas tu aquele a carregar o medalhão.

—Perdoa-me, Grande Mestra, — ele abaixou a cabeça em reverência — mas não tenho condições de assumir tamanha responsabilidade, pois mal consigo me deslocar sem ajuda, quanto mais ir a Piros.

—Mirhaanna há de aceitar então... — as palavras soaram baixas, mais como um pensamento dito em voz alta.

—Isso, Grande Mestra, é algo que tens de tratar diretamente com ela. Talvez, quando retornares a Piros, poderás discutir com mestra Mirhaanna a respeito... Até que isso ocorra, és a última Dama do Fogo de que se tem notícia, e eu espero, do fundo do meu coração, poder te servir da melhor maneira possível.

Ela se ergueu, ainda um pouco aturdida, ajudando Hanvor em seguida. Tudo acontecera tão de repente, mas, de alguma forma, sentia-se ainda preparada.

Afinal, ela conhecera o caminho da chama. Dominava a magia flamígera. Em seu íntimo, compreendia o valor da senda iniciática, a busca constante pelo conhecimento, a importância da luta que deveria travar, sendo como a própria essência do fogo.

Sim, ela era Deora. Grande Mestra da Ordem Vermelha.  
A última Dama do Fogo.

## Capítulo 13

—Ivy!

Deora sabia que a encontraria na estalagem, tomando seu desjejum. Após o ritual da noite anterior, havia se reunido com Milenna e Hanvor, manifestando sua vontade de retornar a Piros, tanto para pedir a Mirhaanna que assumisse como Grande Mestra como para sugerir que alguém mais viesse para Jollern e, juntamente com os dois, formasse uma cabala isolada da Ordem Vermelha, atuando, assim como a chama, diretamente em prol da população local.

Mas agora lá estava ela, olhando para a jovem Ivoreen sentada junto à janela, comendo uma maçã e tomando um suco de ameixas. A túnica branca e a cabeça raspada fazendo com que se destacasse em meio aos demais.

—Toma assento. — convidou a jovem, levantando-se. — Fico feliz em te ver como verdadeira mestra da Ordem Vermelha...

—Em verdade, — Deora a olhava com seriedade. — hoje sou Grande Mestra. Mas ficarei em pé, se isso não te incomoda.

—O que houve? — Ivoreen deixou de lado o copo de suco que tomava e se ergueu de pronto. — Tu não costumavas agir assim...

—Vim me despedir. Acredito que nossos caminhos já se cruzaram o bastante.

—Mas...

—Não, Ivy. Foste banida. Para onde vou não poderás me acompanhar.

A jovem de branco deixou que os braços caíssem ao longo do corpo. Precisava mudar aquilo, fazer com que Deora seguisse com ela... Será que, por mais que seu discurso diante de Hanvor tivesse sido sincero, a confiança estava tão abalada assim?

—Retornarás a Piros?

—É lá que repousa o medalhão de Grande Mestra. Agora...

—Espera. — interrompeu Ivoreen. — Seria muito pedir que retardasses um pouco o teu retorno?

O tom da jovem de cabeça raspada era de súplica. Os olhos, largos, clamavam por ajuda; as mãos, unidas, buscavam redenção...

A mente, porém, queria apenas atraí-la de novo, aprisioná-la em sua teia.

—O que houve? — Deora se sentou, disposta a ouvir o que a outra tinha a dizer.

Ivoreen retornou ao seu assento e ajeitou a túnica branca, inclinando-se para frente enquanto abaixava um pouco a voz.

—Eu cometi um grande erro ao confiar em Fermmylle, e isso afetou Jollern... Agora é meu dever corrigir isso.

—É o teu caminho, não o meu.

—Existe outra coisa... Lembra de quando fui enviada para auxiliar Shasa e Trada? O mal que combati foi vencido com a ajuda de Fermmylle... Ele me ajudou a aprisionar a criatura mística, mas...

—Já revelaste isso, Ivy...

—Hoje sei que não se aprisiona uma criatura da natureza, uma filha de Andora, pois sempre viveram livres. Essa prisão pode destruir o que há de bom nela... E temo que isso tenha acontecido. No passado, foi o povo de Jollern que pediu por ajuda da Ordem Vermelha... Hoje, Grande Mestra, sou eu quem faz o pedido. Ajuda-me a libertar a criatura que aprisioneiei.

Ivoreen desviou o olhar. Ela queria realmente submeter a jovem de manto rubro ao teste: seria um meio de ver o real poder que possuía depois de tanto tempo sem utilizá-lo.

—E essa criatura...?

—Foi a que combatemos. Naquele momento eu não havia percebido, porém, quando tombei, ainda lutando por manter minha consciência, tudo se tornou claro. Aquela

prisão a corrompeu, fortalecendo-a, enquanto a enlouquecia. Deora, — ela parou por um instante — era uma ninfa que aprisionamos! E se tornou um monstro!

A Grande Mestra juntou as mãos e as trouxe para junto da boca, quase em oração, percebendo a gravidade da situação enquanto ponderava suas opções. Por menos que quisesse ter Ivoreen ao seu lado, agora que descobrira tudo o que ela havia lhe causado, era Jollern quem estava pagando o preço. E isso, acreditava, teria de ser remediado.

—Eu te ajudarei, mas... Como libertaremos tal criatura? Não queres considerar o sacrifício dela como uma forma de libertação? — Deora olhou pela janela, pensando acerca de sua própria vida. — Todo o mal que ela causou talvez não seja fácil de suportar e, ao voltar a ser a personificação daquelas matas, pode sucumbir à insanidade...

Encarou novamente a jovem de branco. Ainda não era fácil admitir o próprio mal que causara. Um mal induzido por Ivoreen.

—Eu acredito que libertá-la é a única maneira de permitir que enfrente isso e decida por si só, Grande Mestra. Enquanto ela não tiver a oportunidade de tomar as rédeas de seu próprio destino, nada de bom poderá advir de suas ações.

—Como podes ter tanta certeza? — Deora não sabia se Ivoreen realmente se referia à criatura ou a si mesma.

—Quando conversei com Milenna, percebi o que tinha causado ao me submeter às dúvidas. Ela me mostrou o erro de minhas ações, mas somente quando entendi o que se passava comigo é que tudo passou a fazer sentido... — era o momento de conseguir que a Grande Mestra voltasse a confiar nela. — Quando Fermmylle me acolheu, ensinando-me sua própria magia, fez com que me sentisse especial, como parte de algo que me completasse. A cada dia eu me tornava mais dependente dele, precisando do conhecimento místico, querendo aumentar meus poderes... E ele me dava cada vez menos, exigindo de mim, ordenando que o

servisse, tornando-me submissa e devotada. Eu me anulava perante ele... Tudo o que fiz, de certa forma, foi minar minha liberdade.

Ivoren estava com o olhar ao longe, como se estivesse vendo a si mesma através de um prisma desfocado. Em parte, acreditava naquelas palavras. Mas não ousaria trair Fermmylle agindo diretamente contra ele.

—Foi quando tombei em combate que percebi a realidade. — continuou. — Tu me salvaste, arriscando tua própria vida pela minha. E então, Hanvor e Milenna cuidaram de mim, sem que eu sequer solicitasse, mesmo estando tanto tempo longe deles. A verdade, Deora, é que eles se importavam. E ao demonstrarem isso, eles me fizeram ver o que jamais deveria deixar de saber: a verdadeira fraternidade só pode ser alcançada quando se é livre.

—Ivy, nós somos livres...

—Hoje, sim. Há alguns dias, estávamos presas sem nos darmos conta. — a jovem de branco tentou esconder um sorriso. — E que não dizer de anos atrás, quando eu era ainda uma acólita? Nem ao menos pude escolher quando poderia deixar Piros... Ao me levar à torre rubra, deste uma nova vida a mim, mas a que preço? Deixei de ser quem era para me tornar quem acreditava que devia ser: eu queria ser como tu!

—Ivy...

—Escuta! Quando me permitiste auxiliar o povo de Jollern, acreditei que estava preparada. Mas não! A ameaça era maior do que eu podia enfrentar... Tanto que Fermmylle interveio. Foi a ele que tive de me sentir grata... — novamente invocou sua magia congelante, fazendo com que a dor lhe trouxesse lágrimas aos olhos. — É por isso que quero libertar a ninfa que se transformou em um monstro.

A Grande Mestra ficou em silêncio, olhando para aquela que um dia fora sua aluna. Teria sido a causadora da ruína de Ivoren? A origem de todo o mal? No fim das contas, era a jovem de branco apenas uma vítima de suas ações

enquanto mestra? Se assim fosse, era ela quem precisava de redenção.

—Enxuga tuas lágrimas. — pediu ela. — Iremos juntas, Ivy.

Deora ainda não sabia como lidaria com a criatura, embora estivesse certa de que libertá-la era um dever. E, talvez, com isso, pudesse permitir que as ações do passado não servissem como grilhões para si mesma.

Com um aceno, as duas se levantaram. A jovem de rubro não queria deixar que mais um dia se passasse antes de agir, rumando para a floresta, seguida de perto por Ivoreen. Não comunicaria a Hanvor ou a Milenna, pois os dois já tinham suas preocupações — além do mais, a precursora dificilmente aceitaria que a Grande Mestra partisse em tão perigosa missão. Apesar disso, não entrariam na floresta sozinhas.

—Saudações, Deora de Piros!

Com um joelho ao chão, a mulher loira que havia se pronunciado olhava para ela com certa reverência. A armadura de couro por sobre o corpo bronzeado, a espada embainhada, a aura de liderança... Tudo aquilo combinava com as lembranças que tinha.

—Saudações, Shasa de Jollern. — a Grande Mestra estendeu-lhe a mão, ajudando-a a se erguer. — Os outonos passam, mas aparentas estar ainda mais forte do que nunca.

Um pouco atrás, replicando a pose de sua companheira, estava Trada, morena de olhos claros, também envergando uma armadura e uma larga espada. Assim como Deora se lembrava, ela permanecia em silêncio, embora sempre atenta a tudo.

—Levanta, Trada, pois não é assim que uma grande guerreira como tu deve se postar. Aqui estamos todas em pé de igualdade.

A Grande Mestra tinha os braços abertos, feliz por encontrá-las. Poucas vezes tinha falado com elas, mas as

respeitava por atuarem como guardiãs de Jollern — da mesma forma que ela, enquanto membro da Ordem Vermelha, era uma guardiã de Piros e, até mesmo, de Vlyn. No passado, estavam às portas da torre que tinha como lar; hoje, estavam diante da floresta que guardava a vila em que viviam.

—Ivoren nos disse que a Ordem Vermelha lidaria com a ameaça uma vez mais. — Shasa estava séria, conhecedora dos perigos envolvidos. — Desta vez, porém, colocaremos nosso aço à disposição... Se aceitares.

—Sois bravas combatentes, mas estais dispostas a correr tais riscos?

—Acaso não defenderias tua casa se a ameaçassem? — era Trada quem se pronunciava agora, manifestando-se com uma voz tão doce que contrastava com a ferocidade que era capaz de demonstrar ao desembainhar aquela lâmina.

—Eu as informei da natureza de nossa missão. — Ivoren caminhou um pouco adiante, colocando-se sob dois abetos, olhando para as três. — E sei que não hesitarão em momento algum... Assim como nós.

Deora sorriu, satisfeita por estar cercada por pessoas tão dedicadas. Era como o calor da chama, irradiando de cada uma delas, prontas para trazerem a acolhida ou a destruição do fogo.

—Então, minhas caras, — a Grande Mestra pousou a mão sobre sua espada, desembainhando-a e a empunhando bem na altura de seus olhos — adiante! Temos uma árdua jornada pela frente.

## Capítulo 14

—Ela está vindo de novo!

O grito de Shasa alertou Deora, que se virou tão rápido quanto pôde, erguendo uma barreira de chamas à sua volta. Ivoreen subia uma das árvores mortas, adaga nos dentes, procurando um ponto de melhor visibilidade. Trada, por outro lado, continuava na água lodacenta, arma em riste, atraindo a atenção da criatura.

Talvez tenha sido a magia corrompida invocada sobre a ninfa ou mesmo uma forma mística de recuperação, mas o fato era que a cabeça decepada por Deora estava de volta, intacta, atacando com selvageria. Elas ainda tinham de lidar com o líquido venenoso arroxeadado que escorria das presas da criatura, dissolvendo o que quer que tocasse, mas acreditavam estar em melhor posição tática.

Isso, contudo, caiu por terra quando a criatura investiu. As cinco cabeças atacavam de maneira quase independente, aproveitando-se da maior mobilidade que tinham no lamaçal. Shasa havia conseguido atingir o corpo da criatura, mas o aço de sua lâmina simplesmente resvalara, revelando uma armadura natural mais forte que qualquer artefato feito por artífices humanos. Os pescoços, longos e flexíveis, pareciam vulneráveis, mas desta vez as combatentes não queriam atingi-los, com receio de causar sua morte.

A estratégia de Ivoreen parecia ser a solução: cansar a criatura, forçando-a a cair de exaustão, para então encontrarem um meio de libertá-la. Isso significava que as quatro deveriam procurar se defender somente, esquivando-se enquanto aparavam os golpes daquele monstro, um titã, que em nada lembrava a doçura de uma ninfa.

Deora não se lembrava de ter visto uma ninfa em toda a sua vida. Ivoreen a tinha descrito como uma mulher jovem trajada com flores, mas não havia dado detalhes acerca de sua aparência. Todavia, aquilo que combatiam era uma

anomalia da natureza, personificando a ira e a dor, um pesadelo em carne e presas.

A criatura evitou as chamas da Grande Mestra, investindo contra Shasa e Trada, as cabeças ferinas cruzando o ar, ainda enlameadas. A loira se esquivou.

Trada não teve tanta sorte. Erguendo a espada contra uma das cabeças, ficou vulnerável para a ofensiva de outra, caindo de lado. O momento de dor e susto, porém, durou pouco, pois em seguida já estava de pé outra vez, agradecendo aos deuses pela resistência de sua armadura.

Ivoreen saltou, adaga em punho, a mão esquerda envolta numa fina camada de gelo criada por magias que Deora desconhecia. A criatura urrou quando sentiu a adaga cravando em um dos pescoços, o sangue arroxeadado sendo contido pelo gelo que Ivy criava ao redor do ferimento. Aquilo certamente enfraqueceria o monstro, sem, no entanto, ceifar sua vida.

—Cuidado!

A Grande Mestra direcionou um jato de chamas à frente da criatura, impedindo-a de atacar por um instante, dando tempo a Shasa para que se equilibrasse, após se defender de outra ofensiva. Aquilo, porém, captou a atenção da monstruosidade que, sem demora, virou duas de suas cabeças na direção de Deora.

Trada correu, pulando de pedra em raiz, agarrando-se a outro dos pescoços. Saltara sem jeito, segurando-se como pôde, brigando com o serpentear da criatura enquanto buscava dominá-la. Ivoreen tentava ajudá-la, esticando a mão, mas quanto mais o monstro se debatia, mais difícil ficava para a jovem de cabeça raspada se manter sobre ele.

E uma vez mais uma das cabeças bestiais atacou, visando Shasa, sem dar espaço para que pudesse se recompor. Ela segurava a espada de lado, a parte chata da lâmina em posição de defesa, evitando cortar a selvagem criatura. Suor e lama se misturavam enquanto a guerreira evitava o líquido arroxeadado, temendo-o tanto quanto receava as

afiadas presas que vinham em sua direção. Gritava, sim, mais como um reflexo de suas ações do que um comando para si mesma. Com um passo rápido, Shasa se desviou do golpe, atingindo o pescoço com a parte chapada do metal, quase atordoando aquela cabeça.

Mas tudo aquilo parecia ser em vão. Se o objetivo das quatro era causar exaustão, não o alcançavam — pior, eram elas quem já davam sinais de não poder aguentar muito, com movimentos cada vez mais erráticos e reflexos em ritmo de lentidão. A cada minuto o risco aumentava, com os ataques numa cadência crescente, ferozes, selvagens, mortais.

As chamas de Deora não mais continham a criatura, que investia sem se preocupar com sua própria defesa. Ivoreen mal se mantinha agarrada a um dos pescoços e Trada já tinha caído, lutando para emergir em meio ao lamaçal. As cabeças livres atacavam Shasa, que tentava se defender, sendo atingida uma, duas vezes, sua armadura começando a dissolver ao ser banhada pelo líquido arroxeadado e fétido.

O monstro continuava atacando, mudando de alvo de acordo com a vulnerabilidade que farejava, focado desta vez em Trada, encolhida junto ao tronco de uma árvore caída, espada à frente, pronta a contra-atacar se assim fosse preciso — ela não tombaria ali, seu olhar resolutivo acompanhando os movimentos das cabeças da criatura.

Ivoreen aproveitou para saltar de um pescoço a outro, novamente com a adaga afiada pronta. A magia congelante, já invocada, criava uma manta de cristais sobre a pele grossa da monstruosidade, tentando nublar seus sentidos, cravando a lâmina em seguida.

Outro urro. Outro chacoalhar. Desta vez a jovem de cabeça raspada era arremessada, caindo de costas na água lodacenta. Mais que depressa, Shasa correu em sua direção, procurando protegê-la de uma nova ofensiva, ao mesmo tempo em que Trada se posicionava na parte posterior da criatura.

Entretanto, a criatura pulou, alto o bastante para que, ao atingir a lama novamente, o lodaçal se espalhasse. A onda de lama derrubou as combatentes que estavam próximas, deixando-as ainda mais expostas. Todas, exceto Deora.

A Grande Mestra tinha se mantido em pé, equilibrando-se enquanto sustentava a magia flamígera concentrada em sua espada. A certa distância, via suas companheiras de luta tentando se reerguer, mas foi outra coisa que chamou sua atenção — algo que não notara ainda: as patas traseiras da criatura estavam presas uma a outra por correntes escuras, largas como escudos.

Aquelas correntes eram como testemunhas da prisão do monstro. E, se fosse realmente para libertá-la, deveriam ser quebradas.

—Ivy! — Deora apontava com a espada. — Invoca tua magia! Fogo e gelo, juntos!

A Grande Mestra fechou os olhos, ateando fogo à sua tocha interior, imbuindo sua espada com a mais pura chama, intensificando o encantamento que evocara anteriormente. Seus olhos, ao se abrirem, eram duas piras, ardendo como labaredas.

Ela correu, guiada por sua vontade, atravessando a lama. Uma das cabeças da criatura virou-se para encará-la, mas Trada foi mais rápida, protegendo-a com sua lâmina no caminho do golpe.

Ivoren, seguindo a ordem recebida, apoiou-se numa rocha próxima e também correu, suas mãos enregelando com a força de uma dezena de nevascas, sua pele clara ficando ainda mais branca, seus olhos assumindo a tonalidade do gelo. Duas das cabeças investiram contra ela, mas Shasa se interpôs, aparando um dos ataques enquanto seu corpo era atingido pelas presas afiadas, rasgando sua perna, jogando-a ao chão aos gritos.

A jovem de cabeça raspada se agachou, escorregando no lamaçal por baixo da criatura, deixando que seu corpo deslizesse com a rapidez que podia. Ela via as correntes

cada vez mais próximas, grilhões que prendiam aquela que um dia fora uma filha das florestas...

Braços estendidos, Ivoreen agarrou-se às correntes, segurando-as com toda força, liberando a magia que tinha invocado. Num átimo cada um dos elos foi coberto por uma camada de gelo, tornando-se branco como a mais fria geadas. O monstro rugiu ao sentir as patas traseiras congelando também.

Deora ergueu sua espada naquele instante, Ivoreen já soltando as correntes, entregue a um esgotamento tanto físico como místico. Com um golpe firme, a lâmina flamejante rompeu o metal enregelado com um enorme clarão, tão brilhante que nada mais pôde ser visto por alguns segundos...

Quando a luz diminuiu, não havia mais monstruosidade. Ao contrário, num relvado, caída ao chão, estava uma donzela de pele escura como ébano, face doce como o amanhecer, orelhas pontudas e corpo em volúpia, coberto com dezenas de flores amarelas e azuis. Os cabelos brancos tinham adornos de hera, caindo sobre seus ombros, refletindo como noites de luar.

Ela abriu os olhos, azuis como o céu sobre Piros, revelando surpresa em sua singeleza. Naquele instante, uma brisa com aroma de flores silvestres surgiu ao seu redor, girando e rodopiando, trazendo consigo pétalas de rosas brancas e vermelhas num movimento constante. E enquanto revolviam ao seu redor, transformavam a lama em relva, a água lodacenta em cristalino córrego, as árvores mortas em frondosos carvalhos. Aquele que parecia ser uma paragem de triunfo para a morte, um sepulcro florestal, agora dava lugar a uma clareira natural, refletindo o que sempre deveria ser: a essência da vida no coração das matas de Jollern.

—Nós te libertamos, ninfa das florestas. — Deora falava com uma voz quase solene, talvez um pouco inebriada pela

visão da criatura. — Que nunca mais haja grilhões a te prender.

Ivoren se adiantou, pondo um joelho ao chão, à moda do cumprimento de Shasa e Trada.

—E enquanto te damos a liberdade, eu te peço perdão, pois meus atos contribuíram para teu aprisionamento.

A ninfa se levantou, sem nada dizer. O sorriso que trazia aquecia o coração das quatro ali reunidas.

—E te garanto, — Shasa, cambaleando um pouco devido aos ferimentos, colocou-se ao lado de Ivoren. — nenhum lenhador se aproximará do coração destas matas, mas te peço que permitas que usem o necessário, e nada além, para que nossa vila cresça.

Trada, porém, colocou sua espada no chão, cabeça baixa. Apertava as mãos de maneira nervosa.

—Eu não quero mais lutar. — ela olhou para a ninfa com a face triste. — Tenho visto sofrimento e sangue, dor e lágrimas... Vi lenhadores destruindo mais do que precisavam e entendi quando impuseste a eles tua vingança, mas as vidas que tiraste te fizeram querer mais, e precisamos te deter. Pedimos ajuda e foste aprisionada... E os lenhadores continuaram a derrubar a mata enquanto sofrias. Hoje te libertamos, mas o que ocorrerá se outros resolverem te privar da liberdade? O que ocorrerá se tiveres de agir contra quem desmatar mais do que o necessário? Sucumbirás à vontade de tomar mais vidas? E quantos mais terão de pagar? — encarou as três companheiras por um breve momento. — Que o aço se torne madeira, que a lâmina se transforme em espinhos, que meu escudo seja o cedro... — Trada pôs um joelho ao chão. — Eu não desejo mais ser a protetora da vila de Jollern, mas, sim, a guardiã de tuas matas, para que ninguém mais tenha de sofrer pelo que houve aqui.

A ninfa se aproximou dela, cada um de seus passos fazendo com que o chão florescesse. Com uma medida, ajudou a humana a se levantar.

—Trada, tens certeza do que estás dizendo? — Shasa parecia um tanto incrédula.

—É isso o que quero. — respondeu , contemplando o fundo dos olhos azuis da ninfa, que sorriam para ela.

A criatura das matas então a abraçou, pétalas surgindo aos seus pés, aumentando em número, envolvendo-a, cobrindo-a como um casulo. Até Ivoreen recuou um pouco, postando-se ao lado de Deora.

Quando a ninfa deu um passo para trás, as pétalas voaram com o vento, revelando uma nova Trada.

Seus cabelos estavam cobertos de flores, seu corpo, sem vestes ou armadura — em seu lugar, lascas de madeira enrugada, como se pertencentes a mais antiga das árvores, agindo como placas protetoras coladas junto à sua pele. Em sua mão, um bastão retorcido de madeira clara, adornado com folhas verdes rígidas como lâminas, sua frente enfeitada com galhos que se dobravam entre si, quase como um elmo de madeira.

Não havia imagem melhor de uma guardiã das matas do que aquela e suas três companheiras reconheceram isso de imediato.

—Que estas florestas sejam abençoadas por todo o sempre. — a Grande Mestra sorria. — Que seja sempre o lar de todos os filhos de Andora.

A ninfa fez outra mesura e caminhou lentamente até o centro da clareira, erguendo os braços de maneira arqueada. E, enquanto ali ficava, imóvel, sua pele escura foi tomando a textura do carvalho, seus cabelos transformando-se em folhas, até que, diante dos olhos mortais, tornou-se a mais esplendorosa árvore da floresta, personificando o coração daquelas matas.

Trada se virou para as três, seus olhos agora refletindo o verde da relva e a formosura das flores:

—De hoje em diante, nenhum mal acometerá os que trilharem por estes caminhos se respeitarem os desígnios de Andora. Que este local seja sagrado e que vós possais

guardar segredo do que hoje ocorreu aqui, pois o milagre das matas jamais deve alcançar ouvidos mundanos. Sereis sempre bem-vindas, amigas, mas talvez nossos caminhos não se cruzem mais. Assim, desejo a vós uma jornada plena e vitoriosa.

—Trada, eu...

Shasa tentou alcançá-la, mas uma névoa densa, como a que surge nas manhãs de inverno, envolveu-a, assim como a Deora e Ivoreen. Sua voz ecoou enquanto sua visão embaçava, não vendo nada adiante. Nem mesmo podiam ouvir uma a outra.

Quando a névoa se dissipou, estavam novamente diante da entrada de Jollern, à beira da floresta, sem nenhum sinal de cansaço ou ferimento. Trada não estava com elas.

Nas mãos de Shasa, como única lembrança do que tinha ocorrido, uma pulseira feita de folhas, quase viva.

Apenas uma lembrança.

## Capítulo 15

—Vem!

Ivoreen, contudo, não se moveu. Ela olhava para Deora com os braços cruzados, determinada a permanecer ali, sem aceitar a hospitalidade que lhe era oferecida — estar fora da torre quando Fermmylle atacasse era fundamental.

—Por favor. — insistiu Deora, estendendo-lhe a mão.

Tinham cruzado toda a distância entre Jollern e Piros, parando apenas por duas vezes, e novamente a noite caía. Mas, apesar de seu cansaço, a jovem de cabeça raspada se manteve resoluta.

—Eu fui banida. Não cruzarei aqueles portões outra vez...

—Não dormirás ao relento!

—Não, Deora. Piros não é meu lugar. Não me forces a fazer o que não desejo.

A Grande Mestra suspirou, balançando a cabeça. Sabia que Ivoreen tinha o gênio forte e que não adiantaria argumentar. Antes, quando era acólita, era a hierarquia que respeitava — hoje, banida por Hanvor, nada a obrigava a obedecê-la. Só lhe restava uma alternativa.

—Alguém trará comida. Isso não será questionado.

A outra sorriu.

—Que assim seja, Grande Mestra. Especialmente se tiverem faisão.

Deora ria enquanto acenava, despedindo-se, caminhando em direção aos portões. No alto das muralhas, as sentinelas nem ao menos se moviam, talvez focadas em perigos ao longe, ignorando sua aproximação. Ela estacou diante da madeira rubra entalhada, fazendo-se anunciar com três batidas — uma por ser acólita, outra por ser precursora e a terceira por ser mestra.

Os portões foram abertos na sequência, sendo recepcionada por Grenjor. O acólito que um dia lhe pedira orientações parecia surpreso, mas havia certo brilho em

seus olhos — uma felicidade que não sabia conter — quando reparou nos trajes rubros de Deora.

Contudo, ele se manteve firme, tal qual era esperado de quem guardava a entrada de Piros, por mais que o sorriso em seus lábios pudesse traí-lo.

—Acólito, por favor, diz a mestra Sophie que se aproximam dos portões. — ela estava tão plácida quanto possível. — Diz que solicitam sua presença.

—Eu posso flanquear tua passagem, minha irmã na chama. Não é...

—Eu insisto, acólito. — interrompeu Deora. — É algo que preciso retificar antes que me sinta realmente de volta a esta torre.

Sem compreender muito, Grenjor fechou os portões, deixando-a a sós. Todavia, antes que um minuto inteiro se passasse, mestra Sophie surgiu, sua respiração um pouco ofegante, uma prova de que correra até ali.

—Foi-te dito que os portões de Piros permaneceriam fechados até que tivesses o conhecimento para cruzá-los. — Sophie estava séria. — Possuis tal saber?

—Sim, mestra Sophie.

Deora deu um passo adiante e elas se cumprimentaram — o mesmo cumprimento que aprendera quando foi iniciada, e que Hanvor lhe rememorou na noite em que passou a ter uma vez mais as lembranças que lhe eram tão caras. Cumprimentaram-se, assim, como duas irmãs na chama o faziam.

—Permita que eu renasça, mestra Sophie, pois há muito que tenho andado afastada de Piros.

—Deora, minha irmã, — a outra sorria candidamente. — bem-vinda de volta.

Caminharam lado a lado, adentrando o pátio que antecedia os primeiros degraus da torre. Mestre Tehn se unira a Grenjor, prontos para receber a irmã que retornava, ladeando o caminho. Conforme as duas andavam, Deora sentiu um pouco de dor por não encontrar Craig ou Hanvor

ali... Cada qual com sua missão longe da torre rubra. Por fim, pronta a recebê-la, ocupando o primeiro degrau, estava Mirhaanna, trajando o paramento completo de mestra.

Aqueles dois anos tinham cobrado seu tributo, pois a mestra estava um pouco arqueada, com a face mais enrugada, sofrendo o peso da idade. Os olhos eram os mesmos, cheios de uma sabedoria que os tornava únicos, mas aquela não era a mesma mulher que havia trazido uma jovem náufraga para aquele lugar... Como todos os mortais, Mirhaanna envelhecera.

—Que os deuses abençoem esta noite, meus irmãos, — a voz da mestra, ainda no primeiro degrau da torre, ecoou pela edificação. — pois hoje retorna Deora, Grande Mestra da Ordem Vermelha!

Só então a jovem reparou que Mirhaanna portava o medalhão, símbolo dos Grandes Mestres, em suas mãos. Sua mente retornou para o tempo em que vira Hanvor usando-o, assim como para o dia em que viu, pela primeira vez, sua mestra envergando-o. Deora não acreditava estar pronta quando o recebeu, e, por tudo o que fez, provavelmente não estaria mesmo, mas hoje era diferente. Ainda desejava que Mirhaanna o aceitasse, mas tinha de aguardar o momento certo...

Então, quando a mestra o ergueu, fazendo com que Sophie, Tehn e Grenjor olhassem para aquele símbolo com reverência, Deora inclinou a cabeça para frente, já antecipando o peso da responsabilidade sobre seus ombros.

—Eis, meus irmãos na chama, a Grande Mestra da Ordem Vermelha. — o medalhão parecia brilhar enquanto as palavras eram ditas, ungiendo a jovem. — Deora, contempla o olhar de cada um de teus irmãos.

Ela ergueu a cabeça novamente, olhando para os que a seguiam — seus olhos refletiam a alegria de terem novamente alguém para ocupar o trono de Hiljam no Salão da Sabedoria, mas a energia que Deora sentia, emanando

de cada um, era tão forte a ponto de ser quase tangível: algo que nunca sentira antes.

Levando a mão ao medalhão em seu peito, ela o percebeu quente, tal qual uma brasa que não queimava. Estava em casa.

—Eu vos agradeço o carinho, meus irmãos. — colocou-se ao lado de Mirhaanna. — Que eu possa retribuí-lo com minhas obras.

E, tendo dito isso, virou-se, fazendo um sinal singelo para que a mestra a acompanhasse — não havia dúvidas de que teriam muito a conversar.

Todavia, enquanto subiam os degraus, nada disseram. Era um momento especial para ambas, sendo desfrutado em seus mínimos instantes, principalmente por Deora, que reconhecia cada pedra, cada castiçal, cada vitral... As dezenas de velas que iluminavam o caminho até o Salão da Sabedoria estavam como guardiãs da passagem das duas, as pequenas chamas quase se curvando conforme a Grande Mestra galgava um novo degrau.

Os últimos passos que as separavam da entrada do lugar foram os mais difíceis. Em Deora havia um misto de emoção e dever, um retorno aos votos que fizera ao assumir cada uma das responsabilidades de outrora. Mas quando Mirhaanna permitiu que ingressasse, soando o gongo da maneira adequada, a jovem já era senhora de si uma vez mais.

A única fonte de luz era a chama que ardia no centro do lugar, projetando as sombras difusas dos tronos em honra aos deuses nas paredes do salão octogonal. O aroma da madeira dos móveis, o reflexo do chão lustroso, o calor... Tudo tão familiar, tudo tão dela, parte de sua vida, de sua história. O Salão da Sabedoria era, com certeza, o lugar que mais amava em Piros.

—Grande Mestra, eu...

Deora a abraçou com força, interrompendo a fala de Mirhaanna que, surpresa, quase perdeu o equilíbrio. Um

abraço de uma filha para uma mãe, uma filha pródiga que retornava depois de ter se aventurado pela vida sem permissão. Um abraço de pura saudade.

—Esquece o título, Mirhaanna. Senti tanto a sua falta.

—Calma, criança. — a mestra praticamente se apoiava nela. — Meus ossos não aguentam tanta bem-aventurança... Eu também senti saudades suas... Talvez mais do que imagina...

—Eu mal via a hora de retornar para cá, para poder lhe dizer o quanto fiquei carente de cada um de seus conselhos, de suas palavras... Tanto aconteceu comigo...

—E muito aconteceu aqui também, criança. Piros não é a mesma sem que estejas aqui... Está tudo bem?

A lágrima que escorria pelo rosto de Deora era larga, cheia de alegria, tal qual um arauto diante de uma multidão.

—Agora tudo está bem... — suspirou e secou a lágrima. — Por mais que eu tenha passado por tantas tribulações, agora tudo está bem.

—Senti um aperto no coração quando Sophie me contou que tinha estado aqui em Piros... Mas como se esqueceu dos seus ensinamentos, criança? Se ela não me dissesse que realmente esteve diante dos portões, eu não acreditaria. Tanto que alertei Hanvor de que algo parecia estar errado.

—Eu sei... — a jovem a conduziu para junto da chama central. — Mas sua mensagem nunca chegou a ele.

—Então como sabe que...?

—Interceptamos o mensageiro... Na verdade, foi Ivy quem o fez.

Mirhaanna arqueou as sobrancelhas, intrigada.

—Por quê?

—Porque nós... Bem, deixe-me contar a história toda...

Deora lhe disse tudo pelo qual havia passado, clarificando uma ou outra dúvida, revelando o que ocorrera desde que deixara Piros para trás. Sua narrativa foi pontuada de

emoção, e mais de uma vez teve de parar para controlar seus sentimentos ou mesmo as furtivas lágrimas. O mais difícil foi reviver a morte de Lufya e Kallop, assim como a expectativa em acabar com Hanvor... Contudo, a alegria por redescobrir sua história, libertar a ninfa e mesmo retornar a Piros era quase indescritível.

—É preciso que nos preocupemos com esse Fermmylle, criança. — ponderou Mirhaanna ao término da narrativa. — Se ele possui tanto poder a ponto de corromper as lembranças da Grande Mestra da Ordem Vermelha...

—Por falar nisso, — Deora principiou a tirar o medalhão do peito. — agora, da maneira correta, quero lhe passar o comando de Piros.

—Não será possível, criança. — a mestra segurou as mãos da jovem, mantendo o medalhão no lugar. — Eu precisarei me ausentar de Piros, o que me impede de aceitar tamanha honra.

—Para onde vai?

—A maldição da morte sempre viva, a que travou contato quando se aproximava de Piros, veio de algum lugar. Preciso saber de onde para que possa selar a região. É algo que somente Hanvor, Craig e eu sabemos como fazer...

—Por que não me ensina? Está...

—Fraca? — a mestra a interrompeu. — Sim, meu corpo não é mais o de antes, mas tampouco o é minha magia. Sei como lidar com isso e não é algo que possa ser simplesmente ensinado: tem de ser vivenciado. Ao contrário de outras formas de invocação, esta requer um estudo direto...

—Eu poderia ir junto...

Mirhaanna sorriu. Era em momentos como esse que via reflexos de Ivoreen nela, pois todo iniciado produz mudanças em quem o inicia.

—Sim, desde que outro receba o medalhão. Quem escolherá?

Deora não esperava por aquilo. Em sua mente, tudo o que considerava como certa era a aceitação de Mirhaanna como Grande Mestra, livrando-a para agir de acordo com as necessidades que surgissem — em momento algum cogitara indicar outra pessoa.

E como escolher? Quem poderia cogitar para tão difícil tarefa? Sophie, que tinha guiado seus passos ao conduzi-la ao grau de Mestre? Ou...?

—Tehn.

—Tehn? Talvez precise conversar com ele antes...

Deora assentiu, reconhecendo a necessidade de tratar tão delicado assunto com quem havia passado pelos rituais que a tornaram mestra no mesmo dia. Mas por tudo o que conhecia dele, sentia ser a escolha acertada. Tinha de ser.

—É o que farei, Mirhaanna.

A mestra sorriu levemente. Aquele sorriso parecia ainda mais acalentador que a chama central.

—Apenas se lembre, criança, que Piros aguardou por todo esse tempo pelo seu retorno. Pondere. Antes de tomar qualquer decisão, pense em como seus irmãos a receberão... Hoje, é a Grande Mestra da Ordem Vermelha, a pessoa em quem se espelham, que almejam um dia se tornar. Não destrua isso. Permita que possam aprender que a pessoa que porta esse medalhão estará sempre pronta para eles.

Deora não havia pensado naquilo. Mais uma vez a sabedoria de Mirhaanna provava ser superior a qualquer outra coisa... E a jovem reconhecia que tinha muito a aprender.

—Eu entendo... — olhava agora para a beleza da dança da chama. — Ainda assim, preciso conversar com Tehn.

—Eu sei, criança. Mas não se esqueça que o tempo passou. Se um instante pode mudar a vida de alguém, imagina o que pode ter ocorrido nesses anos em que esteve longe?

—Devo me preocupar?

—Não. — Mirhaanna pôs a mão sobre o ombro dela. —  
Como sempre aprendeu comigo, deve agir como a chama.  
Nada mais que isso.

## Capítulo 16

—É uma bela noite, não?

Tehn não havia se virado, mesmo quando ouviu os passos se aproximando. Estava no alto da muralha, do lado oposto ao dos portões, vendo o mar ao longe. Para chegar até ele, Deora contornara quase todo o perímetro, passando por diversas estátuas de cobre cobertas com os trajes ritualísticos da Ordem Vermelha — eram essas as sentinelas que observara quando olhara para cima, do lado de fora das muralhas. Ainda não compreendia a razão de não ter encontrado nenhum irmão na chama com o dever de vigiar o horizonte, mas as estátuas nunca estiveram ali, substituindo-os... Não que pudesse se recordar.

—Amena, mas não gosto de noites sem lua, meu irmão.

—São convidativas, Grande Mestra. — voltou-se para ela, ainda apoiando uma das mãos no parapeito. — Basta que aceites a escuridão.

—Meus dias de trevas estão no passado, Tehn. — abraçou-o longamente. — E espero que os teus jamais cheguem.

Ele se livrou do abraço de forma sutil, mas não a ponto de não transparecer que algo o incomodava.

—Já passei por alguns...

—O que houve? — ficou de costas para a beirada, olhando-o. — Parece que minha presença te desagradou...

Ele se voltou para o mar ao longe novamente, talvez procurando uma estrela que já se escondia no horizonte.

—Não, Grande Mestra. Sou apenas um mestre pronto para servir a Ordem Vermelha... Se precisas de mim, servir-te-ei.

—Tehn, — segurou-o pelo ombro, gentilmente, fazendo-o se virar. — acaso meu título te incomoda, então? Esqueceste de nossa amizade?

—Não, não me esqueci. Mas talvez tenhas colocado tuas obrigações à frente dela.

—Como...?

—Deixaste Piros sem me avisar, Deora! — ele ergueu um pouco a voz. — Procurei por ti, mas ninguém, nem mesmo Mirhaanna, pôde me dizer coisa alguma sobre teu paradeiro. Acreditavam que tinhas desaparecido... Já eu...

—Fala, Tehn... — olhava no fundo dos olhos dele. — Em que acreditavas?

—Em quê? Ivoreen não havia retornado, provavelmente tendo perecido. Tu, sempre preocupada com *tua* acólita, provavelmente tivera o mesmo fim. — desviou o olhar. — Eu te julgava morta... Sabes a dor que alguém sente quando uma pessoa tão próxima deixa de viver? É assim que me sentia...

Ela deu um passo para trás, desconcertada, quase esbarrando em uma das estátuas. Havia dor naquelas palavras... Havia tristeza.

—Mas perdoa meus modos, Grande Mestra. — abaixou a cabeça por um instante. — Não é meu direito me dirigir assim a ti.

—Mestre Tehn, — deixou que a formalidade falasse mais alto, por mais que aquilo lhe parecesse frio demais — compreendo a razão de te sentires assim. Todavia, tuas preocupações eram infundadas, meu irmão na chama.

—Sim, sou obrigado a concordar... Porque hoje estou diante de ti. Contudo, meses atrás, tu não passavas de recordações a esmo, e eu não podia me fiar a esperanças que pareciam falsas. Por mais que estivesse doendo, precisava te deixar ir, pois nada podia fazer para mudar o que não estava sob meu controle... Mesmo quando Mirhaanna me dizia que pressentia teu retorno.

Deora deixou que ele falasse, sem interrompê-lo desta vez. Percebia que havia mais a ser dito.

—Mas, agora, Piros novamente te acolhe. E o que faço com minha vida? Quando me vi sem ti, demorei para aceitar a possibilidade de deixar que outra se aproximasse...

A jovem estacou. O que Tehn estava tentando dizer? Eles estavam ligados apenas pela chama...

—E hoje eu a tenho como mais que uma amiga, Deora... Tua presença aqui, contudo, faz com que me arrependa de ter tomado aquela decisão...

—Por quê? — procurou manter o tom de seriedade.

—Por quê? — Tehn quase engasgou. — Não percebes que eu... — parou por um momento. — Eu...

—Da mesma maneira que te estendi a mão quando buscávamos a veraídeya para te salvar, agora também o faço. Crescemos juntos na Ordem Vermelha, aprendemos um com o outro, mas são os laços da fraternidade que nos unem. Eu te amo como amo todos os nossos irmãos, Tehn. És precioso e valioso para nossa irmandade, mas não é meu intento tomar um companheiro ainda para minha vida. — esperou que ele pudesse entender o que dizia. — Se for isso o que buscas, não é em mim que encontrarás.

Tehn mordeu o lábio inferior, um pouco envergonhado. De alguma maneira tinha interpretado os sinais de maneira errada, criando uma ilusão acerca dos sentimentos de Deora. Isso lhe pareceu, porém, uma forma de redenção, ou de castigo...

—És apenas minha irmã na chama? Nada mais?

—Sou também uma amiga que entende o que se passa contigo. E isso ninguém poderá mudar.

Ele tentou sorrir, mas não conseguiu. Seus pensamentos voavam como mariposas num dia quente. Deora percebeu o incômodo, mas tentou conduzi-lo de maneira distinta.

—No entanto, meu irmão, há uma coisa que preciso te perguntar. — ele desviava o olhar, imerso em suas dúvidas. — Quem é a felizarda que te é tão cara? Eu a conheço?

—Sim. — acenava positivamente com a cabeça, ainda sem sorrir. — É Sophie.

—Mestra Sophie? — ela parecia satisfeita. — Escolheste bem, meu irmão. Ela é uma de nossas mais valorosas irmãs.

—E também é uma pessoa incrível longe dos livros. — ele olhou para a estrela de âmbar, ao longe, nos céus, tentando buscar ali suas respostas, sua voz num tom um tanto vago.

—Ah! — uma fogueira além dos parapeitos chamou a atenção da Grande Mestra quando tentou acompanhar o olhar de Tehn. — É preciso que te peça algo. Se ainda houver comida quente, quero que leves um bocado para aquela fogueira que ali está. Uma pessoa acampa e pode muito bem aproveitar uma refeição sob as estrelas.

O mestre se certificou do lugar onde deveria levar o alimento e se virou para Deora.

—Não seria mais prudente convidar quem quer que ali esteja para se hospedar em Piros? Não temos mais alojamentos para hóspedes, mas acredito que poderemos encontrar abrigo...

—Estás livre para tentar fazê-lo, meu irmão na chama. — queria que ele se sentisse melhor, mas ainda não sabia como fazê-lo, arriscando-se a simplesmente guiá-lo para fora dos portões momentaneamente a fim de que o passeio pudesse lhe desanuviar a mente. — Contudo, duvido que sejas bem-sucedido.

—Ainda assim, tentarei.

—Que assim seja, então. Mas te apresses, pois o vento frio começa a soprar. Um vento que prenuncia a mudança das estações.

—Temes o inverno?

—Nunca. É no inverno que a chama tem de brilhar ainda mais. E Piros é a chama que jamais se apaga, pois vive nos corações de cada um de nós.

O mestre concordou em silêncio e os dois se despediram como dois irmãos na chama o faziam, deixando Deora só, tendo a noite como única companhia. Contemplando seus próximos passos, a Grande Mestra soube que não era o momento de entregar a Tehn o medalhão que trazia no peito...

## Capítulo 17

—O que faremos?

Todos a olhavam aguardando por uma resposta. Sentada no trono de Hiljam, no Salão da Sabedoria, a Grande Mestra havia, até então, permanecido em silêncio, aprendendo o que deixara para trás nesses últimos anos, conhecendo o real estado da Ordem Vermelha. Tinham-lhe explicado que os ataques de mortos-vivos no Grande Continente, além dos mares que banhavam Vlyn, havia impulsionado diversos irmãos que, deixando a segurança de Piros para trás, seguiram para montar bastiões de resistência, protegendo vilas menores e outros lugares vulneráveis. Isso, no entanto, resultou na diminuição drástica dos membros ativos na torre, que acabou por se tornar muito maior devido aos poucos feiticeiros vermelhos ali presentes.

Dessa maneira, isso explicava as estátuas no alto das muralhas. Com a escassez de acólitos e precursores, houve a necessidade de se criar a ilusão de vigilância para que ninguém, por qualquer razão que fosse, ousasse tomar Piros de assalto.

Era uma dura realidade. A Ordem Vermelha estava fragmentada, com cabalas isoladas lutando contra a obra da Necrópole enquanto o coração da torre ficava quase vazio. E Deora sabia que, em parte, era dela a culpa.

—Quantos mestres foram enviados a essas cabalas?

—Quase todos, Grande Mestra. — Tehn estava no trono de Val'ys, apoiando a cabeça em sua mão. — Mesmo Hervak e Ravanna tiveram de abandonar seus assentos aqui no Salão da Sabedoria... Com exceção de nós, todos estão atuando em algum lugar. Isso sem falar nas cabalas formadas por precursores e acólitos somente.

—Estão elas preparadas para enfrentar a ameaça da Necrópole? Sem um mestre para guiá-las... — Deora deixou que a frase morresse no ar.

—Não, Grande Mestra. — Sophie a olhava com ternura, lembrando-se do dia em que a conduziu para que deixasse de ser precursora. — Estão aptas a se defenderem e a protegerem alguns outros, mas se qualquer legião de mortos-vivos marchar diretamente contra elas, terão de recuar.

—O que faremos, Grande Mestra? — repetiu Mirhaanna, sabendo terem sido apresentados os fatos. — Que queres que façamos?

Deora encarou cada um deles, depois voltou os olhos pelos tronos vazios. O trono de Andora era seu, mas os demais, sem ninguém para ocupá-los, traziam a triste lembrança de que os tempos áureos tinham ficado para trás.

Mirhaanna. Sophie. Tehn. Três mestres restavam em Piros; dois, Hanvor, em Jollern, e Craig, em Mitarna; e ninguém mais.

Fermmylle atacaria. Não seria tolo o bastante a fim de vir sozinho, mas estaria pronto para apagar a chama que ardia diante dos quatro. Não podiam fraquejar.

—Estes são tempos difíceis, meus irmãos. — Deora pousou os olhos sobre o fogo central. — Mirhaanna revelou a necessidade de deixar Piros para enfrentar a ameaça que nos cerca, mas é esperado que retorne em breve. Não podemos contar com mestre Hanvor porque está protegendo o nordeste da ilha, em Jollern; e Craig está na linha de frente, em Mitarna, entrada marítima de Vlyn, pronto para nos avisar caso algo aconteça. — olhou novamente para Sophie e Tehn. — Vós sois a força que resta em Piros, lideranças capazes de orientar os precursores e acólitos que permaneceram conosco.

—Não há ninguém mais aqui. — a face de Mirhaanna era grave. — Com exceção de nós quatro, apenas Grenjor permanece em Piros.

Deora suspirou. Queria poder lhes dizer algo mais que pudesse fortalecê-los. Desejava revigorá-los, principalmente

dada a gravidade da situação. Mas nada havia a ser dito. Ao menos, nada de concreto.

—O que quero que façais — olhou para cada um dos três longamente. — é continuar lutando por Piros, mantendo esta chama acesa em vossos corações, tornando-vos as reais razões pelas quais nossa amada Ordem se mantém como um baluarte flamejante neste mundo de trevas. Nada mais importa, meus irmãos na chama.

Tendo dito isso, ela se ergueu, encerrando as discussões do Conselho da Ordem Vermelha. Sophie e Tehn saíram juntos, conversando entre si, cientes de seus deveres, mas Mirhaanna permaneceu.

—Fez bem, criança. Eles reconhecem a líder que é, e isso é algo fundamental para a unidade de Piros.

—Eu sei. Mas me dói ver a situação em que nos encontramos. Queria fazer mais...

—Não é possível fazer mais do que tem feito. — começou a andar, acompanhando Deora para fora do Salão da Sabedoria. — Sua jornada tem sido de sabedoria, criança.

Chegavam ao lance de escadas descendente. A Grande Mestra olhou para os degraus.

—Cada passo que damos nos traz para perto de nosso destino, mas me pergunto se estamos preparados para encontrá-lo. Será que não é chegado o momento de pararmos e verificarmos se estamos mesmo indo na direção certa?

—Se não sabe aonde vai, nenhuma direção é a certa... — Mirhaanna se apoiava no corrimão de pedra, descendo as escadas com lentidão. — Escolha um caminho e o trilhe. A jornada é sempre mais importante que o destino.

—Sim. — Deora assentiu com um aceno. — Contudo, acho que devo ter com Ivoreen agora. Quem sabe ela possa lançar uma luz sobre nossas questões, ou mesmo encontrar um meio de lidar com a ameaça trazida por Fermmylle.

—Ainda confia nela, criança?

—Eu... Acho que confio...

—Acha?

A Grande Mestra suspirou, ponderando. Ainda não sabia se era sua própria culpa em ter lançado Ivoreen ao mundo que a fazia hesitar.

—Ela parecia arrependida, Mirhaanna.

—E confia no seu julgamento?

—Sem sombra de dúvidas.

—Então segue em frente. Quem porta o medalhão pode ter dúvidas, mas quem o segue jamais pode hesitar ao cumprir seus desígnios.

As duas se despediram como duas irmãs na chama o faziam e a jovem rumou para os portões. Grenjor estava lá para abri-los.

—Grande Mestra, — olhava-a com a cabeça um pouco abaixada, um tom de preocupação em sua voz. — deixarás Piros novamente?

—Caminharei apenas, acólito, sem me afastar da sombra das muralhas.

Ele pareceu se animar com a resposta, erguendo os olhos.

—Permites que eu vá contigo? Há algumas coisas que gostaria de te dizer.

Deora iria pedir que aguardasse o seu retorno, mas o pouco contato com Grenjor a fazia crer que ele precisava de uma resposta imediata — tinha estado sob a tutela de Kallop e de Craig, e prometera nunca deixá-lo sem conselho.

—Vem comigo, meu irmão na chama. Vamos ver o que posso fazer por ti.

Seguiram por alguns metros até que o acólito se pronunciou. Parecia ter procurado pelas palavras certas antes de ser ouvido.

—Grande Mestra, acaso te recordas de minha primeira missão fora dos portões de Piros?

—Algo a ser investigado nas minas de ametistas na parte sudeste da ilha, não é? — Deora tentava se lembrar, mas era algo muito vago.

—Isso mesmo. — Grenjor se animou, acreditando que, por ela ter se recordado, aquilo deveria ser importante. — Salvei alguns mineiros, mas cheguei tarde para salvar outros... Contudo, havia lá uma coisa que me pareceu deveras importante.

—O quê? Não pretendes fazer disto um jogo de adivinhas, não?

—Não! De modo algum! O que encontrei, por mais fantástico que pareça, foi uma espécie de portal místico.

—Portal?

—Como um espelho, largo e alto. — ele erguia os braços, tentando mostrar o tamanho real do que tinha encontrado. — E, através dele, fui capaz de ver o passado. Meu passado.

Deora parou, olhando para ele, intrigada. Seria aquilo mesmo real?

—O que viste?

—Meus anos juvenis, minha tenra infância... Vi meus brinquedos de madeira, a árvore que escalava, o cavalo que adoeceu quando eu não era maior que um arbusto... Vi meu passado, Grande Mestra.

Uma vez mais ela volveu a mente para aquilo que se tornou sua busca inicial em Vlyn: sua memória anterior ao naufrágio. Se aquele portal pudesse ser alcançado, se pudesse se ver através dele, todas as incógnitas, todas as dúvidas, toda a sua vida seria desvelada diante de seus olhos. O que encontraria? Quem poderia ser além de Deora de Piros, Grande Mestra da Ordem Vermelha? Descobriria como chegara a Vlyn? Saberá os desígnios do destino que a trouxeram para a ilha?

Mas, e se não gostasse do que visse? E se, por trás dessa busca, houvesse uma mulher amarga, uma jovem pérfida? Estaria pronta para encarar seu passado? Não seria mais simples deixar essa busca apenas como um exercício de sua imaginação?

Não. Ela haveria de descobrir quem era. Precisava disso. Nem que, para tanto, tivesse de atravessar o portal e reviver sua vida.

—Onde está esse portal, acólito? Em que parte da mina?

—Há um veio de lava que precisa ser atravessado, Grande Mestra. Quando lá estive, elementais do fogo dormiam, presos a alguma forma de encanto que os tornava inertes, mas para libertar os mineiros tive de despertá-los. Se fores cruzar a lava, pela chama que arde no centro do Salão da Sabedoria, tende cuidado. Eles são perigosos. Mortais, até.

Deora olhou para o lado, já vislumbrando o cone de fumaça da fogueira de Ivoreen além de umas árvores. Havia muita esperança naquele olhar.

—Diz, meu irmão. — voltou-se para Grenjor. — Por que ainda és um acólito? Tua missão não foi bem-sucedida?

Ele colocou as mãos para trás, abaixando a cabeça. O tom de voz, antes vivaz, era quase macambúzio.

—Não falhei em minha missão, Grande Mestra, mas falhei comigo mesmo. Duvidei de minha capacidade. Não estive pronto para reconhecer o valor que me era atribuído... E, por isso, Mirhaanna achou por bem me manter como acólito por enquanto.

Era evidente que a razão se mantinha, pois a falta de confiança que apresentava era clara como a chuva de verão. Mesmo se considerasse o fato de que todos os tutores até então o abandonaram, era preciso que ele demonstrasse fé em si mesmo e em seus atos.

—Grenjor, — sorriu, quase da mesma maneira que Mirhaanna lhe sorria quando queria lhe dar forças — eu sou tua tutora e não vou te deixar sem a devida instrução. Aprenderás a ser como a mais pura incandescência, mas até lá, deverás possuir o ardor dentro de si mesmo. Compreendes?

Ele assentiu, retribuindo o sorriso. A Grande Mestra tinha despertado uma nova razão na jornada daquele acólito.

—Então retorna para teu posto nos portões, meu irmão na chama. Em breve estarei de volta no aconchego de Piros, provavelmente antes da noite cair. — ela o cumprimentou da maneira pela qual os iniciados nos mistérios da Ordem Vermelha se cumprimentavam. — Se precisarem de mim, sabes onde me encontrar.

Grenjor se afastou, certo de que agira bem. A mente de Deora, porém, estava agitada, considerando as possibilidades. O rolo de fumaça clara ainda subia nos céus.

—Ivy! — bradou quando o acólito não mais podia ouvi-la.  
— Há algo que preciso te contar!

## Capítulo 18

—Aguarda aqui.

Deora ainda olhou para trás para ter certeza de que Ivoreen ficaria bem, junto aos portões, evitando a chuva que caía desde cedo. A jovem de cabeça raspada não quis entrar em Piros mesmo quando um relâmpago rompeu os céus, mas a Grande Mestra não a deixaria sem algum tipo de proteção. Enquanto caminhava para a torre, encolhendo o corpo devido ao vento e o frio, suas vestes rubras se encharcavam e seu cabelo escorria ao longo de sua face — talvez fosse um sinal divino de que ainda não era o momento de partirem, ou apenas uma simples coincidência... Contudo, a esperança de ter seu passado desvelado era maior do que qualquer chuva.

Havia conversado longamente com Mirhaanna na noite anterior acerca de sua decisão, não deixando que fosse convencida do contrário. Sim, Deora tinha ouvido os conselhos, as advertências, mas ainda assim se manteve firme, acreditando ser a sua resolução a mais acertada. Entretanto, as palavras da velha mestra continuavam a pesar em sua mente:

—Não vieste atrás de conselhos, criança. Tua presença aqui é apenas para me dizer o que já decidiste.

Deora enxugou sua fronte, já na segurança da torre. Será que Mirhaanna não compreendia o quanto aquilo era importante? Ademais, havia prometido que não se demoraria. A mina de ametistas ficava a cerca de quatro horas de Piros, a exploração dos caminhos tortuosos indicados por Grenjor não deveria demorar mais do que um dia. Partindo naquela manhã, deveria retornar na noite seguinte, não havendo motivos para se preocuparem.

A Grande Mestra ainda havia de comunicar a Sophie e a Tehn sua decisão. Enquanto isso, Ivoreen aguardava junto aos portões, ansiosa por partirem numa nova empreitada —

uma que poderia esclarecer todos os mistérios da vida de Deora.

Para tanto, decidiu convocá-los naquela manhã, quando suas coisas já estivessem prontas. Só que, desta vez, iria com o medalhão de Grande Mestra no peito, pois deixaria o comando da Ordem Vermelha por não mais que dois dias. Ou, ao menos, assim esperava.

Chegou ao Salão da Sabedoria antes dos outros. Seus passos ecoavam, cadenciando o ritmo de sua mente. Gostava daquele lugar, principalmente nos momentos em que podia desfrutar somente da companhia da chama central. Era como se a sensação de solidão a guiasse por mundos antes inexoráveis, permitindo uma profunda meditação. Deora sempre dissera a quem pedia conselhos que deveriam ser como a chama... E ali, sozinha, ela se sentia realmente parte da essência flamígera.

Estava quase em completo relaxamento quando ouviu passos. Abrindo os olhos, a jovem viu que era Sophie quem se aproximava, já cerrando a entrada.

—Perdoa minha intromissão, Grande Mestra. Não queria perturbar teu momento de reflexão.

—Não há o que perdoar. — Deora se levantou, mais bem disposta, e a cumprimentou como duas irmãs na chama o faziam. — Sabes que te aguardava, assim como...

—Mestre Tehn não virá, eu temo. — Sophie a interrompeu, esperando que não soasse de maneira desrespeitosa. — Está de cama, acometido de febre, descansando. Não há de ser nada, mas sua indisposição o impediu de vir.

—Ele está bem mesmo? — ela tinha um ar preocupado. — Se ele precisar de algo...

—...Eu poderei providenciar, Grande Mestra. — Deora percebeu um quê de ciúmes naquela voz. — Mas agradeço teu empenho e disponibilidade para ajudar um irmão na chama.

—Entendo... — disse, caminhando de volta para o trono de Hiljam. — Poderás, então, transmitir-lhe tudo o que discutirmos aqui, mestra Sophie. De qualquer maneira, isto não tomará muito de teu tempo, podendo em breve retornar para o cuidado de nosso irmão. Toma assento.

Fazendo como ordenado, Sophie foi ao seu lugar, o que deu ao Salão da Sabedoria um ar mais formal, embora não menos solene. Mirhaanna e Tehn deveriam estar com eles... Todavia, estavam apenas as duas, tendo a chama central como única testemunha do que iriam tratar.

—Grande Mestra, eu...

—Mestra Sophie, — Deora a interrompeu, erguendo o braço da maneira usual em que se pedia silêncio. — é sabido que Mirhaanna, a mais experiente de nós, terá de empreender uma jornada fora destas muralhas. Houve algum tempo em que algo similar tivesse ocorrido?

—Não. Desde que passou a dividir as responsabilidades sobre Piros comigo e com mestre Tehn, ela jamais deixou este lugar.

—Se ela o tivesse feito, considerarias tuas habilidades boas o bastante para administrar a Ordem Vermelha?

Sophie a olhou com certa inquietação, inclinando a cabeça enquanto arqueava as sobrancelhas.

—Grande Mestra, queres que...?

—Responde a pergunta. — decretou Deora.

—Eu não sei. — abriu os braços, palmas à mostra, como se pega desarmada. — Acredito que sim, mas minha opinião sobre mim é, com certeza, enviesada.

—Penso em por tal questão à prova, minha irmã na chama. Por dois dias terás o controle de Piros, podendo-o dividir com Tehn se assim for teu desejo, mas preferia que evitasses depender de alguém.

—Estarás por perto, avaliando e me julgando, Grande Mestra?

Deora se levantou, sorrindo. Tudo parecia estar correndo conforme o imaginado.

—Não. Eu cruzarei os muros nesta manhã, retornando somente amanhã à noite.

Sophie se apoiou nos braços do trono onde estava, erguendo-se de salto, surpresa.

—Irás nos deixar?

—Por dois dias. Acredito que, ao retornar, a Ordem Vermelha ainda exista, não? — Deora ria, caminhando pelo Salão da Sabedoria em direção à saída.

—Mas... Grande Mestra! — Sophie a alcançou. — Sabes que não podes deixar Piros... Deves permanecer aqui enquanto ocupares o trono de Hiljam.

—Amanhã à noite retornarei, mestra Sophie. — Deora se virou, tentando assegurá-la disso. — O que faz a Ordem Vermelha forte não é a magia ou os segredos, minha irmã. Nosso vigor surge do coração de cada um dos nossos irmãos. Se o dia chegar em que estejas pronta para usar este medalhão, — segurou o símbolo de seu cargo com ambas as mãos — terás de ter a certeza de que és capaz de instilar o fogo que arde em cada um deles. Hoje, porém, é tua chama interna que é posta à prova. E que os deuses te ajudem a cumprir tua missão com diligência.

A Grande Mestra saiu, sem acrescentar mais palavra à discussão. Em seu íntimo, acreditava que Sophie era a escolha acertada para substituí-la, pois tinha o conhecimento místico necessário e aparentava saber como lidar com os irmãos. Todavia, ainda não era o momento de passar o medalhão a ela — se fosse, Mirhaanna teria sugerido algo a esse respeito. Porém, Deora não podia simplesmente deixar de lado a oportunidade que o destino lhe dera, confiando que estaria de volta em breve para retomar seus deveres.

Passando em seus aposentos, a jovem conferiu os itens em sua mochila de viagem, sentada na cama enquanto a chuva ainda teimava em cair. Não se demoraria muito, mas já se mostrava preocupada com Ivoreen que esperava junto ao portão, recusando-se a entrar em Piros. Tudo estava no

lugar, como tinha deixado antes de dormir na noite anterior, o que a remeteu a um momento de reflexão: anos atrás, estava se preparando para sua primeira missão; agora, preparava-se para uma que a levaria aos seus primeiros anos.

Dando-se por satisfeita, atou o nó de sua mochila e se levantou, olhando uma última vez pela janela, contemplando as nuvens cinzentas, reconhecendo que a chuva perduraria por todo o dia. Sem mais delongas, retirou sua espada da parede e a embainhou, pronta a descer os degraus.

No pátio, diante dos portões guardados por Grenjor, mestra Sophie a esperava, mesmo sob a pesada chuva. Trajava o paramento rubro, como se estivesse pronta para participar de um ritual.

—Grande Mestra, — sua voz estava abafada pela chuva. — se sou a responsável pela Ordem Vermelha em tua ausência, é preciso que eu te prepare para tua jornada. — Deora estacou, olhando para ela, ambas ensopadas pela água que caía. — É tradição que se entregue uma tocha a cada irmão na chama quando deixa Piros, tanto para iluminar, simbolicamente, seu caminho, como para recordá-lo de onde vem. Contudo, não é preciso que recordemos a ti de teus deveres para com a Ordem Vermelha. Ao contrário, é preciso que aprendamos contigo dia após dia.

Sophie ergueu uma tocha, ainda apagada, invocando a magia flamejante, fazendo-a incandescer.

—Esta tocha que te entrego não é a tocha de um acólito, nem a de um precursor, tampouco a tocha de um mestre. Esta tocha, minha irmã na chama, é o símbolo de tua dedicação, não como lembrança, mas como reconhecimento. Tu, Grande Mestra, hoje permites que eu possa tentar aprender as responsabilidades que pesam sobre os ombros de quem possui o medalhão.

Deora tomou a tocha que lhe era estendida, sentindo o calor que emanava. A chuva não a incomodava mais.

—Que teu caminho seja cheio de luz, minha irmã na chama. — Sophie a abraçou, emocionada, lágrimas se misturando a gotas de chuva. — Mas se tiveres dúvida em tua jornada, lembra que teu olhar pode se voltar para Piros, pois aqui reside toda a magia e força e sabedoria que te servirão de guia.

Então se despediram como duas irmãs na chama o faziam, reconhecendo-se no reflexo do olhar da outra. Naquele momento, Deora sentiu que a outra poderia estar pronta.

—Mestra, eu... — a jovem segurou o medalhão com uma das mãos.

—Não, Grande Mestra. — Sophie pôs a mão sobre a de Deora. — Realiza tua jornada e avalia ao voltar. Não é um momento que faz de um membro da Ordem Vermelha apto a usar o símbolo que trazes consigo. Se eu tiver de fazê-lo, será quando tu estiveres certa de que poderás seguir meu julgamento. Até lá, serás sempre a pessoa que cada um de nós busca em momentos de dificuldades e necessidades.

Deora assentiu, sorrindo. Mestra Sophie tinha entendido.

—Eu não sei qual o objetivo de tua missão, Grande Mestra, mas a ti cabe o mesmo desígnio que a todo irmão na chama: os portões de Piros permanecerão fechados até que retornes bem-sucedida. Contudo, sabendo que somente tu podes julgar os resultados de tua jornada, peço-te que avalies com teu coração os passos que darás.

Ela fez um sinal e recuou um passo. Grenjor abriu os portões.

Sem se voltar para trás, Deora seguiu, parando brevemente diante daquele que garantia a segurança de Piros.

—Acólito, parto hoje em busca de meu passado, mas esta jornada só se faz possível por teres me revelado o que encontraste. Que os deuses olhem por ti e, se eu retornar com o conhecimento que busco, garanto-te que serás recompensado.

—Grande Mestra, eu não busco recompensas...

—Aqueles que não as buscam são os que, em geral, mais as merecem. Lembra-te disso.

Enquanto o portão se fechava, Deora buscou Ivoreen com o olhar. A jovem de cabeça raspada estava junto às muralhas, recostada, abrigada da chuva que caía.

—Pronta, Deora?

—Sim, Ivy. — um relâmpago rasgou os céus, iluminando sua face. — Mais pronta do que nunca.

## **Interlúdio**

—Erga-te!

O comando de Fermmoylle, brandindo a espada que refletia seus olhos de ônix, encerrou os rituais de invocação que tinha entoado nas últimas horas. Estava exausto, mas jubiloso, sabendo que seu maior triunfo se mostrava próximo. Nada, tinha certeza, poderia impedir sua conquista agora.

—Erga-te! Eu te ordeno!

Diante dele, o vulto tentava se levantar com lentidão. Talvez ainda sob efeitos da transposição entre os planos místicos, não tinha toda a sua força, embora fosse capaz de fazer tremer a réplica sombria do Salão da Sabedoria, onde estava.

Fermmoylle se aproximou, ficando perto o bastante para tocá-lo, reconhecendo naquela forma parte de si mesmo, tendo imbuído sua essência naquilo. Cofiou a barba que voltava a crescer apesar das queimaduras em seu rosto, admirado com sua própria genialidade, sabendo que seus desígnios estavam ali refletidos.

—Erga-te! Obedece teu mestre!

Como se tal ordem fosse necessária, finalmente ele se levantou. Sua sombra obscureceu toda a luz, sua aura de energia envolvendo todo o lugar. O chão tremeu.

Não era mais vulto: era ser. Ocupava todo o abismo, abrindo suas asas firmes enquanto gerava uma ventania que apagou cada uma das velas. A cauda, tal qual um longo espinho, era tão comprida quanto o pescoço esguio. As garras eram imensas, capazes de romper um cavalo de batalha sem esforço, cortando-o com as unhas compridas e arqueadas. A face, lupina, encerrava olhos de abutre e mandíbula de leão, exalando um hálito frio e penetrante. Toda a forma, porém, parecia ser feita de sombras.

Diante de Fermmoylle, erguia-se um dragão — suas escamas escuras, quase intangíveis, eram largas como

escudos, da cor da penumbra. A um sinal, porém, a besta se curvou, perdendo toda a majestade de senhora dos seres, agindo como mero animal. Ele passou a mão sobre a cabeça abaixada, como se acariciasse um filhote, sentindo o frio que o leve toque lhe transmitia. O dragão era seu.

—A Ordem Vermelha cairá!

Montou no pescoço, suas pernas envolvendo o titã reptiliano. A espada agora estava empunhada, mas suas mãos começavam a se cobrir com o gelo que envolvia a criatura — fortalecendo-o, restaurando suas forças, permitindo que exercesse ainda mais controle sobre o dragão.

Fermmylle cravou suas unhas na besta, atravessando suas escamas com pura magia, fazendo-a gritar. O urro, arauto da destruição, fez com que a réplica sombria do Salão da Sabedoria tremesse uma vez mais, ruindo, sendo reduzida a escombros enquanto o dragão alçava voo. Naquela manhã cinzenta, numa explosão de gelo, o topo do que era conhecido como Torre do Arquimago, reduto de Fermmylle, erodia por completo, dando lugar à figura alada que dominava os céus.

O necromante, em suas vestes negras, gargalhava, comandando o dragão. Sentia-se imbatível, senhor de toda a magia, sem par. Sem se incomodar com o frio que o cercava, impeliu a criatura para voar ainda mais alto, girando em círculos sobre a torre que antes fora seu ninho.

E, então, forçando-a a mergulhar, estendeu ambas as mãos, disparando uma rajada de sombras na própria torre, reconstruindo-a com pura magia. Cada tijolo antes demolido agora tomava nova forma, feita de essência mística, blocos negros criados por invocações. Contudo, atacar sua torre não era o objetivo, mas um teste — quando cessou sua evocação, Fermmylle comandou o dragão para um único ataque, uma baforada vaporosa tão forte quanto o mais perigoso tufão.

Da bocarra aberta ao alvo todo o ar ficou negro, praticamente criando uma ponte feita de um breu único, contrastando com a destruição que a magia corrompida gerava. A baforada cessou, a ponte trincou e os estilhaços escuros caíram sobre a torre.

Sem que houvesse nada para impedir, o topo da torre foi novamente destruído, desta vez levando consigo metade da construção, escombros dando lugar à placidez de outrora, blocos de pedra caindo como flocos negros de uma neve maldita.

—Agora, rumo a Piros! — bradou, olhando para o horizonte.

O dragão era seu. A vitória também seria.

## Capítulo 19

—Vem para perto do fogo.

A chuva ainda caía lá fora, sem dar sinais de querer cessar. Dentro, porém, o calor que emanava das brasas fazia com que a entrada da mina se tornasse mais aconchegante. Não que fosse um lugar aprazível, pois o teto baixo e a aparência engastada das paredes lembravam, a todo o momento, que aquele era um local de trabalho árduo.

Ivoren havia juntado algumas pedras em uma das carrinhas de metal e as aquecido com magia, tornando-as incandescentes. Mantendo-se próxima, esperava secar suas vestes, mas o ar de Deora a incomodava, pois a Grande Mestra parecia mais interessada em vasculhar as imediações — sem, no entanto, adentrar o túnel que se estendia adiante — do que procurar abrigo no conforto da brasa.

—Se há veios de lava no interior desta mina, Ivy, cedo ou tarde estaremos aquecidas.

—Não parece ser isso o que te preocupa. O que há?

Deora olhou uma vez mais na direção do túnel, esperando por algo, mas deu de ombros, resignando-se. Algo parecia não corresponder às suas expectativas.

—Não há ninguém aqui. E não vejo sinais de que tenham estado a trabalhar nesta mina recentemente. Há algo errado.

Ivoren se afastou das pedras em brasa, ainda esfregando as mãos. Olhando ao redor, foi obrigada a chegar à mesma conclusão.

—Sim, parece que saíram às pressas. Vê aquela picareta? — apontava para a ferramenta, ao lado de um amontoado de pedras junto a uma parede. — Mineiros são pessoas organizadas... Aquela picareta não deveria estar fora de lugar.

Deora assentiu, finalmente se entregando ao desejo de se esquentar junto às brasas. Apesar de seu cenho preocupado, ela sorria, sentindo-se abraçada pelo calor das pedras.

—Pronto. — virou-se para Ivoreen, instantes depois, mão no punho da espada, pronta para desbravar os caminhos da mina. — É chegado o momento.

—Que os deuses nos ajudem.

Seguiram por alguns metros, atravessando o túnel, sendo forçadas a se agacharem para atravessar certos trechos. Estalactites e estalagmites pontilhavam o caminho, agindo como obstáculos naturais a quem ousasse penetrar no coração da terra, uma beleza singular naquele lugar escuro. Mas não tardou até que Deora precisasse invocar uma magia, imbuindo sua espada com a essência flamejante, fazendo dela uma tocha... Contudo, mesmo a iluminação assim criada não parecia suficiente.

Era realmente como se transpusessem um véu de breu, caminhando pé ante pé pelo trecho desconhecido. De vez em quando, em meio aos tropeços iniciais, conseguiam ver as marcas feitas pelas carrioas no chão de pedra, aparentemente tão antigas quanto as escavações iniciais, indicando os caminhos dos primeiros mineiros. Nas paredes, porém, nada havia senão marcas de picaretas, lembrando-as de que o túnel original deveria ter sido ainda mais estreito.

—Há marcas aqui... — apontou Ivoreen, fazendo sinal para que Deora se aproximasse.

—Marcas de picareta, como as demais.

—Não, estas são diferentes. Estão indicando algo, como se fosse um lembrete. Ilumina ali. — apontou para a outra parede.

—Não há nada, Ivy.

A jovem de cabeça raspada sorriu, recordando-se dos anos anteriores a sua acolhida em Piros, quando sua sina se resumia a buscar tesouros. Havia aprendido algumas coisas

relativas às artes dos que caminhavam soturnamente e isso incluía referências a se localizar em locais desconhecidos.

—E isso, por si só, é alguma coisa, Deora. Se a marca está no lado direito da parede, é provável que esteja indicando que o caminho a seguir, caso haja escolhas, é o da direita.

—Acreditas, então, que veremos uma bifurcação em breve?

Ivoreen sorriu, suas vestes brancas tomando um tom ligeiramente alaranjado devido à iluminação criada pela Grande Mestra.

—A menos que isto seja somente uma coincidência. Crês em coincidências?

—Algumas existem. — admitiu Deora, novamente seguindo em frente. — Porém, há muitos eventos que são conectados, uns mais que outros.

—Não creio que seja apenas uma coincidência. Ainda assim, precisamos seguir adiante para descobrir a verdade.

Sem se demorarem mais, continuaram em frente, notando que o túnel começava a penetrar mais na terra, inclinando-se um pouco. Da mesma maneira, ficava mais largo, como se tivesse sido bem explorado pelos mineiros, embora ainda fosse cedo para imaginar que tivessem encontrado as famosas ametistas que fizeram de Jollern uma vila importante. Porém, ao atravessarem uma espécie de arco, reforçado com madeira escura, elas se viram numa câmara larga, com uma pedra chata bem maior que as outras ao centro.

Ainda não viam as paredes, seguindo diretamente para a pedra central, pois aquilo se destacava. Era ladeada por algumas pedras menores, à moda de degraus, como se fosse um ponto de observação ou ainda...

—Os mineiros se reuniam aqui. — Deora havia subido na pedra, olhando ao redor. — Quem estivesse aqui em cima teria uma boa visão de toda a câmara, mas também seria

visto pelos demais. Acredito que usavam esta pedra ao se reunirem, estando a pessoa com a palavra sempre aqui.

—Um palanque?

—Algo assim, Ivy. Não sei o que discutiam, mas aqui estariam se o fizessem.

Deora saltou, explorando o restante da câmara. Havia duas passagens, uma à direita e outra à esquerda, saindo de lá, menores que a entrada, um tanto mais estreitas. Junto às paredes, porém, encontrou glifos, marcas cravadas na pedra a golpes de cinzel e picareta.

—Encontraste algo?

—Mais do que eu supunha existir aqui. — levantou a espada, iluminando uma parte específica da parede. — O que me dizes disto?

Ivoren se aproximou, observando com cuidado os glifos. Pareciam transcrever algum tipo de mensagem, mas nada pôde compreender.

—Algum tipo de escrita secreta, Deora? O que será que os mineiros faziam aqui?

—Eu não sei... Talvez estudassem, talvez indicassem a maneira pela qual descobriam os veios de ametistas... — Deora caminhou em direção ao túnel da direita. — De alguma forma, acho que os segredos da mineração estão aqui descritos, mas somente os que conhecem esta linguagem podem entendê-los.

—Iniciados... — Ivoren riu, seguindo Deora. — Em mistérios diversos dos nossos, mas iniciados de qualquer maneira.

—Talvez tenhas razão. — a Grande Mestra abria caminho em meio ao corredor, notando que as marcas de carriolas diminuía. — Há mais mistérios a serem desvelados do que tempo para conhecê-los a todos.

—Isso é verdade. Por mais que eu tentasse aprender tudo, sempre havia algo mais... Tanto na Ordem Vermelha como...

Ivoren se calou, suspirando. Talvez não fosse certo mencionar nada daquilo.

—Eu nunca perguntei como Fermmylle te ensinou, Ivy. Nem o quê.

—Sei disso. — em silêncio ela se arrependia de ter dito algo. — Mas... Tudo parecia depender de uma troca, um sacrifício. Era como se a magia tivesse um preço...

—Mas tem. — a Grande Mestra parou, olhando-a. — Quando dominamos as artes místicas, recebemos a incumbência de usá-las. Não podemos ignorar o conhecimento que possuímos.

—Isso foi o que me ensinaste. — Ivoren sorriu, a chama da espada de Deora iluminando seu rosto enquanto projetava sombras difusas. — Fermmylle nunca deu valor à magia enquanto conhecimento, mas, sim, como posse. Era um bem, algo que podia ser trocado... Ou vendido.

A jovem de cabeça raspada apoiou-se numa estalagmite, invocando uma fina coluna de gelo em seu topo, ligando-a com a estalactite imediatamente superior. A luz alaranjada atravessava a criação mística, quase como um prisma, gerando fachos multicoloridos. Contudo, antes que Deora pudesse dizer algo, Ivoren a quebrou, segurando-a com a mão enquanto fazia força, esmagando-a.

—Era assim que a magia servia a ele. — fez um sinal para que prosseguissem. — E isso não é, para mim, a verdadeira essência de um...

De súbito, um som metálico foi ouvido, calando Ivoren, que prontamente sacou uma de suas adagas. Vinha de mais além, descendo o túnel, soando como uma martelada em uma bigorna. Não era o som de uma picareta na rocha, isso era certo, o que pôs as duas em estado de atenção.

Meneando a cabeça, coordenando as ações sem dizer palavra alguma, Deora se assegurou que Ivoren a compreendia. Deveriam seguir com calma, devagar, prontas para se defrontarem com o que produzira o som. Em seu íntimo, a Grande Mestra esperava que não houvesse razão

para se preocupar, mas como não conheciam o lugar, precaução não era um exagero.

Cruzaram o espaço que levava à outra câmara em segundos, evitando darem tempo a quem quer que fosse para que se preparasse. Seguiam com celeridade e agilidade, preparando-se, mas mesmo isso não parecia suficiente...

E o som se repetiu. As duas estacaram, protegendo-se junto às paredes de rocha, esperando algum ataque. Mas, em verdade, o que precisavam era descobrir se havia perigo.

Espada em punho, a Grande Mestra se ergueu, iluminando o pequeno espaço ao seu redor. Ivoreen estava atrás dela, espreitando a câmara irregular, mas nada havia ali...

...Exceto o som metálico.

Pausadamente, como se marcasse o tempo, o ruído se repetia, mais enervante que perigoso — ou, ao menos, assim o parecia. Contudo, não havia sinal de ser algum que estivesse gerando o barulho.

—O que é isso? — a jovem de cabeça raspada olhava a esmo. — De onde vem o som?

—Eu não sei. — Deora seguia junto às paredes, tentando separar reentrâncias profundas na rocha de eventuais passagens. — Mas enquanto não nos afetar, vou tentar ignorar o ruído.

—Ignorar? E se significar algo?

—Com certeza significa...

—Então? — Ivoreen abriu os braços, mãos espalmadas.

A Grande Mestra esticou sua espada em chamas, inserindo-a numa abertura baixa. Os ruídos ainda se repetiam, sempre no mesmo ritmo, como se um ferreiro diligente estivesse a forjar uma arma...

...Ou se um mineiro estivesse trabalhando a pedra.

—Grenjor...

—Disseste algo, Deora?

—Lembra de que te disse que um acólito veio até aqui? — a Grande Mestra se erguera novamente, deixando que a luz que invocara iluminasse o centro da câmara. — Ele não conseguiu resgatar todos os mineiros...

—Achas que estão vivos depois de tanto tempo?

—Não. — as chamas davam a Deora um ar triste. — O que estamos ouvindo é o eco de suas tentativas de escapar.

Ivoreen se aproximou, seus passos quase em tropeço.

—Queres dizer que a essência dos mortos aqui permanecem?

—Ainda não sei... — a Grande Mestra procurou sorrir. — Mas fica tranquila que não pretendo deixar que nenhuma de nós seja aprisionada aqui. Basta ignorar o som que...

—Falas com tanta certeza. — interrompeu — Como consegues? Lidar com a essência dos mortos não é...

—Eu já lidei com aqueles que ousaram desafiar o descanso eterno. — pontuou Deora. — Enquanto forem corpóreos, o aço pode derrotá-los.

A jovem de branco olhou ao redor rapidamente, novamente encarando a Grande Mestra.

—E se não forem?

—Espero que nossa magia seja o bastante. Mas vem, encontrei um caminho na rocha. Duvido que os mineiros tenham seguido por ele, o que significa que desbravaremos um território quase inexplorado...

—Quase?

—Assim espero. Grenjor veio aqui antes e, se foi esse o rumo que seguiu, estaremos no caminho certo.

Ivoreen assentiu, embora se mantivesse mais perto de Deora que o normal, temendo o desconhecido. Os passos ecoavam pela passagem, anunciando sua descida em direção ao coração da terra, sem que as marcas usuais da mina pudessem ser vistas no chão, provavelmente fruto da falta de uso daquela passagem. Ainda assim, havia algo ali, inefável, intangível... Poderia ser tanto a presença da essência dos mineiros aprisionados ou a concentração dos

receios e medos de Ivoreen ao adentrar um local como aquele. A Grande Mestra sabia que ela recebera algum conhecimento de necromancia ao estar sob a tutela de Fermmylle, mas talvez essa fosse a razão pela qual a jovem de vestes brancas parecia estar tão transtornada com tudo aquilo.

—Deora, quando lidaste com coisas assim? Não sei ao certo como me sinto com relação a tudo isso.

A Grande Mestra não diminuiu o passo, impelindo Ivoreen a seguir junto a si.

—Antes de nossa ida a Jollern. Tens medo?

—Estaria mentindo se dissesse o contrário.

—Medo é algo bom para se sentir. — Deora se virou por um instante, sorrindo. — Faz com que nos sintamos vivas. O medo nos ajuda a reconhecer nossos limites e permite que os superemos. Eu também sinto medo, mas sei que está sob controle, protegido, envolto pela chama que arde em mim.

—Tu ainda tens a chama. — a voz era quase um lamento.  
— A mim, o que resta?

A Grande Mestra pôs uma mão sobre seu ombro, trazendo-a um pouco para perto. O fogo em sua espada parecia ainda mais brilhante.

—Embora não possas chamar Piros de lar, o que aprendeste jamais te será retirado. A chama ainda arde em ti e te conduzirá quando tudo mais te faltar.

—Deora, eu... — Ivoreen arregalou os olhos, assustada.  
— Cuidado!

Virando-se com a espada em punho, a Grande Mestra viu algo se aproximando: um morcego, mas todo em chamas, incandescente, batendo as asas. O som das asas se confundia com o queimar constante, como se a criatura estivesse sendo consumida pelo calor. Num mergulho, ele investiu.

Deora levantou sua espada a tempo, atingindo-o de tal maneira que ele caiu no chão, partido ao meio, as asas se

debatendo por alguns segundos ainda.

E, então, antes mesmo que pudessem se aproximar, as chamas se apagaram.

Quando a Grande Mestra iluminou o local, nada havia, nem mesmo cinzas. O que quer que tenha sido aquilo, não existia mais.

—O que foi isso?

—Ainda não sei. Mas duvido que seja o último ser flamejante que veremos por aqui.

A jovem de cabeça raspada assentiu, tomando as adagas novamente nas mãos. A passagem que seguiam ainda desceu por mais alguns passos, culminando num largo corredor transversal, uma bifurcação em seus caminhos. Contudo, saber para onde seguir estava claro demais — à direita, as rochas se tornavam cada vez mais íngremes; à esquerda, ao longe, o brilho e o calor da pura incandescência jaziam. Sem questionar, as duas seguiram na direção dos veios de lava que se revelavam, acreditando ser o caminho certo.

—Prepara-te para mais morcegos em chamas. — avisou Deora, sem baixar a guarda. — Têm de haver outros...

—Eu sei. — disse, suas mãos já se cobrindo por uma leve camada esbranquiçada. — E conhecerão o gelo se ousarem nos atacar.

O calor aumentava na mesma medida em que seguiam pelo corredor. O caminho principal, marcado por pedras largas, mantinha-se firme, mas os veios de lava, devorando a terra mais solta, borbulhavam num constante vagar em direção às aberturas nas paredes. Eram como rios subterrâneos, largos e, aparentemente, profundos, mas tomados por fogo líquido ao invés de água.

A lava atravessava os sulcos da terra, desbravando seu caminho, abrindo passagem, tal qual um precursor da Ordem Vermelha, também imbuído da essência flamejante. Se houvesse tempo, estudar aquela imagem seria como reaprender muitas das lições ensinadas em Piros... Mas a

esperança de ver logo os reflexos de seu passado era mais importante que quaisquer estudos ritualísticos, isso Deora tinha certeza.

Conforme penetravam no coração da mina, seguindo aquele túnel abandonado, o corredor se tornava mais largo. A lava passava a ocupar cada vez mais espaço, não tardando até que estivessem num pontilhão estreito, caminhando com cuidado, verificando a todo o momento se mais morcegos de fogo se aproximariam, receando cada borbulhar.

Era desnecessário manter a magia de chamas sobre a espada, pois tudo se iluminava com a vermelhidão do fogo líquido. Mesmo quando o caminho, arqueando-se como ponte, cruzava dois extremos de outra câmara, não houve dificuldade alguma em vislumbrar toda a sua extensão.

O que, é claro, permitiu que facilmente percebessem que parte dele tinha ruído.

—Não conseguiremos atravessar, Ivy. — a Grande Mestra estacou, apontando para o vão. — Devemos retornar até a bifurcação.

—Eu não tenho tanta certeza. — ofereceu. — Algo me diz que estamos no caminho certo.

—Mesmo se tua intuição se provar correta, como atravessaremos? Não temos como transpor toda aquela distância, não sem asas! São quase doze metros...

A jovem ponderou por alguns instantes, o calor ao seu redor fazendo com que a camada de gelo que invocara sobre suas mãos derretesse pouco a pouco.

—Há um meio... — fechou os olhos e juntou as mãos, apontando-as para a ponte de pedra quebrada sobre a lava.

Sua boca murmurava algo que Deora não compreendia, mas reconhecia como um encantamento. Olhando para Ivoreen, a Grande Mestra notava o esforço da jovem.

Mas somente quando voltou os olhos para a ponte ruída percebeu o que a outra estava invocando: gelo, unindo as duas partes da ponte.

Não precisou de mais de um instante para que Deora a segurasse pelo ombro, guiando-a, enquanto se mantinha com os olhos fechados. O gelo derretia a olhos vistos, mas Ivoreen continuava com sua construção mística, sem dar trégua alguma. Ao chegarem à beirada da ponte, a Grande Mestra testou as camadas com o pé, assegurando-se de que eram firmes o bastante para suportá-las. Sem demora, conduziu-a por sobre o vão, rapidamente atingindo as duas o solo rochoso do outro lado, liberando Ivoreen do esforço em manter a magia, permitindo que abrisse os olhos e deixasse que o fogo desse fim à ponte gélida.

No entanto, antes mesmo do gelo derreter, a lava ao redor começou a borbulhar ainda mais. Apressaram o passo, seguindo pelo estreito caminho, visando ficar longe daquilo, imaginando não ser um mero fenômeno natural...

A preocupação não era infundada: o borbulhar as seguia, aumentando de intensidade, até que algo começou a emergir dele. De início, uma cabeça pontiaguda; depois o corpo longilíneo — humanoide, com características ofídias, mas formado por puro fogo.

—Elementais!

Ivoreen imbiu suas adagas com o gelo místico que conhecia, esperando com isso estar preparada para enfrentá-los. Deora, por sua vez, manteve a espada na altura de seu peito, defensivamente. Eram quatro criaturas contra as duas...

—Para trás, Ivy. — a Grande Mestra girava sua arma. — Fogo se combate com fogo!

A rajada de chamas que invocou não partiu de si mesma, mas da lava que as circundava. A espiral flamejante envolveu cada um dos elementais, procurando aprisioná-los, agindo como anéis de energia mística...

Mas não era o bastante. Ignorando a existência dos grilhões flamejantes eles investiram, alimentando-se da magia invocada. Para surpresa de Deora, havia falhado. E o

que fazer quando a essência mística que se domina não serve para enfrentar seu oponente?

As criaturas atacavam com labaredas. Jatos, projéteis, ondas... Tão simples quanto letais, essas formas de ataque refletiam a mística que formava cada elemental. Diante da última Dama do Fogo estavam criaturas cuja essência era a chama que tanto amava, personificando, contudo, sua faceta de destruição.

Ivoreen nada dizia, procurando se esquivar dos ataques. Deora, por outro lado, confiava mais na espada do que na sua agilidade, interpondo cada disparo místico com sua lâmina. O calor fazia com que o suor das combatentes escorresse em torrentes, suas vestes grudando no corpo, a mente nublando com a fumaça que subia da lava em curso. Os elementais atacavam, imunes a qualquer contragolpe, forçando-as a se defenderem. Entretanto, nada do que faziam tornava a situação melhor...

—Recuemos. — lamentou Deora. — Não podemos derrotá-los.

Ivoreen não se moveu. Tinham chegado tão longe... Estavam tão perto... E ela não tinha se recuperado o bastante.

—Não conseguirei construir outra ponte agora! Sigamos em frente.

—Cruzar a barreira de fogo?

—Se não podemos permanecer aqui nem recuar, só nos resta prosseguir. Vem comigo!

À frente, segurando a mão da Grande Mestra, Ivoreen atravessava o caminho estreito. Deora podia sentir a mão fria da jovem, cuja magia congelante ainda se mantinha ativa, mas a desabalada correria parecia ser a única coisa que as mantinha longe dos ataques dos elementais. Era verdade que não queriam fugir, mas não tinham como impedir que isso acontecesse.

Era impossível falar que seguiam por um corredor, pois tudo o que lhes restava era cruzar a passagem diante delas,

mal reparando que novamente se alargava, quase deixando o mar de lava para trás. O chão rochoso era mais firme, mas também cheio de rachaduras, cada uma brilhando com a mesma iluminação vermelho-alaranjada do magma...

Até que uma das pedras sob os pés de Deora se moveu um pouco. Contendo um grito soltou a mão de Ivoreen, procurando recobrar o equilíbrio. Tinha sido um equívoco acreditar que estavam sobre pedras bem presas. Em verdade apenas flutuavam sobre a lava.

—Cuidado!

O aviso da Grande Mestra não foi em vão, pois Ivoreen diminuiu o ritmo no mesmo instante, percebendo a armadilha em que haviam caído. Cada passo adiante fazia com que as pedras afundassem um pouco, liberando mais magma, por sua vez movendo as pedras adjacentes. Se uma fosse menos resistente, ao pisarem poderia submergir por completo...

—Por aqui, Ivy!

Deora fechou os olhos por um momento, canalizando suas magias. Os elementais estavam distantes, deixando de representar ameaça, livrando sua mente de se preocupar com eles. E isso, por consequência, permitiu que ungisse algumas pedras com a essência do fogo, mantendo-as imóveis, presas por suas invocações. A Grande Mestra, pela primeira vez em minutos, respirou aliviada.

Não mais corriam, seguindo apenas pela vastidão da passagem rochosa, avistando algo ao fim — um objeto oval, azulado, quase no limite da visão embaçada pela onda de calor. Era para lá que rumavam, esperando encontrar...

—Deora!

Um brado de aviso, urgente, imediato. A Grande Mestra se virou, olhando para sua companheira, abrindo a boca sem nada dizer, tomada pela aparição: um homem, ou o que restava dele, carbonizado, órbitas vazias, unhas incandescentes, coberto por ossos, carregando uma

picareta. Ivoreen apontava para ele, tremendo, receosa, incapaz de se mover...

Não emitia sons, nem cheiro. A podridão da pele queimada nada exalava, mas a aparência era terrível o bastante para causar náuseas. Deora apontou a espada.

—Este não é teu reino, criatura. — a Grande Mestra impôs sua voz, enfrentando seus próprios receios. — Deixa-nos em paz.

O ser não se moveu, ainda no meio das duas. Só então a jovem viu que não possuía pernas, flutuava apenas.

—Ele retornou dos mortos!

Ivoreen mal conseguia segurar as adagas, a camada de gelo sobre suas mãos já há muito derretida. Nunca antes teve de lidar com criaturas que voltavam da morte, por mais que Fermmylle a tivesse ensinado um pouco de necromancia — contudo, sabia o que tais seres poderiam fazer, buscando dar aos vivos uma existência inacabada entre eles.

—E para lá retornará. — a Grande Mestra avançou na direção da criatura, circundando-a, oferecendo proteção para que Ivoreen passasse incólume. — Não te preocupes, Ivy.

Antes que a jovem trajada de branco pudesse se mover, o ser carbonizado investiu, atacando com a picareta. O movimento era seco, direto, quase automático, mas forte a ponto de fazer com que Deora tivesse dificuldade em aparar o golpe, segurando a espada com ambas as mãos para evitar a vibração.

Recuando um passo, ela se preparou para um golpe que não tardou a vir. Novamente a picareta seguiu uma marcha simples e reta, sendo fácil de antever, embora tão difícil de bloquear quanto da primeira vez. Entretanto, a Grande Mestra não se limitaria a se defender somente.

Ao contrário, girou a espada no ar e a fez descer com maestria, atingindo a criatura na altura do peito. Sangue negro, quase um pó escuro, escorreu da ferida aberta, mas

o ser não se abalou — se sentira dor, nada demonstrava, permanecendo impassível.

Pela terceira vez ele atacou e uma vez mais Deora se posicionou de maneira a evitar o golpe. A cada investida, a Grande Mestra sentia sua arma pesar ainda mais...

—Vá embora! — exclamou Ivoreen, conseguindo se mexer. — Nada temos contra ti.

A criatura estacou, esticando os braços que portavam a picareta. Ainda nada dizia, nem expressão possuía no rosto com órbitas vazias, mas ali se mantinha. Era apenas a sombra do mineiro que fora, preso por suas obras inacabadas...

—Ele não partirá. — Deora golpeou o membro superior direito, causando apenas o corte e o derramamento do sangue escuro. — E eu não sei o que fazer. Se tiveres qualquer ideia, põe em prática.

Mais uma vez ele atacou, movendo a picareta com exatidão, noutro ataque seco. A Grande Mestra recuou um pouco mais, esquivando-se, sentindo não ser capaz de aparar nova investida.

Ivoreen, porém, empunhou ambas as adagas. Se o que tinha aprendido lhe valera algo, era o momento de tentar, por mais que tivesse de enfrentar os próprios medos para fazê-lo. Sabia que criaturas que se mantinham no limiar do reino dos vivos e dos mortos estavam presos a algo... Só restava saber o quê.

Ela não atacou, observando apenas. Todo o corpo estava carbonizado, até mesmo as vestes tinham sinais de queimaduras. Tudo remetia ao magma que corria pelas frestas... Tudo, exceto...

—A picareta! — a jovem de cabeça raspada saltou, adagas em punho, golpeando com as duas ao mesmo tempo, tendo como alvo a ferramenta nas mãos da criatura.

O ataque, preciso, partiu a picareta ao meio, as duas partes caindo no chão rochoso. Naquele mesmo instante,

numa explosão de fumaça, o ser se dissipou, nada mais havendo em seu lugar.

—Como soubeste, Ivy? — Deora se apoiou na companheira, abalada pelo combate. — O que te fez atacar a arma que ele carregava?

A jovem balançou a cabeça, um pouco atordoada.

—Não sei ao certo. A picareta não estava queimada como todo o resto... Era como uma peça fora do lugar.

—Ao menos a libertaste...

—Ou a destruí, Deora. Não sei ainda qual dos dois foi o resultado de meus atos.

Com um suspiro, ela se recompôs, ajudando a Grande Mestra a caminhar. Uma apoiada à outra, seguiram na direção do objeto que tinham visto antes. Os passos estavam cada vez mais lentos, suas mentes, mais enevoadas. Mas ao menos estavam próximas do que tinham vindo buscar...

## Capítulo 20

—Deora? Consegues me ouvir?

O portal em direção ao passado estava diante delas, indo do chão ao topo da construção da mina, erguendo-se sem se apoiar em nada. A superfície, antes azul como uma safira, agora estava difusa, como se nuvens claras passassem diante de estrelas. A Grande Mestra, inerte, em pé, olhando fixamente para aquelas imagens, estava imersa no parco reflexo que emanava dali. Talvez fosse mais um espelho que um portal, revelando a si mesma em outros momentos.

—Deora? De-o-ra?

O chamado de Ivoreen se perdeu, ecoando... A jovem de rubro não mais ouvia, como se nem mesmo estivesse ali.

Em verdade, acreditava, ela não estava mesmo, pois não mais reagia. Ivoreen, mesmo ao seu lado, estava só.

E enquanto a névoa lentamente se dissipava, tornando as imagens menos enevoadas, pouco a pouco tudo se revelava por completo, embora nenhum som dali emanasse. Os olhos de Deora acompanhavam atentamente, observando cada detalhe, por menor que fosse, como se estivesse atravessando um longo e escuro túnel com uma cintilante luz ao fundo. Essa luz, porém, era quase feérica, fugidia, enigmática.

E o túnel ficou para trás, em seu lugar restando uma grande caverna alaranjada, com paredes e chão de magma. Naquele portal, a Grande Mestra via a si mesma e a Ivoreen enfrentando elementais, atravessando passagens, transpondo caminhos rochosos. Não eram imagens estáticas, mas também não pareciam serem réplicas dos eventos: como um sonho, o que era visto assumia uma fluidez oscilante, quase hipnótica.

A caverna se dissolveu, mostrando um campo largo, por onde Deora e Ivoreen caminhavam. Rumavam de Piros, sob chuva, correndo em meio às trilhas enlameadas...

E mesmo isso ficou para trás, com imagens sobrepostas dos eventos ocorridos recentemente na torre rubra. Sophie recusando o medalhão, a conversa com os mestres, Grenjor revelando o portal, Tehn confessando seus sentimentos, a chegada de Deora a Piros...

Cada vez mais rápido, os eventos se sucediam. A jornada de Jollern não durou mais que um instante, o combate com a criatura que se revelou ser a ninfa mostrada em segundos, o redescobrimento do caminho da chama em um lampejo...

Os olhos de Deora viravam para os lados, bruscamente, quase numa desvairada corrida. As pupilas dilatavam e se recolhiam, norteando uma sinfonia aleatória de movimentos. A fuga da torre de Fermmoylle, os dois anos em cativo, a traição de Ivoreen, o caminho até o túmulo de Gilgalas... Não havia nada nebuloso naquelas lembranças, mas a maneira como se sucediam quase a confundia.

Ivoreen via aquelas mesmas imagens num ritmo mais lento, cadenciado. Enquanto Deora parecia reviver cada instante, ela apenas assistia a tudo, como se a vida da Grande Mestra, sob sua própria ótica, fosse narrada por pássaros sem voz. E foi assim que viu a jovem de rubro se preocupar com sua ausência depois de se tornar Grande Mestra recebendo o medalhão das mãos de Mirhaanna, reviu Sasha e Trada pedindo pela ajuda para lidar com o problema de Jollern, conheceu os segredos que Deora aprendeu ao se tornar mestra e se sentar no trono de Andora...

Era certo que não lhe faziam tanto sentido, mas ainda assim Ivoreen começou a vislumbrar mais do que esperava saber quando foi iniciada nas ruínas. E isso se somava aos eventos da busca pela veraídeya, a verdade sobre o caráter de Lufya, o encontro inicial com Tehn e Kallop...

E então veio a fuga de Ram'ul, quando Ivoreen finalmente entendeu todos os sacrifícios de Deora para salvá-la. O

confronto com Vitahi, frente a isso, pareceu ser algo simples, e mesmo a preparação para que se tornasse precursora sem grandes efeitos. Ivoreen assistia às lembranças da Grande Mestra, aprendendo o quanto significara na vida daquela que um dia a acolheu.

Enquanto isso, a jovem de manto vermelho se via discutindo com Craig, tomando o Elmo de Ametista em suas mãos, lutando ao lado de Ivoreen nas ruínas, navegando no Constelação sob o comando de Padron. O caminho da chama emoldurava tudo aquilo, encontrando Hanvor, descobrindo o significado da verdadeira magia, tornando-se acólita da Ordem Vermelha. Ela se viu em Piros, sendo inquirida por Mirhaanna após conhecer Karina e Brion... Após o naufrágio...

Deora fechou os olhos, numa atitude instintiva, procurando se proteger. Não buscava evitar reviver a maior das ondas que já assolaram os mares de Vlyn, mas apenas se preparar para algo verdadeiramente desconhecido. Daquele momento em diante, no reverso de sua vida, tudo o que pudesse ser mostrado era novo. Reviver as lembranças que tinha recuperado era uma coisa, mas tomar para si aquilo que nunca soube como seu de verdade, aquilo que sempre buscara, parecia até mesmo aterrador.

Queria fugir, mas seus pés não se moviam. Queria gritar, mas sua garganta continha as palavras. Estava presa ali, fadada a conhecer a Deora que um dia fora.

O que não sabia, porém, era que prendia a si mesma. O desejo de compreender sua tênue existência era maior do que qualquer medo que pudesse tomar conta de si.

Ivoreen viu aquele homem de túnica púrpura abraçado a Deora, procurando lhe dar forças. Entendeu ser Zagar o seu nome e que agiu como seu tutor, salvando-a daquele naufrágio iminente. Viu o momento em que embarcaram, num porto ensolarado que não conhecia... Um porto élfico.

Os membros do alegre povo, com seus corpos esguios e orelhas pontudas, olhos amendoados e semblante sereno,

estavam em todos os lugares. Elfos! Eles, que haviam deixado para trás as terras que hoje pertenciam aos humanos, ali viviam, num lugar onde se podia sentir a magia no ar — o Grande Êxodo, também chamado de Êxodo dos Filhos de Andora, ali os tinha levado. Galeões e mais galeões, naquelas águas calmas, simplesmente aguardavam pelo dia em que suas velas seriam desfraldadas novamente... Mas só a embarcação de Deora partira naquela tarde.

Não era a Grande Mestra, nem a mestra, tampouco a precursora ou mesmo a acólita. Ali estava a jovem Deora, seus olhos inocentes, em meio a elfos. Havia crescido ali, aprendido sua magia, aceita como um deles mesmo sem ter a mesma herança...

Ivoren viu anos se passarem, décadas até. Viu Deora como criança, envelhecendo apenas um pouco mais rápido do que os outros elfos. Primaveras e mais primaveras como criança, aprendendo, divertindo-se, estudando, transformando-se.

Era a rota inversa, de jovem a criança, de criança a bebê, mas era uma mudança visível e lenta aos olhos de Ivoren. Talvez pela magia do local, ou talvez...

Zagar, mais jovem, segurava a bebê Deora no colo, uma gargantilha de esmeralda sendo colocada em seu pescoço, um adorno grande demais. Estava pronto para apresentá-la a um elfo que portava duas espadas de prata embainhadas, mas ambos sorriam em meio a lágrimas de tristeza...

Ivoren só entendeu o pranto quando viu que, numa cama coberta de sangue, uma humana jazia imóvel, um bebê sem choro aos seus pés... Natimorto.

Deora se via naquela cena, mas não era ela o bebê. A gargantilha de esmeralda ainda no pescoço da humana, que lutava para trazer a filha à vida. Ela estava no colo de Zagar.

As imagens se sucediam mais lentas, morosas até. Um fecho de luz abria-se nos céus, dele vindo o bebê que

estaria nos braços de Zagar...

Ali estava Deora.

O facho se tornou turbilhão e o turbilhão se tornou límpido como cristal. Era um novo túnel aquele, mas um de luz, de magia... Um túnel criado pela vontade dos deuses.

De súbito, a imagem se desfez, mostrando uma mulher de longos cabelos escuros, com uma estrela adornando a fronte, num esquite de cristal. E, antes que pudesse piscar, Deora percebeu que aquela também era ela.

Ivoreen estava estupefata, mãos unidas se apertando, boquiaberta. Conhecia as lendas. Sabia o que estava vendo...

A mulher com a estrela na fronte não mais estava lá, mas lutava, combatendo ao lado de outros, sofrendo um golpe terrível. Um golpe que fez com que drenasse toda a essência mística existente. E aí houve dor e perda e angústia, pois em algum lugar ao longe os seres que dependiam daquela magia sofreram. Deora outra vez os viu caindo ao seu lado, mesmo não estando ali, mesmo sabendo que estavam além do horizonte.

Mas Ivoreen sabia que aquela mulher que usava um diadema em forma de estrela não era mortal. Mesmo ali, caída, ainda era Berilla, regente de toda a magia. Uma deusa. Uma deusa fadada a morrer.

E o portal de safira se nublou uma vez mais, agora rachando como se tivesse sido atingido por algo. Trincas surgiam e estilhaços caíam ao chão.

Ainda assim, as imagens que vira há pouco não saíam da mente da jovem de cabeça raspada. De alguma forma, compreendia agora quem, em verdade, Deora era.

A Grande Mestra da Ordem Vermelha era Berilla, deusa da magia.

## Capítulo 21

—Deora, o que nós...?

—Não quero falar sobre isso. — ela olhava para o horizonte, as nuvens cinza ainda no céu. — Eu não sei o que vimos lá... Queria poder compreender aqueles sinais.

—Sinais? — os passos das duas levantavam um pouco da lama deixada pela chuva. — Tudo ali foi claro demais. Vimos tua vida... Tuas vidas...

—E o que vimos? — a jovem de manto rubro estacou, olhando para sua companheira. — O passado? Mesmo? Ou o que eu queria ver? Eu me vi em meio a um povo que não o meu. O quanto disso pode ser verdade?

—Não teria sido a primeira humana criada por elfos...

—Viste meu nascimento? Fui entregue a um elfo para que cuidasse de mim... — Deora abriu os braços, sua face cansada. — Tudo aquilo e ainda não sei quem sou...

—Não? — Ivoreen segurou em suas mãos, subitamente reparando na pulseira de pedras enegrecidas que dera a ela. — Tira isso! Tira agora!

—O quê? Por que queres...?

—Não discute! Apenas tira isso de teu pulso.

Sem compreender, a Grande Mestra removeu a joia, percebendo que uma marca escura ficara em sua pele. Ardia.

—O que é isso, Ivy?

—Algo que jamais deveria ter caído em tuas mãos. — a jovem de cabeça raspada pegou a joia e a cobriu com uma grossa camada de gelo, maior até do que o necessário. — Isto é amaldiçoado.

E, sem mais palavra, arremessou-a para longe. Fazendo um arco no céu, a joia enregelada caiu em meio a arbustos secos.

—E sabias ser amaldiçoado quando me destes?

—Eu... Apenas espero que me perdoes, Deora.

A jovem de rubro a encarou, ainda esfregando o pulso. Havia algo ali que ela não explicara.

—Talvez eu o faça... Mas diz o que fizeste antes.

Ivoreen mordeu o lábio inferior, contendo o pranto. Desta vez, era um choro verdadeiro.

—Fermmylle sabe de muita coisa. Ele sabe o que dissemos...

—Como? — Deora já começava a desconfiar, embora não quisesse acreditar.

—A pulseira foi criada com o que restara de tua gargantilha. Tudo o que disseste desde que a usaste foi ouvido por ele...

A Grande Mestra colocou a mão no punho da espada, músculos tensionados, veias do rosto saltadas, cenho franzido.

—Tu não passas de uma serva! — esbravejava. — Traíste tua Ordem e traíste a mim... De novo! Eu... — o nervosismo fazia com que lágrimas comesçassem a rolar.

—Mas, Deora...

—Jamais repete meu nome! — a espada foi desembainhada, chamuscas novamente cobrindo a lâmina. — Tu não tens esse direito!

—Eu errei! — clamou a outra, juntando as mãos em súplica. — Mas isso não muda o que descobrimos acerca de ti!

—Não me dirige a palavra, cria de Fermmylle! — Deora golpeou o ar, dando um passo adiante, forçando Ivoreen a recuar.

—O facho de luz, a mulher com uma estrela na fronte... — a jovem de branco falava em súplicas. — Deora, sabes quem é ela... Quem tu és...

A Grande Mestra atacou de novo, da esquerda para a direita, quase a atingindo.

—Para! Não quero ouvir! É um desatino! Aquilo...

—Berilla! — interrompeu a jovem de cabeça raspada. — És Berilla, regente de toda a magia!

—A deusa está morta! — Deora golpeou uma vez mais, de cima para baixo, quase marcando o solo com as chamas de sua espada. — E eu sou uma mortal. Não tenho poderes divinos, não sou nada além de uma iniciada na Ordem Vermelha. E tu, serva de Fermmylle, estás morta para mim também.

—Espera! — Ivoreen tentou segurar o braço da jovem de rubro. — As imagens que vimos têm de ser verdadeiras... O que te faz pensar que...

—Eu posso ter imaginado tudo aquilo. — a garoa engrossou, misturando-se com poucas lágrimas que Deora não mais continha enquanto se desvencilhava, empurrando-a para trás. — Queria descobrir quem sou, mas não sou ninguém... Vimos meus desejos. Mas ainda não sabemos nada sobre meu passado.

—Tu és Deora. — Ivoreen tentou se levantar, apoiando-se na terra molhada que sujara suas vestes. — Tu és Grande Mestra da Ordem Vermelha. Tu estiveste em companhia de elfos e com eles aprendeste a magia que voltou a dominar quando foste iniciada nos mistérios de Piros...

A jovem de rubro deu-lhe as costas, ainda sem embainhar sua espada.

—E tu, em outros tempos, respondeste pelo nome de Berilla, deusa de toda a magia!

Deora a ignorou, caminhando de volta rumo a Piros, brigando com as lágrimas que não queria derramar .

—Aceita quem és. — gritou a jovem, socando a terra úmida, amaldiçoando a si mesma por ter feito tudo aquilo.

Mas a Grande Mestra não olhou para trás, deixando que a garoa escondesse seu choro. Ao longe, um relâmpago rasgou os céus, distante demais para o trovão ser ouvido. Ivoreen também não mais gritava.

Nada daquilo fazia sentido.

Tinha descoberto imagens acerca de sua vida... Ou talvez aquilo fosse apenas uma manifestação de seus desejos...

E, ao mesmo tempo, perdera a amiga em quem sempre confiara.

Deora embainhou a espada, chutando uma pedra solta para longe, ainda tentando focar sua mente.

Traída. Outra vez.

E talvez tivesse sido traída por seus desejos também, vislumbrando aquilo que desejava ao invés de descobrir sua verdadeira história.

Toda a sua vida permeada por traições...

Deu um longo suspiro, enxugando as lágrimas. Precisava deixar aquilo para trás e tentar compreender...

—O que é magia? — perguntou a si mesma, caminhando agora cabisbaixa, desolada.

Sabia a resposta. Era a manifestação da vontade consciente mudando o mundo. Contudo, o que podia fazer para entender esse mundo moldado pela vontade?

—Vontade é a palavra chave... — murmurou. — Aquilo era apenas uma magia em execução... Mas qual a vontade de quem a conjurou? Foi realmente mostrar o passado? Ou revelar o desejo?

Não sabia. Ela simplesmente não sabia

—Posso nunca descobrir tal vontade...

Outro relâmpago rasgou os céus. Uma tempestade estava vindo. Talvez tão grande quanto aquela que assolava sua mente.

E só lhe restava agir como a chama. Depois de tudo o que ocorrera, apenas o ardor e a força da essência da Ordem Vermelha eram capazes de confortá-la...

Ou consumi-la.

## Interlúdio

A sombra da criatura alada manchou o solo de Vlyn, finalmente atingindo a ilha que abrigava as vilas de Mitarna e Jollern. E com a sombra também veio o frio. E, com o frio, a neve.

Os flocos de neve caíam, descendo lentamente dos céus de nuvens escuras. Eram muitos, variados em formas e tamanhos, mas todos da mesma cor.

Negros.

A neve negra cobria o solo, descendo como lascas de carvão, queimando a relva, ferindo os animais. Era a essência de uma maldição ignorada... Era o arauto da chegada de Fermmoylle.

O dragão por ele montado seguia com as asas abertas, cruzando os céus enquanto sibilava. Quem olhava para cima podia senti-lo, embora não conseguisse realmente vê-lo. Era, assim como a neve, sombrio e agourento, criado por encanto, dominado por profana invocação. E respondia somente ao mago de vestes escuras.

Fermmoylle sorria enquanto sentia o vento em seu rosto marcado pelo fogo, legado de seu último confronto com um membro da Ordem Vermelha, seus olhos escuros brilhando. A pequena Mitarna se encolhia sob a sombra de sua montaria, rapidamente ficando para trás, impotente para agir. Eram, afinal, pescadores e, como tal, somente representavam ameaça aos cardumes.

—Fracos dominando os mais fracos. — o desdém em sua voz era ácido. — E ainda acham que aqueles feiticeiros vermelhos podem protegê-los...

O dragão mergulhou, passando rente às árvores e aos montes, sua aura negra tocando as folhas e galhos mais altos, tornando-os podres, tortos e quebradiços. A natureza se curvava perante a besta de corrupção, profanada por sua maligna presença.

O rastro de mácula seguia ao voo do monstro, deixando uma chaga na criação de Andora, enfraquecendo a essência daquela região. Um triste retrato do que a magia podia fazer quando usada sem consciência...

∴

Ela ergueu o rosto ao ver os primeiros flocos de neve negra. Seus olhos fixos no horizonte. Conseguia perceber a forma, somente.

—Pelos deuses! — murmurou, espada em punho, os cabelos brancos ao vento. — Espero que haja tempo...

Cravou a arma na terra escura, juntando a ponta dos dedos enquanto invocava uma pequena esfera flamejante. Não tinha o tom avermelhado de seu manto, mas sim um azul profundo, embora crepitasse com a mesma força.

Uma magia de proteção.

Com os olhos fechados fez com que a invocação assumisse outra forma, espiralando, ondulando, circundando-a... E, ao seu redor, ergueu-se aos céus, rompendo momentaneamente as nuvens negras.

Com a lâmina novamente em suas mãos, aguardou. E, em silêncio, ousou duvidar do que seus olhos viam.

Pouco a pouco a criatura se mostrava, apresentando-se em negra plenitude. As asas largas, as garras ferinas, a cauda com espinhos, as escamas escuras... Ela se julgava preparada para enfrentar aquilo, por mais que não se comparasse aos mortos-vivos que antes derrotara...

...Até que a viu soltar uma baforada, enegrecendo o céu ainda ao longe. Naquele instante, hesitou. E, com isso, sua magia azulada perdeu a força.

—Um dragão?!

Empunhou a espada com ambas as mãos, engolindo em seco, pois sabia que era a última linha de defesa antes de Piros. Mesmo fraca, lutaria até o fim.

∴

Fermmylle ergueu a cabeça segurando a marcha de sua montaria, pairando no ar, as asas criando lufadas firmes.

Porém, não foi receio o que o fez parar, mas júbilo — encontrar uma feiticeira da Ordem Vermelha, sozinha, serviria como teste para sua criação.

—O fogo que arde te consumirá! — ela cravou a espada no chão, a lâmina incandescendo, derretendo o negrume da neve enquanto criava uma esfera de chamas ao seu redor, tal qual um escudo protetor. — Daqui não passarás!

Com um grito, ele impeliu o dragão adiante. O urro do monstro de sombras estremeceu o chão, forçando a feiticeira a se apoiar na espada para não perder o equilíbrio. Mas foi apenas o primeiro movimento de uma sinfonia de ataques, pois tão logo pousou diante da velha feiticeira, pondo fim à relva sob suas patas escuras, ele inspirou fundo.

A outra sabia o que viria. Jamais confrontara um dragão, nunca sequer tinha visto um tão perto, mas de uma coisa sabia: não havia dragões feitos de sombra. O que estava diante dela não era algo natural.

—Tua magia não é páreo para a força de uma Dama do Fogo! — ergueu sua espada diante dos olhos, seu corpo antes arqueado pela idade agora tomado por uma energia que parecia alimentada pela chama que criara ao seu redor. — O fogo extingue toda sombra!

—Guarda tuas palavras para teus pupilos, megera vermelha! A sombra existe porque algo ousa brilhar. E teu amado fogo não é nada!

Como se as palavras de Fermmylle fossem a deixa necessária, o dragão soltou uma baforada. Ao invés de fogo, um gás escuro foi exalado, uma nuvem de asco úmido que nublava a visão...

Mas a feiticeira não esperou para saber qual o efeito daquele ataque. Apontando a espada flamejante, o brilho das chamas aumentou ainda mais, com sua própria essência assumindo a forma do lendário pássaro que somente aqueles que um dia usaram o medalhão de Grande Mestre da Ordem Vermelha sabiam invocar.

—Eu já derrotei uma Dama do Fogo antes e posso fazê-lo de novo!

O brado de Fermmylle saiu surdo, pois toda a chama ao redor da mulher de manto vermelho se concentrou na espada. A mão da mestra, como se marcada a ferros, doía a ponto de quase impedi-la de segurar sua arma, mas em nenhum momento fraquejaria, pois o encanto teria de ter êxito. E a chama passou a se tornar viva, abrindo as asas do pássaro flamejante que se tornava, investindo adiante como Fênix que era.

A ave de chamas cruzou o ar, mergulhando diretamente na nuvem escura exalada pelo dragão, consumindo-a com seu calor, reduzindo-a a nada. Diante dela, restava agora apenas o monstro de sombras e quem o montava.

A feiticeira apoiou-se na espada novamente, sentindo o peso da magia que invocara. O Fênix lutaria por ela agora, pois pouco a mestra poderia fazer...

Então Fermmylle saltou, atingindo o solo com sua própria arma desembainhada. Que sua criação lidasse com o pássaro de chamas e sucumbisse se assim fosse preciso, mas que nada interferisse com o que iria fazer: tomar para si um prêmio inestimável.

—Todos os que me desafiam tombam. — rosnou, disparando um raio negro na direção da velha.

Ela se esquivou, quase caindo ao chão. Não tinha os reflexos de outrora, nem a força que lhe permitisse contra-atacar...

O Fênix atacava com suas garras incandescentes, rasgando o couro de sombras do dragão, fazendo-o se encolher. A criatura revidava, mas a sombra não parecia ter o ímpeto necessário para que a ave de fogo fosse ferida. Seria questão de tempo até que as chamas consumissem a escuridão.

Mas Fermmylle não parecia ter pressa. Com seus passos cadenciados, mantinha a espada abaixada, olhando diretamente para sua adversária. Num ritmo compassado,

disparava outros raios negros, um de cada vez, fazendo com que a feiticeira de manto rubro se encolhesse bloqueando os disparos, primeiro com sua espada, depois com o que restara de sua magia.

Ele estava diante dela, a arma apontada diretamente para seu peito, os olhos perfurando sua alma. O Fênix triunfava, mas a batalha contra o dragão ainda duraria algum tempo...

Tempo que a mestra não tinha.

—Fazer com que Deora acreditasse naquilo que eu queria foi fácil, mas isso me impediu de descobrir os segredos que guardais. Se falares, deixar-te-ei viver.

Ela estava caída, sua espada ao seu lado, seu corpo aquebrantado. Mas não seu espírito.

—Há certas coisas que são apenas murmuradas ao ouvido de um Grande Mestre. — tossiu, cobrindo a boca com uma mão. — Tu nunca serás nem mesmo um acólito. — olhava agora para baixo, sentindo o gosto de sangue.

—Tola! — cravou a espada na neve negra, bem ao lado da mestra. — Estou te dando uma chance de viver, verme!

—Eu jamais viveria — balançou a cabeça. — se traísse aqueles que confiaram em mim. Sobreviveria, apenas.

—O que pode te dar tamanha força, Dama do Fogo? Não sabes que posso fazer com que sofras até que clames para Gwyanna te conduzir ao reino dos mortos?

—Minha alma seria consumida pela mesma chama que conheço se minha boca fosse o alçó de minha Ordem.

Fermmylle a esbofeteou com as costas da mão, atingindo-a com os nós dos dedos. Se queria sofrer, que assim fosse, mas sucumbiria ao final. Todos sucumbiriam...

Ela, porém, mantinha-se calma. Enquanto confrontava o mago de negro, podia ver o Fênix triunfante sobre o dragão de sombras... Mas agora precisava da força da ave flamejante: em silêncio fechou os olhos, ateando fogo à pira interior, fazendo dela um farol a chamar o Fênix.

E o pássaro de chamas atendeu. Virando-se, voou na direção de Fermmylle, asas abertas, garras prontas.

—O fogo que arde... — murmurou a mestra, abrindo os olhos.

O mago de negro contemplou aqueles olhos por um instante, o bastante para que pudesse ver o reflexo das chamas que voavam em sua direção. Contudo, não se virou: com um gesto, disparou outro raio negro, o maior que pôde invocar.

—...Um dia se apaga. — completou, olhando para o corpo sem vida aos seus pés.

O Fênix jamais o atingira, desaparecendo em pleno ar quando a feiticeira de manto rubro tombou pela derradeira vez. Ele ainda sentia o calor das chamas que há pouco estavam tão perto, a ponto de chamuscar suas vestes, mas não mais havia ameaça alguma.

Em verdade, nada havia entre ele e Piros.

## Capítulo 22

—Fermmylle...

Deora olhava para cima, vendo a sombra que se impunha sobre ela enquanto os flocos de neve negra caíam aos montes. Ainda assim, mesmo não conseguindo discernir a figura do homem montando o dragão negro, rumando para a torre que tinha como lar, ela o sentia — aquela aura pesada jamais lhe passaria despercebida.

—E ele é louco o bastante para vir até aqui. — ela sacou sua espada da bainha sem hesitação.

Para trás havia ficado a dor, a tristeza, a lembrança de Ivoreen. Tudo aquilo foi ofuscado pelo som do primeiro ataque do dragão de sombras, atingindo o teto da torre com uma das garras, abalando parte da estrutura e deixando que as pedras rubras caíssem lá do alto. A Grande Mestra correu, seus pés afundando na neve negra enquanto cruzava os portões em direção à estrutura principal. E lá estava Grenjor tendo deixado o posto de sentinela, permanecendo na base das escadas olhando para cima, tremendo.

—Por tudo quanto é mais sagrado, Grande Mestra, — ele mexia as mãos, apertando-as, seus olhos arregalados. — o que é isso?

—É algo que todos nós precisamos enfrentar juntos, acólito. Vem comigo. Agora!

Subiram correndo, dois degraus de cada vez. A torre, que antes já parecia vazia, agora tinha um ar desolado. O dragão continuava atacando, seus golpes traduzidos nos tremores que sentiam a cada passo, nos vitrais que estouravam, nas colunas que trincavam...

Piros. A torre. O sonho de Hanvor. Lar de cada um dos membros da Ordem Vermelha... Deora subia sem pensar em outra coisa, sem deixar que sua espada se abaixasse, sem que o peso do medalhão de Grande Mestra deixasse de ser sentido.

Era aquela a confraria pela qual era responsável. Aquele acólito que a seguia tinha certeza de que ela poderia salvá-los... E queria ter essa mesma certeza.

Um estrondo. Gritos.

Estavam os dois já no último andar, pisando sobre os cacos do que restara do vitral arroxeadado. O Salão da Sabedoria estava a poucos passos... As portas estavam escancaradas... E Tehn estava caído junto a uma delas, olhos fechados, sangrando.

—Grenjor, cuida do mestre! — Deora podia ver Sophie lá dentro, armada, invocando magias.

Porém, ela engolia em seco. A Grande Mestra sabia que tinha de lidar com a ameaça a Piros, mas lhe doía deixar um irmão na chama ali, somente sob os cuidados do acólito. Mas se nem Sophie olhava para trás, o perigo que confrontavam requeria toda a atenção...

O Salão da Sabedoria estava em ruínas. Os troncos estavam tombados, — um deles em chamas — o chão trincado, pedras rubras que antes formavam a abóbada amontoadas como se jogadas a esmo. No centro, junto à chama central, estava Sophie, seus trajes rubros rasgados em algumas partes. Sobre ela, porém, aparecia o dragão.

O monstro golpeava o ar com suas garras, gerando uma onda de sombras que vinha na direção da mestra. Sophie se defendia com espada e com magia, mas tinha também de se preocupar com os escombros que a cauda da criatura negra criava ao atingir as paredes da torre. Deora podia ver o quanto ela se esforçava, e também o quão pouco conseguiria suportar.

—Ninguém ferirá meus irmãos na chama! — bradou a Grande Mestra, mão espalmada revelando a marca que recebera junto com o medalhão, disparando uma esfera de fogo na direção do dragão. — Parte!

Sophie se virou na mesma hora em que a criatura foi atingida, permitindo-se respirar com mais leveza por um

minuto. Contudo, montado no monstro de sombras, Fermmylle finalmente se mostrou.

—Então minha marionete decidiu mesmo se voltar contra mim? E ainda me ameaça?

—Grande Mestra, — Sophie mantinha os olhos no dragão. — ele atacou como um covarde, sem aviso e...

—Ninguém me chama de covarde! — Fermmylle lançou um raio negro, sua face contorcida em fúria.

Mas o raio foi desviado. Mais que depressa, Deora colocou sua espada na direção da magia, protegendo Sophie. Ela cerrava os dentes.

—Tuas magias não te servirão enquanto eu estiver aqui. — sentenciou a Grande Mestra. — Protegerei este lugar!

—Pena que chegaste tão tarde, não é, Dama do Fogo? — o mago de negro riu. — Não podes proteger a todos...

Lançou algo, gargalhando. Em meio ao pano vermelho que o envolvia, o objeto esférico rolou até parar próximo à chama central... Finalmente deixando que o fogo o iluminasse. Tinha o cheiro de sangue.

—Vê o que acontece com quem me desafia, Dama do Fogo. Vislumbra teu destino.

Ante um aceno de Deora, Sophie se aproximou e desvelou o que lá havia. O grito surdo e a súbita perda de equilíbrio fizeram com que a Grande Mestra olhasse para lá naquele mesmo instante...

Era a cabeça de Mirhaanna.

As palavras faltaram, assim como o fôlego e a razão. Para Sophie, aquela era uma líder nata, conhecedora profunda da ritualística da Ordem, conselheira, irmã na chama. Para Deora, era ainda mais: a mãe que jamais tivera, que lhe dera um rumo na vida.

Para Fermmylle, era somente um inimigo que havia tombado.

Inspirando fundo, a Grande Mestra conteve as lágrimas e encarou seu oponente. Nunca antes sentira tanto ódio, tanta fúria, nem mesmo quando Ivoreen a traíra... E tudo

isso porque nunca antes tinha sentido tanta tristeza. Mas não daria ao mago de negro o prazer de vê-la sofrendo. Não hoje.

E aquilo teria de terminar ali.

Os olhos de Deora assumiram um tom de chamas enquanto invocava a secreta magia que um dia Mirhaanna lhe confiou. Desta vez não precisou mergulhar no seu íntimo e acender a tocha que levaria consigo no caminho da chama. Não, não havia necessidade de uma jornada tão longa. Ela era uma iniciada na Ordem Vermelha, uma Dama do Fogo. A última Dama do Fogo. E tal qual a chama, haveria de brilhar, extinguindo toda sombra.

Sophie recuou. Grenjor ergueu os olhos marejados. Fermmoylle hesitou.

Mais do que invocar o Fênix, Deora havia assumido suas feições. Braços abertos à moda de asas, mãos arqueadas como garras, olhos penetrantes. A espada ainda em mãos parecia uma extensão das chamas que a envolviam, como se una fosse com elas. A Grande Mestra da Ordem Vermelha, naquele momento, era chama viva.

O Salão da Sabedoria foi tomado por aquela incandescência, ardendo como um todo. A chama central se mesclava com Deora, assumindo a forma de uma grande pira, uma coluna que alcançava os céus.

Aquele fogo atingiu o dragão de sombras, que se contorceu em dor, urrando ao ter seu couro negro queimado. Sophie já retornava para junto de Tehn e Grenjor, incapaz de suportar o calor, embora não sentisse sua pele arder. Fermmoylle tentava lutar, mas todas as suas ações pareciam em vão.

Deora apontou a espada e uma rajada de chamas feriu o dragão em uma das asas. A magia foi tão forte que atravessou a criatura, rompendo as sombras, deixando um largo buraco no lugar...

Com a dor, o monstro negro perdeu toda a sustentação, tombando em direção a uma das paredes, rachando-a,

fazendo com que mais rochas rubras caíssem desta vez para fora, atingindo as construções anexas à torre, reduzindo-as a ruínas.

Mas Fermmylle se segurava. Agarrado a um dos chifres de sombras se mantinha montado, incapaz de vencer a Grande Mestra em seu solo sagrado...

—Se Piros te dá tanta força, é Piros quem atacarei.

Com um gesto, o mago de vestes negras disparou outro raio, mirando uma das pilastras do corredor que levava ao Salão da Sabedoria, explodindo parte do seu capitel já enfraquecido pelos ataques à estrutura da torre. Sem a sustentação, parte do teto cedeu.

Deora se virou de imediato, vendo que Sophie e os outros dois estavam sob as rochas que caíam. Ela gritou, disparando uma rajada de chamas que desviou parte das rochas, mas não foi o bastante.

Mestra Sophie empurrou Grenjor para o lado quando viu o enorme bloco de pedra, mas tudo parecia acontecer lentamente: o acólito se chocou contra uma das paredes, caindo ao chão, e ela se deitou sobre o corpo de Tehn, procurando protegê-lo do impacto...

E naqueles breves instantes os olhares de Deora e Sophie se cruzaram. Havia serenidade naqueles olhos, como se exalasses a sensação de dever cumprido. O grito da Grande Mestra ainda ecoava, como se o som pudesse impedir que a rocha caísse...

Mestra Sophie não gritou. Talvez nem ao menos tenha sentido dor.

Quando Deora se virou, Fermmylle e o dragão de sombras não estavam mais ali, mas a torre tremia. Por instinto correu para o que restara de uma das janelas, tentando vê-lo ao longe, mas o monstro montado ainda estava perto, junto à base da torre, golpeando vigorosamente.

Piros não mais suportaria.

A Grande Mestra soltou outra rajada de chamas, quase se exaurindo, mas Fermmylle conduziu sua montaria para segurança, afastando-se.

A torre tremia. Deora podia ver as rochas caindo perto e longe.

Grenjor estava novamente em pé, erguendo a pedra sobre Sophie com dificuldade. Contudo, não havia esperança. Soluçando, jogou a pedra para o lado, silenciosamente orando por aquela que havia salvado sua vida...

As chamas que envolviam Deora diminuíram e ela cambaleou para trás, perdendo o equilíbrio e desabando junto da chama central. Aquela chama era tudo o que restara de Piros... A torre, tremendo e ruindo, não aguentaria.

Mas Deora não reagia. Frente a tudo, a Grande Mestra finalmente sucumbiu, entregue ao pranto.

Seus olhos embaçados pelas lágrimas ainda tentavam buscar os tronos que antes adornavam o Salão da Sabedoria. Onde estava o de Hiljam? Por que os tronos de Lapher e Val'ys estavam fora de lugar? Era o de Gwyanna que estava em chamas ou o de Dalya? Era o trono de Nivus que estava sobre o de Andora?

O trono de Andora... O assento de Deora, logo que assumiu os deveres de mestra da Ordem Vermelha, estava ali, aparentemente intacto, protegido pelo trono de Nivus, como se o pai da deusa não permitisse que algo de ruim acontecesse com ela.

E Deora chorava. Suas lágrimas desciam aos borbotões, caindo sobre a chama central... A chama que nunca se apagava...

—Vamos, Grande Mestra! Precisamos sair daqui...

Grenjor a agarrara pelo ombro, mas era difícil tirá-la de lá. Em verdade, ela mal ouvira o acólito chamá-la em meio à ruína que tomava conta do lugar.

—Grande Mestra!

Ele a chacoalhara desta vez, agachando-se para que seus olhos encontrassem os dela, mas em vão...

—Vai, acólito... Nada mais resta aqui...

—Não sem ti, Grande Mestra. Levanta!

E as lágrimas de Deora rolavam, todas caindo sobre a chama central, essência da Ordem Vermelha...

...Até que Grenjor não mais sentiu o calor da chama que nunca se apagava.

Olhando para baixo, a chama ainda estava lá, mas as lágrimas da Grande Mestra pareciam flutuar ao seu redor, como se formassem um invólucro, uma proteção. O acólito puxou Deora pelo manto novamente, forçando-a a olhar aquilo, finalmente fazendo com que seu choro cessasse.

Mas aquele invólucro de lágrimas continuava flutuando, envolvendo a chama central numa rede que se solidificava, cristalizando, tomando a forma de uma grande lágrima. Antes que pudessem se dar conta, a chama que nunca se apagava continuava acesa, brilhando dentro de uma lágrima de cristal.

—Por Berilla! — balbuciou Grenjor, tentando se erguer de novo depois de mais um tremor. — Grande Mestra, nós...

—Eu sei. — interrompeu, já de volta a si mesma. — Vamos.

Deora agarrou a lágrima de cristal e se apoiou no acólito, que a conduziu em direção às escadas. Esculturas ao chão, vitrais rachando, paredes ruindo, tapeçarias rasgando... O que um dia possuiu uma aura de placidez agora estava embebido em caos.

Queria que tudo aquilo cessasse, que fosse apenas um pesadelo e que acordasse logo. Não mais via para onde seguia, sendo levada por Grenjor enquanto reagia simplesmente. Seu olhar não tinha foco, suas pernas não tinham forças... E tudo ruía.

Rochas caíam ao seu lado, pedras rolavam, pilastras cediam. Tudo ficava para trás, tudo se tornava nada...

A torre tremia cada vez mais. Não havia mais tempo e ainda tinham de descer outro andar. Grenjor gritava em desespero, abrindo caminho, mas foi Deora quem tomou a frente ao ver que o teto começava a rachar por completo.

—Por aqui!

Segurou-o pela mão e partiu em direção a um dos aposentos, aquele que um dia pertenceu a Hanvor, irrompendo pela porta que caiu ao menor toque.

A janela, coberta por cortinas rubras, foi para onde se dirigiu, atravessando-a de salto, trazendo o acólito consigo, mesmo sem saber onde aterrissariam.

Em seguida, a torre de Piros, sede da Ordem Vermelha, tombou.

## Capítulo 23

—Pelos deuses!

Ivoren tinha visto Fermmylle passar por ela, voando baixo em seu dragão de sombras...

E ele havia percebido que ela o observava.

Era verdade que aquele olhar frio a tinha paralisado, impedido que agisse contra ele. Era verdade que aquele olhar também revelava o júbilo por ter vencido a Ordem Vermelha. Era verdade que nada restava...

...Exceto a esperança.

A jovem de cabeça raspada correu até os escombros procurando por sobreviventes, erguendo pedras, tentando dissolver a neve negra com sua magia, olhando em todos os lugares.

Desespero.

Fermmylle não poderia triunfar. Não agora que compreendera a verdadeira origem de Deora. Não agora que sabia o quanto a Grande Mestra havia se importado com ela...

Não agora que talvez houvesse uma chance de reverter o mal que causara a quem lhe queria tão bem.

Fechando os olhos, buscou se concentrar, querendo com seu poder místico encontrar alguém...

E assim foi capaz de chegar até Grenjor. Deora não podia estar muito longe.

Arrastando-o para junto das muralhas, ainda parcialmente em pé, ela voltou para procurar pela jovem de manto rubro. Desta vez, encontrara uma trilha de sangue.

Mais que depressa a seguiu, sabendo que cada segundo contava, não ousando falhar. O rastro a levou para além de um amontoado de pedras. Deora havia cambaleado até ali.

Ivoren sabia que não era tão versada nas artes da cura quanto ela, mas haveria de tentar. Impondo as mãos sobre os ferimentos, deixou que os sentimentos guiassem sua vontade. E assim conseguiu salvá-la.

Abrindo os olhos, a Grande Mestra se permitiu sorrir. Ainda não tinha se apercebido de que era Ivoreen quem a curara, sentindo apenas o calor da magia sem focar a mente. Foi apenas depois de uns instantes que percebeu quem estava ali.

E sorriu.

Era um agradecimento silencioso, um perdão, e era tudo o que Ivoreen queria... Tudo o que precisava. Compartilhando daquele sorriso, ajudou Deora a chegar até o lugar onde deixara Grenjor...

...Finalmente vendo o que restara de Piros.

Quem era a Ordem Vermelha? Naquele momento, uma confraria destruída, formada pela Grande Mestra Deora, mestres Hanvor e Craig, precursora Milenna, acólito Grenjor... E quantos mais estivessem além-mar, lutando contra uma ameaça que Ivoreen jamais compreendera por completo. Isso se não tivessem tombado como a torre que servia como um farol a iluminar o caminho dos mortais. Eram cinco. Restavam cinco. E mais nada.

—O que faremos, Grande Mestra?

Grenjor ainda não se levantara, abrindo os olhos com vagar, protegendo aquela lágrima de cristal como se fosse mais importante que sua própria vida — e talvez fosse. Olhando para os escombros da torre, esperava que houvesse alguma resposta.

—Olha para mim, acólito. — Deora se apoiava em Ivoreen enquanto batia a neve negra de seu manto. — Piros ainda existe em nossos corações. Contudo, sua essência sempre foi a chama central... A chama que carregas nesse invólucro de cristal é o que permitirá que, um dia, reergam uma torre de ideais, e é por isso que quero que partas.

—Partir? Grande Mestra, eu...

—Acólito, eu não descansarei até que aquele que nos causou tanto mal, tantas perdas... — a mente dela tentava se focar na situação, mas a lembrança da cabeça de Mirhaanna junto ao fogo era forte demais para ser

esquecida. — Irei enfrentá-lo, acólito. E por tudo quanto é sagrado, por essa chama que carregas, eu o derrotarei.

—E para onde queres que ele vá? — Ivoreen havia se afastado um pouco, sentando-se sobre uma rocha rubra, o negrume daquela neve manchando a barra de seus trajes. — Hanvor não...

—Sei que Hanvor não tem condições de reequer Piros, Ivy! — a voz de Deora estava mais alta, seus olhos vermelhos e marejados. — Não será ele quem fará isso.

—Mas quem, Grande Mestra?

—Eu não sei, acólito. — ela abaixou a cabeça por um instante. — Apenas sei que não será em Vlyn. Em algum lugar, cruzando os mares, outros irmãos na chama combatem por aquilo que acreditamos. Encontra-os. Testa-os. E se forem valorosos, entrega a chama central e os ajuda a criar uma nova Piros.

—Testá-los? Grande Mestra, sou apenas um acólito...

—És o guardião da chama central, Grenjor. Isso faz de ti mais que um acólito. Testa teus irmãos na chama em bondade, humildade, caridade, sabedoria e virtude. Isso teu coração reconhecerá, meu irmão.

—Grande Mestra, é mesmo o que desejas? — ele esfregava as mãos, tentando afastar o frio. — Tenho tantas dúvidas... Nem mesmo me julgo preparado...

—Nenhum de nós está. E eu mesma tenho dúvidas, Grenjor... Não sei qual será o destino da Ordem Vermelha, mas acredito que dependa dessa chama. — ajudou-o a se levantar, em seguida se despedindo como dois irmãos na chama o faziam. — Confio hoje mais nas dúvidas que nas certezas, acólito. As dúvidas nos fazem buscar as respostas, as certezas nos forçam a crer que já as temos. Vai, sob a proteção dos deuses, e leva contigo a bênção que somente a Grande Mestra pode dar... Tua tocha, nesta jornada, é a chama central. Mas não retornarás após cumprir tua missão, acólito, pois ela não terminará aqui.

Grenjor fechou os olhos e tentou sorrir, mas tudo se desvaneceu quando, ao abri-los, a cena de destruição ainda existia. Sem dizer palavra alguma, ele se afastou, cobrindo a lágrima de cristal sob o traje rubro que usava.

—Nunca ouvi nada sobre essa bênção. — Ivoreen esperara até que ele estivesse longe o bastante para não ouvi-las.

—Nem eu. Mas basta que ele acredite para que seja verdadeiramente abençoado...

Ela suspirou. Agora só uma coisa restava.

—Fermmylle foi para leste, não foi?

—Sim. Achas que atacará Jollern?

—Não. — Deora sorriu levemente, desembainhando a espada para limpá-la. — Uma vez me disseram que, em sonho, o lago Glorianna congelara. É lá que ele se esconde.

—No lago?

—Sobre ou sob ele. Mas nada vai me impedir de chegar até Fermmylle. Ele e sua criatura de sombras vão pagar pelo que fizeram.

Ivoreen se ergueu novamente, quase num salto.

—Será assim, então? Tua jornada se iniciou com vingança, logo que ele permitiu que deixasse suas masmorras. É a vingança que te conduzirá agora?

—O que me resta? Ele destruiu tudo o que havia...

—Tu és a deusa da magia! Tu podes mudar isso...

—Para com tal bobagem! Nada daquilo que vimos é real... E, ademais... — Deora embainhou a espada, enxugando uma lágrima no manto rubro. — Se eu tivesse poderes divinos, teria condições de impedir a queda de Piros. Eu não desejei isso! Queria que triunfássemos...

—Talvez a Ordem Vermelha triunfe... Afinal, a tua jornada precisa ser percorrida até o fim... Mas não despreza teu dom, tua origem...

—Eu não sou uma deusa! Sou mortal... Como tu és... Como Fermmylle é. E verei o sangue dele em minha espada...

—E serás movida pela vingança?

A Grande Mestra assentiu, já seguindo na frente.

—Apenas agirei como a chama, Ivy... Só que serei uma labareda, uma pira funerária para aquele que destruiu o que eu amava. Vamos.

## Capítulo 24

—Sabes onde estamos?

Deora fez um sinal afirmativo com a cabeça, mantendo-se em silêncio. Tinham conversado pouco desde que deixaram o local onde a torre rubra tombara, atravessando o descampado com os pés firmes, marcando a neve escura como se fossem marteladas de um ferreiro insone. Ivoreen já desistira de ouvir a voz da Grande Mestra, pois desde que iniciaram o que poderia ser a última jornada das duas, nada além de gestos ou acenos recebera. Introspecção? Remorso? Tristeza? Lembrança da traição? A jovem de cabeça raspada não sabia o que era, tampouco supunha como mudar isso.

—Sonhos desfeitos são piores do que pesadelos criados...

—Sim, Ivy! São mesmo. — Deora estacou, encarando a ex-acólita, seu tom mais ríspido do que o de costume. — E o que queres de mim? Que converse animadamente depois de tudo o que ocorreu? Que falemos sobre esperanças? Que eu esqueça o que tu me fizeste passar? Que esperanças posso ter depois de tudo aquilo?

—Mas tu és...

—Se ousares falar de novo sobre Berilla, largo-te aqui. Chega disso! Chega de conversa! Chega!

A Grande Mestra se sentou, quase se jogando ao chão, levando as mãos à cabeça. Não havia dúvidas de que estava chorando, mas as lágrimas rolavam caladas, inertes, respeitando a dor de quem as derramava. Ao tocarem a neve negra, criavam pequenos buracos, leves sulcos, perfurando enquanto se dissolviam, transformando-se naquela massa fria e escura.

—É esse o fim da Ordem Vermelha então? A Grande Mestra ficará entregue ao desespero, incapaz de ir adiante? É isso o que desejas?

Deora não se moveu, agindo como se não ouvisse as palavras de Ivoreen. Talvez não estivesse.

—Então aqui fiquemos. Ou melhor: procuremos um abrigo quente e nos esqueçamos de tudo isso. Um dia, quando se lembrarem do que foi a Ordem Vermelha, falarão de como Fermmylle a venceu. Que foi fácil porque a confraria já estava destruída por dentro, dividida... Talvez mencionem o nome da última Grande Mestra ou talvez caia no esquecimento. Afinal, quem se importará?

A jovem de rubro passou a manga do manto no rosto, enxugando as lágrimas, lentamente levantando a cabeça. Ela sempre tinha sido a ponderada, a forte, a que sabia o que tinha de ser feito...

...E sempre pôde confiar em Mirhaanna para guiá-la quando a dúvida a assolava. Mas, agora, estava só.

Não havia mais Mirhaanna. Não havia Piros...

E, em seu peito, o medalhão que a lembrava que era a Grande Mestra de uma irmandade em ruínas pesava mais do que um dia imaginou ser possível.

—Eu...

—Levanta, Deora! — Ivoreen estendeu a mão. — Tu me salvaste em três ocasiões, então permite que te salve desta vez. Não foi em Piros que te fiz viver: é aqui que o farei! Dá tua mão e te ergue, pois não é hora de sucumbir a esse desespero. Sabe quem se importará contigo quando os últimos dias da Ordem Vermelha forem narrados? Eu.

A jovem de rubro tomou a mão da outra com vagar. Ivoreen prontamente a apertou.

—Posso não ter o direito de te chamar de irmã na chama, Deora de Piros, — com um puxão firme, fez com que a Grande Mestra se firmasse em seus pés — mas tenho o direito de te ver pronta para defender o que acreditas. Tua jornada não acabou ainda. Tampouco a minha.

Deora a abraçou com força. Era o abraço que queria poder dar em Mirhaanna se houvesse uma segunda chance.

—Ivy...

—Mesmo quando eu ignorava, tu estavas lá, por mim, querendo que trilhasse o caminho correto. Desta vez sou eu

quem te guia, mostrando-te o rumo a seguir. Falta pouco agora.

Ivoreen deu um passo para trás, sorrindo com ternura. Em verdade, estava tão amedrontada quanto Deora — sabia quem era Fermmylle ou, ao menos, quem ele se mostrara a ela. Contudo, aquela neve negra que caía lhe parecia uma prova incontestável de que ele tinha muito mais poder do que havia demonstrado.

A jovem de rubro inspirou fundo, como se aquele ar frio pudesse lhe dar forças agora que a calma parecia lhe voltar. Com os olhos semicerrados, deixou que o ar saísse juntamente com seus medos e preocupações.

— Sim, falta pouco. — olhou para o horizonte, a linha confundindo-se com o negrume da neve acumulada. — E temos de aproveitar cada instante, pois aquele monstro de sombras está ferido. Não quero dar a Fermmylle a oportunidade de cuidar de sua montaria.

Ivoreen assentiu e as duas se puseram em marcha. Talvez alcançassem seu destino antes do sol se recolher. Ela, porém, sorria ainda mais por dentro, pois havia conseguido — as dúvidas e as lágrimas de Deora tinham ficado para trás.

Mas não o receio, sobretudo quando vislumbraram o lago Glorianna: as águas estavam congeladas, turvas, quase negras. E, como se uma maldição tivesse caído sobre aquele lugar, nenhuma ave ousava cruzar os céus escuros, a neve descendo cada vez mais forte, quase como um véu a cobrir a paisagem.

Seguiram para a margem, junto a um dos marcos de pedra, enfrentando um vento ainda mais cortante. Deora na frente, seu manto rubro agindo como um leve escudo de chamas, protegendo a jovem de cabeça raspada que se mantinha perto o bastante para sentir um pouco do calor daqueles trajes ritualísticos.

— E agora?

—Atravessaremos o lago. — Deora testava a água congelada com o pé, verificando se poderia suportar o peso delas. — Eu não sei aonde chegaremos, mas a cada passo nossa jornada estará mais próxima do fim.

—Daqui a pouco a noite vai reinar...

—Eu sei. Mas se for isso o que terei de enfrentar, que seja. Estou pronta para fazer justiça. — a Grande Mestra olhava adiante, vislumbrando uma espécie de caminho em meio às ondas congeladas, sua mão já no punho da espada.

—E conseguir tua vingança. — murmurou a jovem de branco.

—O que disseste? — indagou Deora, virando-se de repente.

—Eu disse que tu estás pronta para conseguir o que desejas. — disfarçou Ivoreen.

A neve ajudava a firmarem os pés conforme atravessavam o lago. Escorregavam um pouco, principalmente quando, inadvertidamente, pisavam nas cristas das ondas, as quais se partiam com facilidade. Era quase como se estivessem desbravando uma trilha, mas ao invés de raízes que trançavam sobre o solo ou arbustos malcuidados e árvores caídas, as duas tinham de atravessar marolas e ondas sólidas, congeladas sob a neve negra.

Andaram por mais de uma hora quando avistaram o círculo de pedras. Eram formadas pelo mesmo gelo negro que havia sob seus pés, mas aparentemente se impunham como se fossem parte de um refúgio místico, uma espécie de santuário... Marcavam um local onde a neve não ousava cair, embora se erguessem sobre o lago, como se simplesmente tivessem sido colocadas ali.

—Chegamos. — apontou Ivoreen, olhando para as pedras que demarcavam o lugar. — Eu sei que é aí que Fermmylle se esconde.

—Também sinto isso. — a marca deixada pela pulseira de pedras enegrecidas ardia novamente. — Mas há algo mais...

—O quê? Eu não sinto nada...

—Então fica aqui. — os olhos de Deora traíam a confiança de seu semblante. — Um círculo de pedras não é um lugar...

—Não! Eu não vou ficar aqui enquanto tu te arriscas. Viemos até aqui juntas e estaremos juntas até o fim.

—Este é o fim, Ivy... Olha em volta. O que vês? O que havia aqui foi destruído e somente me resta tentar reconstruir, por aço e fogo.

—Tu não podes me deixar aqui.

—Posso. — a jovem de manto rubro deu um passo para trás, o que a trouxe um pouco mais perto do círculo de pedras. — Este não é teu combate. Não a colocarei diante de teu antigo mestre.

—Ele não é...

—Eu não quero que sigas comigo! Vês o que me fizeste? — mostrava o pulso desnudo, a pele quase queimada. — Eu te perdoei por teus atos anteriores, mas não quero ter de te perdoar outra vez. Isto é algo que tenho de fazer sozinha!

—Mas tu não sabes o que encontrarás...

—Nenhuma de nós sabe, acólita...

Deora parou no meio da frase, percebendo o que fizera. Ficou imóvel por um instante, sem saber ao certo como reagir ao lapso.

—Quisera eu ser ainda uma acólita da Ordem Vermelha, Grande Mestra. — Ivoreen abaixou a cabeça brevemente, como se em respeitoso cumprimento. — Isso te daria a esperança de um dia passares esse amuleto para outra pessoa, mas a verdade é que és a última a envergá-lo.

—A última Dama do Fogo...

A jovem de branco assentiu em silêncio. Queria poder ajudar, mas não sabia o que dizer. Nessas horas desejava ter estudado mais, compreendido a essência da chama que Deora tão bem dominava para poder dizer aquilo que a Grande Mestra precisava ouvir. Contudo, como aconselhar quando não se sabe o valor do próprio conselho? Sem conhecer o caminho, não seria possível agir como guia.

—Deixa que eu siga na frente ao menos, Ivy... — Deora reconheceu que havia exagerado em sua reação. — Fui precursora, e precursores vão à frente.

Ivoren sorriu, pois isso ela podia aceitar. Apenas não queria ser deixada para trás. Recuando, deixou que a Grande Mestra seguisse sozinha.

Espada em punho, Deora deu um passo na direção do círculo de pedras. Porém, com seu pé ainda estendido, percebeu que atravessava uma espécie de limiar, uma barreira etérea... Conseguia sentir uma leve resistência ao tentar atravessar, como se uma lâmina cortasse um largo papiro. Mas isso não a impediu de continuar.

Era como se tivesse adentrado num reino diferente, mais escuro, envolto numa bolha que pulsava devagar. Ali o solo era liso, mas não escorregava, mesmo formado pela água solidificada. Não havia neve. Nem um único floco.

Olhou ao redor, percebendo que nem céu havia: tudo era protegido por aquela barreira etérea. Lá fora ainda nevava, mas os flocos negros caíam como chuva em enxurrada, descendo tão rápido quanto podiam, desenhando riscos negros no céu. E Ivoren parecia deixar um traço embaçado de si enquanto se movia, como se quase se transportasse magicamente de um lugar a outro.

—Ivy!

Ela correu até a beirada. A jovem de branco parecia flutuar, sua imagem borrada como se fosse algo contínuo...

Assustada, Deora retornou, atravessando o limiar do círculo de pedras. Tudo voltou ao normal.

—Eu estava prestes a entrar... — Ivoren a abraçou, sem deixá-la nem ao menos respirar. — Ficaste parada por muito tempo, quase como uma estátua, e demorei a perceber que tu estavas te movendo bem devagar... Pude ver tuas pálpebras descendo e subindo com lentidão quando piscavas...

—E eu te via te movendo como uma águia... Tão rápida quanto um relâmpago.

—Em parte, — a jovem de branco se afastou um pouco. — foi por isso que não entrei no círculo de pedras. Eu não tinha certeza de que voltarias e não podia me arriscar a nós duas ficarmos presas ali. Mas o tempo todo que estiveste lá... Deora, a lua já andou meio céu desde que cruzou o limiar.

A Grande Mestra olhou para o céu, apoiando-se numa das pedras. Horas haviam passado para Ivoreen, mas a ela nem um minuto pareceu transcorrer.

—Fizeste bem em não ter me seguido. Este não é um local para nos perdermos...

—Mas agora que sabemos o que há lá, poderemos...

—Não, Ivy. — a jovem de rubro a olhou com seriedade. — Pensamos que chegaríamos a Fermoylle rapidamente, mas não é isso o que aconteceu: enquanto conversamos, minutos e horas estão se passando lá. Só os deuses sabem quanto tempo ele teve para se preparar até chegarmos aqui...

—E isso basta para que não te deixes seguir só.

—Ao contrário. Isso nos dá a certeza de que não podes deixar tua vida e vir comigo. — Deora pausou, percebendo que não haveria o porquê de medir suas palavras. — Pensa no teu filho.

Ivoreen mordeu o lábio inferior. Ela procurara esquecer tudo aquilo, mas o tom da Grande Mestra a remeteu a Ram'ul, a fortaleza onde esteve presa. Poderia jamais ver o filho que havia lhe sido tomado, mas existia uma esperança... Contudo, se entrasse no círculo de pedras, não haveria como dizer quanto tempo se passaria até retornar. E isso, certamente, acabaria com tudo aquilo.

—Não é justo...

—Eu não te privaria disso, Ivy. Tu confidenciaste a mim tua história e jamais a esquecerei. Talvez, quando Dath não estiver mais no poder ou teu filho puder caminhar pelos próprios passos, poderás reencontrá-lo, mas enquanto

houver uma chance, não será certo deixar tudo para trás. Mereces essa oportunidade.

—Não posso te abandonar à tua sorte, Deora...

—Não podes abandonar a tua esperança. Eu saberei me cuidar.

—Mas... — Ivoreen olhou novamente para o círculo de pedras. — Pode ser que eu nunca consiga estar perto dele... Já o perdi. Não posso te perder agora.

—Tu jamais me perderás, Ivy. — a Grande Mestra sorria. — Enquanto eu for lembrada, estarei contigo. E sempre me lembrarei de ti para que estejas comigo.

As duas se abraçaram de novo. Havia lágrimas em seus olhos que desciam juntas, como se formassem um elo silencioso que as acompanharia ao longo do tempo. Deora queria crer que aquela não seria a derradeira despedida, mas algo lhe dizia que a jovem de cabeça raspada, a *menina* de vestes brancas que um dia chamara de irmã na chama, jamais a veria novamente.

Ivoreen suspirou ao perceber que o abraço afrouxara, sabendo que havia chegado a hora da Grande Mestra seguir em frente. Ela, porém, se sentia da mesma maneira quando um dia viu os portões de Piros se fecharem ao partir em missão. Era Deora quem partia, mas era ela quem se sentia afastar, por mais que conhecesse o mundo para onde retornava, pois havia algo de diferente nele agora.

Afinal, era um mundo sem Piros, sem Mirhaanna, sem Deora. Piros havia ruído, Mirhaanna estava nos braços de Gwyanna, deusa da morte e vida, e Deora partiria para enfrentar Fermmylle sem saber quando, ou se, retornaria.

Com um aceno, a Grande Mestra da Ordem Vermelha se voltou para o círculo de pedras. Sem dizer palavra alguma, sem um verdadeiro adeus, cruzou o limiar.

Enxugando as lágrimas, Ivoreen abaixou a cabeça. Agora cabia a ela decidir para onde iria.

## Capítulo 25

O silêncio no qual Deora foi deixada a fez se sentir ainda mais só. Enquanto caminhava em direção ao buraco de sombras, somente o som de sua respiração podia ser ouvido, pois nem seus passos ecoavam no círculo de pedras.

Por um lado, agora ela e Fermmylle estavam no mesmo ritmo temporal, ele deixando de ter a vantagem de antes. Por outro, estava nos domínios do mago de negro, seu santuário, seu covil. Ele sabia o que lá havia, talvez até estivesse esperando por ela, mas era um risco que a Grande Mestra correria.

Ele havia destruído Piros. Agora, destruiria tudo o que ele tinha.

As sombras se moviam como salamandras dentro do buraco, circundando as paredes no sentido anti-horário, esfumaçadas, esguias. Contudo, era uma escuridão que nem mesmo a chama que Deora invocou sobre sua lâmina pôde romper.

Olhou para baixo e inspirou fundo. Por um instante, o mais insano pensamento passou por sua mente.

E saltou.

O manto se abriu, tal qual uma flor que desabrochava, mas a queda não foi longa. Caindo em pé, usando sua graça e um pouco de magia para amortecer o impacto, chegou a um lugar vazio.

Nada havia ali, nem mesmo paredes. A chama de sua espada não conseguia vencer a escuridão e tampouco seus olhos podiam se acostumar a ela. Em verdade, parecia estar num lugar onde a luz jamais prevaleceria.

Escolhendo uma direção, caminhou devagar. O chão ainda era liso, feito do mesmo gelo que havia na superfície. Sentindo que não escorregaria, balançou a espada para um lado e para o outro, lentamente, seguindo adiante, esperando encontrar os limites do lugar onde estava...

Mas não demorou até que chegasse a uma parede. Sua mão tocou a barreira gelada e passou a segui-la, levando-a pelo tato a conhecer o local. Sentia-se cega, por mais que pudesse ver, pois tudo era negro e uniforme, e tanto a escuridão como o silêncio se complementavam...

Haveria de encontrar uma passagem naquele lugar e deveria ser algo grande, capaz de permitir que a montaria de Fermmoylle pudesse por lá passar. Ou, ao menos, assim supunha. Sem poder ver nada, não seria uma presa fácil para um dragão de sombras?

Deora esperava que não. Mas, conforme seguia tateando, mais se sentia perdida. Tudo escuro, tudo igual... E nem uma simples brisa para indicar o caminho.

A Grande Mestra parou, olhando para cima — sem ao menos conseguir ver de onde vinha. Trazendo a lâmina em chamas para junto de si, ousou romper o silêncio.

—Mostra tua face, Fermmoylle!

O grito ecoou, e com ele uma tênue luz se fez sentir. Já era possível perceber as paredes e o chão, mas o que estava iluminando o lugar não aparentava ter uma única origem.

—Sai da toca, mago!

Desta vez o grito tinha sido ainda mais alto e, como se acompanhasse o volume da voz, a luz também se intensificou. Agora vislumbrava os contornos de uma passagem ampla.

—Silêncio e escuridão caminham juntos. — murmurou, percebendo o que havia naquele lugar. — Sendo assim, som e luz podem substituí-los...

Sem pensar em consequências, ela gritou o mais alto que pôde, preenchendo todo o espaço com o agudo de sua voz...

...E, assim fazendo, o local foi totalmente iluminado como se dia fosse. Nem mesmo uma sombra restara.

Sorriu, satisfeita. Uma passagem agora se desvelava.

Deora se sentia pequena enquanto a atravessava, pois o caminho era tão largo e alto quanto uma residência. Mais que uma passagem, era um grande túnel feito de paredes, chão e teto escuros, lisos como se tivessem sido esculpidos, escavados no gelo puro.

—Criados por magia...

E, como se suas palavras a levassem a reconhecer o que lá havia, fechou os olhos por um momento, conjurando o calor da sua pira essencial. Ao abri-los, no chão, runas flamejantes se acenderam, revelando os pontos onde a magia se concentrava. Pequenos glifos em chama, traços de fogo...

...Todos ao redor de um trajeto no meio do nada, como se indicassem um caminho a ser trilhado. Com passos firmes, Deora manteve a espada diante de si e seguiu por essa que poderia ser sua última jornada, atravessando um labirinto de glifos místicos no meio de um túnel congelado.

Cada um de seus passos a levava para mais perto de Fermmylle. Estaria realmente pronta?

## Interlúdio

—Peço-te que não te afastes, *sir*.

O pedido do capitão da guarda tinha um ar formal. Não era sempre que o barão permitia que seu filho caçasse, por mais que o garoto tivesse idade para tanto. Porém, desta vez, era um javali que perseguiram, e a ferocidade do animal era algo que preocupava o principal responsável pelo jovem.

—Se queremos voltar antes de escurecer, precisamos nos dividir, Vorak. Além do mais, o que pode acontecer comigo?

—Se os deuses assim o desejarem, nada. — o capitão da guarda deu de ombros, pois sabia que não adiantava argumentar com a impetuosidade da juventude. — Mas não me arriscarei. Deves ficar ao alcance dos meus olhos, entendes?

Resmungando uma afirmativa, o jovem esporeou seu cavalo e seguiu por uma das trilhas. Ainda passariam anos para poder tomar o lugar de seu pai, mas até que isso ocorresse, Vorak duvidava que obtivesse a prudência necessária para administrar uma das mais ricas terras de Dunir.

Era bom ficar longe do conforto, longe dos estudos... Ou assim acreditava Lirehn Dath, herdeiro de Ivorawk. Com suas treze primaveras, já se julgava capaz de fazer tudo o que os mais velhos faziam, exceto suportar longas horas ouvindo as súplicas do povo. Isso, pensava, era obrigação de seu pai, e até que ele passasse a administrar o baronato, Lirehn iria continuar com suas canções, justas e cavalgadas.

De súbito, um farfalhar foi ouvido, levando o jovem a segurar com força a rédea de sua montaria. Rapidamente encaixando uma flecha no arco que levava junto ao ombro, apontou, aguardando com a paciência que Vorak havia lhe ensinado. O capitão da guarda ficaria orgulhoso com a dedicação que ele demonstrava...

Então o animal saltou, suas presas afiadas apontadas para seu cavalo. A montaria treinada ficou firme, apesar de bufar enquanto erguia uma das patas dianteiras. Ela não haveria de se mover, não ainda, mesmo que o javali, com seu pelo grosso e eriçado, viesse de uma só vez.

Lirehn deixou que a flecha seguisse seu rumo, liberando-a com certa sutileza. O arco, ainda firme na mão esquerda, voltou de imediato à posição de descanso, resvalando de leve no braço estendido, ferindo-o. Contudo, o jovem não gritou, exultante com a precisão de seu disparo.

O javali, atingido pela flecha em suas costas, saiu em disparada, presas apontadas. Tocando gentilmente o dorso de seu cavalo, Lirehn fez com que se desviasse, permitindo que o animal selvagem passasse. Todo o barulho, todavia, serviu de alerta para o capitão da guarda, que prontamente se aproximou.

—Brilhante! A honra da vitória será tua, *sir*, se o abatermos. Vem, troca o arco pela lança e experimenta atingi-lo.

O jovem, que sempre acreditou que o arco era uma arma de crianças e mulheres, sentiu-se recompensado por lhe ser oferecida a substituição da arma. Haveria de ter êxito naquela empreitada, podendo levar o animal como prêmio de volta para os domínios de Ivorawk.

Aquela não era a primeira vez que via um javali ferido. No outono anterior, acompanhando seu pai e uma comitiva de nobres de um condado vizinho, fora ele o portador das lanças que os outros usaram — servindo como escudeiro. Sabia que a selvageria da criatura e sua capacidade de sobrevivência poderiam tornar a caçada um empreendimento custoso... Afinal, naquele outono, precisaram de seis lanças para que o javali tombasse.

Mas agora era ele quem arremessaria a lança. O arco estava de volta ao ombro e a arma de madeira, medindo pouco mais de um metro, estava empunhada. Bastaria que o animal se lançasse novamente para que pudesse atacar.

O javali deu a volta em uma árvore e investiu. Lirehn manteve os olhos firmes e a arma pronta... Um arremesso.

E, com um som que quase emulava um ronco, o javali foi atingido, mudando de rumo. Foi então que o cavalo de Vorak refugou, empinando ao invés de se desviar. Cavaleiro, lanças e cavalo foram ao chão, mas ao menos o javali não tinha parado para combater, preparando uma nova carga ligeira.

—Estou bem, *sir*! Toma esta lança e parta para glória!

Lirehn agradeceu com um gesto a arma que lhe foi estendida, galopando na direção para onde o javali correria. Era isso! Hoje se transformava num homem de verdade, podendo caçar uma besta feroz sem que houvesse outro a olhar por ele. Na sua juventude, poucas vezes um dia tinha sido tão perfeito...

Mas, acuado e ferido, o animal buscou a proteção da mata fechada, entrando mais além na floresta. Seguindo algumas trilhas, Lirehn o alcançou, mas não antes de galopar por quase um minuto inteiro.

O javali estava junto a um carvalho antigo, ofegando e sangrando. Como a desabalada correria o havia exaurido, talvez aquela segunda lança a ser arremessada fosse o bastante para abatê-lo... E o jovem iria pôr a ideia em prática.

Desmontou antes de arremessar, atingindo o animal em cheio, fazendo-o tombar. A vitória era dele.

—Parabéns, caçador. — a voz feminina o sobressaltou. — Poucos em tenra idade podem clamar terem vencido um javali.

Buscando a faca que usaria para o golpe de misericórdia, Lirehn olhou ao redor. Não havia ninguém, mas a mata fechada poderia muito bem esconder uma pessoa ali...

—Quem está aí?

—Uma peregrina. — a mulher finalmente se mostrou, tirando do caminho um galho frondoso. — Não precisas ter medo.

—Não estou com medo. — mentiu o jovem, observando os trajes brancos que ela usava, a cabeça coberta por um capuz. — O que queres?

—Antes, põe fim ao sofrimento do javali. O animal não precisa se esvaír em sangue enquanto conversamos.

Lirehn olhou para o lado, não sabendo se deveria obedecê-la, mas acabou por fazê-lo. Tinha sido mais fácil do que imaginava.

—Quem és tu?

—Já te disse que sou uma peregrina. E aqueles que vagam raramente têm uso para nomes... Diferente dos nobres, não é mesmo, baronete Lirehn Dath de Ivorawk?

—Como...?

—Eu poderia clamar que sei mais do que aparento demonstrar, mas apenas sou boa observadora. Teu cavalo leva o brasão de Ivorawk e o barão dificilmente seria um jovem...

Lirehn riu ao notar que as armas de família o denunciaram. Isso o fez relaxar e guardar a faca.

—Rendo-me, peregrina. Sabes o bastante para não ser uma bandoleira querendo moedas de prata... O que desejas, então?

—Ter uma conversa amistosa, nada além disso. — o sorriso que ela mostrou sob o capuz era terno. — Isso enquanto teu guardião não chega.

—Vorak não fará mal a ti, peregrina.

—O capitão da guarda serve a teu pai, não a ti, infelizmente. E tão logo ele surgir, eu me afastarei.

—Cometestes algum crime contra meu pai, o barão?

Ela abaixou a cabeça por um instante, o sorriso se desvanecendo. Aquilo lhe trazia lembranças dolorosas.

—O de acreditar, baronete. Acreditei nele no passado.

—Tomas meu pai por um mentiroso? — o jovem levantou a voz, punhos cerrados. — Como ousas?

—Teu pai sempre teve um belo discurso, baronete. Mas a riqueza e o poder lhe são mais caros que a honra.

—Não tenho de ficar aqui ouvindo isso! — afastou-se um pouco. — Eu poderia te prender por tuas palavras!

—Não te vás, por favor! — a mulher se adiantou, mas parou quando Lirehn levou a mão à faca. — Eu permanecerei em silêncio se isso te fizer ficar.

O jovem estacou, ainda com a mão nas rédeas, mas sem montar. Alguma coisa naquela mulher parecia exalar sinceridade.

—O que realmente queres, peregrina?

—Apenas te ouvir. — novamente o sorriso terno emoldurou o pouco que deixava visível de sua face. — Nunca antes pude estar tão perto de ti, então quero aproveitar cada instante.

—Falas de um jeito que me faz crer que me conheças. Este não é nosso primeiro encontro, não é?

—É a segunda vez que nos vemos, baronete. — confessou. — A primeira foi no seu nascimento.

—Foste uma das amas de minha finada mãe?

—Finada? — a peregrina se sobressaltou, mas procurou se controlar. — O que disseram que ocorreu com ela?

—Meu pai diz que morreu no parto. De certa forma, sou eu o carrasco de minha mãe.

—Nunca! — protestou. — Jamais repitas isso! Tua mãe se sacrificou por ti, mas não é culpa tua.

—Tu a conhecias, não?

—Mais do que imaginas, baronete... — recostou-se no carvalho.

—Como era ela? — o interesse era genuíno. — Podes falar sobre minha mãe? Meu pai nunca me disse muito...

—Tua mãe foi uma pessoa que levou uma vida de perdas... Nada do que conseguiu se manteve com ela. Era alegre, impetuosa, sempre querendo mais... Um pouco como tu. Mas toda vez que achava ter encontrado o que buscava, o destino conspirava para que o perdesse.

Lirehn meneou a cabeça como se compreendesse, mas não interrompeu a narrativa.

—Ainda jovem, perdeu a casa onde morava com os pais... Ou melhor, foi conduzida para fora dela. — pausou por um instante, olhando na direção da trilha para se certificar de que o capitão da guarda não estava chegando. — Aventurou-se pelo mundo, achando que os tesouros materiais conseguiriam fazê-la rica o bastante para que pudesse reconquistar o que tinha perdido... Até mesmo trilhou um caminho de magia e lá encontrou a verdadeira amizade...

—Minha mãe sabia encantos e feitiços?!

—Sim. — ela deu uma risada breve. — Acreditava que o poder místico poderia suplantar as riquezas que nunca encontrou para... — o ruído de gravetos quebrados fez com que corresse para trás do carvalho, assustada. — É melhor eu ir...

—Não, fica! — pediu Lirehn. — Quero saber mais...

Ela se manteve quieta por um instante, apenas sua cabeça visível por detrás da árvore. Como não houve outro barulho, acalmouse.

—Que assim seja então, mas fica onde estás... Se eu deixar de falar, é porque tive de partir.

—Não quero que partas. Vem comigo para Ivorawk!

Uma lágrima rolou pela face da peregrina, mas o tecido do capuz logo a absorveu.

—Não posso, Lirehn. Não ainda...

—Por quê?

—Deixa que eu fale, se queres mesmo saber sobre tua mãe.

Ele assentiu em silêncio.

—Mesmo o poder místico não foi o bastante, pois ela queria mais. E isso a fez buscar nas trevas a luz que não tinha encontrado, o que provou ser um erro. Ela traiu sua melhor amiga...

—...

—Foi capaz de pagar pelos seus erros, corrigindo-os na medida do possível, embora, com isso, perdesse o lugar que

tinha como lar e chegasse a vê-lo reduzido a ruínas... Ainda assim, manteve-se fiel à sua melhor amiga, seguindo com ela no que seria sua última jornada... Mas foi obrigada a ficar para trás, pois haveria de fazer muito mais...

—E quando ela conheceu meu pai? — perguntou o jovem, tentando compreender toda a história.

—Foi... — hesitou, mas logo emendou uma correção. — Foi pouco depois disso tudo. Ela o viu e se apaixonou pelo jeito dele, por suas palavras, entregando-se completamente... Aí tu nasceste e ela teve a derradeira perda. É isso.

—É essa a história de minha mãe?

—Posso ter confundido alguma coisa com relação à ordem dos eventos, mas, sim, essa a história de tua mãe.

Ele olhou para o alto, como se orasse em silêncio, sorrindo.

—Obrigado, peregrina. — aproximou-se dela com vagar. — Não sei o quanto de verdade existe em tudo o que narraste, mas ao menos, nos meus sonhos, poderei ver uma mulher forte e dedicada como minha mãe.

—É a verdade, baronete. Isso eu te garanto.

—*Sir Lirehn!* Está tudo bem?

A voz do capitão da guarda, ainda ao longe, soou como um alarme para a mulher, que quase se pôs a correr, mas o jovem a segurou pelo braço antes que pudesse fazer isso.

—Deixa-me ir! Tu não sabes...

—Não temas, peregrina. — ele a soltou. — Eu apenas queria te agradecer de verdade. Toma esta moeda de prata...

Ela olhava por cima do ombro dele, temendo pela chegada de Vorak, mas as folhas ainda não farfalhavam...

—Não quero pagamento, baronete. Não preciso disso.

—Peregrinos sempre podem desfrutar de um abrigo melhor se puderem pagar...

—Se queres me pagar, apenas promete uma coisa: serás verdadeiro e justo, sem nunca mentir para ninguém.

—Eu...

—Promete, Lirehn. A verdade é o maior bem que um homem pode ter. Se fores verdadeiro, terás todas as honras deste reino.

—Eu... — parou por um instante, mas assentiu ao final. — Eu prometo, peregrina.

—E, se eu puder ainda ousar te pedir uma coisa a mais...

—Fala, e se estiver em meu alcance, eu o farei.

—Um abraço. — pediu, os olhos mareados. — Permita que eu te abrace como a um filho, pois estive junto de tua mãe por muito tempo...

Era um pedido incomum, mas um que ele estava tentado a conceder. Apesar disso, Lirehn se sentia um tanto desconfortável com a ideia de abraçar uma estranha numa floresta.

—Diz teu nome, peregrina, e te abraçarei.

—Que este seja teu primeiro teste de verdade então, pois confio em tuas palavras. Meu nome é Ivoreen.

Ele estacou, estarrecido. Aquilo não podia ser verdade.

—Tens o mesmo nome de minha mãe...

—Carrego esse nome comigo, jovem. — tentava controlar o choro, mas o soluço a traía. — Cumprirás com tua parte no acordo?

O baronete pulou em seus braços, dando-lhe um abraço firme e longo. Aquela mulher, até então desconhecida, era o mais próximo que poderia chegar de sua mãe...

—*Sir Lirehn!*

Vorak atravessou a mata, vendo-os abraçados. Por instinto buscou a espada, pronto a defender o filho de seu senhor.

—Vai. — murmurou ele, procurando evitar uma lágrima que não sabia ao certo como tinha se formado. — Eu nunca te esquecerei.

Ivoreen beijou a fronte do jovem rapidamente, logo em seguida girando nos calcanhares e mergulhando na mata.

Seu coração em disparada, mas sua alma estava muito mais leve.

## Capítulo 26

—Andora, deusa da natureza, eu clamo por vós. Em vosso trono me sentia protegida, mas nada disso resta agora. Dai-me vossa bênção e permiti que eu emergja vitoriosa.

Deora ergueu a cabeça e levantou a espada em chamas na altura dos olhos. Nunca antes clamara pela proteção da deusa que sempre pareceu estar ao seu lado, mas naquele momento precisava daquilo. Sem Mirhaanna, sem um conselho, o que lhe restava era a lembrança de tudo o que enfrentara até então. E o enorme portão de gelo negro, envolto com marcas arcanas que desconhecia, parecia a última barreira a ser ultrapassada.

Olhou para a marca da chama em sua mão, uma comenda a ferro e fogo que lhe fora dada no dia em que se tornou Grande Mestra da Ordem Vermelha. Sua mente a levou para o momento em que Mirhaanna a saudara junto à encruzilhada, erguendo a mão marcada, há tantos anos... Deora nem ao menos era uma acólita, mas muito havia ocorrido desde então.

Praticamente toda a sua vida.

Sim, hoje sabia que vivera entre os elfos, que fora salva de um naufrágio pelos atos de seu tutor. Mas ter visto tais memórias não era o bastante para que se recordasse de tudo isso...

Sua vida tinha começado, de verdade, quando fora iniciada. Quando recebera os trajes rubros, entregaram sua espada... A mesma que hoje empunhava.

—A espada que derramará o sangue de Fermmoylle...

Fechou os olhos e colocou a mão com a marca da chama junto ao portão. Ele se abriu.

A jovem de rubro se viu na entrada de uma grande câmara, o chão e as paredes completamente lisos, formando uma superfície única. O lugar era preenchido por uma penumbra densa, quase esfumaçada, impedindo-lhe de ver muito além...

—Vem, Dama do Fogo. Se ousaste vir a mim, não hesites agora que estás tão perto.

Dando um passo à frente, Fermmylle se revelou. A névoa escura o envolvia, quase como uma extensão de seu manto, dando-lhe um ar quase solene. A chama na arma de Deora, dançando ao redor da lâmina, fez com que os olhos do mago de negro brilhassem.

—És um tolo se achas que hesito. — ela avançou, a escuridão sendo rompida conforme se adiantava. — O fogo que arde...

—...Um dia se apaga. — interrompeu, sorrindo maliciosamente. — Eu disse isso à velha que ousou me desafiar. E sabes o fim que ela teve.

Deora apontou a espada, seu olhar fixo no dele.

—Nós dois sabemos o fim que *tu* terás.

O sorriso dele não se alterou. Tampouco sua voz mostrou nervosismo.

—Eu queria os segredos da Ordem Vermelha, Dama do Fogo. Era só isso o que buscava. Mas cada um de seus *irmãos* — a palavra foi dita com certo desdém. — preferiu dar a própria vida antes de compartilhar o que sabia... Depois de ter visitado as cabalas isoladas que formaram longe de Piros, só me restava a torre. Não queria a ruína, mas se eu não tivesse o conhecimento, ninguém mais o teria.

—Maldito seja o dia em que aprendeste as artes místicas, Fermmylle. — começou a circundá-lo, a luz da chama que portava duelando em silêncio com a penumbra que parecia dele emanar. — Foste corrompido por elas quando não soubeste usá-las.

—Não fala o que não compreendes, Dama do Fogo. — ergueu o rosto, olhando-a de cima para baixo. — Eu dominava a magia antes mesmo de nasceres.

—És escravo dela, não seu senhor. Nada te restará!

—Nada? — ele gargalhou. — Tua confraria foi destruída, tua torre arruinada, teus amigos te abandonaram! Quem

não possui nada és tu!

Deora golpeou o ar, a chama em sua lâmina fazendo um arco diante dela.

—E o que tens? Preso aqui, sob o lago Glorianna, nada te resta. Se terminarmos nossa existência aqui, ao menos eu terei a honra de ter deixado um legado.

—Com o verme que foi banido de tua irmandade? Ivoreen servia a mim!

Foi a vez da Grande Mestra sorrir. Ela já esperava por isso.

—E ela te traiu, revelando ter te servido, mas se arrependendo depois. Embora removida da Ordem Vermelha, Ivy sempre foi minha amiga.

—O verme te atacou quando de nosso primeiro embate, Dama do Fogo. E depois permitiu que escapaste porque assim ordenei.

—Tudo isso é passado!

—Assim como Piros é passado! — Fermmylle se adiantou, sua arma já ao alcance da espada de Deora. — E foi ela quem me mostrou o momento de atacar... O momento em que te acompanhou na tua busca por teu passado foi o instante em que rumei para Piros. Ela te traiu e continuou traindo, Dama do Fogo. — fez um gesto sutil com a mão esquerda, movendo apenas dois dedos. — Tua *amiga* sempre me serviu.

A jovem se calou, sentindo seu pulso doer. O local onde a marca da joia enegrecida ficara latejava.

—Achas que tu estás aprisionada comigo aqui porque é teu destino me confrontar? Enquanto nos falamos, Ivoreen está lá fora, criando uma nova confraria, usando todo o conhecimento místico que lhe foi dado por ti e por teus *irmãos*... E também tudo aquilo que eu lhe ensinei...

—Não! Isso é mentira!

—Mesmo que retornes agora, que mundo encontrarás? Quantos anos se passaram desde que entraste aqui? Quantos mais estão se passando enquanto discutimos?

Talvez até uma nova torre tenha sido erguida... Uma que seja o lar daqueles que servem ao verme...

Deora abaixou a espada por um instante.

—Se retornares, terás de enfrentar toda uma confraria de magos que acreditam nos *meus* ideais. Se eu retornar, serei aclamado como senhor deles... Mas, se retornarmos juntos...

A jovem deixou que os olhos se fechassem. Estaria ele falando a verdade? Haveria *algo* de real em tudo aquilo?

—...Poderemos guiá-los da maneira como bem entendermos. Dama do Fogo, o que proponho é uma nova vida a ti, uma que realmente faça a diferença. E só o que peço é o conhecimento que tens de uma confraria que não mais existe.

Ela levou uma das mãos ao pescoço. Queria poder sentir o calor do colar de esmeraldas que um dia a adornara, mas só encontrou o medalhão. O símbolo de que era Grande Mestra da Ordem Vermelha.

Deora abriu os olhos. Fermmylle tinha abaixado sua espada também, estendendo uma mão, convidando-a para se unir a ele.

A jovem de rubro suspirou, como se ponderasse pela última vez. Só havia uma única coisa a ser dita.

—Nunca!

A espada em chamas cruzou o ar de baixo para cima, quase tomando Fermmylle de surpresa. O mago de negro deu um passo para trás ao mesmo tempo em que sua lâmina se chocou contra a de Deora, o ruído metálico soando como um grito estridente.

—Tola! Não te darei outra chance!

Ele girou a espada sobre a cabeça, parte da penumbra ali sendo absorvida pela arma, e golpeou. Deora pôs sua lâmina em riste, aparando o golpe, mas as sombras passaram direto, atingindo-a no peito, derrubando-a. A jovem tinha apenas defendido o golpe físico,

inadvertidamente permitindo que a magia profana de Fermmoylle a ferisse.

A Grande Mestra se apoiou enquanto se levantava, silenciosamente invocando a essência flamígera. Se ele queria enfrentá-la assim, não se faria de rogada. Ao contrário, foi sorrindo que o encarou.

—Eu não espero ter outra chance. Em verdade, não preciso.

De sua espada um jato de chamas surgiu, o cone de fogo cruzando o ar na direção do mago de negro. A câmara, momentaneamente, assumiu um tom avermelhado, iluminando a face queimada de Fermmoylle, que segurou sua arma com ambas as mãos. Num único movimento, ele golpeou da esquerda para a direita, dividindo o cone flamejante em dois, evitando ser atingido, finalmente girando a espada em sua mão.

—Teus truques não te servirão aqui. — correu na direção dela. — Este é meu reduto!

—Buracos servem a vermes como tu. — retrucou, arma em posição defensiva.

Ele esticou o braço para trás e golpeou, aproveitando a própria velocidade para atacar com mais força. Deora se agachou, evitando o golpe, ao mesmo tempo em que girou o corpo, sua lâmina acompanhando o movimento e atingindo Fermmoylle nas costas, desequilibrando-o. O mago de negro cambaleou até chegar a uma das paredes, apoiando-se lá enquanto recobrava o fôlego.

—Não penses que...

O grito de Deora interrompeu a frase. Partiu na direção de Fermmoylle, a espada apontada para baixo, quase tocando o solo. Ele virou de lado, deixando sua arma junto ao corpo, um pouco encolhido. A Grande Mestra esticou um pouco mais o braço, raspando a ponta da lâmina no gelo negro do solo e a ergueu, levando consigo pequenas lascas da superfície escura.

Fermmoylle moveu o rosto, mas a espada assim mesmo o atingiu. Um largo corte, do queixo até a altura do olho direito, marcou o rosto queimado, jorrando sangue, mas quase cauterizando em seguida pelas chamas da lâmina da jovem. O grito do mago foi ensurdecedor.

Com a mão estendida como se procurasse empurrá-la, Fermmoylle conjurou uma espiral de sombras, cada uma agindo como tentáculos, agarrando-a pelos braços e pernas. Deora foi arremessada para trás, chocando-se contra outra parede, parcialmente imóvel.

A jovem tentou se libertar, mas sua espada não alcançava os tentáculos de sombra. O mago vinha em sua direção, espada pronta, sorrindo satisfeito apesar de contorcer o rosto pela dor sentida. Confiando em sua magia, Deora procurou atear fogo na sua tocha interior, mesmo sabendo que poderia ser tarde demais.

Fermmoylle golpeou, atingindo-a na altura do peito.

Abrindo os olhos, ela percebeu que o medalhão de Grande Mestra brilhava, agindo como etéreo escudo, parando a lâmina em pleno ar. O mago de negro estava atônito e isso deu a Deora o tempo necessário para que sua magia flamígera consumisse os tentáculos.

Ela investiu seguidamente, sua arma se chocando contra a dele, o som metálico quase ritmado como as batidas de seu coração. Um golpe, dois, três, quatro... Fermmoylle recuava a cada vez que aparava, sentindo a força da jovem de rubro aumentar.

E, conforme ela atacava, seus olhos iam assumindo o tom das chamas, seu manto incandescendo, sua aura pegando fogo. Deora invocava, sem ter consciência disso, o poder do Fênix, o lendário pássaro cuja força só é verdadeiramente conhecida pelos Grandes Mestres da Ordem Vermelha.

O mago de negro procurava refúgio em suas sombras, conjurando a força da penumbra que o envolvia, murmurando feitiços em idiomas malditos para que pudesse contra-atacar.

Tinha visto a última Dama do Fogo envolta em tal poder antes, em Piros, pouco antes de derrubar a torre e ter de fugir para o refúgio congelado no lago Glorianna. Naquela vez, quase foi derrotado.

Sombra e fogo combatiam, espadas trocando faíscas. Também ao redor, a câmara de paredes lisas abrigava combate similar, as chamas de Deora consumindo a penumbra que ali reinava, dividindo o lugar em dois — um tomado por escuridão, outro por luz.

Fermmylle canalizou as sombras à sua volta e imbuiu sua espada com tal poder, conseguindo momentaneamente manter sua posição, enfrentando-a. Quando a Grande Mestra atacou novamente, não mais conseguiu fazê-lo recuar — as espadas se travaram, assim como seus olhares, e entraram em outro combate.

As duas lâminas buscavam romper a defesa do inimigo, num puro teste de força, mas ao mesmo tempo seus olhos, fixos nos do oponente, buscavam fragmentar a vontade do outro. E ali permaneceram quase imóveis, as chamas nos olhos de Deora tentando perfurar a barreira de ônix nos de Fermmylle. A espada dele tentando fazer com que a arma dela cedesse.

Até que ele fraquejou. Recuando um passo, baixou a guarda, permitindo que a jovem se adiantasse e girasse a arma, golpeando em diagonal de baixo para cima. Mesmo com a espada para protegê-lo, Fermmylle foi atingido, sendo jogado para trás, caindo em meio à penumbra...

Deora caminhou lentamente, pé ante pé, espada em riste. Conforme se aproximava, toda a sombra se esvaía, sucumbindo, curvando-se às chamas que a envolviam. Fermmylle estava ali, caído, iluminado pelo tom avermelhado do fogo que a jovem trazia consigo... Mas atrás dele, as sombras permaneciam. Fortes como nunca.

E, quando a Grande Mestra ergueu a cabeça, acompanhando a escuridão até o limite, percebeu que era

aquilo que formava a antiga montaria de Fermmoyle, o dragão de sombras.

Sem aviso, ele abriu a boca. Sua baforada de penumbra atingindo Deora de uma só vez, sem tempo de se defender.

A jovem tombou, a espada escapando de sua mão. Com um movimento rápido o dragão saltou sobre ela, as garras rasgando o manto rubro, cortando sua pele. Deora tossiu, sentindo sangue em sua boca, e tentou invocar uma magia...

Mas os ataques do dragão de sombras não cessavam. Pouco a pouco as chamas que a envolviam foram perdendo a força... Sem magia, sem espada, sem mais esperança.

Fermmoyle se ergueu, triunfante, olhando-a com sua arma em punho. A um sinal, o dragão cedeu-lhe espaço, deixando-o frente a frente com sua adversária.

Agora podia ser seu algoz. A vitória era sua.

—Revela os segredos da Ordem Vermelha e te pouparei.

Ele segurava a espada com ambas as mãos, lâmina apontada para baixo, mantendo-a acima da cabeça. Era a posição sacrificial citada nos textos antigos, mas também uma forma de oferecer misericórdia.

Bastava que ela concordasse.

Os pensamentos de Deora a conduziram até Grenjor, que portava o fogo primordial de Piros. Todo aquele sofrimento poderia cessar se revelasse que a chama que jamais se apagava estava com ele... E se dissesse como se invocava o Fênix.

Ela não tinha mais forças para cerrar os punhos e blasfemar. Tampouco para invocar a menor das magias. Em sua mente, o que tinha de fazer era claro. Evidente. O que precisava ser feito para assegurar a sobrevivência.

Não dela, mas de tudo aquilo que acreditava.

—Que o fogo te consuma. — murmurou, tossindo sangue novamente.

Fermmoyle deu um meio sorriso, desapontado. Mas não voltaria atrás agora.

—Que assim seja então. Morre!

Desceu a espada, a ponta da lâmina pronta para levar a última Dama do Fogo, a última Grande Mestre da Ordem Vermelha, à morte.

## Interlúdio

—A chama apagou, Ivoreen!

Grenjor segurava a lágrima de cristal em suas mãos, olhos arregalados, sobrancelhas arqueadas. Desde que deixara Piros, anos atrás, com a missão de encontrar um irmão na chama honrado, o fogo que ardia no centro do Salão da Sabedoria jamais tinha deixado de brilhar. Agora, era como se nunca tivesse existido.

Ela olhou para o acólito, sempre diligente em seus trajes rubros, e suspirou. Tudo o que temia tinha ocorrido, mas talvez houvesse um pouco de esperança. Ao menos era nisso que queria acreditar: tinha de haver esperança.

—Eu te disse que ela era Berilla, Grenjor. — a mulher que diligentemente mantinha a cabeça raspada, não mais como símbolo de banimento, mas de humildade, alcançou um bastão, apoiando-se nele para andar. — Era a deusa da magia...

—O que queres dizer?

—Acólito, invoca uma magia. Qualquer uma.

Ele nunca se sentiu à vontade com Ivoreen falando daquele modo... Mas ela tinha conhecimento para tanto. Um pouco a contragosto, tentou atear fogo ao pavio de uma vela, algo que sempre fizera sem esforço.

E nada ocorreu.

—A magia morre com ela, Grenjor. Deora era Berilla.

Ele a ajudou a caminhar até a estante onde ficavam os tomos místicos. Um pequeno sorriso se formou no rosto dela.

—Vês todos estes tratados sobre magia? Serão inúteis agora, acólito da Ordem Vermelha. Nada aqui escrito terá valor...

—Há algo que podemos fazer?

Ela inspirou fundo antes de responder. Muito tinha ocorrido até então e sua visita a Grenjor havia se alongado um pouco mais do que esperava... Porém, talvez tivessem

sido os deuses que a obrigaram a ficar um dia a mais do que o planejado.

—Ora por ela. Mostra tua fé.

E foi em silêncio que ele a viu partir. Nunca tinha acreditado naquilo, mas talvez fizesse sentido. Se acreditasse, se pudesse rezar por ela, quem sabe o que conseguiria?

∴

—Este não é um lugar para uma senhora.

Os outros na taverna riram, erguendo as canecas de cerveja. Tinham razão — o cheiro acre e a aparência dos que ali frequentavam não demonstravam o respeito que a uma senhora eram devidos. Ivoreen, porém, ignorou o aviso e os gracejos que se seguiram, caminhando, com o bastão ao seu lado, até uma das mesas do fundo. Um homem com escassos fios brancos na cabeça olhava para ela.

—Mulheres aqui não dão azar, capitão Padron?

—Não... Mas se soubeste como me encontrar, sabes que o título de capitão afundou com o Constelação.

Ela se sentou, provando da caneca que ele tomava. Ivoreen arregalou os olhos quando percebeu que era um chá forte.

—Se falares em voz alta o que provaste, um punhal acertará teu coração.

—Não é necessário que tu me ameaces, capitão. Vim aqui para te contar uma história.

—Já te disse que não sou mais capitão.

—Tu o serás enquanto os homens te respeitarem. Nunca o fizeram por tua nau, mas por tudo o que fizeste. E isso inclui ter auxiliado meu resgate em Ram'ul.

Ele juntou as mãos, colocando os cotovelos sobre a mesa.

—Tu és a companheira da jovem inominada!

—Sim, e é sobre ela que quero te falar. Ela era Berilla...

∴

—Uma deusa?

O homem atrás do balcão olhava para Ivoreen enquanto arrastava uma caixa pesada. Tinha ainda o mesmo olhar leve e respeitoso do passado, mesmo que não mais estivesse em uma estalagem.

—A deusa da magia, senhor Tivus. Tudo de místico só existia por causa dela.

Ele largou a caixa no lugar e se aproximou. Cofiando a barba rala, apoiou as mãos sobre o balcão.

—Uma deusa se hospedou n’*O Virote de Marfim* quando era ainda um menino. É isso o que queres que eu acredite?

Antes que ela pudesse responder, dois membros graduados da guarda de Ivorawk entraram no estabelecimento, conversando amigavelmente. A mulher mais que depressa lhes deu as costas, como se observasse uma das adagas na parede.

—Tudo tranquilo nesta tarde, Tivus?

—Sim, Jerome. — respondeu o vendedor, percebendo o modo como Ivoreen se esquivara deles. — Mais parado que o usual.

—Perfeito, voltaremos amanhã. — disse o outro, casualmente. — Lembra a todos que comprarem armas aqui para que as mantenham amarradas no cinto. Lâminas simplesmente embainhadas serão apreendidas.

—Sei disso, Melon. Tenham um bom dia.

Ivoreen não se virou de imediato, deixando que os dois se afastassem. Seu coração parecia ter deixado de bater por um instante.

—Não te sentes bem perto dos guardas, senhora? Encontraste com alguns em momentos menos amistosos?

—Não vim aqui para falar disso, senhor Tivus. O que estou te dizendo é de extrema importância.

Ele balançou a cabeça, rindo um pouco.

—Nunca vi magia alguma. Seria a primeira vez...

—Pois te digo que é tal descrença que te tornas um dos algozes de Berilla. Se ao menos pudesses...

As lágrimas de Ivoreen caíram lentamente e escondeu o rosto. Aquele homem não precisava vê-la chorar.

—Eu... — parou um pouco, olhando para ela com compaixão. — Se houvesse uma única manifestação divina que eu realmente pudesse ver, oraria por tua deusa.

Limpando as lágrimas, a mulher de vestes brancas engoliu em seco e deixou que seus olhos tristes o mirassem.

—Quando são os deuses que precisam de milagres, senhor Tivus, somos nós que precisamos agir...

Ela saiu devagar, apoiada no bastão que levava consigo. Contudo, aquela última frase o tinha tocado sobremaneira...

Tão logo ela sumiu por uma rua lateral, Tivus juntou as mãos e baixou a cabeça, rezando por uma deusa que mal conhecia.

∴

—Eu acredito que atendas pelo nome de Guron. Estou certa?

Os poucos alunos olhavam para a mulher com interesse. Diante de cada um havia mapas parcialmente desenhados e implementos de escrita, todos bem cuidados. A arte da cartografia era fundamental para quem queria desbravar novos caminhos.

—Sim, eu sou Guron. — respondeu o professor de pele marcada pelo sol. — E tu és...?

—Uma amiga de alguém que conduziste para além dos Picos Prateados.

—Falei que ele tinha ido até lá. — comentou um dos alunos para os demais. — Eu sabia.

—Aquele jornada ocorreu há anos. — o olhar sério que deu ao se virar de relance para o jovem fez com que se calassem. — Como ela está?

Ivoreen se escorou numa das paredes e sorriu. Seus olhos, porém, exalavam dor.

—Antes que te responda, permite que eu indague algo muito importante: crês nos deuses?

∴

—Eu... Não sabia...

A mulher em trajes de precursora ergueu a cabeça, colocando as flores que tinha em mãos sobre a sepultura já coberta com relva. Ela suspirou.

—Faz três anos, Ivoreen. Venho aqui sempre.

—Ninguém me disse nada. — explicou, cobrindo de novo a cabeça raspada com o capuz. — Se tivessem...

—Não contei a ninguém, nem mesmo a Craig. Sei que ele viria para cá o quanto antes, deixando Mitarna desguarnecida, e Hanvor não iria querer isso.

Ivoreen assentiu, caminhando junto de Milenna. O sol se punha.

—Mas por que ainda usas os trajes de precursora? Depois de tanto tempo ao lado de Hanvor, ele...

—Perdoa-me, mas não pretendo explicar tais detalhes da Ordem Vermelha a ti.

A mulher de branco deu de ombros. Milenna tinha direito de não comentar sobre aquilo e ela, em verdade, não queria se intrometer.

—Como ele morreu?

—A magia... Ele sentiu demais a perda da magia, adoecendo pouco a pouco. É como se Berilla tivesse nos abandonado.

—Na verdade, acho que fomos nós que a abandonamos.

Milenna parou, olhando para ela, a indagação se formando em sua face séria.

—Ah, tens companhia... — a voz feminina ainda tinha o vigor de outrora, sendo reconhecida de pronto por Ivoreen.

—Shasa! — exclamou, abrindo os braços. — És tu mesma?

A precursora sorriu. Ver as duas se reencontrarem trouxe de volta a lembrança de muitos anos atrás...

E, enquanto as três se abraçavam, as primeiras estrelas já despontavam, iluminando o céu como fagulhas de uma forja.

—O que me traz aqui é mais do que uma simples visita. — Ivoreen segurou seu bastão com ambas as mãos, nele se apoiando. — Vim aqui para falar de Berilla. Por favor, escutai com atenção...

∴  
Ivoreen se sentou junto à areia, olhando as ondas quebrarem. Os pescadores de Mitarna já voltavam com seus barcos, alguns com o semblante cansado, outros com a sensação de dever cumprido.

Mas havia uma menina também, deslumbrada, acompanhando um homem mais velho. Atracavam o barco em que vieram na areia e conversavam alegremente, comentando sobre o dia no mar... Sabia que era aquele homem quem buscava.

—Brion? — Ivoreen se ergueu devagar, seu bastão afundando na areia. — Será que eu poderia falar contigo antes de seguirem com seus afazeres?

—Quem é ela, papai? — perguntou a menina, parcialmente se escondendo atrás dele.

—Eu não sei, Deora, mas não ajas assim... Não é educado.

—Deora? — Ivoreen sorriu. — Deste o nome de Deora para tua filha?

—Foi escolha de minha esposa. — respondeu Brion com um sorriso. — Que os deuses a protejam no reino em que agora habita...

A mulher abaixou a cabeça em reverência e a ergueu em seguida. Até então, não sabia do destino de Karina.

—Muito me alegra saber que o nome de tua filha é compartilhado por minha mais fiel amiga. E é sobre ela que desejo falar.

—Conheces a jovem que meu papai ajudou? — a menina segurava na mão do homem.

—Sim, e posso contar muitas histórias sobre ela... Mas uma, em especial, é o que requer nossa atenção.

—Deora está viva? — havia um brilho nos olhos de Brion.  
— Pensei que tivesse nos abandonado e se perdido no mundo.

—O que ela mais precisa agora é de nossas orações, meu senhor. Ela depende de nós agora...

∴

—Entra. — convidou um homem, apontando para uma tenda grande. — És aguardada.

Ivoren caminhou com dificuldade, mas recusou a ajuda que queriam lhe dispensar. Ela haveria de ir até o final.

—Que teu destino te seja favorável. — disse uma das andarilhas, mostrando o lugar onde deveria se sentar. — Sabemos que tens algo importante a nos comunicar.

Ela assentiu, tomando seu assento e colocando o bastão sobre os joelhos. Todos os anciãos olhavam para ela.

—Sei que um dia acolherdes uma amiga...

—Acolhemos muitas pessoas, conhecedora da chama e da sombra. — a velha que se sentava diante de Ivoren usava grandes brincos de prata. — Mas não é isso o que te trouxe aqui.

—Venho para falar sobre Berilla. — não havia razão para não ser direta. — Um dia receberdes a deusa em vossas tendas, há tempos ela vos agracia com sua dádiva, mas agora precisa de um único minuto de vós.

—És, por acaso, uma sacerdotisa?

—Não. Como disseste, anciã, sou apenas conhecedora da chama e da sombra. Mas também me julgo capaz de falar sobre a regente de toda a magia.

—E o que te dá tal certeza?

—O fato de eu tê-la conduzido ao local onde sua última batalha ocorreu. Estive no lago Glorianna.

Os anciãos se entreolharam, murmurando palavras como *lugar maldito e gelo negro*.

—Outros estiveram.

—Eu conduzi Berilla. Ninguém mais pode dizer o mesmo.

—Levaste a deusa para o sacrifício?

—Não, anciã. Embora lá esteja para ser sacrificada. Ela está morrendo.

—E o que queres de nós?

Ivoreen se levantou, cambaleando até o centro da tenda. Desta vez não usava o bastão.

—Sem magia, as mais belas coisas da vida não existem. É magia o desabrochar de uma flor, é magia o tremular das bandeiras, é magia o dançar da chama... É magia acordarmos dia após dia, é magia encontrarmos o amor em nossas vidas, é magia transformar a mágoa em sorriso. O que vos peço, anciãos, é que deis uma chance a essa magia, a mesma magia que uma vez vos permitiu romper o véu do futuro. — olhou para cada um deles, suas mãos unidas em súplica. — Não deixemos que um mundo sem magia seja o que encontraremos ao sairmos daqui... Juntemos as mãos e oremos por Berilla, regente de toda a magia. Mostremos a ela que acreditamos de verdade! Rezemos, façamos com que nossa gratidão chegue a ela, não apenas oremos pedindo sua proteção e seus dons... Reconheçamos que até mesmo os deuses precisam de nós, possamos aceitar parte do fardo que carregam. Se acreditarmos de verdade, talvez essa magia perdida retorne...

∴

—Tu não compreendes... É preciso que eu converse com o reverendo Craig o quanto antes.

—Não adianta insistir, senhora. — a mulher taciturna fez um gesto horizontal rápido com a mão, como se estivesse limpando um balcão. — Ele não receberá ninguém.

—Não sairei daqui até falar com ele! — Ivoreen aumentou o tom de voz. — Nem que tentem me levar daqui.

—Que baderna é essa, Healen? — a voz pesada veio da porta entreaberta. — Manda quem quer que seja embora e me deixa descansar.

Healen olhou brevemente para a porta e encarou a mulher de branco. Um sorriso de malícia se formou.

—Ouviste, não? Serei obrigada a... Ah!

Ivoren girou o bastão e a atingiu no ombro, jogando-a ao chão. Craig teria de ouvi-la.

Enquanto se levantava, a mulher de cabeça raspada já escancarava a porta, fazendo a luz do sol tomar o quarto escuro. O reverendo se cobriu com uma manta e gritou ao sentir a luminosidade ferindo seus olhos.

—Estás louca?

—Minha língua já te desafiou antes, Craig. Se precisar, meu bastão o fará agora.

—Perdão, reverendo! — Healen entrou de repente, mantendo uma distância segura. — Eu vou chamar a milícia...

—É Ivoren quem está aí? — questionou, piscando os olhos enquanto se acostumava com a claridade. — Aquela inconsequente veio me ver?

—Eu só vim aqui para que me ouvisses, Craig. E nem a milícia poderá me impedir.

—Reverendo, eu...

Ele balançou a mão em desprezo.

—Deixa de desculpas, Healen. Se ela passou por ti, deixa que fale. Não há nada que eu já não saiba mesmo...

Ivoren olhou para a outra com firmeza, depois se sentou na beirada da cama de Craig, observando como os anos tinham cobrado seu tributo do antigo mestre da Ordem Vermelha. Alguns ferimentos que não se cicatrizavam em sua cabeça mal podiam ser cobertos pelo barrete que usava.

—Eu vim falar sobre Deora. — deixou que ele se ajeitasse na cama depois de ouvir o nome da Grande Mestra. — Ela precisa de ti, mais do que nunca.

—Fala, renegada. — o tom dele estava ameno, apesar da palavra dura. — O que tem ela?

—Grenjor alguma vez falou contigo?

Healen se levantou, saindo em silêncio, mas Craig fez um sinal para que permanecesse. Ivoren não sabia se isso era

ruim ou não.

—Não desde que me mostrou a lágrima de cristal. — o mestre falava abertamente, não se preocupando com a presença da não-iniciada. — Continuarás a fazer perguntas ao invés de dizeres o que há de tão importante?

—Berilla está morrendo.

—A deusa da magia está morta. — resmungou Healen.

Craig ignorou o comentário, confirmando o que Ivoreen dizia apenas com o olhar. Ele tinha consciência de que a magia estava se perdendo.

—Deora está morrendo. — a mulher de branco não se preocupava em conter as lágrimas.

O mestre arregalou os olhos, sentando-se de imediato ao perceber o que Ivoreen queria dizer. Os sinais haviam sido tão claros, mas ele os ignorara.

—Como sou estúpido! É claro como o dia!

—Reverendo? Do que falas?

—Cala-te, Healen. Isto é importante... Ela sempre esteve junto de Andora! A imagem, o trono... Que mãe não se importa com sua filha? E ainda aprendeu a curar antes de saber o caminho da chama! Ela...

Ivoreen deixou que o bastão caísse. Pela primeira vez, algo que nunca sequer sonhara estava ocorrendo: Craig chorava.

—Reverendo...?

Alexander Craig juntou as mãos e baixou a cabeça. Como se estivesse no púlpito, ergueu a voz e começou a orar.

Por Berilla.

## Capítulo 27

—Não tinha de ser assim.

Fermmylle tinha dado as costas para o corpo de Deora, a poça de sangue empapando o manto vermelho que a cobria. Sua espada, ainda tinta do líquido quente, jazia junto da arma da mulher, o tinir do sacrifício vibrando em sua lâmina.

Ele havia destruído, havia enganado, mas para quê? O que tinha alcançado com tudo aquilo? Os segredos da Ordem Vermelha estavam além de seu alcance, assim como qualquer redenção.

O mago de negro queria conhecimento. Encontrou apenas maldição.

Apesar disso, ele ria. Ria como nunca. Gargalhava até. Conseguira algo que nem os dragões de ossos das lendas antigas foram capazes de obter: a vitória sobre o Fênix. Não só havia derrotado a última Dama do Fogo, colocando fim a uma confraria de feiticeiros que jamais compreendeu o valor do poder, como também havia triunfado sobre a ave que renascia.

E, quando retornasse de seu reduto congelado, seria capaz de dominar todo aquele que ousasse desafiá-lo. Afinal, com a chama de Piros extinta, a sombra a que servia prevaleceria.

—Eu venci! — bradou, gargalhando, fazendo com que a escuridão ao seu redor crescesse.

∴

—Deora?

—Não te quero aqui.

—Deora, ouve o que tenho a dizer. Ao menos desta vez.

—Traidora.

—Estão clamando por ti, Deora. Eles sabem quem és de verdade.

—Como posso acreditar em tuas palavras depois de tudo o que fizeste?

—*Não espero que acredites em mim. Mas quero que me permitas crer em ti. Assim como eles...*

—*Já te disse que...*

—*Deora, és deusa! Reconhece a verdade e aceita teu destino. Eles creem em ti. Assim como eu. Nunca deixei de crer.*

—*...*

—*Ouve o que têm a dizer. Escuta o clamor dos que acreditam em ti.*

—*Eu...*

—*Deora, és a regente de toda a magia. És Berilla. Admite! Sabes que essa é a verdade.*

—*Eu...* — ela parou, as vozes dispersas ao longe tomando força, chegando a seus ouvidos, tornando-se nítidas. — *Eu sou...*

—*Berilla, mãe de Andora, consorte de Nivus.*

Ela se via como luz, preenchendo o vazio daquele espaço. Sentia o calor que inconscientemente emanava.

—*Eu sou o fogo.*

—*És a chama que nunca se apaga. És a essência da Ordem Vermelha. És a deusa da magia.*

E a luz se transformou em labareda, e a labareda em pura incandescência. Ela não era Deora, não era Berilla.

Ela, simplesmente, era.

∴

—*Fermmylle...* — gemeu a Grande Mestra, levantando-se devagar, os ferimentos não mais abertos. — *Tu não vencerás.*

O mago de negro se virou, suas mãos arqueadas como garras, braços afastados do corpo. Não sabia que força a mantinha viva apesar de tudo, mas não deixaria que seus planos fossem arruinados.

—*Eu já venci, Dama do Fogo!* — as sombras se aproximavam dele, espiralando ao redor de seu braço. — *Quem pensas que és para me derrotar?*

Ela já estava de pé, mas seus pés não tocavam o chão de gelo negro. Flutuava pouco acima do solo, seus olhos como fogo, os cabelos esvoaçando apesar de não haver vento algum. Ela se mantinha séria.

—Eu sou Berilla.

De súbito, da escuridão atrás de Fermmylle, o dragão de sombras saltou, seu sopro negro, sua arma fatal, atingindo a mulher, envolvendo-a. O mago de negro ria enquanto via a nuvem negra a subjugando.

E o negrume explodiu em chamas. A labareda cobrindo a mulher, tornando-a uma tocha viva.

Fermmylle recuou um passo quando viu que ela sorria, o fogo consumindo o manto rubro e assumindo sua forma...

Deora estava trajada com um manto de chamas, crepitando, iluminando, dançando como se levado pelo vento. O medalhão de Grande Mestra ainda estava em seu peito, mas todos os outros adornos haviam se transformado em incandescência pura.

Até mesmo o dragão se encolheu perante ela, hesitando, receando...

—Sou eu a regente de toda a magia. — abriu os braços, lentamente, um risco de fogo se formando conforme se moviam. — E colocarei um fim a todas as conjurações profanas que fizeste.

Duas esferas de chamas se formaram em suas mãos, pulsando, crescendo. E, na medida em que se tornavam maiores, a escuridão recuava. O dragão de sombras ainda tentou investir, mas nem ao menos conseguiu chegar perto.

—Uma deusa morta deve permanecer como tal! — bradou Fermmylle, disparando jatos de escuridão, invocando espirais sombrias, criando muros de negrume. — Morre!

As magias conjuradas vinham em sucessão, procurando atingir ou aprisionar a mulher envolta em chamas. Mas os ataques místicos, canalizados a partir da essência da escuridão, carregados de ódio e raiva, também tinham sua parcela de medo.

Ele a temia.

E era esse temor que lhe dava forças, insuflando um poder que sempre almejava controlar. Diante da deusa, lutaria como igual...

Ela se defendia, guiando as esferas de fogo com suas mãos, bloqueando os ataques, derrubando as defesas. Contudo, não tinha consciência de seus próprios limites. Era ela uma deusa, mas seu corpo era mortal.

—*Deora...*

Traída pelas próprias dúvidas, ela se deixou atingir, primeiro perdendo o controle sobre as esferas, depois sendo aprisionada por grilhões de sombras. Naquele momento, Fermmylle se viu uma vez mais vitorioso.

—*...Eu nunca acreditei nas palavras de Ivoreen. Foste minha guia, minha tutora, mas nunca revelaste ser uma deusa...*

Girando as mãos diante de si, o mago de negro começou a invocar outra magia, dando forma a uma lança de sombras. Ele sorriu ao vislumbrar a oportunidade de empalar uma divindade.

—*Porém, acreditaste em mim, mesmo enquanto eu duvidava. Pode uma deusa crer num mortal quando este não crê nela?...*

Fermmylle agarrou a lança com ambas as mãos e se pôs a correr. Ela não se movia.

—*Então te peço, assim como pedi antes, pois só pedir é o que me resta. Eu te peço, Deora, que se fores realmente uma deusa, possas me dar um sinal...*

Ela fechou os olhos e todo o fogo que a cobria se extinguiu. Abaixando a cabeça, não demonstrava nem ser capaz de se defender.

—O triunfo é meu! — o mago de negro cravou a lança de sombras no corpo da Grande Mestra, empalando-o.

E, naquele momento, em todas as partes do mundo, aqueles que olhavam pela janela viram que a estrela de âmbar, a mais brilhante do céu noturno, cintilou. E,

fulgurando, rasgou a noite em arco, atravessando todo o firmamento.

—*Eu vi, e acredito. Tu és Berilla.*

As palavras de Grenjor ecoaram, desta vez tão fortes que até Fermmylle estacou, assustado.

Deora abriu os olhos, revelando-os como verdadeiras chamas, e essa incandescência se espalhou por todo seu corpo.

—Nããããão!

E o fogo consumiu a lança que a empalava, derretendo todo o gelo negro que formava aquele lugar. Fermmylle corria, desesperado, tentando alcançar o dragão de sombras, mas a criatura desaparecia conforme a tocha viva em que Deora se tornara iluminava mais e mais a câmara.

A água começava a tomar o local, mas não era do escuro tom do gelo ou da neve que ainda caía fora dali. Ao contrário, era límpida e cristalina, pura como quando o lago Glorianna era apenas o sinônimo de paz.

Paz. Por meio do fogo que purifica — a essência de Berilla — tudo ali se transformou, não havendo mais escuridão ou sombra, nem negrume ou penumbra... Nem Fermmylle. Deora era a deusa representada pela chama que nunca se apagava e, flamejante, tornou-se fogo puro, ardendo sob as águas claras do lago Glorianna...

Ela, que sempre buscara agir como a chama, agora se tornava uma com ela, deixando, verdadeiramente, de ser uma mortal.

E, enquanto fogo primordial, ardeu até se consumir. Enquanto desaparecia, o medalhão de Grande Mestra da Ordem Vermelha descia para as profundezas do lago Glorianna.

## Epílogo

Grenjor guardou a chama que nunca se apagava, ainda envolta na lágrima de cristal, no maciço baú de carvalho que mantinha sob seus livros mais pesados. Há alguns anos passara a viver em Griphinn, capital de Dunir, pois nunca encontrara um irmão na chama valoroso o suficiente para receber de suas mãos o maior símbolo da Ordem Vermelha.

O tempo havia passado e se sentia mais velho do que era. Ainda assim, queria ser capaz de cumprir a última missão que lhe foi dada. Uma missão, acreditava, sagrada...

...Pois fora uma deusa que o incumbira.

O acólito abaixou a cabeça e agradeceu em silêncio por todas as bênçãos, por toda a magia que existia, por todo encanto que aprendera a invocar. Talvez fosse o último membro de uma irmandade esquecida, mas mesmo assim se sentia no dever de cumprir tudo o que lhe fora ensinado.

Sua lição mais importante, ele reconhecia, foi a de acreditar.

Não em Berilla, não em Deora, nem mesmo na chama... Como lhe foi dito uma vez, a magia era fruto da vontade consciente de quem a invocava.

E vontade, ele aprendeu, era crença. Crença em si mesmo.

Sorria enquanto olhava pela janela, vendo as crianças brincarem na rua de terra batida, podendo ver o castelo real se erguendo ao longe. Aquelas crianças, brincando, acreditavam. Elas podiam conjurar a verdadeira magia mesmo sem saberem.

E suspirou quando seus olhos vagaram para a pintura que encomendara do lago Glorianna. O artista havia sido capaz de capturar a beleza daquele lugar, a calma e a paz que lá havia.

Mas tinha também algo mais, uma coisa que o artista jamais conseguiria representar, tão importante que Grenjor jamais comentara com ninguém...

Ali, em algum lugar junto ao fundo, o medalhão de Grande Mestre da Ordem Vermelha repousava. Um dia, talvez, alguém poderia se atrever a tentar recuperá-lo.

Mas não hoje. E tampouco seria ele a fazê-lo.

Aquela seria uma nova aventura, uma nova saga.

Uma nova história a ser contada.

Outras obras do autor disponíveis em formato digital:

**A marca da morte**

**A vila dos mortos**

**Alguém que a ame eternamente**

**Chacal**

**Condutora**

**Eriana: Filha da Morte e Vida**

**Sangue em suas mãos**

**Última melodia**

Para entrar em contato com o autor acesse

<http://letraimprensa.com.br>

ou envie uma mensagem.

E-mail: [m.paschoalin@gmail.com](mailto:m.paschoalin@gmail.com)

Twitter: [@letraimprensa](https://twitter.com/letraimprensa)